



**Arthur Marins Franco**

**O brincar como devir: da criatividade  
primária às práticas da liberdade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Monah Winograd

Rio de Janeiro,  
janeiro de 2024



**Arthur Marins Franco**

**O brincar como devir: da criatividade  
primária às práticas da liberdade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Monah Winograd**

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof. Júlio Sergio Vertzman**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

**Profa. Josaida de Oliveira Gondar**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, tota ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

### **Arthur Marins Franco**

Graduou-se em psicologia na UFF-Niterói em 2018 e em Relações internacionais na UFRJ em 2014. É mestre em psicologia clínica pela PUC-RJ, instituição em que também conduz sua pesquisa de doutorado, cujo tema é o ambiente na psicanálise. É psicanalista e atua em consultório particular. Iniciado na prática clínica pelos esquizoanalistas, teima em se dizer psicanalista, motivo pelo qual recebeu, de um querido amigo e mestre, a alcunha de psicanalista em devir.

#### Ficha Catalográfica

Franco, Arthur Marins

O brincar como devir: da criatividade primária às práticas da liberdade / Arthur Marins Franco; orientadora: Monah Winograd. – 2024.  
201 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2024.  
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Brincar. 4. Arranjo ambiente-indivíduo. 5. Metapsicologia. 6. Práticas da liberdade. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Provavelmente esta é a parte deste trabalho a qual mais estive ansioso para escrever. Não poderia ser de outra forma. Se esta pesquisa é em grande parte dedicada ao ambiente e a trabalhar esta ideia – louca no mundo excessivamente cartesiano que habitamos – de um arrançamento perpétuo entre indivíduo e ambiente, é porque, no fundo, há um desejo apaixonado de agradecer àqueles com quem me arranjei durante essa jornada. Jornada que encontra no término desta escrita um de seus marcos, mas não seu fim derradeiro. Este será o único dos trechos desta dissertação que me permitirei escrever em primeira pessoa do singular. Em todos os outros o uso do plural, através das muitas inflexões do nós, foi já uma maneira de agradecimento e de profundo reconhecimento da relação de dependência entre estas ideias e os arranjos sem os quais elas seriam impossíveis. Se há uma coisa que o trabalho acadêmico ensina, é como reconhecer que qualquer criação é também uma oferta. Este texto, portanto, é de todos os nós que o compuseram dentro de mim.

Como não poderia deixar de ser, os primeiros a quem tenho que agradecer são vocês, meu pai e mãe, e minha família. Mas principalmente vocês dois, Júlio e Fátima. Filho único, fui aprendendo desde cedo, com cada um, como é delicada essa sobreposição de arranjos entre três duplas e um trio. Há que se ter muito cuidado – no duplo sentido da palavra – e isso sempre houve entre nós. Cuidado de um com o outro, de cada dupla com o outro e de cada um com os três. Se por um lado eu fui o recém-chegado, por outro sei que inventamos juntos essa nossa maneira de caminhar pela vida. Sei da força que dei a cada um de vocês para se transformarem naquilo que já eram aí dentro de vocês. Aproveito esta oportunidade para lhes agradecer pelo reconhecimento do esforço e pela oportunidade que vocês me deram de poder resgatar o brincar e transformá-lo em trabalho. Escrevo este parágrafo com lágrimas nos olhos, pois este trabalho, em primeiro lugar, foi escrito para honrar as dores, mas sobretudo os prazeres, de poder me arranjar com o mundo a partir do seu mundo.

A partir daqui, já não sei mais qual seria uma boa ordem para os agradecimentos que restam, sendo assim vou apenas seguindo o fluxo das minhas lembranças.

Acho que é importante agradecer a todas as mulheres cujo trabalho de sustentação do mundo frequentemente passa invisibilizado. Mere, que tanto fez por mim a mais do que era paga para fazer, para mim você as representa. Obrigado por dedicar o seu amor e a sua energia a cuidar de mim, muito antes que eu pudesse entender o que isso significava como isso era possível. Me sinto muito honrado de que você me considere seu filho. Você também é minha mãe. Agradeço também a Marlene, cujo trabalho doméstico de toda sexta fez desse meu trabalho um pouco mais possível. Aproveito para agradecer também a todos os funcionários da limpeza, da zeladoria, da segurança e dos serviços administrativos da PUC-Rio, que tornam a nossa vida na Universidade possível. Há uma enormidade de contradições nesse agradecimento, eu sei. Mas eu não podia não fazê-lo.

Acho que agora devo agradecer aos amigos. Amigos sem os quais essas ideias não existiriam porque sem eles eu não teria tido tantas oportunidades de errar, de tentar novamente e de às vezes acertar na condução das relações das quais fazia parte. Filipe, meu grande amigo, meu irmão, você é o Winnicott que eu tenho prazer de ter conhecido na vida real, o cara mais ele mesmo de que tenho notícia. Foi com você um pouco que estive conversando durante toda essa escrita, saiba disso. Bruno, Francisco e Ricardo Muniz, meus primeiros amigos-irmãos, a vocês também agradeço por fazerem parte do repertório de seres que me habitam. Vocês sempre disseram que eu era uma metamorfose ambulante, que me transformava com facilidade. Pois saibam que ainda é aquele garoto gordinho e nerd que vocês tanto amaram quem escreve este trabalho. Por fim, Ricardo Carvalho, Bernardo, Fábio, Fernando, Fernanda Cavalcanti, Fernanda Iglesias, Luma, Mari, Luiza, Carol, Maria, Rafa, Julita, Drica Selvatici, André Rossi, Kelly Dias, Gabriela Bastos, Gabriela Macedo, Keiti Oliveira e todos os amigos com os quais enrolei o tecido da minha vida desde que cheguei ao Rio de Janeiro, obrigado por partilharem a caminhada

Denis e Gui, não esqueci de vocês. Obrigado meus companheiros de casa, sobretudo vocês que testemunharam, viram ou ouviram as piores crises e os piores momentos desse percurso, mas que também compartilharam muito afeto, muito companheirismo, muito carinho e muitas risadas ao longo destes últimos quatro anos. Valeu pela força!

Aos mestres também não quero deixar de agradecer. Os que aqui aparecerem representam também todos os outros que estão vivos aqui dentro. Eduardo Passos, você primeiro, é óbvio. Você fala a todo o tempo através de mim, você está aqui incorporado e introjetado, sinto você comigo a cada vez que recebo um paciente no consultório, a cada conselho que ofereço a algum amigo. A cada vez que me sinto fraco você me levanta. Obrigado por acreditar na minha potência amorosa – você nem deve se lembrar de dizer isso para mim – quando aqui dentro eu me sentia muito mais raivoso do que amoroso. Obrigado meu amigo. E obrigado também ao Limiar e à Roda, que hoje se perpetuam na Formação Livre em Esquizoanálise. Estudar e aprender com vocês foi e é uma experiência sempre emocionante, no limite. O que me foi transmitido por vocês está neste texto por toda a parte, vocês são o branco entre o preto das letras, a linha, o desejo-líame que une as ideias.

Obrigado também a Ana Acioly pelas sopas, pelos bailes e por me transmitir o seu Freud, que é um Freud vivo e muito bem obrigada. E a Hélia Borges e ao nosso antigo grupo de supervisão, por me ensinarem a dar corpo à palavra e palavra ao corpo. Obrigado também por me fazerem companhia durante a pandemia. E ao Daniel Schor, colega de GBPSF com quem tive a honra de poder contar na banca de qualificação. Como as duas outras mestres que acabo de mencionar, você também acreditou e apostou no meu trabalho. Obrigado por me transmitir a emoção e a confiança que eu precisava para seguir em frente com essa pesquisa.

Obrigado Fabrício, grande amigo a quem também tenho o maior orgulho de chamar de sócio. Você também é um pouco meu mestre, obrigado a você também por me transmitir o seu Freud e o seu Deleuze e o seu Guattari e por fazê-los conversarem tão bem. Parabéns, futuro professor PUC-Rio. E obrigado a Dani Romão, minha atual professora de Freud. Se você ler isso aqui, saiba que se vou a todas as suas aulas não é por obrigação de trabalho, é pelo privilégio de ser seu aluno, de aprender com você.

Aos orientadores desta dissertação, Carlos Augusto Peixoto Junior e Monah Winograd. Ao Carlos por intervir no meu trabalho com uma firmeza e convicção com a qual a composição não foi possível até o final, mas que o transformou em algo muito melhor do que poderia ter sido. Obrigado por ter sido a oposição que eu precisava. E a Monah, minha atual (e também futura) orientadora, já lhe disse isso pessoalmente, mas considero um prazer enorme poder trabalhar com você. Lhe admiro tanto pela franqueza quanto pela generosidade com que conduz o seu trabalho. Obrigado por me acolher sem

titubear quando eu fiquei a deriva no meio das tempestades desta escrita. E por topar dar continuidade a esta parceria.

E obrigado também ao LAPSU e ao NEPECC por me receberem como colega e contribuidor. Espero muito dos arranjos que ainda estão por se fazer entre nós.

Por fim, aos últimos agradecimentos.

Primeiro, a Thais, Bituca, Pretinha e Branquito, meus amores humano e não humanos. É tão mais fácil por as coisas em palavras quando os arranjos já abriram seus espaços, ou já são antigos, ou são menos íntimos. E é tão mais difícil falar daquilo que no momento se confunde tão radicalmente com nosso próprio viver. Vocês estão por todos os cantos destas páginas, as nossas viagens, as nossas conversas, as nossas brigas, os nossos amores e os nossos sonhos. Acho que só queria deixar registrado para vocês, mais do que a gratidão, o amor, esse amor real e as vezes confuso, não ideal, mas tão tão real. Isso e o desejo de ainda viver muitas mais experiências com vocês, pilotar, dançar, nadar, remar, vencer os medos e os encontrar pela cozinha, pelos armários e por outras esquinas da casa. E quem sabe inventar alguns novos arranjos pelo caminho.

Ao Fabio Lacombe, meu analista, um agradecimento curto nas palavras perto da giganteza da importância. Obrigado por conseguir ser exatamente aquilo que eu precisava que você fosse, antes mesmo que eu soubesse o que isso era. Aliás, acho que ainda não sei, mas sei que é um prazer conversar com você toda semana. O prazer doloroso de sempre ser pela primeira vez e aprender a gostar desse infantil em mim. Estranhamente, sinto que posso estender a meus pacientes o mesmo agradecimento e o mesmo dom. Obrigado por me ensinarem, mas principalmente por me permitirem trabalhar de brincar.

Por fim, como também sou filho da Universidade Federal Fluminense, gostaria de agradecer a todos os educadores públicos deste país, ao MEC e à CAPES, que apoia este trabalho com uma bolsa que custeia a mensalidade e também à própria PUC-RJ e seu corpo docente e discente, que ainda são um importante reduto da psicanálise. Acredito fielmente que a Universidade é um lugar legítimo de transmissão da psicanálise – foi através das três pelas quais passei e passo, que a clínica do inconsciente me foi e é transmitida. Torço e espero poder contribuir para que a PUC-Rio possa continuar sendo um desses espaços.

## Resumo

Franco, Arthur Marins; Winograd, Monah. **O brincar como devir: da criatividade primária às práticas da liberdade.** Rio de Janeiro, 2024. 201p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pandemia da COVID-19 impôs algumas questões para as subjetividades contemporâneas, havendo sido uma delas a que emerge da tensão entre a liberdade individual e o cuidado coletivo. Partindo deste campo de tensões, propusemos uma investigação psicanalítica da subjetivação a partir do que Donald Winnicott nomeou como um arranjo indivíduo-ambiente. Tematizando o infantil como aquilo que começa a partir do arranjo, empreendemos um estudo teórico acerca das confluências e diferenças entre um plano ambiental, articulado à teoria da dependência de Winnicott e um plano pulsional da subjetivação, próprio da relação do sujeito com seus desejos. Mantendo o diálogo com a metapsicologia freudiana, articulamos este infantil ao brincar, propondo que a busca pelo *self* que lhe é própria pode também ser pensada como uma prática não intelectualizada da liberdade, que articula dependência e satisfação pulsional.

### Palavras-chave:

Psicanálise; brincar; arranjo ambiente-indivíduo; práticas da liberdade; Winnicott; Freud; metapsicologia; infantil; *self*; busca pelo *self*.



## **Abstract**

Franco, Arthur Marins; Winograd, Monah (Advisor). **Playing as Becoming: From Primary Creativity to Practices of Freedom.** Rio de Janeiro, 2024. 201p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The COVID-19 pandemic raised several questions for contemporary subjectivities, one of them being the tension between individual freedom and collective care. From this field of tensions, we proposed an investigation of subjectivation based on what Donald Winnicott named as an environment-individual set-up. Thematizing the infantile as that which begins from the arrangement between individual and environment, we undertook a theoretical study of the convergences and differences between an environmental plane, articulated to Winnicott's theory of dependence, and a drive plane of subjectivation, inherent in the subject's relationship with their urges and desires. Maintaining a dialogue with Freudian metapsychology, we connect this infantile to playing, suggesting that the pursuit of self that is inherent to it can also be thought of as a non-intellectualized practice of freedom that articulates dependence and drive satisfaction.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; play; individual-environment set-up; practices of freedom; Winnicott; Freud; metapsychology; infantile; self; search for the self.

## Sumário

1 – Considerações introdutórias e metodológicas .....	14
2 – A criatividade primária .....	22
2.1 Wo es war, soll ich werden .....	26
2.2 Permitir e respeitar a ilusão.....	29
2.3 Dois corpos precedem um corpo.....	32
2.4 Através da dependência, rumo à independência .....	35
2.5 A onipotência não é a ilusão, é seu efeito .....	42
2.6 O ambiente, o <i>ego</i> e o <i>id</i> .....	46
2.7 A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional primitivo .....	52
2.8 A especificidade do elemento agressivo .....	57
2.9 No mundo dos objetos.....	63
2.10 Uma pequena análise de caso.....	67
3 – O brincar e a não integração .....	72
3.1 O tempo como presente é o espaço que se dá .....	74
3.2 A continuidade do ser no arranjo indivíduo-ambiente.....	76
3.3 Da não integração primária à integração do <i>self</i> .....	83
3.4 Paradoxos da transicionalidade: a integração da cisão .....	92
3.5 O espaço potencial como praça de ser (ou tempestades na atmosfera de Júpiter) .....	108
3.6 A capacidade de estar só: o palco está armado para o brincar .....	115
4 – O brincar como devir .....	121
4.1 – O brincar e o jogo.....	123
4.2 – O fundo assustador do brincar.....	128

4.2.1 – O além do brincar.....	128
4.2.2 – A não integração e a morte.....	136
4.3 – A posição depressiva e a capacidade de ficar triste .....	139
4.3.1 – Melanie Klein com Donald Winnicott .....	139
4.3.2 – As precondições da posição depressiva .....	145
4.3.3 – Pulsão, dor e dependência: a triagem psíquica .....	149
4.3.4 – A capacidade de ficar triste .....	154
4.4 – O brincar e a capacidade para a consideração.....	158
4.4.1 – O senso de culpa e o ideal de ego .....	158
4.4.2 – A consideração e o brincar.....	164
4.5 – Ela existia na busca .....	168
5 – Considerações finais: Algumas intuições sobre as alterações dos dados de acolhida do superego e sobre o jogo sujo .....	176
6 - Referências bibliográficas .....	187

Por um triz

Brandiu assim o ferro quente  
E seu rosto em minha mente  
Foi queimando feito cicatriz  
Do corpo estreito quase ausente  
O cheiro ardido e transparente  
Era certo da questão o xis

Que o líquido fermente  
Se separem as sementes, é  
Ponham-se os pingos nos ís

Que a lente do amor aumente  
Faça em presença o que é ausente  
Porque só se vive por um triz

Só o amor pode juntar  
O que o desejo separou  
Não poderia ontem se  
Vestir de amanhã

Samuel Rosa de Alvarenga / Rodrigo Fabiano Leão (Skank)

Café com Pão

Todo mundo acha assim de um modo geral  
Ter qualquer emprego  
Ter qualquer dinheiro  
Ter qualquer amor  
E sempre la larara entre algumas exceções  
Dizer que compromisso leva todo risco carecer tesão

Talvez a verdade esteja ali  
Nos beijos em aeroportos  
Rezas de hospitais  
E muito mais que conformismo  
E adequação  
É sobre não calar o peito  
É sobre superar anseios  
Duvidar do que é direito  
Resistir as tentações

Tá na cor do café  
Tá no gosto do pão  
Em sonho, perda, choro, gozo, morte, amor

Thiago de Oliveira Santana (Maglore)

## 1 – Considerações introdutórias e metodológicas

Introdução é um conceito interessante. Ela é supostamente o primeiro (ou um dos primeiros) trecho de um trabalho ao qual o leitor dedica sua atenção, mas um dos mais tardios na escrita do autor. Uma tal situação de alguma forma simula todo o problema com o qual este nosso trabalho teve que lidar. Por um lado, há um bebê ou há o infantil, cuja experiência é tão próxima da dor e do prazer das primeiras vezes. Quase todos os acontecimentos do ponto de vista do bebê já nascido são primeiras vezes e, ao menos da forma como o trabalhamos aqui, essa mesma ideia se estende para o infantil, perenemente aberto como possibilidade para bebês de todas as idades, desde que a não integração (Winnicott, 1945/2021) permaneça um recurso (Phillips, 1988) à sua disposição. Por outro lado, há aqueles que o recebem, o ambiente humano (e há não humano também), para quem a experiência de ser um bebê já é tão antiga que considera-se que se tornou inconsciente. Ou que talvez nunca tenha sido consciente. Seja como for, há um antigo que recebe o novo, mas, paradoxalmente, é condição para este recebimento o acesso do antigo à uma certa dimensão da experiência desse novo. Ou assim o entendia Winnicott. O mesmo podemos supor ser a experiência do leitor que encontra o texto. Ele entra pela via de uma primeira vez, mas essa via, no entanto, é já uma organização tardia do que foi a experiência de encontro e criação (Winnicott, 1953/2019) flagrada pelas palavras no momento da autoria do texto.

Curiosamente, a isso se adiciona ainda um outro elemento interessante se consideramos o contexto deste texto e de seus prováveis leitores. Como trata-se de um trabalho escrito como pré-requisito para a aprovação em curso de mestrado, é bastante seguro afirmar que a quase totalidade de seus leitores terão sido sujeitos cuja experiência com a matéria do trabalho já não pode mais ser considerada uma primeira vez. Se continuamos o raciocínio, isto nos leva a mais uma inversão, na qual o autor, supostamente o mais antigo conhecedor de seu texto, retorna para a posição do infantil, porque para ele, em se tratando de um mestrando, aquela que se faz possível através desse seu esforço, seguramente será uma de suas primeiras experiências de ser lido em contexto acadêmico. Esta virada em que a experiência do infantil é ela mesma o que transita entre aqueles que se dispõem a ocupar esses lugares de autoria e de leitura, completa nosso ciclo e só nos restaria, a partir daí, começar tudo novamente. É o que faz Winnicott a cada um de seus trabalhos. Recomeça e, nisso, reinventa, ainda que sem perder a consistência.

Felizmente, se confiamos na direção apontada pelo trabalho, a experiência da primeira vez não se restringe para o vivente ao primeiro encontro com o que quer que seja. Se aquilo que escrevemos a partir do que lemos em Winnicott fizer algum sentido no real, o que acontece é que a experiência de uma primeira vez permanece aberta para aquele que pode, mesmo que por um instante, não ver as horas e não ver sequer o relógio ou o tempo, quando olha para o instrumento preso ao seu pulso ou à parede (Winnicott, 1986/2021). Embora esse trabalho contenha um esforço de sistematização acadêmica do pensamento de Donald Winnicott, não poderíamos deixar de dizer que há esse desejo de provocar no leitor a experiência, prazerosa e intensa, de uma primeira vez. A academia pode ser bastante avessa a isso, como todos sabemos, mas esperamos ter encontrado algumas brechas para um pouco da nossa criatividade.

Descrivê-lo desta forma é uma maneira de já introduzir o primeiro grande tema trabalhado por nós nas páginas que virão: a chamada criatividade primária (capítulo 1). Embora não tenhamos explicitado isso em lugar algum do corpo do texto, o pensamento winnicottiano nos serve aqui tanto como base de trabalho, ou seja, aquilo que estudamos, explicamos e reproduzimos com nossas palavras, quanto também como uma espécie de metodologia de trabalho. A ideia do respeito ao paradoxo do encontrado/criado (Winnicott, 1953/2019) é tanto um pressuposto teórico, quanto também é uma recomendação para a escrita e para a pesquisa. O que encontramos nas letra do inglês foi também aquilo que criamos. Os dois simultaneamente, numa metodologia paradoxal de escrita. O leitor, portanto, também será convidado a respeitar o paradoxo, porque mesmo nós também não sabemos mais o que foi que criamos e o que foi que encontramos. O efeito deste trabalho realizado sobre essa quilha móvel e paradoxal, é justamente o que buscávamos, embora só saibamos disso agora.

O nascimento da hipótese que sustentou esta pesquisa – a de que o brincar winnicottiano pode ser relacionado à metapsicologia freudiana para advir como uma prática da liberdade – começou com um desejo, que era o de tematizar o problema da liberdade através da psicanálise. Como em psicanálise parte-se sempre da ideia de um sujeito que é dividido, que não é senhor em sua própria casa (Freud, 1917/1976), então vê-se logo que a tarefa da qual queríamos tomar parte não era nada simples. A pergunta que nos rondou a mente nos anos pandêmicos de 2020 e 2021, que precederam o começo efetivo da pesquisa, era: qual seria uma liberdade possível diante de toda essa situação? Aqueles anos, sobretudo, foram marcados por uma forte tensão entre a liberdade individual

e o dever coletivo (ou uma liberdade coletiva). Certamente sabíamos que a resposta não podia ser a da liberdade neoliberal de tudo poder desde que dentro da lei. A lei não dava e não dá conta do problema que estava em questão. Se o sujeito é dividido e está, portanto, em alguma medida determinado por forças que não controla, por outro lado mesmo a liberdade pulsional, de afirmação do desejo, naquele momento mais do que nunca, não parecia suficiente. Como poderíamos achar um espaço para praticar a liberdade? Já no meio do segundo ano de pandemia, a intuição que nos ocorreu – já não sabemos por que – foi a de que o brincar winnicottiano talvez oferecesse uma via para empreender esta pesquisa.

Não nos parece que pudemos responder a contento nossa pergunta, ou pelo menos não diretamente. Havia uma intuição, que permaneceu não explorada a fundo, de que o brincar poderia ser articulado àquilo que Michel Foucault chamou de a ética do cuidado de si (Foucault, 2004), no qual um cuidado consigo está intimamente ligado ao cuidado do outro, num campo de tensão constante entre poder e resistência. Em lugar disso, nos vimos focados no pensamento winnicottiano e, orientados num primeiro momento por um homem (Carlos Augusto Peixoto Junior), perseguimos apenas o fechamento. O que certamente nos foi bastante proveitoso. A partir dele, nossa pesquisa passou a dedicar-se principalmente ao pensamento do inglês, tornando os diálogos mais concentrados em volta de sua obra e renunciando à multiplicidade de autores presente no projeto original, a não ser por Freud. Desde então, o problema da liberdade tornou-se apenas um enquadramento, que o leitor não encontrará explicitado até o fim do terceiro e último capítulo. Por outro lado, se não pudemos investigar a liberdade diretamente, o problema da dependência, em volta do qual amarramos toda a discussão feita no capítulo 1, põe centralidade na tensão indivíduo-ambiente.

É por esse motivo que o leitor encontrará, quase que por todo o texto, inúmeras menções ao arranjo indivíduo-ambiente. A ideia de um arranjo surge da tradução para o português daquilo que no original está grafado como *set-up*, ou seja, conjunto. Ao longo de toda nossa pesquisa o leitor vai verificar o trabalho que tivemos para nos mantermos num espaço intermediário entre as línguas inglesa e portuguesa, nos aproveitando de uma certa facilidade na fluência entre elas. Este trabalho, consideramos que é uma das boas pequenas contribuições de nossa pesquisa para o campo de pesquisa da clínica do inconsciente. Nos aproveitamos aqui tanto das expressões que nos pareceram mais interessantes no português – caso de “arranjo” (1952/2021), a partir do qual pudemos trabalhar a relação

indivíduo/ambiente através de uma metáfora musical e de “integração da cisão” (Winnicott, 1955/2021), que sintetiza um problema que de outra forma carece de constante explicação – quanto daquelas que nos chamaram atenção por terem sido suprimidas nas traduções – caso de “*kernel*”, que significa núcleo mas também deixa as portas abertas para metáforas cibernéticas e “*keel*”, quilha, que nos parece interessante para trabalhar com metáforas aquáticas e fluidas, que relacionam o texto winnicottiano com o problema da pulsão em Freud. Sobretudo a ideia de um arranjo entre indivíduo e ambiente e o destaque à expressão “integração da cisão” nos parecem ser genuinamente úteis ao pensamento psicanalítico. Por causa da realização deste trabalho, muitos dos textos da bibliografia estarão repetidos em inglês e em português. E, em algumas ocasiões que nos pareceu útil comparar traduções, também em mais de uma edição das obras de Winnicott em português.

Com relação ao diálogo entre Freud e Winnicott, também logo no início do capítulo 1 o leitor encontrará seu começo. Nossa decisão de abordar logo de cara a frase “não há *id* antes do *ego*” (Winnicott, 1962/1982, p. 55) está diretamente ligada a um dos primeiros problemas que encontramos no começo da pesquisa: a existência de todo um debate acadêmico em volta da ideia de que o pensamento winnicottiano representa uma quebra de paradigma (Kuhn, 2013) com relação à pesquisa psicanalítica normal. Dada nossa afirmação da transdisciplinaridade do pensamento, oriunda de nosso processo de formação no curso de graduação da UFF-Niterói, ao nos darmos conta de que há uma via de leitura – antes desconhecida por nós – que separa tão radicalmente a teoria dos dois, não pudemos avançar até encontrarmos uma via para mantê-los unidos. Em nossa opinião, não há nada menos winnicottiano do que queimar estas pontes. É por este motivo que tentamos uma manobra teórica um tanto ousada – e provavelmente apenas ensaiada, carecendo de maior sustentação – que foi a de propor que a subjetivação, na psicanálise winnicottiana, considera dois planos diferentes, o plano ambiental e o plano pulsional. A ideia de que eles podem estar separados, mas ainda assim unidos, mais uma vez toma a teoria winnicottiana como indicação metodológica de trabalho. Os planos da subjetivação podem se separar, mas permanecem paradoxalmente unidos – de modo que não perdemos o valor dos cuidados tácito-ambientais e não pulsionais para o qual Winnicott queria chamar atenção com seu trabalho. Tal como no paradoxo da transicionalidade (Winnicott, 1953/2019) a realidade interna liga-se à externa, em nosso trabalho Winnicott diferencia-se de Freud, mas também não.



Além desse trabalho de articulação entre Freud e Winnicott, um último grande tema será abordado no capítulo 1, o da agressividade. Mais um tema de difícil acerto entre os dois, este talvez tenha sido mais difícil de trabalhar. Já podemos adiantar que, embora tenhamos feito questão de apresentar o ponto de vista winnicottiano e que ele até nos parece ter valor, não fica exatamente claro como a ideia de uma quanta de agressividade não pulsionalizada pode se encaixar com a metapsicologia freudiana. Talvez não possa, ou talvez nos falte conhecimento da literatura. Como derivado deste debate, no capítulo 3 apresentamos uma tentativa de ligar o brincar ao *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2020), o que nos pareceu render frutos interessantes. Nosso principal interesse ali não era opinar sobre a rejeição winnicottiana à pulsão de morte, embora o tenhamos feito, mas o de trabalhar o que chamamos, com a ajuda do pensamento de Deleuze – que dá seus palpites, mas não tem grande protagonismo no corpo do texto, salvo por alguns poucos parágrafos – de o fundo assustador do brincar.

Como indicamos acima, há um caráter cíclico em nossa escrita que se verificará até a conclusão e que suspeitamos derivar diretamente do estilo do autor ao qual o estudo ela está dedicada. No entanto, os círculos de retorno ficam maiores a cada capítulo. Desta forma, no capítulo 2 o leitor vai notar que muitos dos temas já trabalhados ou ao menos mencionados no capítulo 1, retornarão para uma nova rodada. Mais uma vez acabamos por retirar do próprio Winnicott nosso método de trabalho com seus textos. É dele este hábito de repetir-se, de modo que a cada nova comunicação seu pensamento dava uma nova volta, transformando-se um pouquinho em algo diferente neste processo – sem por isso perder a consistência. É o que achamos que nos ocorre: embora nas suas voltas o texto já seja o outro – ora variam os temas, ora variam-se os termos, ora as conclusões que se podem tirar – há sempre algo que se repete. Provavelmente essa repetição acontecia na medida em que Winnicott se punha a falar para muitos tipos diferentes de plateia, mas também por outro motivo.

Reproduzamos aqui um parágrafo onde ele mesmo nos apresenta seu método de trabalho. O contexto era a escrita de uma fala sobre a criatividade:

“Eu poderia procurar o significado da palavra ‘criatividade’ no *Oxford English Dictionary*; poderia também pesquisar tudo o que já foi escrito a respeito do assunto, em filosofia e psicologia; e então poderia dar tudo de bandeja. Mesmo isso poderia ser arranjado de uma tal maneira que vocês diriam: ‘como é original!’. Pessoalmente, sou incapaz de seguir um plano como esse. Sinto necessidade de falar como se ninguém jamais tivesse examinado o assunto antes e é natural que isso possa fazer com que minhas palavras pareçam ridículas. Mas eu acho que você pode ver nisso a minha necessidade de deixar claro que não fui soterrado pelo tema. Para mim, o trabalho de tentar conciliar diferentes referências sobre a criatividade seria a morte. Evidente, preciso estar sempre lutando para me *sentir*

criativo, com a desvantagem de que, se for o caso de descrever uma palavra simples, como ‘amor’, terei de começar do zero (talvez esse seja o ponto de onde se deve começar)” (Winnicott, 1986/2021, p. 45)

No fundo, se tentamos fazer disso um método é justamente porque compartilhamos com Winnicott essa mesma paixão, ao menos em alguma medida. A cada vez que damos ênfase ao infantil e não ao bebê é a esse começar do zero que enaltecemos – o ponto morto da subjetivação (Winnicott, 1971d/2019), sempre pronto a pôr alguma coisa nova em marcha. Todavia, como nosso arranjo é com o ambiente acadêmico, não podemos nos furtar a “tentar conciliar as diferentes referências”. De modo algum achamos que isso queira dizer, no entanto, que Winnicott não se importava com o trabalho da psicanálise que o precedeu. É bastante evidente, basta lê-lo, que Winnicott era um bom leitor de Freud e de muitos dos seus contemporâneos. Ele apenas preferia dizê-lo com as próprias palavras.

Ainda que a pesquisa ganhe este caráter cíclico e as ideias se repitam diferencialmente ao longo da discussão, no capítulo 2 trazemos algumas novidades para o debate. Aqui a mudança de orientação do trabalho se faz presente. Uma nova orientação, por uma orientadora cujo trabalho ela mesma define como transmatricial (Figueiredo e Coelho Junior, 2018), permitiu com que o texto se abrisse novamente para alguns convidados. É desta forma que, contando com a filosofia de Bergson e três psicanalistas brasileiras – Jô Gondar, Maria Rita Kehl e Thais Klein – nos pusemos a trabalhar algo que sentíamos que havia ficado faltando no capítulo 1, que preparava o terreno para o aparecimento da transicionalidade: a questão da continuidade de ser (Winnicott, 1963/1965). É a partir dela que encontramos a entrada para discutir os temas que entram em cena no capítulo 2: a transicionalidade, a não integração, os processos de integração, a integração da cisão (entre mãe-ambiente e mãe-objeto), o espaço potencial – que chamamos de praça de ser ou de um filme de bolha – e a capacidade de estar só. Trabalhar todos estes temas a partir das bases postas no capítulo 1 pelo tema da criatividade primária, nos levou também a descrever alguns dos paradoxos que sustentam o pensamento winnicottiano. No capítulo 2, o leitor os encontrará elencados. Ali ficava cada vez mais claro para nós o quanto ele realmente é, como disse Tales Ab’saber (2021), um pensador do paradoxo. Pensar com Winnicott e ser rigoroso para com ele é pensar no paradoxo.

Ainda à propósito da mudança de orientação, vale a pena dizermos que a guinada em direção à primariedade que a preocupação materna primária ganhou em nosso texto, também foi um ganho da pesquisa a partir deste desvio de orientação. Logo em uma primeira conversa, já ficava claro para nós a importância de circunscrever o maternalismo

winnicottiano ao pensamento médico de sua época. O que, no entanto, não o impediu, ao nosso ver, de trabalhar para além dele. Não que Winnicott não o reproduzisse – é evidente que o reproduz a todo tempo, como quando associa o útero à preocupação materna primária ou como em sua insistência na díade mãe-bebê. Mas não se pode dizer, a não ser que não se tenha lido seus textos, que ele culpabilizasse a mãe pelo sofrimento dos bebês. Muito pelo contrário, seu trabalho parecia querer liberar quem quer que fosse cuidar do infantil – parturientes ou não, mulheres ou não – para agir com “naturalidade naturalmente” (Winnicott, 1966/2020, p. 21), ao pôr a ênfase do cuidado no acesso à primariedade, ou seja, na identificação inconsciente com o bebê.

Como se sabe, o nome dado por Winnicott à condição pela qual se pode cuidar e entrar em contato com o infantil perene em nós é preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2021). Nossa intuição, já mais para o fim do trabalho, será a de que ela equivale a um brincar do clínico, porque está ligada à possibilidade de acessar a não-integração, estado a partir do qual o *self* pode experimentar a continuidade própria de alguém que faz alguma coisa, que experimenta, para depois integrar isso ao *self*. Nos parece que isso em nada prejudica a assimetria natural do trabalho analítico, porque a preocupação materna primária não equaciona o problema da dependência com o da pulsão da mesma forma que o brincar infantil na busca pelo *self*. É evidente que há um desejo do analista e que ele o satisfaz clinicando, mas o que impera no fazer clínico é o quanto de dependência, ou seja, quanto do plano ambiental da subjetivação, o paciente precisa tensionar com as urgências de suas pulsões. É a esse manejo que devemos estar atentos. Além disso, na conclusão apontaremos para a relação entre o jogo e o brincar, de maneira a propor que um pode sustentar e até conter o outro.

Como também dissemos acima, a hipótese que tínhamos no início da pesquisa – a de que o brincar poderia ser pensado como uma prática da liberdade – não nos parece ter sido realizada plenamente por nosso trabalho, embora a tenhamos ensaiado. No entanto, no capítulo 3 nos esforçamos para que fosse possível tirar do trabalho realizado nos capítulos anteriores o máximo de proveito. Assim, aos poucos fomos nos dando conta de que era possível indicar para a possibilidade de que o brincar, último dos conceitos sistematizados por Winnicott em vida, poderia ser flagrado no filme de bolha – ou praça de ser – do espaço potencial como aquilo que o sujeito faz na medida que exercita inconscientemente sua liberdade. Consideradas todas as condições de sua emergência, que inclui o paradoxo e os planos do ambiente e da pulsão, esta liberdade foi associada aos problemas da posição

depressiva e da consideração, de maneira que brincar passou a ser, em alguma medida, equacionar a tensão entre dependência – da qual, com o tempo, o *self* passa também a ser representante – e satisfação pulsional. Deste arranjo nos parece que pôde emergir algo como uma ética da dependência ou da vulnerabilidade, questão não desenvolvida por nós, nem sequer nomeada assim no corpo do texto, mas que não poderíamos abrir mão de deixar indicada.

Por fim, esse brincar que emerge articulado a um infantil já mais sofisticado – um infantil capaz de entrar em contato com o fundo assustador do brincar e reconhecer a união entre aqueles de quem ele cuida e os objetos com os quais satisfaz sua voracidade pulsional, um infantil capaz de ficar triste e sentir responsabilidade – revela-se também como uma forma de busca pelo *self* (Winnicott, 1971d/2019). Nos parece – e torcemos para que o tenhamos deixado suficientemente indicado no texto – que o brincar – e por associação, a experiência cultural e o trabalho – descreve um processo através do qual a forma se disforma, na medida em que tem a ver com a não-integração – fazendo com que o *self* seja compelido a novas reintegrações a posteriori. Como deveio outro na não-integração, também o *self* que se reintegrar depois provavelmente não será o mesmo. É assim que saímos de uma boa sessão de cinema, de teatro ou de análise: diferentes. A não-integração é uma queda no colo do mundo, entre a última campainha e a primeira das palmas. Nossa intuição indica que é disso que se trata o brincar, como também é disso que se trata a psicanálise, esse brincar sofisticado (Winnicott, 1971b/2019), já agora também um fenômeno do século XXI. Desta maneira ela talvez seja capaz de cumprir o projeto guattariniano de alterar os “dados de acolhida do superego” (Guattari, 1964/2004, p. 104), o que pomos a teste na conclusão.

Enfim, é possível que a única coisa que a nossa pesquisa nos permita afirmar com segurança é a abertura de cada vez mais perguntas. Uma delas – afinal, o que é o ambiente para a psicanálise? – já está encaminhada – mediante a aprovação desta dissertação pela banca – para um projeto de doutoramento, também na PUC-Rio.

Aliás, pensando bem, as perguntas não foram a única coisa que pudemos afirmar com esse processo. Também a afirmação da busca nos parece que se apresentou como nosso principal achado. Ficamos contentes de poder compartilhá-lo com a comunidade acadêmica. E quem sabe com a comunidade clínica.

\*\*\*

Sobre a sessão de referências bibliográficas vale adicionar uma explicação. Os textos de Winnicott estão organizados por nome de livro e por data de publicação ou apresentação conforme notadas nos próprios livros. Estas datas estão destacadas ao final da referência, com o uso de letra para diferenciar trabalhos publicados no mesmo ano.

Como já dissemos, há muitos textos repetidos na sua versão em inglês e em português. Para facilitar a nossa própria consulta, pois este material tornou-se nossa referência para buscar termos e expressões winnicottianas relativas aos temas trabalhados, escolhemos organizá-los em ordem alfabética, em português e por livro, com os respectivos textos em inglês vindo na sequência, sendo estes independentes da ordem alfabética. Além deles, há textos que só foram consultados em inglês e estes obedecem a ordem alfabética. Há muitos mais na língua original que foram consultados, mas não foram parar na bibliografia porque não encontramos motivos relevantes para destacar as diferenças e semelhanças.

Além disso, vale notar que na época em que o trabalho começou a ser escrito, em Agosto de 2022 – sobretudo o primeiro capítulo – alguns dos livros já disponíveis hoje nas novas edições da Ubu ainda não haviam sido lançados. Por este motivo, *the facilitating environment* marca presença em três versões diferentes, enquanto *Deprivation and Delinquency*, que só foi lançado no fim de 2023 só aparece em inglês. O mesmo vale para as obras de Melanie Klein, que foram relançadas, mas que consultamos em inglês e nas antigas versões da imago. Outros livros ainda, como *Human Nature* e *the child, the Family*, também só foram consultados em inglês.

Foi bastante interessante fazermos consulta a tantas versões de um mesmo trabalho, o que só foi possível de ser feito com tanta facilidade graças ao advento da internet e ao trabalho da classe hacker (como no livro de McKenzie Wark).

## 2 – A criatividade primária

"Só os psicanalistas sabiam, por dez ou quinze anos, que tudo existia *exceto* o ambiente"

(Winnicott, 1989/2018, p. 577)

*All five horizons revolved around her soul as the earth to the sun  
Now the air I tasted and breathed has taken a turn*

(Black, Pearl Jam)

Como escrever sobre a criatividade em um país que está em chamas<sup>1</sup>? A pergunta que nos fazemos é um lamento, mas é também uma espécie de condição para o nascimento deste trabalho, pois, ao lançarmo-la colocamos no primeiro plano o choro, pelo qual a psicanálise de Donald Winnicott – que também era pediatra e psiquiatra infantil – foi profundamente marcada: este incêndio cuja manifestação é molhada. Podemos ouvir e experimentar, através de seus textos, toda umidade e agudeza deste que é a fala daqueles que ainda não falam (mas, felizmente, não só) – a fala do infantil. Não à toa as crianças de Winnicott brincam no litoral dos mundos sem fim, como ele nos indica em A localização da experiência cultural (1967a/2019), a partir de um poema de Tagore incluído com epígrafe. Elas estão radicalmente marcadas por esta experiência do limiar, este ponto de contato entre o líquido e o sólido, entre a água e a terra, entre o mais volátil e o mais estável e é lá, onde as pontes são construídas, que elas começam a ser. Não significando nada e podendo significar muito, arriscaríamos dizer que o choro é já a manifestação de uma transição<sup>2</sup>. Chorar é coisa de quem está no litoral entre os mundos. Algo que queima por dentro e molha por fora, às vezes pura presença, às vezes presença da ausência, aquilo que perturba o sono, mas que tanto se deseja ouvir no dia de um nascimento, uma manifestação de alegria, e, simultaneamente, de um susto profundo... Do choro, coisa indeterminada e transicional que é, só podemos dizer algo numa espécie de titubeio. Porque o choro é a expressão de um paradoxo: ele é e não é coisa alguma.

Nos parece apropriado adentrar o mundo das palavras winnicottianas pelo choro, se assim o situamos como estando entre mundos. Sabemos que Winnicott foi enfático sobre diversos aspectos da teoria psicanalítica com os quais não concordava ou sobre os quais ele propunha mudanças, chegando mesmo a ser repetitivo ao longo de inúmeras de suas

---

<sup>1</sup> Para nos restringirmos aos últimos quatro anos podemos lembrar do incêndio do Museu Nacional de 2018, do incêndio no CT do Flamengo em 2019, do índice histórico de queimadas no Pantanal em 2020, cuja magnitude se pôde sentir em São Paulo pela noite que causou em pleno dia e da alta de focos de incêndio na Amazônia que em nove meses de 2022 já era maior do que o de 2021.

<sup>2</sup> “A importância de que se reveste o nosso reconhecimento do valor do choro está em podermos ver como o choro atua como tranquilizante num momento de dificuldade.” (Winnicott, 1964b/1987, p. 59, tradução nossa)

contribuições teóricas, artigos, falas e palestras. Sua produção teórica, descrita por Jean-Bertrand Pontalis (1977/2005) como “ingênua e erudita, carnal e abstrata” (p. 186) e na qual “a repetição consegue se fazer descoberta” (p. 186) é, como o comentário indica, repleta de surpresas tão mais surpreendentes quanto mais também o leitor puder sobre elas se debruçar. Semelhante comentário lhe faz Ogden (2014), que costuma dedicar a frases winnicottianas exegeses de páginas e páginas. Para um leitor da psicanálise, ler Winnicott é como olhar o rosto de alguém com quem se mantém uma relação de crescente intimidade: encontra-se constantemente, no contraste do rosto com a imagem interna que dele fazemos, tanto aquilo que nos conforta, quanto o que a equivoca, um novo poro ao lodo dos antigos, uma nova ruga compondo o velho relevo. Trata-se de encontrar nas entranhas de suas linhas a atitude que o levou a insistir naquilo a que queremos agora nos dedicar: a criatividade psíquica primária (Winnicott, 1958/2021). Definida em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* como “a ilusão [do bebê] de que existe uma realidade externa que coincide com sua própria capacidade criativa” (Winnicott, 1953/2019, p. 31), a criatividade primária é a noção pela qual o inglês expõe sua convicção de que o interjogo entre a tradição e a originalidade e entre a união e a separação, são a base para a criatividade (Winnicott, 1967a/2019). O que se cria é a própria realidade com a qual se encontra e sua salvaguarda demandará, por toda vida dos sujeitos, algum nível de respeito e permissão ao paradoxo.

Este respeito é, em Winnicott, uma atitude fundamental sem a qual seu pensamento não pode funcionar. Sua forma mais sintética é a do apelo para que, diante de um bebê, nunca coloquemos a dúvida: “Você criou isso ou apresentaram isso para você a partir do exterior?” (Winnicott 1953/2019, p. 31). A ideia de que a experiência do mundo apresentado deva ser permitida ao infante como a de uma criação, funciona em favor do fortalecimento da espontaneidade (Winnicott, 1958/2021). A consequência do favorecimento de uma ilusão deste tipo não é a do surgimento de um bebê solipsista e auto-satisfeito – contrariando o que se poderia pensar a partir do postulado de uma ilusão fundacional –, mas a de um bebê cuja capacidade para viver sadiamente a desilusão dependerá de suas possibilidades de acesso a uma criatividade vivida, a seu modo, como criação de *um* mundo. A criatividade, portanto, será primária porque está sendo pensada como base, como condição de possibilidade para o próprio processo de subjetivação. Embora muito ainda vá ser dito sobre ela, é importante esclarecermos desde já que a criatividade primária tem relação apenas indireta com o trabalho do artista, relativamente à

qual é anterior. O artista é – e isso não é pouco – seu defensor e bastião<sup>3</sup>. Antes da arte, alguém que “faz arte”: a criatividade primária versa sobre os primórdios do sujeito humano, encarado como uma unidade heterogênea bebê-ambiente.

Tal noção de uma criatividade que é, de saída, a expressão de um paradoxo entre “o que a mãe fornece e o que o bebê consegue conceber” (Winnicott 1953/2019, p. 31) encerra em suas fronteiras, todavia, uma das afirmações psicanalíticas mais impactantes da carreira winnicottiana, sustentada ao longo de quase duas décadas de seu trabalho: a de que “não há id antes do ego” (Winnicott, 1962/1982, p. 55). Esta afirmação, cujo peso cai na psicanálise como o golpe de um martelo, tem a ver com a ideia de que, de saída, “não há intercâmbio entre a mãe e o bebê” (Winnicott 1953/2019, p. 31) e merece um desvio para melhor nos situar no desdobramento deste trabalho.

Antes, porém, cabe desde já um importante desvio, acerca do maternalismo na teoria winnicottiana. Donald Winnicott era médico e, não obstante, pediatra de formação e profissão. Quando não psicanalisava, considerava que seu trabalho se estendia principalmente para o campo da pediatria/psiquiatria infantil. De fato, segundo Masud Kahn (1971/2021), durante os cerca de quarenta anos que trabalhou no *Paddington Green Children's Hospital* e no *Queen's Hospital for Children* estima-se que atendeu cerca de 60 mil bebês. Isso significa que certamente atendeu também cerca de 60 mil cuidadores, mas não necessariamente 60 mil mães/mulheres.

Se o bebê talvez seja o grande sujeito da teoria winnicottiana, o importante é frisar que ele só o é a posteriori. Toda sua produção teórica gira em volta do postulado de que ao atendermos alguém em clínica psicanalítica, há uma dimensão (regressiva) do trabalho em que só poderíamos encontrar um “arranjo ambiente-indivíduo” (Winnicott, 1952/2021) e seus efeitos na subjetivação. Esta é, para nós, a grande contribuição winnicottiana, a inclusão do ambiente dentre os problemas principais da teoria e da clínica psicanalítica. Ainda que frequentemente em seus escritos Winnicott refira-se especificamente à mãe que se relaciona com o bebê, como por exemplo na noção de preocupação materna primária (Winnicott, 1956a/2021) ou de mãe suficientemente boa, este trabalho tentará privilegiar o termo ambiente (e a polissemia que ele permite) ao longo das discussões.

---

<sup>3</sup> “Não é em geral através da criação artística e da experiência artística que mantemos as necessárias pontes entre o subjetivo e o objetivo? É por esta razão, acrescento eu, que valorizamos tão intensamente a solitária batalha do criador em qualquer campo da arte. Para todos nós, assim como para ele mesmo, o artista está sempre vencendo batalhas brilhantes em uma guerra que, na verdade, não tem desfecho possível. O desfecho definitivo consistiria em descobrir algo que não é verdade, ou seja: que o que o mundo oferece é igual ao que o indivíduo cria.” (Winnicott, 1948/2021, p. 324)



Seria possível simplesmente suplantarmos o materno pelo ambiental (e falar em uma preocupação ambiental primária, por exemplo). Mas seria desejável? Além de ser impossível citá-lo sem recorrer a frases em que a mãe aparece representando o ambiente, tal substituição incorreria em um apagamento do fato de que a clínica pediátrica/psiquiátrica winnicottiana provavelmente era mesmo majoritariamente frequentada por mulheres e crianças – responsáveis, em sua maioria, pelo invisível trabalho de cuidar. Como mostram Miranda, Timo e Belo (2019) e Iaconelli (2023), Winnicott era herdeiro de uma espécie de ideologia maternalista própria da clínica pediátrica da época (e, muito provavelmente, de ainda hoje) e que, por sua vez, estava repleta de mães e filhos. A equivalência do útero com a preocupação primária é um dos vértices do problema para Iaconelli (2023), o que acaba por equivaler parto com nascimento e cuidados primários com a feminilidade. A bem da verdade, pelo que podemos ter notícia nada indica que o cuidado (primário ou não) de uma criança dependa da parturiente ou da mãe biológica ou mesmo de alguém identificado com uma certa posição do esquema sexo-gênero.

Winnicott, todavia, jamais compactuou com a ideia de que a mãe devesse ser culpabilizada pelos sofrimentos tanto edipianos quanto pré-edipianos, o que pode ser lido textualmente na introdução de *preocupação materna primária* (1956a/2021) e constatado na defesa constante do valor positivo das falhas ambientais (falhas que não são faltas, mas resultado dos outros interesses do ambiente cuidador).

Ainda assim, em vista do que ora dissemos, tomemos por óbvio que não está colocada para nós aqui a tarefa esdruxula de salvar Winnicott de quaisquer críticas que sejam. Pelo que parece, aliás, em vida ele nunca precisou ser poupado da agressividade de seus interlocutores, nem os mais íntimos. Não seria depois de ter vivido a própria morte que precisaríamos defendê-lo dos desígnios de Tânatos (na acepção de sua supervisora clínica, Melanie Klein), ele sempre esteve disposto enfrentá-los e fazer da agressividade um problema de vida. Ainda assim, nos parece razoável dizer que lendo-o é patente um alto grau de preocupação em reconhecer o difícil lugar ocupado pela mãe e, na sociedade em geral, pelas mulheres, como na defesa ao direito do aborto, que faz em *A pílula e a lua*, de 1969 (Winnicott, 1969/2021).

Obviamente, é inteiramente possível que o lugar ao qual Winnicott imputava a maternidade estivesse imbuído de certos preconceitos patriarcais – como no caso do *estado psicológico* chamado preocupação materna primária, mencionado acima. No entanto, vale notar também que a mãe winnicottiana é correntemente associada ao lugar do analista,

sendo a maternagem, portanto, uma forma de descrever uma importante dimensão do trabalho no manejo da transferência. A escolha de palavras, no entanto, certamente poderia ser melhor, porque é o próprio Winnicott que deixa claro, repetidas vezes, que o que está em jogo na chamada maternagem não é propriamente a mãe biológica ou parturiente, mas uma espécie de primariedade – “a mãe é o bebê e o bebê é a mãe” (Winnicott, 1966/2020, p. 20) –, uma identificação de quem cuida com aquele estado primário em que o sujeito nascente se encontra. Sendo assim, assumiremos que o esforço teórico do inglês nos lança, na transferência, a ocupar o lugar de uma identificação com este estado de primariedade, que sabemos ser de fato dos bebês, mas que é (ao menos!) de direito a toda clínica psicanalítica.

### 2.1 *Wo es war, soll ich werden*

Retornando ao ponto em que paramos, já que é de psicanálise que se trata, devemos agora dedicar um breve momento para nos determos diante da proposta de uma inexistência do *id* em relação ao *ego* (Winnicott, 1962/1982, p. 55). É possível que venha à mente de qualquer leitor ambientado com a teoria freudiana uma fórmula que à primeira vista pareceria ser o oposto da que citamos alguns parágrafos acima. “Onde estava o *id*, ali estará o *ego*” (Freud, 1933/1976, p.102) poderia ser interpretada – num sentido deveras estrito é verdade – como a indicação de que *id* é primordial e o *ego* seu derivado a partir do contato com o mundo externo (Freud, 1923/1976). Uma compreensão tal como essa estaria mais ou menos em acordo com a postulação do *id* como grande reservatório da libido, momento em que esta instância passa a ser considerada a sede dos domínios da pulsão, no âmbito da segunda tópica freudiana, e que o *ego* passa a ser considerado também ele, em grande parte, inconsciente. Esta não é, todavia, a posição sustentada por um leitor como Luíz Alfredo Garcia-Roza (1984/2018).

Em seu comentário, o fundador da primeira pós-graduação em psicanálise do Brasil nos indica que Freud, no alemão original, não emprega o uso do artigo *das* antes de *Es* e *Ich*, o que, por sua vez, poderia indicar a proximidade entre a fórmula freudiana e aquilo que Immanuel Kant denominava como imperativo moral: uma máxima cuja intenção é expressar uma exigência de verdade. *Do ponto de vista do sujeito a verdade do Es deve ser integrada pelo Ich*. Isso fica ainda mais palpável se lembrarmos que as fronteiras entre *id* e *ego* são insubmissas, estão borradas à maneira dos pós-impressionistas, como nos indica o próprio Freud: “Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio

de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as que apresentam artistas modernos” (Freud, 1933/1976, p. 101). A verdade do *Es*, se revela, portanto, como uma verdade do borramento entre *Es e Ich*, cabendo ao sujeito a expressão *d’isso*. Na *noite estrelada* de Van Gough algo assim dá-se a ver.

Notam Bartijotto, Tfouni e Chiaretti (2019) (seguindo Garcia-Roza) que a grafia de *Es e Ich* com letras maiúsculas, contida no original em alemão – mas perdida na tradução das obras *Standard* feita pela editora Imago a partir do texto em inglês estabelecido por James Strachey – permitiria interpretar que *Es e Ich* referiam-se a algo do pensamento freudiano que demandava um processo de *substantivação*. Tal interpretação, com efeito, não está absolutamente distante do argumento geral de *A dissecação da personalidade psíquica* (Freud, 1933/1976) como se lê, por exemplo, quando o psicanalista recorre a George Groddeck para diferenciar daquilo que tem a *qualidade* de inconsciente (de um uso descritivo da palavra), um *Id (Es)* cuja prerrogativa de reinar sozinho na inconsciência havia sido recentemente perdida. Como bem é sabido, o ano de 1923 marca uma injunção no pensamento freudiano a partir da qual passa a ser reconhecida uma parte do *ego* como sendo inconsciente. E que este *ego*, apoiado em um ideal erigido a partir de processos de identificação, passa por alterações para “aprofundar suas relações” com o *id* (Freud, 1923/1976, p. 44). Este *id*, por sua vez, passará a remeter à “parte obscura, à parte inacessível de nossa personalidade (...) [ao] caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante” (Freud, 1933/1976, p. 94), àquilo que é “alheio ao *ego*” (Freud, 1933/1976, p. 92), mas que mantém com ele relações mútuas.

Em suma: sem grandes esforços vemos que a introdução das instâncias psíquicas não necessariamente indica que a fórmula freudiana sugira uma substituição de *id* por *ego*, mas certamente apontam para a direção de uma integração entre ambas, embora esta integração se dê à maneira de um borramento, a ser aprofundado a partir das identificações. No entanto, retomemos ainda mais uma vez a interpretação derivacional da fórmula freudiana – onde o *id* estava, o *ego* deve advir – à medida em que ela nos servirá de retorno à via winnicottiana, vereda principal deste capítulo.

Como sugerimos, é possível que a interpretação derivacional da fórmula esteja bastante de acordo com a postulação, de 1923, de que o *id* seria ele mesmo – e não o *ego*, como é possível entender em 1914 – o grande reservatório da libido (a energia da pulsão). O problema é que desde 1914 em diante, até o fim da vida de Freud, com a introdução do problema do narcisismo na psicanálise, com o eu agora incluído no panteão das principais

preocupações psicanalíticas, o tema da localização da libido nunca foi inequívoco. Como bem mostra Strachey (1969/1976), ora o *id* terá a prerrogativa dos primeiros investimentos objetais, ora o *ego* – e lembremos que o ponto de partida de *introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010) era justamente diferenciar entre tipos de escolha objetal, para nelas incluir as consequências de se tomar o próprio eu como objeto. A questão para Strachey (1969/1976) teria sido a de que Freud nunca enfrentou um aspecto do problema que só poderia ser solucionado se pudéssemos supor não um, mas dois sentidos para o tal reservatório da libido. Um em que se pensasse reservatório como fonte de suprimento, o outro como tanque de armazenamento. Ainda assim, tanto como fonte quanto como tanque, o inglês ainda encontrará no texto de Freud uma via direta entre o *id* e o investimento libidinal, ficando o *ego* como receptáculo indireto da libido após o trabalho das identificações, quanto uma via indireta, através do qual *id* e objetos externos seriam mediados pelo investimento *egóico*. Narcisismos primário e secundário mudam de definição em cada um destes. Todavia, o que muito nos interessa no momento é que para sustentar essa deriva Strachey retira dois trechos de dois textos tardios da obra freudiana (O compêndio de psicanálise e uma das novas conferências introdutórias), trechos em que uma indiferenciação *ego-id* é pressuposta como ponto de partida! A possibilidade da derivação ainda se mantém, mas a partir de agora já podemos supor um estranho arranjo em que *id* e *ego* são e não são diferentes, simultaneamente.

Evidentemente, o leitor notará que nossa análise da tensão entre a fórmula freudiana e a negativa winnicottiana ainda deixa a desejar, pois não aproveita a deixa de Strachey à altura das possibilidades que ela oferece e, principalmente, não discute o significado do postulado winnicottiano e suas consequências. Este empreendimento, todavia, deverá aguardar até que nosso texto tenha adentrado suficientemente no fantástico mundo da psicanálise de Donald Winnicott. Alguns arranjos importantes ainda estão por vir. Mas não precisamos nos furtar completamente de oferecer um pequeno acalanto frente nossa deriva.

Aos que se preocupam, como nós, que a afirmação de que não haja um *id* antes de um *ego* (Winnicott, 1962/1982) signifique uma anterioridade do *ego* tal como proposta, por exemplo, na *Ego psychology* de Heinz Hartman (1950) – segundo leitura de Pontalis (1977/2021) – gostaríamos de oferecer três argumentos provisórios. Para começar, nada nos indica, até o momento, que para Winnicott este *id* que não vem antes do *ego*, venha, por consequência, necessariamente em segundo. Basta lembrar que, para Winnicott, “o começo é uma soma de começos” (Winnicott, 1962/1982, p. 56). É verdade que nesta

mesma página ele também afirma que o início está no momento em que o *ego* inicia, mas isto não permite, sem um debate, definir a que início ele se refere. Se o começo é uma soma de começos, o *ego* tem algo de inconsciente (descritivo, qualitativo) e o começo pode ser um começo simultâneo do *ego* e do *id*. Em segundo lugar, destacamos que Fulgêncio (2014) aponta-nos que, para fazermos uma leitura sem o julgarmos como excessivamente incoerente e contraditório, precisamos entender que o *ego* em Winnicott tem uma dupla procedência: como tendência à integração e como unidade integrada do sujeito psicológico com diversos graus de integração Ou seja, o *ego* integra. E se integra, integra-se o *id* que, para isso, deve estar em algum lugar. Diga-se de passagem, esta também é a posição de Jan Abram, para quem o *ego* é uma parte do *self*, responsável pela organização da experiência (Abram, 1996/2007). Por fim, o terceiro argumento é do próprio Winnicott, quando destaca uma fase de indiferenciação *id-ego* em um de seus textos (Winnicott, 1945/2021). Certamente há uma dimensão de sua teoria que não inclui a pulsão. Mas quando o assunto é o pulsional, nos parece que *id* e *ego* são dois personagens conceituais indissociáveis.

## 2.2 Permitir e respeitar a ilusão

Antes de mais nada, gostaríamos de abrir esta sessão fazendo alusão ao artigo de Mirko Wischke (2005) chamado *O tecido quebradiço das ilusões*, que pode nos ajudar a dar o tom da ilusão winnicottiana antes de nela adentrarmos propriamente. No mencionado texto lemos a seguinte citação de Nietzsche:

“Há apenas um mundo e ele é falso, cruel, contraditório, sedutor, sem sentido. (...) Um mundo assim é o verdadeiro mundo (...). Precisamos da mentira para triunfamos sobre essa realidade, essa “verdade”, i.e., para viver. (...) Que a mentira seja necessária para se viver é parte desse caráter terrível e questionável da existência. (Nietzsche apud Wischke, 2005, p. 31, grifos no original)”

“Entretanto, mesmo o pessimista sorridente se apega à aparência da ilusão, que ele nem condena moralmente, nem desmascara esclarecidamente (*aufklärerisch*) como mentira.” (Wischke, 2005, p. 32), completa o próprio Mirko. Será neste espírito que seguiremos adiante, com essa ilusão que fazemos nossa.

Falamos de ilusão pois dissemos que dizia respeito à criatividade primária. Começar por ela, que é o protótipo da transição entre a realidade e o mundo psíquico interno (Winnicott, 1953/2019), nos parece justo se a intenção, cedo ou tarde, é chegar ao conceito winnicottiano de brincar. Em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* Winnicott nos oferece a seguinte definição para seu conceito de ilusão, que achamos valer a pena transcrever por inteiro:

“Busco aqui afirmar a existência de um estado intermediário entre a incapacidade e a crescente capacidade do bebê de reconhecer e aceitar a realidade. Dedico-me, dessa forma, ao estudo da substância da ilusão, que é permitida ao bebê, que na vida adulta é inerente à arte e à religião, mas que, não obstante, se torna a marca da loucura quando o adulto força demais a credulidade alheia, obrigando as demais pessoas a participar de uma ilusão que não é delas. Podemos demonstrar respeito pela experiência ilusória e, se assim desejarmos, nos reunir e formar grupos baseados na similaridade de nossas experiências ilusórias.” (Winnicott, 1953/2019, p. 16, grifos nossos) <sup>4</sup>

Trata-se, assim, de um conceito que nos remete tanto àquilo que diz respeito a uma experiência primitiva do bebê em seus momentos inaugurais, quanto ao que será a base, em fases subsequentes da vida, para a experiência cultural, em determinadas configurações, e para a experiência da loucura, em outras. Da forma como está descrita aqui por D.W. (doravante nos referiremos também a Donald Winnicott pelas iniciais de seu nome) é como se a ilusão fosse mesmo uma espécie de exigência ou necessidade subjetiva, cujo nível de respeito que a ela vai ser oferecido fosse relacionar-se à intensidade e às modalidades de sua reivindicação ao longo da vida. A experiência ilusória vai marcar, nos parece, a própria relação do sujeito com a realidade, que poderá então encaminhá-lo pelos gradientes entre a comunalidade e o isolamento. É interessante notar, mesmo que de passagem, que tal definição de ilusão guarda em si as possibilidades de um deslocamento da leitura que se faz de fenômenos como delírio e alucinação, que estariam agora em outro tipo de tensionamento com a experiência cultural. Ela permitirá com que Winnicott aborde a realidade como realidade compartilhada, por inúmeras ocasiões ao longo de sua obra.

Todavia, consideramos justa uma objeção que nos impusesse a pergunta: mas como explicar que algo como uma experiência de ilusão possa ser a condição para “a crescente capacidade do bebê de reconhecer e aceitar a realidade”<sup>5</sup> (Winnicott, 1953/2019, p. 16)? Do ponto de vista do observador, o bebê e a mãe são duas entidades separadas e não há qualquer perigo de sobreposição entre o que um apresenta e o que o outro chucha ou agarra. O objeto externo, de saída, nada tem a ver com a vontade do bebê que o recebe, diria esta debatedora. Logo, dizer, como dissemos acima, que o bebê pode conceber aquilo que lhe é apresentado pela mãe poderia parecer um tolo contrassenso. Ou, quem sabe, a demanda pela aceitação de uma ilusão não compartilhada. Neste ponto, relembramos o apelo ao paradoxo e um outro, feito por D. W. em *Sobre a contribuição da observação direta da criança para a psicanálise*: “Agora, o observador direto dos infantes deve estar

---

<sup>4</sup> Exceto a palavras ilusão e a expressão experiência ilusória, que estão grifadas no original.

<sup>5</sup> Opiniões em contradição lógica. Esta é, com efeito, a definição da palavra paradoxo que, etimologicamente, é a junção de *para* (contrário a, oposto de) e *doxa* (opinião). Trata-se daquilo que permite ao poeta dizer que o amor “é dor que desatina sem doer”. Como qualquer um que ama ou já amou pode ver, o paradoxo não expressa o impossível, mas, apenas, uma contradição lógica.

preparado para *permitir*<sup>6</sup> ao analista que formule ideias sobre a mais tenra infância, ideias que podem ser psicologicamente verdade, mas que, mesmo assim, não podem ser demonstradas.” (Winnicott, 1957/1965, p. 112, tradução nossa, grifo nosso). As ideias – talvez felizmente marcadas pela loucura – a que ele se refere compreendem o que ele chama de teoria do *relacionamento parental-infantil*<sup>7</sup>, segundo a qual quando falamos da mais tenra infância há um modo particular de entrada no mundo, “um ponto de vista infantil e pouco sofisticado, diferente do ponto de vista da mãe e do observador” (Winnicott, 1967a/2019, p. 155) que merece ser analisado.

À medida em que o tema do paradoxo entre “o que a mãe fornece e o que o bebê consegue conceber” (Winnicott, 1953/2019, p. 31) já nos colocou frente ao problema do surgimento da realidade, esta aquisição apenas gradualmente reconhecida e aceita, e da apresentação de objetos, estes pedaços de realidade ao mesmo tempo encontrados e criados, precisamos regredir um pouco e nos enveredar mais pelo conceito de ilusão antes de prosseguir. Sabemos que Winnicott contou com a colaboração de uma de suas principais interlocutoras, Marion Milner – membro do chamado *Middle Group*, com quem se diz que tomava chá das cinco – para elaborar suas ideias acerca da ilusão. Milner, psicanalista que atendia muitas crianças e era ela mesma pintora e escritora, em uma importante contribuição chamada *O papel da ilusão na formação simbólica* (1952), discute com a ajuda da arte em que bases se pode pensar os primórdios da simbolização.

Para ela, a palavra fantasia tornava-se insuficiente para descrever o processo pelo qual, em psicanálise, um objeto secundário poderia derivar de um objeto primário, primeiro objeto de satisfação do bebê e, no entanto, perdido (Freud 1900/1972). Especulando acerca de uma *necessidade* básica interna de organização interior, cujo imperativo seria o de fazer-nos descobrir identidade na diferença, sem a qual a experiência

---

<sup>6</sup> No tempo das bolhas e das notícias falsas nos sentimos compelidos a lembrar que a permissão à ilusão não terá mais importante função do que a de criar as condições para o transicional, espaço de trânsito entre o subjetivo e o objetivo.

<sup>7</sup> Há um problema com a tradução desta expressão feita por Irineu Ortiz para a edição de *O Ambiente e os Processos de Maturação* (da editora Artes Médicas que, até pouco tempo, era a que tínhamos disponível em português). Nesta edição o original *parent-infant relationship* está incorretamente traduzido por “relacionamento paterno-infantil” o que seguramente trai mais do que o necessário a terminologia original, desvirtuando completamente seu sentido. Escolhemos aqui traduzir o termo da maneira como acreditamos ser mais fiel ao sentido expresso por Winnicott e nos utilizamos da edição de 1965 da Hogarth Press, editada por Masud Kahn. Nos utilizaremos da tradução de Irineu Schuch sempre que julgarmos que ela mantém o sentido original do texto winnicottiano. A nova edição da editora Ubu traduz a expressão por “relação pais-bebê” o que é bastante curioso. A palavra em inglês (parente) não significa apenas mãe ou pai, como se lê, por exemplo, na definição que encontramos no Cambridge dictionary: “*a mother or father of a person or an animal, or someone who looks after a person in the same way that a parent does*” (Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/parent>). Nessa acepção, *parent* é quem cuida.

poderia se tornar excessivamente caótica, Milner (1952/1991) investiga as bases infantis da generalização e propõe que usemos para nos referirmos a elas o termo *ilusão*. Em outras palavras, o que ela defende ao longo do texto, com ilustração em casos clínicos, é o que ela chama de “o momento em que o ‘poeta original’ que há dentro de cada um de nós criou o mundo exterior, para nós mesmos, encontrando então o que é familiar no que não é familiar” (Milner, 1952/1991, p. 94). Trata-se, na ilusão diferentemente de na fantasia, de um “*aquecimento da imaginação*” (p. 94), de “momentos [que] ficam guardados em algum *lugar secreto da memória*, por serem tão semelhantes a visitas de deuses.” (p. 94).

### 2.3 Dois corpos precedem um corpo

Como pediatra, Winnicott teve sua prática psicanalítica profundamente marcada pela observação da vida dos bebês e de seus cuidadores, retirando da observação deste conjunto relacional as suas maiores contribuições para a psicanálise. Dizemos conjunto relacional, porque este foi o sentido no qual o par formado pelo ambiente e pelo bebê era trabalhado por Winnicott, que o denominou, entre outros termos, de uma “dupla dos cuidados” (Winnicott, 1952/2021, p. 215) na qual “o lactente e o cuidado materno juntos formam uma unidade” (Winnicott, 1960/1982, p. 40). Sua justificativa para tanto é ao mesmo tempo sutil e de grande impacto, como a agulha de Aomame<sup>8</sup>: trata-se do fato de que o bebê não existe fora desta unidade-dual. Sempre que um bebê aparece, diz D.W., ali estará um infante em cuidado “ou ao menos um carrinho no qual estão grudados os olhos e os ouvidos de alguém” (Winnicott, 1952/2021, p. 215). Sobre essa unidade-dual, todavia, Winnicott nos adverte de que não se trata de um simples estado fusional em que mãe e bebê são indiferenciados. O que ele diz, textualmente, é que a pressuposição de uma relação entre dois corpos precedida pela posse de um corpo é um “erro óbvio [pois] a capacidade para o relacionamento de um corpo único vem *depois* do relacionamento de dois corpos” (Winnicott, 1952/2021, p. 215). Este simples postulado tem grandes consequências, pois trata-se de afirmar que o começo é um conjunto, conjunto no qual o bebê, desde sempre, também impõe um regime de diferenciação. Será o jogo tensional entre ambiente e bebê que dará ensejo para a individuação.

O leitor atento vai notar que o argumento do parágrafo acima costura duas contribuições winnicottianas para a psicanálise, uma delas publicizada em 1952 –

---

<sup>8</sup> Trata-se de uma personagem de Haruki Murakami cuja arte consiste no uso de uma fina agulha. Sua introdução em um ponto ínfimo e preciso da nuca de sua vítima permite causar-lhe uma morte súbita e indolor.



*Ansiedade associada à insegurança* – e a outra em 1960 – *Teoria do relacionamento parental infantil*. Ademais poderá arguir que há uma contradição entre o dizer mais tardio, de que a dupla dos cuidados forma uma unidade, e sua defesa da anterioridade da relação de dois corpos com relação à capacidade para a relação de um corpo. Tal contradição se dissolve quando entendemos que a unidade é um conjunto e o indivíduo é já uma soma de começos (Winnicott, 1962/2021). Desta feita é que esta suposta contradição nos pode ser fortuita e provendo-nos com uma chance de sublinharmos o que provavelmente ainda repetiremos outras vezes, de outras tantas maneiras: o trabalho winnicottiano serve à inclusão do ambiente na psicanálise pela via de um pensamento da multiplicidade, em cuja origem há sempre uma tensão paradoxal. Um são mais de um. Vejamos na íntegra o subsequente desenvolvimento de seu argumento sobre a relação de corpos em *Ansiedade associada à insegurança* de 1952:

“Hoje, de um modo um pouco mais tranquilo, eu diria que antes das relações de objeto as coisas são assim: a unidade não é o indivíduo, a unidade é o *arranjo* ambiente-indivíduo [*environment-individual set-up*]. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra no arranjo total. Por meio dos cuidados infantis, das técnicas, da sustentação [*holding*] e do manejo geral suficientemente bons, a casca passa a ser gradualmente conquistada e o cerne (que sempre nos dera a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo” (Winnicott, 1952/2021, p. 215-216, grifo nosso)

A unidade que precede a relação de um corpo é, portanto, um *arranjo* indivíduo-ambiente<sup>9</sup>. O começo a que ele se refere é relacional e, também, a própria condição para a emergência do indivíduo, que poderá referir-se a si próprio como uma unidade à medida em que puder ter conquistado esta casca, uma “membrana limitante que até certo ponto (normalmente) é equacionada com a superfície da pele e tem uma posição entre o eu e o não-eu” (Winnicott, 1960/1982, p. 45). Esta conquista, todavia, será uma conquista *do arranjo*, uma vez que o ambiente estará implicado nos termos do *holding* e de um manejo operados no cuidado infantil, servindo como ponto gravitacional da emergência do ser. Se evocarmos a imagem de um bebê recém-nascido, que após ter sido retirado do berço e cuidadosamente manuseado para uma troca de fraldas, é embalado no colo e levado ao sono, veremos que esta membrana limitante/pele é conquistada em uma dança ou gincana, repleta de elevações, depressões e giros. Tal como os cinco horizontes de Vedder em uma de nossas epígrafes, girando instáveis em volta do Sol, o ponto gravitacional do ser está fora de si. Eis aí o ponto de vista do bebê?

---

<sup>9</sup> Mais à frente propomos uma dupla acepção da palavra *arranjo* que ajuda a resumir o ponto que defenderemos nas próximas páginas.

Seja como for, tamanha era a convicção de Winnicott com relação a este ponto, que chegou realmente a dizer e repetir – em parte jocosamente, é claro – que “isso que chamam de bebê não existe” (Winnicott, 1952/2021, p. 215). A sequência do desenvolvimento desta traquinagem teórica se deu no supracitado texto de 1952 (em que o tema principal o da ansiedade) e, posteriormente, em sua teoria do relacionamento parental-infantil, que se alastraria por todo seu pensamento. Ainda assim, não é à toa que a fórmula do bebê inexistente é uma de suas frases mais repetidas. Ela guarda em si o paradoxo da inexistência do bebê e da mãe, que, no entanto, existem e são.

Se relançarmos agora a imagem de um lactente sendo amamentado e pensarmos no comentário winnicottiano acerca da relação entre mãe e bebê, encarnada e mediada pelo seio materno – este objeto tão incansavelmente debatido pela psicanálise – fornecido/concebido, logo veremos melhor o que ele quer dizer. É como se com ele nós pudéssemos sustentar que o nascimento dá à luz psicológica não só a um, mas, também, a outra. Quando tratando da criatividade primária, D.W. diz que “psicologicamente, o bebê mama de um peito que é parte dele, enquanto a mãe dá de mamar para um bebê que é parte dela” (Winnicott, 1953/2019, p. 31). Dois precedem um<sup>10</sup>.

Assim, em suma: é na “dupla dos cuidados”, nesse relacionamento entre dois corpos, neste arranjo ambiente-indivíduo, que está a condição de possibilidade relacional para que, psicologicamente, um se constitua na diferenciação e na indiferenciação com o outro. A relação aqui é entendida como a unidade mínima da qual a experiência de ser mãe e de ser filha advirá, em um processo de separação -e união, à medida em que só o que não é uno pode se unir – no qual manejo e *holding* são importantes dimensões. Tudo se passa como se para Winnicott a possibilidade de se falar de unidade só pudesse vir acompanhada do adjetivo heterogênea (Klein, 2023). Em *A experiência nos limites* Thais Klein (2023), articulando a psicanálise winnicottiana e de seus rebentos com a filosofia de Merleau-Ponty, sobretudo no que se refere à sua noção de simultaneidade, vai propor que a experiência será a condição de possibilidade para a emergência do sujeito. O motor desta experiência, constituidora do processo de subjetivação, mas nunca totalmente pertencente ao sujeito, será pensada numa dinâmica transicional de diferenciação e indiferenciação da qual o fator relacional jamais poderá ser subtraído. Nesta perspectiva o começo, portanto, jamais poderá ser confundido com uma origem e o ato criador será sempre de muitos.

---

<sup>10</sup> Se entendermos que com “psicologicamente” ele se refere ao sujeito da experiência.

Não obstante, ainda que a unidade mínima seja uma relação, não nos está vedado dizer do bebê que ele é um começo mais radical. O mesmo não poderemos dizer da mãe – que, lembremos, não necessariamente é uma mulher – nascente desta diferenciação/indiferenciação<sup>11</sup>. Temos que supor que o espaço medido cronologicamente entre ser e saber que se é, nela deverá ser menor. Portanto, essa dinâmica da dupla dos cuidados, dinâmica entre união e separação, terá como condição, como indicaremos, uma assimetria: a da dependência absoluta. Vale lembrar desde já, que no pensamento winnicottiano há uma equivalência, às vezes explícita, às vezes não, entre mãe e analista.

#### 2.4 Através da dependência, rumo à independência

A menção a uma dependência absoluta por certo não é fortuita. Trata-se do termo eleito por Winnicott para designar o que ele entende ser o ponto de partida de uma jornada chamada de ‘rumo à independência’ (Winnicott, 1963a/1982). Dando destaque ao rumo, é o próprio autor que faz a escolha de acentuar o caminho e não a meta<sup>12</sup>, afirmando de saída que “a independência nunca é absoluta” (Winnicott, 1963a/1982, p. 80) e que o indivíduo nunca se torna isolado, mas, na melhor das hipóteses, interdependente do ambiente. Parte-se da dependência absoluta e chega-se a uma independência sempre incompleta em que ser adulto significa poder identificar-se com a sociedade local e incluir-se numa área de transição entre imitar e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal (Winnicott, 1958/1982). É certo que entender extensivamente a maneira pela qual um bebê ruma de uma ponta absoluta a esta outra, aberta – cuja denominação de jornada nos parece coerente – não está em nosso horizonte no momento. Ela, entretanto, encontra-se lá nomeada como uma dependência relativa. Será no ponto em que se acha sua diferença fundamental para com a dependência absoluta aquele no qual deveremos em breve nos concentrar, se quisermos que ela contribua para um entendimento seguro da criatividade primária.

---

<sup>11</sup> “Nesta altura, é necessário interpolar uma referência ao fato óbvio de que a mãe e o bebê chegam ao ponto da mutualidade por maneiras diferentes. A mãe foi um bebê que foi cuidado; ela também brincou de bebês e de mães; experienciou talvez a chegada de irmãos e irmãs, cuidou de bebês mais moços em sua própria família ou em outras famílias, e talvez tenha aprendido ou lido a respeito de cuidado infantil e pode ter opiniões firmes, suas próprias, sobre o que está certo e errado no tratamento de bebês. *O bebê, por outro lado, está sendo um bebê pela primeira vez, nunca foi mãe e, certamente, jamais recebeu quaisquer instruções. O único passaporte com que o bebê chega às barreiras alfandegárias é a soma das características herdadas e tendências inatas no sentido do crescimento e do desenvolvimento.*” (Winnicott, 1969/1994, p. 199)

<sup>12</sup> Quem aqui se lembrar que a palavra método é formada pelo sufixo *metá* – reflexão, raciocínio, verdade – e *hodos* – caminho, direção – vai perceber que estamos dando destaque intencional para a reversão que pode ser operada, junto a Winnicott, se dissermos hódos-metá, como disseram Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2009/2015). Ou seja, o que se faz da jornada se colocarmos o caminho como tendo primado sobre o objetivo? Faz-se dela rumo.

Antes de mais nada, no entanto, será preciso que possamos nos deter ainda um pouco mais sobre um aspecto fundamental da dependência absoluta. Dissemos acima, após trilharmos um pouco os caminhos do relacionamento entre dois corpos, que esta noção introduz uma assimetria no contexto da dupla dos cuidados. No entanto, não estaríamos fazendo jus ao pensamento winnicottiano se deixássemos de dar destaque neste momento, mesmo que de modo fugaz, à preocupação materna primária (Winnicott, 1956a/2021), pois trata-se de seu modo de fazer referência à parte que condiz à mãe no contexto da dependência absoluta. Descrito como um estado de particular sensibilidade da mãe cujo bebê está para nascer e/ou é recém-nascido, este postulado é, à maneira winnicottiana, um resgate da possibilidade de estudar um fenômeno que a seu ver encontrava-se excessivamente biologizado, quando remetido à ideia de simbiose. Esta noção encerra, doravante, sua tentativa de descrever um “estado muito especial” (Winnicott, 1956a/2021, p. 495), em que a mãe encontra-se dedicada de maneira singular ao cuidado do seu bebê. Neste estado, ela estaria acessando “suas próprias experiências como bebê.” (Winnicott, 1963a/1982, p. 81). Ou seja, “deste modo”, quando na preocupação materna primária, “a própria mãe está em um estado *dependente, e vulnerável*” (Winnicott, 1963a/1982, p. 81, grifos nossos), à medida em que maternar supõe aqui um acesso às próprias experiências primárias.

Assim descrita a preocupação materna primária, pensada como uma dimensão da dependência absoluta, poderia nos levar a crer que a assimetria (embora óbvia do ponto de vista do senso comum) da qual falávamos, não poderia ser defendida nesta nossa articulação do pensamento de D.W. Entretanto, esta aparente contradição logo se desfaz quando notamos que neste estágio o que está em jogo é “uma *identificação* – consciente, mas também *profundamente inconsciente* – que a mãe tem com seu bebê” (Winnicott, 1956a/2021, p. 494, grifos nossos). Se esta identificação fosse postulada como uma identificação duplamente partindo da mãe e do bebê, talvez estivéssemos em apuros na construção de nossa articulação com Winnicott. Mas tal não é o caso e o psicanalista o deixa plenamente evidente quando diz, ao descrever a preocupação materna primária, que

“o que nos interessa são as enormes diferenças *psicológicas* entre, por um lado, a identificação da mãe com o bebê e, por outro, a dependência do bebê em relação à mãe. A dependência não implica identificação, pois esta última constitui um fenômeno complexo demais para que o localizemos nos primeiros estágios da vida do bebê” (Winnicott, 1956a/2021, p. 494).

Embora isto não esteja expresso no texto de 1956 – *A preocupação materna primária* – sabemos que esta dependência, da qual fala Winnicott no trecho acima, trata-se da dependência absoluta. O encontramos explícito em *Formas clínicas da transferência*

(Winnicott, 1956b/2021) quando, além de ligar a dependência absoluta à figura de uma mãe que segura seu bebê logo após o nascimento, ele também reforça a sua ideia de que a identificação primária “implica um ambiente indiferenciado daquilo que mais tarde virá a ser chamado de indivíduo” (Winnicott, 1956b/2021, p. 487). Portanto, se retomarmos o que supracitamos podemos afirmar com segurança que, quando descrevemos uma dependência absoluta estamos tratando de uma relação de assimetria e, muito embora o bebê “não exista” fora da dupla dos cuidados (aliás, o que estamos dizendo é que, em alguma medida, a mãe e o ambiente cuidador também não), este arranjo ambiente-indivíduo está repleto de diferenças internas. O arranjo é, como dissemos, um arranjo entre diferenciações e indiferenciações. Nele a identificação primária é um estado de vulnerabilidade vivido pela mãe com seu bebê – uma vulnerabilidade que nada tem a ver com sua feminilidade, mas com sua primariedade, com sua infantilidade – enquanto este vive a absoluta dependência. Vale notar que em *Pediatria e Psiquiatria* (Winnicott, 1948/2021), Winnicott chega a descrever a situação da dependência absoluta, paradoxalmente, como a de uma independência absoluta, na qual inexistente o relacionamento. Interpretamos que, quando ele destaca o aspecto não-relacional da dependência absoluta, deste bebê que não tem sequer a possibilidade de saber de sua dependência, tão radical é sua condição, Winnicott esteja destacando a ausência de um sujeito desta experiência. Este sentido se encontra na diferença entre uma mãe-ambiente e uma mãe-objeto, da qual ainda vamos ter oportunidade de tratar em momento futuro. Em suma, continua valendo o destaque à assimetria do arranjo bebê-ambiente.

O que faz esta mãe dedicada comum? É da opinião de Winnicott que o cuidado oferecido a um bebê em fase tão primordial é tão repleto de sutilezas que apenas o trabalho de um poeta seria capaz de colocá-lo em palavras (Winnicott, 1966/2020). Se por um lado, talvez tal descrição demandasse uma poiese da qual ele se julgasse aquém (opinião contrária de inúmeros comentadores de sua obra, que justamente o imputam tal capacidade), é dele também o aviso acerca do perigo de tornar consciente aquilo que se “faz com naturalidade *naturalmente*”<sup>13</sup> (Winnicott, 1966/2020, p. 21). Desta forma, ele

---

<sup>13</sup> Mãe dedicada comum trata-se de uma expressão usada por Winnicott para fazer referência à sua maneira de falar com a mãe “sobre aquilo que elas já fazem bem” (Winnicott, 1987/2020, p. 17) no âmbito de seu trabalho como conselheiro e palestrante para o público não-psicanalítico. Em *Winnicott* (1988/2021) Adam Phillips expressa sua crença de que haveria sido nas comunicações feitas justamente para um público não-especializado sobre a psicanálise que Winnicott teria exposto suas mais fortes convicções psicanalíticas. Não seria demais insistir que a naturalidade aqui deve ser pensada no sentido territorial do termo (como em “natural do Brasil”), já que trata-se de uma primariedade, de uma identificação com o bebê. A naturalidade tem a ver, portanto, com ter habitado a infantilidade e ser-de-lá.

diz: “de minha parte, contento-me em usar a palavra *segurar* [*hold*], estendendo seu significado para tudo o que uma mãe é e faz durante este período” (Winnicott, 1966/2020, p. 21). Assim, retornando a *Da independência rumo à independência no desenvolvimento do indivíduo*<sup>14</sup> veremos D.W. ampliar ainda um pouco mais sua descrição da dependência absoluta, destacando-a como um momento em que a mãe dedicada oferece naturalmente uma provisão às necessidades do bebê, fazendo-o por meio de um “alto grau de adaptação” (Winnicott, 1963a/1982, p. 82). Este alto grau de adaptação tem como maior exemplo o *holding*<sup>15</sup>, descrito aqui como algo que só pode ser feito por alguém que pode *identificar-se* com um bebê. Interessa-nos notar que tais necessidades, cuja demanda é a de um trabalho de *holding* caracterizado por uma grande sutileza e de ardua descrição precisa, serão denominadas por Winnicott como necessidades do *ego* (*ego-needs*).

A provisão das necessidades do *ego*, como dissemos, envolve toda uma adaptação ativa que é de alta intensidade. Não podemos perder de vista que a situação em que a especulação winnicottiana baseia-se ainda neste momento é a de um bebê recém-nascido e sua relação com o ambiente cuidador. Esta adaptação está localizada, portanto, em um campo de tensões no qual ela está em choque com toda uma enorme gama de irritações e incômodos deste bebê, deste ser que emerge *para* a vida (Borges, 2019) e que acaba de deixar o espaço intrauterino e ser lançado num mundo que, todavia, não desejou (Winnicott, 1988). Portanto, o que está em jogo no atendimento destas necessidades do *ego* é a própria questão do ser e garantir seu atendimento é garantir, conseqüentemente, uma “continuidade do ser, uma espécie de *diagrama* para o existencialismo” (Winnicott, 1963/1965, tradução nossa, grifo nosso). Para Winnicott, quando se pode garantir “relativa ausência de reações a irritações, as funções corporais da criança dão uma boa base para a construção de um *ego* corporal” (Winnicott, 1963/1965, p. 86). O que será, por sua vez, a base para a possibilidade da emergência de um “*self* com um passado, um presente e um futuro”. (Winnicott, 1963a/1982, p. 86) e isto terá participação decisiva na saúde mental do indivíduo. A continuidade do ser é, portanto, condição de sua emergência.

---

<sup>14</sup> O título da obra em português é *Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo* (Winnicott, 1960/1982). Aplica-se aqui o que já comentamos sobre a tradução de *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1982). No original em inglês temos: *From Dependence towards Independence in the Development of the Individual* e não podemos deixar de dar destaque ao *towards*, ao rumo.

<sup>15</sup> Nossa escolha por manter o termo em inglês, ao invés de traduzi-lo por *segurar*, dá-se pelo uso já difundido do mesmo nos meios em que a teoria winnicottiana serve como anteparo para discussões tanto clínicas quanto de outras práticas.

Poderíamos arriscar dizer que este diagrama corporal constituído na continuidade do ser no tempo seria este ego corporal e que este self (si mesmo) agraciado com as noções de passado, presente e futuro seria seu efeito? Compartilhamos com o leitor uma nota mental: ver o comentário de Deleuze sobre a filosofia dos Estoicos em *Lógica do Sentido* (1969/2017), na *segunda série dos paradoxos*, na qual o corpo é a causa e um mínimo de ser insiste como efeito do encontro entre os corpos sem que nenhuma destas dimensões tenha primado de fundação sobre a outra. Isto, nos parece, de alguma forma se aproxima do argumento de Pontalis (1977/2005) de que o *self* em Winnicott deve ser entendido como representante do vivo. Para nós isto está bastante próximo daquilo para o que temos usado a palavra sujeito ao longo deste trabalho, muito embora o termo não seja muito utilizado por Winnicott e carregue uma significação na psicanálise a qual não desejamos subsumir o *self*.

Retomando o que dizíamos, nos parece imprescindível a qualificação de relativa com relação à ausência de irritações do bebê. Isto introduz no absolutismo da dependência um espaço fundamental de diferenciação e é o antídoto sutil, e, no entanto, eficaz, contra uma interpretação mais simplista da teoria winnicottiana segundo a qual se poderia pensar que a saúde ou a doença são o simples resultado de um ambiente negligente ou presente. O caráter relativo e não totalizante da adaptação, nos indica que algo no bebê deve exceder e escapar do estofo oferecido pelo ambiente tranquilizador (que garante alguma ausência de irritações). Algo no bebê que encontra com um mundo apresentado em pequenas doses (Winnicott, 1964/1987). É por isso que Winnicott vai nos dizer que tal adaptação sensível às necessidades do *ego* da criança vai durar pouco tempo. No texto que aqui examinamos ele remete esta brevidade a um duplo movimento: o do cuidador, que retornará aos poucos à outras atividades de sua vida, e do bebê, cujo esperar e o estrilar haverão se tornado atividades prazerosas.<sup>16</sup> Ambas as vidas pedem passagem e, por isso, o estado de

---

<sup>16</sup> Ao menos para Freud, estamos certamente *também* no domínio da pulsão (mas talvez não estejamos no do *id*?): “As excitações produzidas por necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma ‘modificação interna’ ou uma ‘expressão de emoção’. Um nenêzinho com fome grita ou dá pontapés impotentemente. Mas a situação permanece inalterada, porque a excitação que surge de uma necessidade interna não é devida a uma força que produz um impacto *momentâneo*, mas a uma força que se encontra em funcionamento contínuo.” (Freud, 1900/1972, p. 602). Logo à frente, após ter introduzido a questão da identidade de percepção por efeito da experiência de satisfação associada à regressão, e trabalhando a possibilidade de inibição deste processo em favor da realidade, vemos o lugar ocupado pelo movimento voluntário na gênese do pensamento: “esta inibição da regressão e o subsequente desvio da excitação tornam-se matéria de um *segundo sistema*, que se encontra no controle do movimento voluntário – isto é, que pela primeira vez faz uso do movimento para fins lembrados antecipadamente” (Freud, 1900/1972, p. 603, grifo nosso). Podemos insinuar que Winnicott, que era um leitor de Freud, esteve a par do trecho supracitado?

sensibilidade especial da PMP deve gradualmente ir dando lugar ao mundo, em pequenas doses.

Aliás, para Winnicott – e isto é de suma importância para nossa leitura – são “as falhas menores de adaptação” (Winnicott, 1963a/1982, p. 82) as responsáveis pela possibilidade de que o bebê retire da sua motilidade algo de positivo. Esta motilidade são os sons e os movimentos corporais do bebê. É porque o ambiente não fecha todos os espaços<sup>17</sup> e é porque algo excede no arranjo ambiente-indivíduo, que este infante começa a ter associada à sua motilidade “razões para estrilar” (Winnicott, 1963a/1982, p. 82). Ora, na verdade, para D.W. constitui grande fonte de problemas o ambiente que não pode oferecer ao infante razões pelas quais espernear, localizações para sua *agressividade*, pois “uma criança que não tem razões para estrilar, mas que naturalmente tem em si a quantidade usual de qualquer ingrediente de agressividade, está em dificuldade especial, uma dificuldade em fundir a agressão com o amor.” (Winnicott, 1963a/1982, p. 83). No bojo do pensamento winnicottiano (ou ao menos na leitura que dele fazemos) o diagrama para a possibilidade de fusão da agressão com o amor é conquistado muito primariamente<sup>18</sup> e, portanto, terá impactos relevantes em toda vida de um sujeito.

Seja como for, a introdução de elementos relacionados à agressividade do bebê associados às falhas graduais do ambiente nos lança, finalmente, à dependência relativa. Esta passagem, como pode já ter ficado evidente, é marcada intimamente pela função da falha (Winnicott, 1963a/1982). Será nos domínios da dependência relativa que veremos a emergência do lactente como uma entidade capaz de perceber a diferença entre o dentro e o fora, entre si e o ambiente, e que será capaz, portanto, de diferenciar (embora primitivamente) entre uma falha do ambiente e a adaptação gradual que ele começará a realizar na relação com esta falha (Winnicott, 1963a/1982). Este lactente estará em dependência relativa justamente porque pode ter alguma consciência de sua dependência

---

<sup>17</sup> E não poderia mesmo que tentasse: Ver o testemunho da experiência sensível de Diana Krumins, mulher autista citada em *Modulações do existir: entre a luz e as sombras* de Helia Borges (2019). Neste artigo a autora defende – e a acompanhamos – um interesse pelos começos em detrimento dos incícios, tal como num devir-criança. E não é próprio deste devir o canteiro de obras de um *ego* corporal?

<sup>18</sup> Este período não tem a intenção de ser a defesa de uma teoria determinista ou estruturalista do sujeito, mas apenas um destaque à possibilidade de retraçar certas capacidades a momentos muito primários da vida do indivíduo. A consequência seria a de que *alterá-las* demandará, simultaneamente, algum modo de acesso a esse conquistar precoce e a entrada do ambiente como tema do trabalho analítico. Por outro lado, estamos rastreando-a, com a ajuda de D.W., até um momento extremamente precoce da existência de alguém.



(Winnicott, 1963a/1982). E não é nada mais, nada menos do que a angústia o operador desta tomada de consciência<sup>19</sup>.

Resultante destas falhas menores da adaptação, a angústia aqui é descrita como primeira responsável pela inscrição deste ser emergente em uma relação com o tempo, e é descrita como efeito da relação entre períodos em que o lactente pode, ou não, manter viva uma mãe que se ausenta no espaço de seu nascente mundo interno<sup>20</sup> (Winnicott, 1963a/1982). Isto nos indica que, diferentemente do bebê da dependência absoluta – para quem se esta mãe morre (ou seja, não sobrevive, desaparece) “certos desenvolvimentos essenciais na estrutura do *ego* falham em tornarem-se bem estabelecidos” (Winnicott, 1963a/1982, p. 84) – o infante da dependência relativa já possui um mundo interno cuja diferença para com o mundo externo já começou a ser estabelecida. Por outro lado, se neste contexto da relatividade da dependência a mãe morre e revive (ou, como descrito lá, se ela sobrevive, reaparece) o bebê, ao ter experimentado uma presença e uma ausência e no intervalo uma angústia, poderá separar-se do ambiente e começar a tornar-se apenas relativamente dependente. Em outras palavras, estamos em um momento de importantes transições na qual o infante começa a tornar-se sujeito de suas experiências.

Abramos um parêntesis que começa com tradutor e termina com traidor. *Traduttore, traditore*: escolhemos aqui usar a palavra angústia e não ansiedade. Aqui vão algumas considerações. No original, o termo usado por Winnicott é *anxiety* (ansiedade), o que remete suas ideias tanto à tradição da psiquiatria inglesa do final do séc XIX e do século XX, conforme aponta Klein (2017), seguindo Hanns (1996), quanto à escolha de tradução feita por James Strachey para o alemão *angst*, que privilegiou também a tradição da psiquiatria sob a qual *anxiety* remetia mais estritamente ao que era mental. Angústia por outro lado, como o próprio Strachey aponta, “designa de preferência o aspecto global, abrangendo o componente psíquico, ansiedade, mais as manifestações somáticas decorrentes, do estado de tensão e sofrimento internos” (Strachey apud Freud, 1917/1976, p. 457-458)”. Luis Hanns (1996), para quem *Angst* é um dos termos de mais difícil tradução na obra de Freud, indica que uma boa opção poderia ser “medo”, mas admite que

---

<sup>19</sup> “When the mother is away for a moment beyond the time-span of his (or her) capacity to believe in her survival, anxiety appears, and this is the first sign that the infant knows.” (Winnicott, 1965, p. 88, grifo nosso)

<sup>20</sup> Em outro lugar este tempo será quantificado em termos de uma equação (simples, mas eficaz)  $x+y+z$  e será relacionado ao tempo de uma experiência da loucura, relativo à demora no reaparecimento da figura cujo investimento será o contraponto de uma dependência absoluta e de uma transição para outros estágios (Winnicott, 1971/2019).

algumas tradições já consolidaram ansiedade e angústia como as possibilidades mais usadas no português. No entanto, avisa que “*angst*, mesmo quando se trata de um medo vago e antecipatório, ocorre [n]um estado de prontidão reativa, visceral, intensa, algo vinculado à sensação de perigo e muitas vezes próximo da fobia e do pavor” (Hanns, 1996, p. 79). Já Gilson Iannini (2018) indica como boa solução o criterioso trabalho feito por Pedro Heliodoro Tavares para o projeto das *Obras incompletas de Sigmund Freud*, no qual as múltiplas possibilidades de tradução de *angst* (angústia, ansiedade, medo, pânico, pavor, temor, receio...) vêm grafadas com o termo em alemão ao lado, entre colchetes. Seja como for, nossa escolha tem o intuito de preservar e sublinhar a dimensão somática do afeto a qual podemos achar tanto em Winnicott quanto em Freud, levando em consideração a polissemia do termo original em alemão.

## 2.5 A onipotência não é a ilusão, é seu efeito

Uma pequena retomada antes de avançarmos um pouco mais em nosso caminhar. Destacamos logo de saída a proposição winnicottiana de que a criatividade primária descreve a capacidade do bebê de criar aquilo mesmo que ele encontra, fazendo coincidir o que lhe é apresentado com aquilo que experimenta como sendo ele mesmo, ou parte dele mesmo. Uma ilusão, uma espécie de substância que media a transição entre nada reconhecer da realidade externa e sua progressiva aceitação, trabalha a este favor, ilusão esta que deve ser permitida e respeitada ao modo do respeito a um paradoxo. Esta criatividade primária, como aos poucos parece-nos ficar claro, quase coincide com a própria descrição da vida de um bebê a qual Winnicott se propõe.

Munidos das especulações winnicottianas, caminhamos por seus próprios paradoxos em direção ao ambiente e passamos, doravante, a considerar que uma tal criatividade primária só pode ser pensada no contexto de um arranjo, de uma unidade heterogênea cuja teoria D.W. chama de a do *relacionamento parental-infantil* (1960/1982). Nela achamos um arranjo cuja composição está repleta de diferenciações e procuramos dar destaque a uma assimetria dele, cuja expressão encontramos na problemática de uma jornada do bebê rumo à independência. Esta independência, ponta aberta da jornada do sujeito, meta que nunca se alcança, permitiu-nos, todavia, dedicar-nos por alguns parágrafos à magnitude do ambiente na psicanálise winnicottiana. O que, por consequência, nos levou a pensar que este ambiente, cujo papel é fundamental no que diz respeito ao *holding*, também comparece de outra maneira, tão importante quanto esta: na da falha, que traz ao bebê a experiência da angústia, primeiro sinal de que ele é dependente.

A consciência nascente de sua própria dependência nos indica a passagem para a dependência relativa. Tal passagem é estranhamente descrita por Winnicott como marcada por uma angústia quanto à sobrevivência ou não de uma mãe, de acordo com os tempos de seus afastamentos. Chama a atenção que, ao descrever imaginativamente a experiência de um bebê cuja mãe demora a retornar ou desaparece, Winnicott evoque a problemática da sobrevivência e da morte. O que esta síntese de nosso percurso nos permite perguntar é o seguinte: como a ausência da mãe, que na dependência absoluta teria significado um prejuízo às estruturas do ego, a impossibilidade de beneficiar-se de sua preocupação primária<sup>21</sup>, torna-se uma questão de sobrevivência na dependência relativa? A condição de nosso avanço passa pela teoria winnicottiana da agressividade, já ensejada no fim da última sessão, mas talvez esteja, antes de tudo, no seu conceito de *onipotência*.

Se a ilusão é aquilo que deve ser permitido no arranjo, a partir de um respeito ao paradoxo de um objeto que tem de ser encontrado e criado, mas que, simultaneamente, só pode ser encontrado se for criado a partir de uma necessidade (Winnicott, 1963a/1982), da onipotência poderíamos dizer que ela é o efeito, no bebê, desta ilusão. Ela é descrita como o efeito, todavia, de um processo continuado e repetido no tempo: “O lactente experimentando onipotência sob a tutela do ambiente facilitador *cria e recria o objeto*, e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio na memória” (Winnicott, 1963c/1982, p. 164 grifos originais). Pode-se ver assim que a onipotência, este efeito da ilusão, é significativa para o bebê winnicottiano à medida em que ela pode estar apoiada na memória ou, em outras palavras, produzir uma marca a partir de sua própria repetição. Ela é um dom sustentado e transmitido por este ambiente facilitador e é também descrita de forma decisiva como um “suprimento da experiência de onipotência” (Winnicott, 1967/2021, p. 32), responsável por ser o *alicerce* do que virá a ser, no futuro, uma aceitação da realidade (Winnicott, 1967/2021). Na ilusão, portanto, faz-se a *fundação* na qual este *alicerce* pode ser erguido. Aqui, diz o ambiente ao bebê o mesmo que cantava Gal, em composição de Antônio Pires e Luiz Galvão: Não se assuste pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa – embora assuste, é boa; é boa, porque assusta.

A ideia de que esta fundação poderia ser pensada como dom vem de um artigo escrito em 1999 por Joel Birman intitulado *A dívida e o Outro: Sobre o conceito de*

---

<sup>21</sup> Em outros termos, que poderia ter inscrito no corpo uma agonia impensável (Winnicott, 1967/1994). A agonia não é a angústia, pois sabemos que na obra de D.W. ela é decisiva e representa uma versão bem mais primitiva de afecção. Que pode inclusive ter consequências no que diz respeito ao conceito de inconsciente (Fulgêncio, 2013).

*desamparo no discurso freudiano*. Lá, apostando na diferença entre dádiva (de Deus, da natureza) e dom, argumenta que a vida como possibilidade de fazer frente a um excesso de perturbações impostas pelo organismo prematuro seria um *dom* de erogeneização ofertado pelo outro (cuidador). Dom a partir do qual “o sujeito se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará” (Birman, 1999, p. 25) completamente. Sabemos que com Winnicott uma tendência inata à integração deve ser levada em conta, mas nos perguntamos: isso nos impediria de pensar a construção da matriz do *ego corporal* como erogeneização do corpo do bebê? Logo veremos que com Winnicott tanto a erogeneização quanto o suporte à integração podem conviver e misturarem-se

De qualquer maneira, é justamente porque a onipotência é a ilusão-permitida de conceber aquilo mesmo de que se precisa, no exato momento em que a necessidade se apresenta, que Estelita-Lins (2007) chamará a atenção para a precisão da expressão “suprimento da experiência de onipotência” (Winnicott, 1967/2021, p. 32). Como suprimento, ou seja, como processo repetido no tempo e inscrito na memória, pode-se ver o aspecto quantitativo deste dom ambiental. Já como ‘experiência de’ poderíamos vislumbrar um feixe de qualidades ligado à onipotência. Segundo Estelita-Lins (2007) seria possível associar o suprimento de onipotência winnicottiano ao princípio de prazer freudiano e aumentar sua potência se o associarmos com o conceito de normatividade vital de Canguilhem (1966/2011). À medida em que a “gincana qualitativa” (Estelita-Lins, 2007, p. 376) entre mãe e bebê se dá num holding ontológico em que “o próprio segurar confunde-se com o sujeito” (p. 376) e que essa “mãe, em última análise, representa um feixe convergente de acontecimentos subjetivantes que é situado como setor especializado do ambiente” (p. 376-377) poder-se-ia “admitir que Winnicott adivinhe o conceito de normatividade vital [e] que o pratique e faça ranger sob o jugo do espaço transicional” (p. 377). Assim, diz ele, “em cada processo de subjetivação, em cada aventura de uma dada díade, sempre existe, portanto, uma criança forte, ativa e expansiva que produz acontecimentos afirmativos e tenta inventar novas normas” (p. 377).

Este feixe de qualidades será aquilo que é criado no *espaço da ilusão*, este objeto que, vindo de fora para o observador externo, no entanto, é vivido como sendo subjetivo quando pensado através do ponto de vista do lactente. Efeito do ato criador de um bebê que antes de ser uma majestade terá sido um bebê-deus (Winnicott, 1967/2021; 1968/2020), Winnicott nomeará tal objeto de *objeto subjetivo*. A propósito deste, gostaríamos de

compartilhar com o leitor o trecho a seguir que não só nos serve como ilustração deste ponto de vista a que Winnicott chama de pouco sofisticado (Winnicott, 1953/2019) – o do bebê – quanto, por contraste, como exemplo da sofisticação do próprio pensamento winnicottiano:

“Posso olhar para um relógio e ver apenas a hora; também pode ser que nem isso eu veja, apenas note as formas no mostrador; ou talvez eu não veja nada. Entretanto, pode ser que eu veja em relógios potencial, e então me permita ter alucinações com um relógio, agindo desse modo por conta das evidências de que um relógio real está lá para ser visto; então, quando percebo o relógio real, já passei por um processo complexo que se originou em mim. Portanto, quando vejo o relógio, eu o crio e, quando vejo a hora, também crio o tempo. Tenho minha breve experiência de onipotência o tempo todo, antes de transferir essa função desconfortável para Deus.” (Winnicott, 1967/2021, p. 55)<sup>22</sup>

Podemos retomar aqui a menção que fizemos à influência de *O papel da ilusão na formação simbólica* (1952/1991) de Marion Milner, sua parceira de chá, sobre o pensamento winnicottiano. Dissemos lá que Milner defendia ser necessária a introdução de um termo chamado de ilusão se fossemos ser capazes de explorar as bases do processo de simbolização tal como é iniciado, em algum momento, pela criança ao longo de seu desenvolvimento. Para ela este conceito devia fazer referência a uma espécie de “aquecimento da imaginação” (Milner, 1952, p. 94) e dizia respeito ao que ela nomeou belamente de a função do poeta original em nós: a de criar para nós o mundo exterior. Tanto ela quanto Winnicott, aliás, insistem na relação desta experiência com a ideia subsequente que teremos de deus e, principalmente, dão destaque, como vimos, à incipiente relação destas experiências com a memória. Enquanto Milner fala em um lugar secreto da memória, D.W. remete à repetição da onipotência, vivida no suporte oferecido pelo arranjo indivíduo-ambiente, a possibilidade de inscrição deste momento de primária relação com os objetos na mesma. A função de poiese (o poeta original que cria o mundo externo para nós) a que se refere Milner parece estar, portanto, muito próxima desta de um objeto subjetivo a que acima introduzimos. Trata-se deste objeto que mesmo sendo externo é experimentado como criação pelo sujeito. Um sujeito quase sem memória, cuja permissão concedida à ilusão (poderíamos dizer, no *holding*?) e para quem um suprimento de onipotência foi oferecido, será doravante capaz de começar a constituir-se, como vimos, na transição de uma dependência quase absoluta para uma dependência relativa:

“O estágio de dependência absoluta ou *quase absoluta* tem a ver com o estado, no *começo*, do bebê que ainda não separou um NÃO-EU do que é EU, do bebê que ainda não se acha aparelhado para desempenhar esta tarefa. Em outras palavras, o objeto é um *objeto subjetivo*, não objetivamente

---

<sup>22</sup> “Quando vejo a hora também crio o tempo” me parece ser a afirmação que melhor resume até agora a característica fundamental do pensamento winnicottiano que estamos tentando transmitir: a desta participação radical do sujeito que é criado na criação do próprio mundo que habita desde que, para isso, *em algum lugar* alguém o sustente *no tempo*.

percebido. Mesmo que seja repudiado, posto longe, o objeto ainda é um aspecto do bebê.” (Winnicott, 1969/1994, p. 197, maiúsculas originais, grifos nossos).

Para D.W., portanto, o começo da consciência da própria dependência (portanto, relativa) virá junto com estes primeiros momentos em que um objeto poderá ser objetivamente percebido. Assim, ao transitar para a dependência relativa adentramos no reino dos primeiros objetos não-eu, como podemos ler acima. Isto nos permite dizer que já podemos começar a nos referir a um eu do bebê? Caso respondamos a esta pergunta afirmativamente teremos que esclarecer que este eu já não será mais apenas o efeito do *ego* corporal cuja matriz estava sendo construída no arranjo ambiental, mas que se estará nesta. Esta matriz do *ego* corporal, como vimos, é um resultado possível desde que o ambiente facilitador desempenhe a “função de *ego*-auxiliar” (*supportive-ego function*) (Winnicott, 1962/1982, p. 56) desempenhando suficientemente bem seu manejo e seu *holding*<sup>23</sup>. Trata-lo como matriz (palavra usada pelo próprio Winnicott e que julgamos especialmente apropriada) permite-nos apresentar a salvaguarda feita por ele próprio contra uma interpretação que não entenda como dinâmica sua jornada da dependência. Trata-se de um recurso especulativo e didático para separar o que na verdade acontece como processual e fragmentário. Isso fica explícito quando, ao tratar da importância do *ego*-auxiliar no suporte à relação do bebê com objetos subjetivos, D.W. afirma que neste suporte “o bebê pode chegar *de vez em quando* ao princípio de realidade, mas nunca em toda parte de uma só vez; isto é, o bebê mantém áreas de objetos subjetivos juntamente com outras em que há algum relacionamento com objetos percebidos objetivamente, ou de objetos não-eu” (Winnicott, 1962/1982, p. 56).

## 2.6 O ambiente, o *ego* e o *id*

Já nos parece possível retornar ao assunto que deixamos de molho lá no início de nosso trabalho. Cabe dizer de antemão que o que se seguirá evidentemente não tem a pretensão de pacificar ou resolver um problema em volta do qual o debate mais interessa que continue acontecendo do que se resolva. Me refiro ao problema do ambiente em Winnicott e sua relação com a metapsicologia freudiana, pois é a partir dos pontos de contato entre um e outro que retomaremos a questão do *Es* e do *Ich*. O que faremos aqui é apenas situar a teoria winnicottiana de modo a que possamos empreender o estudo de nossa hipótese – qual seja, a de que o brincar pode ser pensado como uma prática da liberdade de

---

<sup>23</sup> “O *holding* inclui especialmente o *holding* físico do lactente, que é uma forma de amar. É possivelmente a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactente seu amor.” (Winnicott, 1960/1982, p. 48)

vir a ser – e assim prosseguirmos no desenvolvimento do caminho em que estamos, caminho este que tem pela frente o estudo da agressividade e de seu lugar em relação à ideia de uma criatividade primária. Certamente não seremos nós a resolvermos todas as contradições do trabalho winnicottiano e de seu pensamento na relação com o de Freud, muito menos a desenvolvermos as possíveis transformações que o mais novo pode suscitar no mais velho. Mas indicar algumas possibilidades de organização do pensamento winnicottiano em relação ao domínio da pulsão, sobre o qual Freud apoiou o trabalho de sua vida, certamente ajudará a melhor prosseguir

Sendo assim, podemos agora retomar a digressão que fizemos a partir da afirmação de que “não há *id* antes do *ego*”<sup>24</sup> (Winnicott, 1962/1982), uma vez que já esboçamos uma teoria da criatividade primária. Nos lembremos bem rapidamente que neste nosso percurso o ambiente introduziu-se como personagem conceitual de suma importância, pois é ele quem sustenta a ilusão de onipotência, na qual um suprimento de experiências de onipotência são o ponto de partida da subjetivação e do acesso à objetividade. O sujeito tem seus primórdios neste arranjo indivíduo-ambiente, período ao qual Winnicott vai se referir como o de uma solidão essencial (Winnicott, 1988). Um é igual a um mais um<sup>25</sup>, ou seja, o indivíduo e o ambiente compõem uma espécie de arranjo. E aqui pensemos na palavra arranjo num duplo sentido: no sentido de um encaixe de peças; mas também, principalmente, no sentido musical, nos utilizando das possibilidades abertas pela tradução do original *set-up* (Winnicott, 1962a/1965). O arranjo na música é o modo através do qual uma melodia se transforma segundo os instrumentos e vozes que a executam. Como neste caso não há arranjador, o arranjo indivíduo-ambiente é o encaixe e, ao mesmo tempo, o próprio processo de adaptação rítmica e harmônica. A execução, a *interpretação*, é o próprio arranjo que faz. É evidente, no entanto, que a ideia de uma solidão essencial vivida num arranjo faz barulho demais e música de menos se não dissermos que trata-se de um paradoxo óbvio (Winnicott, 1988). A solidão essencial depende de uma dependência absoluta, como temos procurado mostrar. A sustentação desse paradoxo equivale, no entanto, à sustentação de um ponto vista do bebê (Winnicott, 1988), de uma outra perspectiva, ao lado daquela do observador.

---

<sup>24</sup> Lembremos que isso não significa necessariamente dizer que há um *ego* antes do *id*, como modestamente tentamos defender algumas páginas atrás.

<sup>25</sup> Certamente, todavia, este um não é o Uno.

O que este perspectivismo<sup>26</sup> (Viveiros de Castro, 2002), para roubar um termo de nossa antropologia, nos diz de novo sobre nossa própria realidade psicanalítica? Provavelmente mais do que poderemos perceber ou destacar neste momento, mas persigamos o fio de nosso pensamento e vejamos o que podemos descobrir. Neste estado primário do ser (Winnicott, 1988) ou estado pré-primitivo<sup>27</sup>, o que encontramos não é apenas a erogeneização do corpo do bebê ou mesmo a anarquia das satisfações autoeróticas, mas todo um outro domínio ao qual, a partir de Winnicott, vemos a psicanálise estender-se. O domínio da pulsão, se considerarmos todo este outro mundo do arranjo, ganha mais do que um apoio. Ganha, ao menos, todo um outro campo de intervenção. Evidentemente o pulsional, sobretudo se o entendermos na acepção que Hanns confere ao vocábulo *trieb* (Hanns, 1996)<sup>28</sup>, está por toda parte quando o assunto é a vida. No entanto, neste momento quando nos referimos a pulsional o estamos fazendo em contraposição com ambiental. Embora de fato nossa intenção seja mais a de encontrar os pontos de conexão e borramento do pulsional e do ambiental, sem cisão não é possível união (Winnicott, 1971). Assim ao contrapormos um ao outro seria possível fazer justiça ao trabalho winnicottiano, já que todo seu esforço foi por defender este aspecto fundamental da subjetivação. Ora ele o apresentava dividido entre experiências excitadas e quietas, ora entre o ser (*being*) e o fazer (*doing*) (Winnicott, 1971g/2019), mas fato é que para o inglês o psicanalista deveria estar atento à manifestação de ambas as dimensões na vida subjetiva.

Quem guia boa parte desta sistematização que aqui só vamos apresentar de maneira breve é Martine Girard, psicanalista francesa baseada em Tolouse e psiquiatra hospitalar responsável pela unidade de cuidados ambulatoriais do serviço de psiquiatria do CHU de Tolouse. Mais precisamente, um debate entre ela e Leopoldo Fulgêncio, que se deu entre

---

<sup>26</sup> “O que fiz em meu artigo sobre o perspectivismo foi uma experiência de pensamento e um exercício de ficção antropológica. A expressão 'experiência de pensamento' não tem aqui o sentido usual de entrada imaginária na experiência pelo (próprio) pensamento, mas o de entrada no (outro) pensamento pela experiência real: não se trata de imaginar uma experiência, mas de experimentar uma imaginação. A experiência, no caso, é a minha própria, como etnógrafo e como leitor da bibliografia etnológica sobre a Amazônia indígena, e o experimento, uma ficção controlada por essa experiência. Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia.” (Viveiros de Castro, 2002, p. 123)

<sup>27</sup> Preferiremos estado primário do ser, tanto porque destaca a dimensão do ser quanto por que nos permite afastar do texto, tanto quanto possível, a palavra primitivo, cuja significação epistemicida em potencial não nos interessa. Ainda assim o vocábulo retornará algumas vezes durante o texto, em momentos em que não julgarmos possível escapar dela. Trabalhar com um único autor é desafiante, as pequenas diferenças às vezes é o que resta como alternativa num processo de diferenciação e indiferenciação.

<sup>28</sup> *Trieb* para Hanns (1996) significa força interna que impele ininterruptamente para a ação e *contém* também, no campo de sua significação, aquilo que em português se denota com a palavra instinto, como no instinto de mamar.



2007 e 2017, no âmbito do *International Journal of Psychoanalysis* e que se encontra integralmente publicado em *A bruxa metapsicológica e seus destinos* (2018), nos serviu como guia. Enquanto Fulgêncio (2007) propõe para o pensamento winnicottiano uma autonomia com relação à metapsicologia freudiana, Girard defende que “Winnicott tentou enfatizar e teorizar as próprias condições da metapsicologia e da tópica intrapsíquica; a meu ver”, diz ela, “seu ponto de vista não abandona os conceitos metapsicológicos, mas talvez tenda a lhes dar toda a sua força, circunscrevendo o campo de sua utilização” (Girard, 2010, p. 203). Sobre o *ego* e o *id* ela interpreta que, em Winnicott,

“somente o *ego* pode ser qualificado como imaturo, bem como somente o *ego* pode fazer um com o ambiente. Essa distinção fortalece *a contrário*, com toda sua força, a invenção freudiana: a indestrutibilidade do *id*, reservatório pulsional sempre vivaz no inconsciente desde o primeiro dia” (Girard, 2010, p. 211).

Divergiremos dela apenas na ênfase com que coloca a palavra “circunscrevendo” entre a metapsicologia e o que quer que se diga que Winnicott tentava enfatizar. Será objetivo secundário do presente trabalho – e certamente voltaremos a tocar neste ponto no momento em que aproximarmos o brincar winnicottiano e a identificação freudiana – deixar a ver os pontos de união/separação entre as duas dimensões, a da pulsão e a do ambiente, de modo que *ego* e *id*, cada um dentro de suas possibilidades, se misturem e se separem do ambiente junto do qual emergem.

Seja como for, pensamos que agora podemos entender quando, em 1962, Winnicott dirá que “não faz sentido usar a palavra ‘*id*’ para fenômenos que não são registrados, catalogados, vivenciados e eventualmente interpretados pelo funcionamento do *ego*” (Winnicott, 1962/1982, p. 55). Ele está, a todo tempo, especulando sobre um momento em que “a criança não é ainda uma entidade viva que tenha experiências” (*ibidem*), ou seja, que não há ainda lá um sujeito da experiência. É porque discute-se o tempo todo este processo muito primário em que só se pode falar do bebê como algo que não existe, como aquilo que só existe junto aos cuidados, na dupla dos cuidados e no arranjo indivíduo-ambiente, que toda esta trama conceitual poderá ganhar sua densidade. Assim, o *ego* é pensado por Winnicott como o que compreende uma tendência à integração no tempo e no espaço e está baseado num *ego* corporal (Winnicott, 1963a/1982) ou, como destacamos, numa matriz que se dá no arranjo. O *ego* também será descrito, além de como uma tendência, como uma unidade, tal como vemos ele dizer com muita clareza aqui:

“Primeiro, existe a palavra ‘eu’, implicando grande crescimento emocional. O indivíduo está estabelecido como uma unidade. A integração é um fato. O mundo externo foi repudiado e um mundo interno foi tornado possível. Isto é simplesmente uma afirmação *topográfica* da personalidade como

uma coisa, como uma organização do ego-nuclear (*ego-nuclei*). Neste ponto nenhuma referência está sendo feita à existência (*living*)” (Winnicott, 1958/1965, p. 33, tradução nossa, grifo nosso).

Se no *ego* então inclui-se uma tendência à integração, mas também um sentido no qual toma-se o como uma unidade, a noção de *ego-auxiliar* (Winnicott, 1962a/1965), certamente não nos permitiria excluir o ambiente de seu campo de manejo. Por outro lado, para o *id* entenderemos que a pena winnicottiana reserva aquilo que diz respeito às satisfações e frustrações eróticas da pulsão (Winnicott, 1963a/1982; 1945/2021) na sua relação com os objetos. O que acontece então com o sentido derivativo da fórmula *wo es war* freudiana? Não pretendemos precisar sua localização, mas vejamos como é interessante o que o inglês diz sobre o *id*. Para ele, o caldeirão está lá fora, como força, está incluída, mas incluída fora do *ego*, mesmo no contexto mais primários em que só se pode referir ao bebê como infante (sem fala):

“Este é essencialmente um período de desenvolvimento do *ego*, e integração é a principal característica de tal desenvolvimento. As forças-do-*id* clamam por atenção. De primeira elas são *externas* ao infante. Na saúde o *id* é reunido à serviço do *ego* (*gathered into the service of the ego*<sup>29</sup>), e o *ego* domina o *id* de modo que as satisfações do *id* tornam-se *ego-fortificantes*. Esta, no entanto, é uma conquista do desenvolvimento saudável” (Winnicott, 1960b/1965, p. 40, tradução nossa, grifo nosso).

Aquém “do uso das palavras como símbolos” (Winnicott, 1962/1982, p. 41) este *infans* está muito aquém do Complexo de Édipo (Winnicott, 1962/1982), o que certamente nos remeteria à Melanie Klein, mas nosso diálogo ainda não é com ela. Em outras palavras, ele nos indica com clareza que seu *id* está lá antes das capacidades representacionais na linguagem e muito antes das dinâmicas de investimento, desinvestimento e identificação triádicas com as figuras parentais. Acima de tudo, não nos parece muita ousadia tomar sua externalidade quanto ao *ego* como a indicação winnicottiana de o caldeirão ferve em paralelo aos domínios teóricos do ambiente. Lá, em algum lugar, disforme e como uma força, faz-se presente mesmo nos momentos mais primitivos em que *ego* é ainda apenas uma matriz do arranjo, uma tendência. A pulsão, própria dos desígnios do que virá a ser o *id* é como “um trovão ou uma pancada” (Winnicott, 1960a/1965, p 141), fazendo-se sentir apesar de distante.

Aqui nos parece proveitoso relembrar a diferença proposta por Freud entre um uso qualitativo/descritivo e um uso sistêmico do termo inconsciente, reservando para o segundo sentido a denominação de *id*. Acima, dissemos: “Este *id*, por sua vez, passará a remeter à ‘parte obscura, à parte inacessível de nossa personalidade (...) [ao] caos,

---

<sup>29</sup> Segundo o Macmillan Thesaurus a expressão *gather in* significa colher o que foi plantado quando está maduro, como pode-se ver em <https://www.macmillanthesaurus.com/gather-in> (Acessado em 04/11/2022 às 13:15). Neste sentido, o *ego* se alimenta do *id* que lhe é inicialmente força e é, de saída, externo.

caldeirão cheio de agitação fervilhante’ (Freud, 1933/1976, p. 94), àquilo que é ‘alheio ao *ego*’ (Freud, 1933/1976, p. 92) e mantém com ele relações mútuas.” Se Winnicott o considera uma externalidade ao *ego* incipiente mesmo que como força, capaz de fortalecê-lo ou enfraquecê-lo, é porque não se encontra muito distante do próprio Freud quando, após 1923, reorganiza a topografia de seu aparelho mental. Isto não significa que estamos propondo subsumir o pensamento de um ao de outro, mas nos parece óbvio que Winnicott estivesse, a partir de sua clínica, em diálogo com a metapsicologia de Freud, mesmo que não fosse afeito ao uso de seus termos, como o diz em uma carta a Anna Freud, datada de 18 de Março de 1954 (Winnicott, 1987/1990). Basta ver como ele situa, resumidamente, a palavra caos<sup>30</sup> na sua relação com a ordem, ou seja, como ele diz que o caos só pode existir se alguma ordem já lhe for correlata, podendo até configurar-se num tipo de organização própria se as condições assim demandarem: “[o caos] representa uma alternativa à ordem, e no momento que o caos ele mesmo pode ser sentido pelo indivíduo ele já se tornou um tipo de ordem, um estado que pode se tornar organizado na defesa contra ansiedades associadas à ordem” (Winnicott, 1988, p. 135, tradução nossa).

Assim, a exploração que podemos fazer da dupla significação levantada por Strachey (1969/1976) só poderia ser a de que tanto com reservatório-fonte quanto como reservatório-tanque o *id* terá a prevalência. Mas não porque o *ego* seja dele um derivado, e sim porque de tal maneira ficaria perfeitamente razoável aceitarmos que tanto o *id* já estava lá, fora do *ego* como força. Portanto, supõe-se que investindo libidinalmente traços da experiência com o mundo exterior (sentido como criado/encontrado), o que, diga-se de passagem, dá pleno sentido à frase “o mamilo e o leite são resultados de um *gesto* que brotou da necessidade, o resultado de uma ideia que *surfou na crista da onda da tensão pulsional*<sup>31</sup>” (Winnicott, 1988, p. 110, tradução nossa, grifo nosso)”. Por outro lado, essa interpretação parece compor bem com a assunção de que o *ego* tem uma porção bastante considerável que é inconsciente (Freud, 1923/1976), qualitativamente inconsciente porque

---

<sup>30</sup> Mais ou menos frequente ao longo de sua obra e que costuma remeter às consequências da desrealização, da despersonalização e da desintegração (Winnicott, 1945)

<sup>31</sup> Aqui podemos fazer um comentário sobre a nota do tradutor escrita por Breno Longhi em *A criatividade e suas origens* na qual explica suas escolhas de tradução para *drive*, *impulse* e *instinct*. Resumidamente, ele recusa o vocábulo pulsão porque, em sua opinião, os usos que Winnicott faz dos três vocábulos encontram-se fora do campo semântico do erotismo, ao qual a palavra pulsão, amplamente aplicada na psicanálise brasileira, estaria imediatamente remetida. Embora Winnicott defina instinto (*instinct*) como “poderosa força (*drive*) biológica que vai e vem na vida do infante e da criança” (Winnicott, 1988, p. 39, tradução nossa), não se pode dizer que ele nega o potencial erótico dessa força, o que fica bastante claro na citação acima, na qual se lê: “*the result of an idea that rode in on the crest of a wave of instinctual tension*” (Winnicott, 1988, p. 110, tradução nossa).

própria do arranjo, com suas bases fincadas no ambiente, o que faz lembrar o sentimento oceânico descrito por Freud em *O mal-estar na cultura* (1930/2020).

Teremos mais dois capítulos pela frente para explorar o borramento entre a dimensão pulsional e ambiental da subjetivação. Por agora, então, voltemo-nos para o problema da agressividade, responsável por abrir-nos as portas do mundo externo.

## 2.7 A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional primitivo

É no âmbito deste processo vivo e dinâmico que retornamos, pois, ao problema de como a partir de uma angústia, primeiro sinal que o infante terá de sua própria dependência (Winnicott, 1963a/1982), coloca-se uma questão relacionada à sobrevivência e, em última análise, à algum tipo de morte. Dissemos que algum conhecimento do que Winnicott nomeia como experiência da onipotência poderia nos ajudar e eis o porquê. Quando nos perguntamos sobre a experiência de um bebê cuja mais primária das relações com o mundo está sustentada em um arranjo responsável por lhe prover um suprimento de experiências lhe oferecem a ilusão de onipotência – a ponto de criar o objeto que atende suas próprias necessidades – não seria de se supor também que o efeito pudesse ser um sentimento de culpa pela própria angústia? Em outras palavras, não seria a onipotência da criação na dependência quase absoluta vivida, pelo avesso, como onipotência da destrutividade na dependência relativa?<sup>32</sup>

Nos parece que a questão que se nos impõe a partir de agora é a de avançar sobre o tema da agressividade na obra de Winnicott. Como vimos ao longo dessa caminhada, a ilusão não pode ser confundida com a onipotência. A ilusão refere-se tanto à sua versão primária, que permitirá o estabelecimento da criatividade primária no bojo de um respeito ao paradoxo, quanto à experiência cultural da arte, da religião, da grupalidade e até da loucura, quando pensada como ilusão compartilhada (ou não) (Winnicott, 1967a/2019). Já a experiência da onipotência, como dissemos, parece descrever um efeito daquela ilusão que agora chamamos de primária, um efeito da repetição da criação e da recriação do objeto subjetivo (Winnicott, 1963a/1982). Ilusão que é o ponto de encontro entre o pulsional e o ambiental e cuja fundação no paradoxo é o alicerce para o acesso à realidade e a emergência da angústia de destruição onipotente do objeto. Posta deste modo, ao modo do paradoxo, a ilusão de onipotência poderá dar ensejo a uma desilusão sem a qual a vida

---

<sup>32</sup> Uma outra forma de pensar esse problema é pela via da fantasia seu caráter mágico destacado por Winnicott, via pela qual seguiremos no capítulo 3, ao explorar a seara da posição depressiva e da consideração.

criativa não é possível, motivo pelo qual Winnicott dirá que o princípio de realidade freudiano “é uma lesão” (Winnicott, 1986/2021, p. 44). Ele estoura a bolha da ilusão, mas, ao mesmo tempo, permite com que a agressividade tome seu espaço, dando ao bebê oportunidades de empregar sua motilidade (Winnicott, 1939/2012; 1964/2012).

Como até agora estivemos tratando de uma criatividade primária e relacionando-a ao ambiente facilitador, há de se supor que a entrada tardia da destrutividade significasse que o amor precede a destruição na teoria winnicottiana. O ambiente seria o suporte amoroso para um bebê sempre criativo, lúdico e pacífico. Nada disso. Aos poucos o que ficará mais evidente para nós é que todas essas qualidades – o bom e o mau – são conquistas já tardias do *arranjo* e por isso é relevante que se fale em respeito ao paradoxo e permissão à ilusão. A destruição sempre esteve incluída no processo, tal como o amor. Aqui estaremos ao lado de Peixoto (2022) em sua afirmação de que, para uma relação saudável com a destrutividade o sujeito “precisa antes, como uma plataforma, da oportunidade para a atividade criativa, para o jogo imaginativo, o trabalho construtivo” (Peixoto, 2022, p. 37).

Portanto, trata-se de amor e destruição desde o começo e é por isso que em *Desenvolvimento Emocional Primitivo* (1945) vemos Winnicott descrever a ilusão como a sobreposição de duas linhas vindas de direções diferentes: (1) a de um bebê com pulsões e vontades predatórias e (2) a de uma mãe que tem o seio, produz o leite e carrega uma ideia de que gostaria de ser atacada (Winnicott, 1945/2021). Este encontro atacante/atacada será relevante à medida em que puder constituir a vivência mútua de uma experiência que “resultará no primeiro vínculo que o bebê fará com um objeto externo<sup>33</sup>” (Winnicott, 1945/2021, p. 292). Em outras palavras, em meio a toda essa descrição de um bebê que cria aquilo que encontra sempre esteve em pauta, desde o começo, a pressuposição de um interjogo que não pode prescindir do par complementar ataque e sobrevivência, tal como podemos ver na seguinte descrição da amamentação:

“O bebê vem ao seio todo excitado, pronto para alucinar alguma coisa que pode ser atacada. Nesse momento aparece o bico real, e ele pode então sentir que era exatamente esse o bico que ele estava alucinando. Assim, suas ideias são enriquecidas por *detalhes reais* de visão, sensação, cheiro, e na próxima vez esses materiais serão usados na alucinação. Deste modo ele começa a construir a capacidade de conjurar aquilo que de fato está ao seu alcance. A mãe deve prosseguir fornecendo ao bebê este tipo de experiência.” (Winnicott, 1945/2021, p. 293, grifo nosso)

---

<sup>33</sup> O primeiro vínculo com o objeto externo se sobrepõe à criação do objeto subjetivo? Nos parece que seria possível dizer algo assim quando retornamos no tempo das ideias winnicottianas. Isso nos serve de lembrança de que nada do que descrevemos aqui deve ser entendido estritamente como fases superadas de um processo terminado, mas como as tentativas de privilegiar aspectos diferentes da constituição do sujeito a partir da especulação winnicottiana acerca de diferentes experiências do bebê no arranjo indivíduo-ambiente.

A referência aos *detalhes reais* (sensórios) e nos será muito útil quando chegarmos ao campo da transicionalidade, no capítulo 2, então por agora guardemo-las e sigamos pela via da onipotência. Assim como descrita, a experiência da onipotência, que no futuro terá surgido como efeito da criação e da recriação do objeto subjetivo, pode ser retraçada na história do pensamento winnicottiano como a repetição de uma “pequena porção de experiência que o bebê pode aceitar *ou* como uma alucinação sua *ou* como algo pertencente à realidade externa.” (Winnicott, 1945/2021, p. 293). Esta pequena porção paradoxal de experiência é vivida, desde tenra idade, como ataque ao seio materno e é suportada no arranjo por uma mãe que deseja este ataque – lembremos, trata-se de destacar a identificação do cuidador com a primariedade desse ser que vem vindo a ser. A posição dita materna por Winnicott é valorizada e exigida de maneira especial e aqui podemos nos lembrar de tudo que já dissemos da preocupação materna primária. Fica imputada a ela ou a seus substitutos (Winnicott, 1945/2021) – o ambiente facilitador (Winnicott, 1963c/1982, p. 164) – a importante tarefa de proteger o bebê de grandes complicações “dando-lhe continuamente aquele pedacinho do mundo que ele, através dela, passa a conhecer” (Winnicott, 1945/2021, p. 293). E se passa a conhecer, significa que passamos a considerar que este bebê, neste processo contínuo, já começa a estar lá para conhecer ou, nos termos em que trabalhamos até agora, já é uma entidade viva capaz de ter experiências (Winnicott, 1963a/1982), podendo começar a dar-se conta de sua dependência. É “somente com base numa *fundação* deste tipo [que] pode desenvolver-se a percepção objetiva” (Winnicott, 1945/2021, p. 293, grifo nosso). De tal maneira, transitamos novamente da ilusão para a realidade e aos poucos percebemos que a condição desta transição, marcada pelo começo do conhecimento do mundo (antes criado, a percebido e subjetivo), está, para D.W., intimamente ligada ao ataque.

Se nos enveredarmos ainda um pouco mais pelo texto de 1945, veremos logo que o problema do qual tratamos pode ser colocado, em outros termos, como aquele de uma transição entre a fantasia e a realidade e de uma aceitação da realidade externa (Winnicott, 1945/2021), o que nos lembrará sem dúvida do dilema de Milner, que citamos páginas atrás<sup>34</sup>. Neste processo, nos indica Winnicott, teremos que lidar com uma ambivalência perigosa entre o amor e o ódio, pois enquanto a realidade imporá seus limites, na fantasia não há freios e tais afetos podem, portanto, ter consequências alarmantes (Winnicott,

---

<sup>34</sup> A ideia de ilusão vem em suplência da insuficiência do conceito de fantasia para descrever o “aquecimento da imaginação” que será a base para o vindouro processo de simbolização.

1945/2021). Assim, impõe-se uma tensão entre o objetivo e o subjetivo, na qual o valor mágico do segundo dependerá de uma dimensão paralela de objetividade, que só poderá chegar a enriquecer a fantasia por meio da ilusão (Winnicott, 1945/2021). Na fantasia, portanto, o objeto existe enquanto desejado, mas, o que pode ser ainda pior, ele pode ser aniquilado diante de seu desinvestimento e a satisfação (prescindir do objeto) pode dar medo (Winnicott, 1945/2021). D.W. nos indica que o suprimento de onipotência poderia ter garantido, a reboque, uma onipotência do aniquilamento associada à satisfação (prazer)?

Antes de prosseguirmos, é importante notarmos que ao tratar da *fantasia* no texto em questão, Winnicott tenta aproximá-la desta sua postulação de que aquilo que se experimenta no âmbito da criatividade psíquica primária é condição da conquista de um corpo, de uma membrana limitante entre realidade interna e externa e do acesso à realidade/objetividade. Trata-se de afastá-la de uma concepção na qual é pensada apenas como um efeito das frustrações do sujeito. É neste sentido que o entenderemos quando diz que “devemos considerar, portanto, que a *fantasia não é algo criado pelo indivíduo a fim de lidar com as frustrações* da realidade externa. Isso só é verdade para o fantasiar [*fantasying*]. A fantasia é mais primária que a realidade” (Winnicott, 1945/2021, p. 294, grifo nosso). O posicionamento da fantasia como primária ao fantasiar nos parece coerente com o processo de subjetivação apresentado durante este capítulo: o primeiro objeto é subjetivo; a ilusão (e não a frustração) garante que a criação venha antes do reconhecimento da realidade; e um suprimento de onipotência será a base para a descoberta da objetividade. O termo “fantasiar” vem em suplência da diferença entre fantasia e realidade interna, proposta em comunicação feita à sociedade britânica feita em 1935, mas só publicada em 1957. No trecho destacado é o fantasiar que passará a denotar a organização defensiva erigida contra o imperativo de entrar em contato com a realidade interna e que aponta para a chamada “fuga para a realidade” (Winnicott, 1935/2021, p. 258), o que permite com que a fantasia passe a explicar outro modo de funcionamento do psiquismo. Ela torna-se, por um lado, aquilo que pode ser enriquecido a partir das experiências de encontro/criação/satisfação que se têm no contexto da ilusão de onipotência (Winnicott, 1945/2021). Mas, por outro, motivo de medo, porque lá tudo o que acontece é mágico e o amor e o ódio agem com toda sua potência, de modo que a satisfação pode significar também a aniquilação, tornando-se fonte de temor (Winnicott, 1945/2021). Em suma, nos pareceria justo dizer que a realidade interna “que pode ser rica

ou pobre, que pode estar em paz ou em estado de guerra” (Winnicott, 1953/2019, p. 15) é um mundo de fantasia, um mundo pessoal imaginativo (Winnicott, 1964a/1987, p. 71).

Nos parece, em suma, que a fantasia, para Winnicott, descreve *um modo de relação* entre os objetos internos, nos quais as consequências emocionais das próprias relações entre eles são vividas com máxima potência – “a coisa própria da socialização e da civilização ela mesma” (Winnicott, 1988, tradução nossa). O fantasiar, por sua vez, pode ser resumido como uma tentativa de inibir a fantasia, uma reação à ela. Entendida assim, passa a fazer sentido sua ligação com a defesa maníaca e a descrição do fantasiar como tentativa fuga para (e controle onipotente da) realidade externa (Winnicott, 1935/2021). Fantasiar é negar a fantasia – fantasia da aniquilação, de morte, de substituição, nas quais amor, raiva, angústia e outras afecções são vividas nas suas consequências – mágicas, porque fantasiosas. O fantasiar, que pode tornar-se patológico, mas não nos pareceria ser “em si”, reassegura o sujeito pois através dele o vazio manifesta-se como cheio, o morto como aquilo que vive e que floresce, o inerte como exuberante movimento (Winnicott, 1935/2021). Neste sentido, o fantasiar da defesa maníaca, em última instância, tem como fato central negado a “morte, ou uma sensação de morte geral” (Winnicott, 1988, p. 87, tradução nossa).

A fantasia ou mesmo o fantasiar, no entanto, não devem ser confundidos com a intencionalidade destrutiva do sujeito e é na sua diferenciação que encontra-se a especificidade do elemento agressivo para Winnicott. Para o observador o bebê é impiedoso, mas para o bebê – neste nosso exercício de perspectivismo winnicottiano –, se suficientemente bem resguardadas à fantasia as consequências de seus ataques excitados, o resultado será um robusto desenvolvimento emocional primário. Winnicott propunha a existência de uma fase teórica de impiedade na qual o infante sente o prazer na (inocentemente impiedosa) relação com a mãe (Winnicott, 1955/2021). Este “prazer” está, diz ele, “evidenciado sobretudo *no brincar*, e ela (a criança) precisa da mãe porque ela é a única de quem se pode esperar que tolere sua ausência de compaixão mesmo por brincadeira, pois isso na verdade a fere e a desgasta” (Winnicott, 1945/2021, p. 296, grifo nosso). Mãe aqui significa tolerância. A impossibilidade de experimentar este brincar sem compaixão resultará na necessidade de esconder seu si mesmo (*self*) impiedoso e poderá dar origem a estados dissociados (Winnicott, 1955/2021), dado que a partir de certo ponto o remorso já será uma realidade psíquica (Winnicott, 1939/2012). Mais tarde isso será



também descrito como “perda de uma parte da capacidade para amar, ou seja, relacionar-se com objetos<sup>35</sup>” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 375)

Seja como for, notemos, em primeiro lugar, que em 1945 já era grande a importância de um ambiente tolerante (e desejando) a transição entre fantasia e realidade e, em segundo lugar, que tal transição está associada a uma experiência de prazer impiedoso vivida pelo bebê. Contudo, ainda tornar-se-ia mais explícita a importância da agressividade nesta transição do subjetivo-mágico para o objetivo.

## 2.8 A especificidade do elemento agressivo

Serão em três trabalhos apresentados entre os anos de 1950 e 1955 e aglutinados sob o nome de *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950-55/2021) que Winnicott tornará mais evidente sua concepção da agressividade o que, por sua vez, abrirá nosso caminho em direção à realidade. No segundo destes – *As raízes primitivas da agressividade* (1955) – D.W. começa por impor a questão: “a agressividade origina-se em última análise da raiva provocada pela frustração ou terá uma raiz própria?” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 380). Podemos adiantar de antemão que a resposta oferecida pelo inglês é a de que, diferentemente do que ele entende ser pensado pela teoria ortodoxa, na qual a agressividade é um efeito da frustração imposta pelo princípio de realidade, o que ele dirá é “que o impulso destrutivo cria a externalidade” (Winnicott, 1969/2019, p. 152). Não obstante ele reconheça que seria um contrassenso supor que a realidade não impõe frustrações, a sua perspectiva inclui a ideia de que há um impulso de amor primitivo e que este inclui nele a destrutividade como consequência indesejada e não como intenção consciente (Winnicott, 1955/2021). Este amor primitivo ele o liga ao *id*, chegando a grafá-lo por “impulso de amor primitivo (*id*)” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 381). E, como supõe que há nele uma destrutividade impiedosa (no sentido previamente apresentado por nós), D. W. propõe que se faça uma análise da agressividade para *além* da reação agressiva ao fracasso, decorrente do princípio de realidade, da experiência do *id* (Winnicott, 1950-55/2021). Ele o diz para além, e muito embora tal análise proponha uma série de possíveis novidades para a psicanálise, talvez o mais correto neste caso fosse ter dito *aquém?*

Pertinente ao contexto de uma relação impiedosa com o ambiente (época em que não há compaixão), Winnicott descreve o impulso de amor primitivo (*id*) operando “num

---

<sup>35</sup> Uma nota mental compartilhada: Ferenczi, em artigo de 1912, chama de introjeção “todo amor objetal” (FERENCZI, 1912/2011).

estágio em que o *ego* está apenas começando a desenvolver-se” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 381). Portanto – e aqui teremos uma relevante contribuição a se retirar das especulações winnicottianas – a eventual destruição que este amor primitivo poderá causar *não poderá ser descrita como raiva ou ódio*, que seriam próprios de um *ego* já integrado como unidade, sendo especialmente o ódio descrito como “um fenômeno relativamente sofisticado [que] não pode se afirmar que exista nesses estágios iniciais”<sup>36</sup> (Winnicott, 1950-55/2021, p. 381). Sendo assim, o que D.W. propõe analisar seria a pré-história do elemento agressivo nas experiências mais primitivas do *id*, tomando como seu ponto de partida a *motilidade* e uma “fase de indiferenciação *id-ego*” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 382). Em outras palavras, nos parece que a intenção de Winnicott será a de analisar o componente motor (com potencial agressivo) interno às experiências do *id*, relativo a uma fase em que este e o *ego* encontram-se quase que indiferenciados, tal como, aliás, Freud os supunha.

Por consequência desta formulação é que se poderá aliar a motilidade à descoberta do mundo. Bem como é por conta dela também que a proposta de um domínio do ambiente, na qual o arranjo indivíduo-ambiente significa um processo de subjetivação, incluirá o vir a ser tanto do *ego* quanto do *id*:

“Num dos padrões, o ambiente é constantemente descoberto e redescoberto em razão da motilidade. Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que é em seu centro que o novo indivíduo está se desenvolvendo, sendo o contato com o ambiente uma *experiência do indivíduo* (em seu estado, a princípio indiferenciado, de *ego-id*)” (Winnicott, 1958b/2021, p. 383, grifo nosso).

O padrão descrito acima, pertencente ao contexto do narcisismo primário, diz respeito ao padrão da saúde (descrevem-se mais dois que agora não nos interessarão) no desenvolvimento da motilidade, ao longo do qual: “é preciso que cada bebê injete o máximo de motilidade primitiva nas experiências do *id*” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 382). Em caso de sucesso da identificação do ambiente com o bebê, na assimetria do arranjo indivíduo-ambiente que garantiu a construção da matriz do *ego* corporal infantil, teremos uma situação em que “o palco está armado para a introdução máxima da motilidade nas experiências do *id*” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 384). Vê-se que Winnicott trabalha com a ideia de que há uma quantidade variável de elemento agressivo a ser injetada no impulso de amor primitivo do *id* e que, uma vez fundida ao potencial

---

<sup>36</sup> Sabemos através de Phillips (1988/2006) que isto é uma crítica a concepção kleiniana de ódio, mas não pretendemos comentá-lo.

erótico do bebê, encontrará satisfação<sup>37</sup> pela mesma via com que se satisfazem as pulsões (Winnicott, 1950-55/2021). Por outro lado – e é isto que por ora mais nos interessa aqui – a injeção da motilidade no potencial erótico não poderá ser completa, o que fará com que uma parcela desta, que ficará de fora da gratificação pulsional erótica, esteja livre e necessitando expressão (Winnicott, 1950-55/2021). Desde a raiz da motilidade, daquilo que “leva o feto a mover-se em vez de ficar quieto” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 390), teremos a pressuposição de uma energia não totalmente ligada ao erotismo pulsional, mas que, no entanto, será associada pelo inglês à “vitalidade dos tecidos e [a]os primeiros indícios de *erotismo muscular*” (Winnicott, 1950-55, p. 390).

Esta energia livre, não satisfeita nas experiências do *id*, estará doravante referida “a um erotismo de natureza diferente daquele erotismo instintivo associado a zonas erógenas específicas” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 388). É este que está lá no terceiro texto da compilação de 1950-55 nomeada como *erotismo muscular* e que, de maneira ainda mais geral, será denominado de “força vital” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 390). Esta força vital, por sua vez, será descrita como um potencial pouco variável de indivíduo para indivíduo, assim como o potencial da pulsão sexual, localizada em zonas erógenas. Este pressuposto permite a Winnicott que tire as conclusões às quais nos referimos no parágrafo anterior, bem como mais uma outra, também interessante: a de que o erotismo muscular tornar-se-á potencial agressivo de acordo com a *quantidade de oposição* com que entrar em contato (Winnicott, 1950-55/2021). Vê-se que nos encontramos num campo francamente especulativo, o que nos lembra de passagem do Freud de *As pulsões e seus destinos* (1915/2013) e suas afirmações sobre os *conceitos fundamentais* das ciências<sup>38</sup>. Pode parecer que Winnicott está propondo uma espécie de dualismo pulsional com outros nomes, mas a coisa é bem mais complicada. Envolve duas dimensões completamente diferentes da experiência e está em acordo com a divisão didática que propomos sustentar entre um domínio do ambiental e um domínio do pulsional. Assim, nos parece mais justo afirmar, reproduzindo o próprio D.W., que trate-se da postulação da “ausência de fusão entre as raízes erótica e agressiva *da experiência*” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 389), a um

---

<sup>37</sup> Na página seguinte a ideia de uma satisfação do elemento agressivo fundido no potencial erótico será debatida

<sup>38</sup> Na introdução do seu texto sobre as pulsões, Freud diz: “Tais ideias – os futuros conceitos fundamentais da ciência – tornam-se ainda mais indispensáveis na elaboração posterior da matéria. No princípio elas devem manter certo grau de indeterminação; não se pode contar aí com uma clara delimitação de seus conteúdos. Enquanto se encontram nesse estado, chegamos a um entendimento quanto ao seu significado, remetendo-nos continuamente ao material experiencial, do qual parecem ter sido extraídas, mas que, na verdade, lhes é subordinado.” (Freud, 1915/2013, p.15)

estado de “ante-fusão” (Winnicott, 1950-55, p. 389), que propõe que deva ser considerado. A consequência disso, certamente, é tornar tarefa do arranjo o próprio arranjo entre os elementos agressivo e pulsionais/eróticos no processo de subjetivação.

Uma outra discussão interessante a fazer diz respeito ao seguinte problema: pode-se dizer que este potencial agressivo tem na oposição seu próprio objeto de satisfação? A princípio poderíamos dizer que não. Consideremos rapidamente que satisfação, em psicanálise antes de retomarmos a questão no bojo das brincadeiras teóricas winnicottianas. Normalmente satisfação, quando aparece em textos psicanalíticos, quer dizer satisfação pulsional e, portanto, psíquica. Sabemos que a teoria da experiência de satisfação encontra seu pináculo na *Interpretação dos sonhos* (1900/1972), na qual encontramos a motilidade como função corporal que precede o psiquismo como via de escoamento, de descarga, das excitações. Ela também funcionará como modelo do processo pelo qual o psiquismo evoca a representação do objeto da satisfação, vivido ainda como percebido (Freud, 1900/1972). Ela só ganhará um incremento de complexidade a partir do acúmulo de experiências de satisfação, ou seja, a partir do momento em que o rodeio – na feliz tradução de Paulo César de Souza – que dá origem ao *ics e ao pcs* (Freud, 1900/1972) já estiver em causa na equação que pressupõe seu surgimento apoiado na satisfação das necessidades básicas de sobrevivência. Pulsão sexual advém apoiada na pulsão de autoconservação (Freud, 1905/2016) e, em seguida, subordina a motilidade que agora passa a estar em função da realização do desejo, da substituição da identidade de percepção para a identidade de pensamento (Freud, 1900/1972). Portanto, motilidade para Freud não se satisfaz pulsionalmente, ela é um veículo para escoamento no processo primário e para a realização de desejo no processo secundário e, ao menos em 1900, praticamente não é considerada enquanto elemento autônomo ao psiquismo por Freud.

Assim, retornando a Winnicott, entendemos melhor que a motilidade e, sobretudo, este erotismo muscular ao qual ele atribui autonomia na vida do sujeito, não se satisfaz como satisfaz-se a pulsão. Seu derivado, o potencial agressivo, surge à medida em que algo se lhe opõe, mas isso não significa, de imediato, uma experiência de satisfação. No entanto, se a agressividade não existe sem a oposição isso só quer dizer que depende dela, que ela não pode prescindir e até que precisa *fixar a oposição*, que lhe permite existir enquanto tal.

Sendo assim, o mais correto talvez fosse dizer que será a porção do elemento agressivo derivado do erotismo muscular e fundido à pulsão sexual que encontrará

satisfação e o fará pelos mesmos meios que a pulsão sexual – como frisou Winnicott (1950-55/2021). Em outros termos, é um erotismo agressivizado, ele sim, que encontrará satisfação ao modo clássico da psicanálise. Todavia, consideremos mais de perto duas consequências interessantes das especulações winnicottianas.

Uma, a de que o elemento agressivo fundido à pulsão sexual ainda assim manterá uma importante característica de valorização da oposição, segundo se pode ler no seguinte trecho:

“É preciso que o bebê injete o máximo de motilidade primitiva nas experiências do *id*. Neste ponto mostra-se verdadeira a ideia de que o bebê precisa das frustrações oferecidas pela realidade – pois se a satisfação do *id* pudesse ser atingida por completo e sem obstáculo, ela deixaria insatisfeita a porção que deriva da raiz motora do bebê” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 382)

E a segunda, que também já podemos supor a partir deste trecho, é que Winnicott, embora certamente não supusesse para o elemento agressivo um modo de satisfação tal qual o modelo pulsional de satisfação, supunha para a agressividade um modo próprio de produzir experiências de satisfação, que considerava ligado ao obstáculo, ou seja, à oposição. É o que vemos aqui: “os impulsos agressivos não proporcionam nenhuma experiência satisfatória *a não ser que encontrem oposição*” (Winnicott, 1950-55, p. 388, grifo nosso) – trecho no qual podemos entender que a agressividade ao menos cria as condições para uma satisfação; mas que tem seu melhor exemplo, porque explica de maneira simples a importância da valorização de um modo de satisfação próprio para a agressividade, aqui:

“No relacionamento sexual adulto e maduro, é possível que a satisfação erótica não seja a única que necessita de um objeto específico. É o elemento agressivo ou destrutivo no impulso fundido que fixa o objeto e determina a necessidade da presença, da satisfação e da sobrevivência do parceiro.” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 392)

Portanto, introduzir no elemento agressivo um modo próprio de satisfação significa, com efeito, erotizá-lo, ou seja, trabalhar para que ele se torne vetor de um cuidado com o objeto externo, preocupado, ainda que indiretamente, com sua perseverança, com a satisfação de seus desejos e com sua presença.

Tal concepção da agressividade trará as mais diversas consequências para um pensamento clínico possível, tal como a possibilidade de revalorizar a resistência do neurótico<sup>39</sup> (e do não-neurótico ainda mais) como um movimento na direção da saúde

---

<sup>39</sup> Uma citação de nosso neurótico favorito, em uma de muitas vezes em que aborda o tema da sexualidade: “Aquele que toma a sexualidade por algo que envergonha e rebaixa a natureza humana está livre para se servir das expressões mais nobres como *Eros* e erotismo. Eu mesmo poderia ter feito isso desde o início e me teria poupado muita *oposição*. Mas isso *eu não quero*, porque gosto de evitar concessões à covardia” (Freud, 1921/2020, p. 164, grifo nosso)

(Winnicott, 1958/2021), ou a possibilidade de pensar a relação entre a metapsicológicas e a política. Vale mencionar agora os dois outros padrões de desenvolvimento da motilidade que ora deixamos de fora, que são gradações e consequências diferentes para quantidades de oposição diferentes. Grosso modo, se “na saúde, porém, por definição, o indivíduo sente o prazer de buscar a oposição adequada” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 384), nos estados mais patológicos poderíamos pensar que “o excesso de oposição cria complicações que tornam impossível a existência de um indivíduo que, dotado de um potencial de agressividade, seja capaz de realizar sua fusão com o erótico” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 390). É evidente que neste último caso Winnicott está fazendo referência ao sujeito que, por ter sido demasiadamente mobilizado em seu potencial agressivo, por ter sofrido oposição excessiva do ambiente, pouco pode fazer para integrá-lo com o amor:

“Ele tentará produzir um relacionamento pelo *interjogo* com outro indivíduo, encontrando um componente erótico para fundir com a agressividade que, em si mesma, não passa de pura motilidade. Aqui o erótico funde-se à motilidade, enquanto na saúde é mais correto dizer que a motilidade funde-se ao erótico.” (Winnicott, 1950-55/2021, p. 385).

O ambiente, embora esse trecho pareça indicar o contrário, não deverá ser pensado como ponto de emanção único das patologias psíquicas, mas ganha-se na potencialidade de pensar sua dimensão política. A ênfase na fusão do motor ao erótico e a caracterização de seu oposto como processo patológico, cuja relação com a oposição ambiental aparece como dinamicamente importante, indica, de viés, estarem abertas as vias para o questionamento de certos processos repressivos na cultura<sup>40</sup>. A diferença entre uma fusão do erótico com a motilidade ou da motilidade com o erótico poderia explicar, por exemplo, a diferença fenomenológica entre a violência e uma relação sexual – que não pode prescindir de alguma dose de agressividade. Ou seja, as pode-se tirar consequências destas especulações teóricas que permitiriam pensar fenômenos interessantes nos quais a clínica encontra a política e a política encontra a clínica.

Não custa nada notarmos que esta que propomos aqui é apenas uma forma de ler, uma tentativa de organizar, o que nos parece um dos textos mais especulativos da obra winnicottiana.

---

<sup>40</sup> Tanto pode a oposição tornar-se objeto de satisfação de uma destrutividade, que alguém como Achille Mbembe vai desenvolver, a partir da teoria foucaultiana do controle dos corpos e de um Estado que faz viver e deixa morrer, a ideia de uma política cujas fronteiras do controle excedem-se em práticas explícitas de deixar viver e fazer morrer.

## 2.9 No mundo dos objetos

Se a oposição será valorizada e tomada como responsável por mobilizar o potencial agressivo, capaz de suscitar um modo próprio de satisfação, sobretudo quando ligada à pulsão sexual, torna-se mais fácil compreendermos de que maneira a chamada realidade externa se apresenta ao longo do processo de subjetivação tal como Winnicott o descreve. Há alguns parágrafos tratarmos da transição entre fantasia e realidade, destacamos a relação impiedosa do bebê com sua mãe como uma relação de prazer indispensável para o bebê que começará a operar em tal transição. O ataque do bebê ao seio, suposto por Winnicott no *Desenvolvimento Emocional Primitivo* (1945/2021), agora poderemos começar a pensá-lo como bífido, pois já possuímos algumas ferramentas para isso. Notemos, de passagem, que se a fantasia é primária com relação ao fantasiar e se ela se instala como um modo de relação entre os objetos internos na qual a vida emocional é vivida e elaborada em alta potência, ela não o é em relação à realidade interna. Ela pressupõe uma realidade interna e externa separadas por uma membrana limitante (Winnicott, 1945/2021) e, portanto, a transição entre eu e não-eu. Um enfoque mais específico a isso será possível quando nos aproximarmos um pouco mais do mundo do transicional, no próximo capítulo.

Agora, se lembrarmos que o objeto para Winnicott é de saída subjetivo (criado primariamente) saberemos que, do ponto de vista do bebê, ele “mama no *self* (si mesmo), já que seio e bebê ainda não se tornaram fenômenos separados” (Winnicott, 1969/2019, p. 145). Portanto, este objeto que está sob controle onipotente, objeto com o qual o bebê se satisfaz, só poderá assim estar porque garantido no espaço da ilusão pelo ambiente facilitador. Este será o sentido imbuído na útil separação entre uma *mãe-ambiente* e uma *mãe-objeto*, proposta por Winnicott em *O desenvolvimento da capacidade para a consideração (concern)* de 1963. Avisados por D.W. de que esta não se deve tomar como uma divisão estanque, ela ainda assim deverá ser proveitosa para “descrever a tremenda diferença que existe para o lactente entre dois aspectos do cuidado do lactente, a mãe como objeto e possuidora do objeto parcial e a mãe como pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado de suste e do manejo global” (Winnicott, 1963/2022, p. 94). Para Winnicott, será na união destas duas dimensões da mãe que o bebê fará a importante transição que marcará sua capacidade de se preocupar com o objeto externo (Winnicott, 1963/2022). Mas isto deverá ter sido derivado de uma situação em que esta mãe-ambiente pôde sobreviver na relação de objeto ao uso que o bebê fará do seio como objeto parcial,

alvo de ataque e responsável por satisfazer suas necessidades e pulsões (Winnicott, 1969/2019).

Como vimos, por efeito de um suprimento de onipotência, do ponto de vista do bebê tal como especulado por Winnicott, a satisfação derivada da relação com o objeto poderá significar, também, o aniquilamento do objeto, na fantasia. Tal aniquilamento será efetivado como “ausência de esperança” (Winnicott, 1969/2019, p. 152) caso a mãe-ambiente não permaneça presente na vida do bebê, caso o objeto da satisfação parcial rompa o quebradiço tecido que a ilusão de onipotência vem costurando, em sua continuação no tempo. Esta ausência de esperança será a efetivação de uma fantasia impiedosa de destruição e já vimos como para Winnicott há um elemento agressivo motor imbuindo cada movimento pulsional do bebê. Por outro lado, se o ambiente permanece reaparecendo e se rerepresentando, sustentando o cuidado do bebê e lhe provendo a suplência de onipotência necessária, a destruição do objeto na fantasia encontrará um correlato, por repetição, na realidade: a sua sobrevivência. Estamos agora na soleira da onipotência, em sua transição para o princípio de realidade:

“o que existe entre a relação e o uso [do objeto] é o ato de retirar o objeto da área do controle onipotente do sujeito; ou seja, a percepção do objeto como fenômeno externo, e não como entidade projetiva<sup>41</sup>, ou melhor, o reconhecimento do objeto como entidade em si mesmo. A mudança (da relação ao uso) significa que o sujeito destrói o objeto” (Winnicott, 1969/2019, p. 146).

Notemos de passagem que se na maioria dos textos winnicottianos a que recorremos a figura do bebê sempre aparece como ponto de partida para pensar a subjetivação, no presente momento o artigo a que nos referimos dá seu pontapé inicial consideração dos casos *borderline*. Não fortuitamente, em *O uso de um objeto e a relação por meio de identificações* (1969) o que se está trabalhando é algo de um núcleo psicótico em pacientes aparentemente neuróticos, para os quais a análise pode acabar sendo interminável (Winnicott, 1969/2019, p. 152). É diante das questões que o analista enfrenta quando recebe tais casos que esta diferença entre uma relação de objeto e um uso do objeto (que não é abuso do objeto) se coloca para Winnicott (Winnicott, 1969/2019). O cansaço a que ele por vezes se refere ao lidar com tais tipos de sofrimento psíquico podemos remetê-lo a este imperativo da sobrevivência.

Se o desafio aqui colocado é o de *uma conquista da perda da onipotência* e se estamos aos poucos entendendo que esta onipotência será quebrada na relação com um

---

<sup>41</sup> Lamentavelmente ainda não trabalhamos sobre os conceitos de introjeção e projeção, mas o faremos no próximo capítulo que será dedicado aos objetos transicionais e ao brincar.



objeto destruído (que não obstante sobrevive), poderemos sentir como é árdua a tarefa de encarnar o limite. É a isto que visa a clínica winnicottiana quando pensada como sustentação da passagem da relação de objeto para a de uso do objeto. Dar limite é, simultaneamente, favorecer a criatividade. Na interpretação de André Green, em casos como estes o enquadre analítico, silencioso quando circunscrevendo um processo neurótico de subjetivação, torna-se ruidoso e a *relação* (entre os termos, entre analista e analisando), torna-se o centro do trabalho (Green, 1974/2017).

Assim, estes casos em que a problemática da separação entre o interno e o externo está no centro do trabalho nos permitem supor uma perda da onipotência como negativo da construção da realidade (Winnicott, 1969/2019). Assim mantemo-nos nesta trilha em que o bebê winnicottiano pode participar criativamente do mundo a partir da ilusão e do paradoxo do criado/encontrado. De tal maneira, vemos que o ambiente é constantemente convocado a favorecer esta subjetivação. Tanto dando o suporte para o começo destas experiências na ilusão, quanto também como oposição, como aquilo a que a motilidade encontra quando está em ação, o que a faz tornar-se elemento agressivo. Assim, “devido à sobrevivência do objeto, o sujeito pode começar a viver no *mundo dos objetos*, obtendo ganhos imensuráveis; porém o preço a ser pago é a aceitação da destruição em curso na fantasia *inconsciente* vinculada à relação de objeto” (Winnicott, 1969/2019, p. 147). Dizendo de outra forma, trata-se aceitar a perda da onipotência, ou melhor, de aceitar as consequências emocionais da fantasia própria da realidade interna, o que só é possível à medida em que constata-se a diferença entre a destrutividade na fantasia e os efeitos da agressividade na realidade. Isso explica porque em alguns momentos Winnicott se refere às dificuldades ligadas ao desenvolvimento tardio desta separação, já que quanto mais velhas, maiores serão as consequências reais da agressividade sobre o mundo externo.

Seja como for, como destacado acima, para Winnicott o princípio de realidade não seria mero derivado das experiências de frustração porque, aliás, a própria agressividade não seria mero efeito destas. Se o bebê cria o mundo subjetivo num espaço de ilusão entre a realidade psíquica interna e a realidade material externa, o ambiente deve ajudá-lo transmitindo o dom da onipotência e, ao mesmo tempo, da diferença. Assim a frustração é indício de sua relação com o mundo, indício de que ele passou a se relacionar com aquilo que é “diferente-de-mim” (Winnicott, 1969/2019, p. 145) à medida em que esta relação comportou uma destruição e uma sobrevivência. O par complementar destruição e

sobrevivência subjetiva na diferença entre mundo interno, orquestrado pela fantasia e realidade externa.

Esta sobrevivência ganha em complexidade se avançamos no texto de 1969 e se contando com a ajuda de um leitor como René Roussillon. Para que o ambiente possa ser valorizado como oposição, uma das condições impostas por Winnicott é que ele possa sobreviver sem retaliação (Winnicott, 1969/2019). Não retaliar o ataque vem apoiado neste entendimento de que a pseudo-destruição operada pelo paciente é, tal como a do bebê, uma chance de colocar o objeto fora de sua área de controle onipotente (Winnicott, 1969/2019). Portanto, permiti-la será uma valorização deste seu movimento como sua participação na construção da realidade (Winnicott, 1969/2019).

Entretanto, isso não significa que a sobrevivência benevolente do analista aconteça sem vivacidade. Afinal, o próprio Winnicott avisa: “com uso não quero dizer exploração” (Winnicott, 1969/2019, p. 152). Será neste sentido que Roussillon, ao comentar a sobrevivência do objeto que não retalia destacará, dentre três dimensões desta sobrevivência, uma em especial que chamará de simbolizante. Nesta o “objeto deve poder difratar o temor e o desejo: o objeto se mostra atingido segundo o desejo e ‘sobrevive’ como desmentido do temor.” (Roussillon, 2015, p. 266). Sendo capaz de fazer isso ele “se mostra atingido, o que autoriza a realidade da operação de separação/diferenciação em andamento” (p. 266) e ao mesmo tempo “sobrevive em suas capacidades de prazer [desejo], e assim permite fazer a diferença entre a realidade material e a realidade psíquica.” (p. 266). O ambiente subjetivante deve manter-se desejante em sua sobrevivência destemida e, portanto, manter sua prerrogativa de frustrar-se e ao mesmo tempo ser capaz de pôr em ação suas próprias capacidades de super e transformar as frustrações *sem romper a relação*. Uma dimensão da sobrevivência sem a outra, considerando o estado psíquico próprio dos estados limites, seria provavelmente reatualizar o próprio fator patológico que impediu a estabilização do enquadre.

Em suma: o objeto é destruído, sobrevive, não retalia. Mas o faz criativamente e, portanto, guardadas as devidas assimetrias, também destrói seu usuário, à maneira como o abdômen rígido de um tio devolve o soco que é dado por seu sobrinho. O objeto do ataque se mostra atingido ou, em outras palavras, revela-se *como objeto*, ou seja, como oposição contra a qual se choca o elemento motor, sem o qual a motilidade *perde sentido*. Tudo se passa como se a própria realidade fosse construída no paradoxo pois, para ser criada em sua externalidade (não mais subjetiva), ela deve ter podido ser simultaneamente atingida e

parcialmente destruída. A perda da onipotência/construção da realidade mostra-se como um vetor bífido, que liga dois domínios distintos.

### 2.10 Uma pequena análise de caso

Nos encaminhamos para o final deste capítulo em que nos propusemos a tecer uma trama parcial da teoria psicanalítica winnicottiana a partir da ideia de criatividade psíquica primária. Se começamos tentando defender a importância do paradoxo da ilusão de criação de um objeto que não obstante foi encontrado, não tardamos, todavia, a ter de nos perguntar então como pode um bebê tornar-se independente deste ambiente sem o qual nada do que foi proposto seria possível. Soubemos bem cedo que para Winnicott o prognóstico de uma independência total é impossível – o que ficará claro sobretudo em sua concepção da experiência cultural (Winnicott, 1967a/2019). Sendo assim, nos pusemos logo dedicados a entender com que bases uma objetividade e, portanto, uma dependência relativa, pode ser gradualmente construída. Novamente nos viramos para o ambiente, um dos protagonistas de nosso percurso, e fomos conduzidos dos campos da onipotência até os desertos da agressividade. A emergência de um *ego* corporal cuja matriz é construída no arranjo, por dois corpos que precedem um, na dupla dos cuidados, fez emergir *simultaneamente* um *id* que já se apresenta ao menos como força. Contudo, se nos recordarmos bem, lembraremos que foi derivando da consideração de que estavam nas falhas ambientais a transição entre o absolutismo e o relativismo da dependência que chegamos lá. Cabe-nos agora, para encerrarmos, retornarmos à esta transição.

Em *Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo* (1963a/1982) nos detivemos em nossa análise do texto instantes antes de que Winnicott nos apresentasse um caso clínico. Julgamos oportuno este momento para trazê-lo à baila. Trata-se do caso de uma família cujo contato com Winnicott se deu por ocasião da morte súbita da matriarca, que havia deixado três filhos. Estes ficaram ao cuidado do pai e de uma amiga da mãe, que se tornaria sua madrasta. À época da tragédia a idade das crianças era, do mais novo para o mais velho, quatro meses, três anos e seis anos de idade. D.W. acaba por acompanhar diversos anos da vida destas crianças desde lá.

Para cada um dos três filhos o repentino desaparecimento desta mãe foi apresentado como tendo gerado repercussões diferentes. O mais velho deles, já com seis anos de idade à época, foi descrito como havendo simplesmente se enlutado pela perda da mãe “como por uma pessoa a quem amava” (Winnicott, 1963a/1982, p. 85). Sobre o filho do meio

Winnicott faz questão de dizer que ele se encontrava em uma fase de apaixonamento homossexual pelo pai no momento do terrível falecimento, o que ajudava a explicar seu caso. Para este menino a interpretação winnicottiana será a de que, por efeito dos investimentos edípicos próprios desta época<sup>42</sup>, a morte da mãe haveria causado grande confusão, já que isso o impediu de “se defrontar com a culpa que ele tinha necessidade de experimentar” (Winnicott, 1963a/1982, p. 85). Ainda que trata-se de um problema triádico, munidos de tudo o que já dissemos sobre a teoria winnicottiana, poderíamos indicar que a efetiva morte da mãe, associada a estes investimentos amorosos no pai, poderiam ter transformado fantasias de destruição em experiências reais de aniquilamento? Seja como for, o resultado clínico da situação foi descrita por Winnicott como sendo a de um risco psiquiátrico num quadro de hipomania. Todavia – e isto o destacamos para uso futuro – foi dito dele que “seu brincar (*his play*) mostrou algum grau de confusão, mas ele foi capaz de organizá-lo o suficiente nas sessões de psicoterapia para transmitir quais eram as ansiedades específicas que o tornavam inquieto” (Winnicott, 1963/1965, p. 90, tradução nossa).

O caso do menino mais novo, contudo, é o que mais nos parece de interesse no momento. Este menino, que à época do falecimento da mãe tinha apenas quatro meses de idade, vive a tragédia não como uma morte, mas como um desaparecimento súbito e, ao mesmo tempo, como ‘nada’. Winnicott nos diz que seu desenvolvimento teria prosseguido como o esperado e que, como à época a mãe era para o infante um objeto subjetivo, a entrada da madrastra em seu lugar o deveria ter bastado para que pudesse seguir crescendo normalmente. Todavia, tempos depois, já com quatro anos de idade, o menino é trazido novamente à presença do psicanalista/pediatra por apresentar dificuldades não especificadas de personalidade. Para o mais jovem dos garotos, no entanto, Winnicott não oferece uma interpretação segundo a teoria psicanalítica clássica, como vimos que fez para o menino do meio. Ao invés disso ele nos apresenta o seu brincar, fazendo emergir dele a experiência da morte como ponto central das alegadas dificuldades:

“Quando esse menino mais moço tinha quatro anos de idade ele foi trazido a mim, contudo, porque estava começando a revelar várias dificuldades de personalidade. No brincar (*in play*) da entrevista psicoterapêutica ele inventou um jogo que deveria ser *repetido* diversas vezes. Ele se escondia e eu fazia uma pequenina mudança, digamos, na posição de um lápis na mesa. Ele então entrava, encontrava a sutil alteração e ficava muito bravo de fato, e me *matava*. Ele poderia ter persistido neste jogo por horas.” (Winnicott, 1963/1965, p. 89, tradução nossa, grifo nosso).

---

<sup>42</sup> Isto não está explícito no relato. O estamos supondo através das menções à dinâmica triádica (mãe-pai-filho), à idade de três anos, classicamente tomada como edípica e ao destaque com relação aos apaixonamentos e identificações ao longo do texto.

Este é todo material diagnóstico oferecido por Winnicott para o caso, que em seguida da consulta aconselha à madrasta que estivesse preparada para conversar com o garoto sobre a morte nos próximos dias. No mesmo dia a criança oferece tal oportunidade à madrasta, que o faz, assim como orientada por D.W. Abordar com ele a perda da mãe dá início a uma detalhada conversa dos dois sobre “todos os fatos sobre a mãe de dentro da qual ele tinha vindo” (Winnicott, 1963/1965, p. 89, tradução nossa). Esta conversa então se repete diversas vezes nos dias subsequentes, tal como a brincadeira com Winnicott também o foi.

Não sabemos de que tipo de dificuldades de personalidade Winnicott tratava naquele momento<sup>43</sup>. No entanto, podemos supor por tudo que já apresentamos, que Winnicott supôs que àquela relação bebê-ambiente algo de uma transição entre a relação e o uso do objeto estivesse em jogo. Dito de outra forma, destacando-a como um objeto subjetivo para o infante quando da época de sua morte, Winnicott está nos dizendo: ela se encontrava associada ao suprimento de onipotência da criança, apoiando-o no arranjo como mãe-ambiente, sustentando-o no espaço da ilusão e apresentando-se como mãe-objeto-parcial. Uma mãe começando a tornar-se um objeto externo e interno e um sujeito em seus primórdios. Portanto, podemos especular, tudo o que dissemos da agressividade ligada a uma tal transição estava na ordem do dia, para usar uma metáfora parlamentar. Lembremos que o arranjo indivíduo-ambiente trata-se, como defendemos, de um arranjo assimétrico no qual um processo de diferenciação e indiferenciação está se dando. Segundo nosso entendimento, o sumiço desta mãe (sua morte) entremeia-se com angústias primárias, que, fossem elas vividas a contento, garantiriam a gradual perda da onipotência e a construção da realidade em pequenas doses.

Como vemos, mesmo que uma substituição da mãe tenha acontecido, algo leva a família a buscar ajuda com esse clínico, parte psicanalista, parte pediatra. O absolutismo do objeto subjetivo, sua onipotência, falhou (como não poderia deixar de ser), mesmo com o suporte oferecido pelo ambiente em suplência da trágica perda. A troca entre mãe e madrasta produz um vazio, que instala-se silenciosamente *na diferença entre um arranjo e outro*. É bastante interessante que tenha sido num brincar de matar que Winnicott tenha reconhecido a necessidade clínica do menino, como se o mais importante da situação houvesse sido que a criança tivesse podido *colocar a morte em movimento*, no brincar. Ao

---

<sup>43</sup> Podemos supor: de integração, personalização e realização, tal como são elencadas em *Desenvolvimento emocional primitivo* (Winnicott, 1958a/2021) como características de afecções deste tipo.

fazê-lo, foi como se algo de uma qualidade semelhante ao seguinte diálogo houvesse se passado de maneira especialmente decisiva:

“O sujeito diz ao objeto: ‘Eu destruí você’, mas o objeto está lá para receber a comunicação. De agora em diante o sujeito diz: ‘Olá, objeto! Eu destruí você’ ‘Eu amo você; você tem valor para mim porque sobreviveu quando o destruí’; ‘Embora ame você, eu o destruo o tempo todo em minha *fantasia* (inconsciente)’ (Winnicott, 1969/2019, p. 147)

\*\*\*

Quando alguém morre, usualmente alguém chora. Se o choro foi nosso ponto de partida ele agora é o ensejo que nos abre ao fim deste e ao começo do próximo capítulo. Não sabemos se nas conversas com a madrasta o menino do caso que pusemos em evidência chorou a morte da mãe que *quase não conheceu*. Todavia, se o choro está nesta linhagem que vai do primeiro grito e da satisfação de encher os pulmões de ar até o tambor que se toca, passando pela fala (Winnicott, 1964b/1987), arriscaremos dizer o seguinte: o que este garoto pôde – e exigiu – fazer é da ordem do chorar a morte, como faz alguém que reconhece uma perda. Tratava-se de uma morte até então não experimentada (Ogden, 2014) por alguém que ainda não estava lá para experimentá-la quando ela aconteceu. Havendo finalmente podido chorar sua perda (metafórica ou verdadeiramente), a inclui no plano dos possíveis, num plano paradoxal dos possíveis. De certa forma ele experimenta e ao mesmo tempo cria a própria ideia da morte ao fazê-lo. Porque a morte e a-mãe-de-dentro-da-qual-ele-tinha-vindo agora existiam é que ele reencontra aquilo que morreu nele sem que ele soubesse, já que ele não estava lá ainda para viver aquela experiência<sup>44</sup>. Estamos diante da elaboração de uma experiência inconsciente da morte de algo que foi inconscientemente perdido no momento em que era encontrado/criado (o objeto subjetivo).

Normalmente reservada à deus e ao sublime artista, com Winnicott vemos a criatividade liberada e ampliada em suas forças:

“Espero que o leitor aceite esta referência geral à criatividade, sem permitir que a palavra seja confundida com a criação bem-sucedida ou aclamada, compreendendo-a simplesmente como uma *coloração das atitudes* em relação à realidade externa.

É a apreciação criativa que faz o indivíduo sentir que vale a pena viver. Em contraste direto com essa forma de lidar com a realidade externa está um relacionamento de submissão que reconhece o mundo e seus detalhes, mas apenas como algo a que se deve adequar ou que exige adaptação.” (Winnicott, 1971a/2019, p. 108, grifo nosso).

Assim, se ainda agora nos lembramos do choro, aquele com o qual começamos nosso texto, o que dizer dele uma vez que tal como uma coloração singular das atitudes

---

<sup>44</sup> Experiência que, no entanto, inscreveu-se na matriz de seu *ego-id*.

frente ao que é externo se define a criatividade winnicottiana? Podemos dizer que o choro, manifesto no âmbito do arranjo indivíduo-ambiente, é este primeiro protesto, insubmisso, subversivo, criativo? Poderíamos, aliás, dizer dele que ele é essa primeira pincelada que colore um mundo transicional, espaço do brincar? Embebido nas tintas paradoxais de uma paleta repleta de matizes entre o que queima e o que molha, entre o que é susto e alegria, entre o que une e separa, o que mata e faz viver, seria o choro este primeiro golpe criativo do bebê no *canvas* da humanidade? Se assim caminhamos então esperamos poder situar o brincar, isso que acontece como transicional, no ponto inefável entre o choro e o riso, a morte e a vida. Se a morte estiver incluída no brincar então, por fim, poderemos cuidar para que ele não seja completamente conquistado pelo matar<sup>45</sup>. Abordar o brincar como um fazer viver, fazer morrer, fazer viver será nossa intenção ao longo dos próximos capítulos. Esperamos que ele possa ser o palco de uma liberdade da transformação. Se, ao que parece, até a própria morte pode ser criada (ao menos como ideia), partindo daí, vir a ser – criar e recriar o ser – não deve ser assim tão difícil.

---

<sup>45</sup> Faz lembrar Exu do Blues, que ao fazer toda plateia ressoar seu canto em *Inimigos*, transforma o que seria de morte no que é de vida: “Acham que me cercaram, mas não sinto perigo; Só cheiro de medo e de inimigos mortos; inimigos, inimigos, inimigos mortos” apenas para em seguida conduzi-la, pela experiência cultural até o final, no qual se ouve: “seja bem-vinda à minha vida querida (nunca tenha medo); sonho com tardes tranquilas”.

### 3 – O brincar e a não integração

Quanto tempo temos antes de voltarem  
Aqueles ondas

(Eternas ondas, Zé Ramalho)

*All the thoughts you never see  
You are always thinking*

(*Unthought known*, Pearl Jam)

No capítulo 1 fizemos um caminho que partiu do choro porque achávamos que esse era um bom começo para um texto que nascia. Nem todo choro é o nascimento de alguma coisa, mas como humanos estamos acostumados a esperá-lo quando um de nós vem ao mundo. Quando isso não ocorre, normalmente uma grande preocupação se instaura. A bem da verdade, nossa intenção nunca foi tratar propriamente do nascimento – ou do choro – mas sim dos começos e da participação, nos começos, daquele que começa. Isso é a criatividade primária, a qual debatemos anteriormente. Destaca-se através dela a contribuição, ainda que inconsciente, daquele que virá a ser, naquilo que virá a ser. Partimos assim da ilusão, porque nos pareceu a maneira pela qual poderíamos fazer jus à importância do ambiente na obra de Winnicott e, mais do que isso, a importância dele na subjetivação. Com Winnicott a onda pulsional psicanalítica ganha uma crista, uma crista na qual o esboço de uma ideia e um gesto podem surfar (Winnicott, 1988). Se na psicanálise o fora sempre participou do dentro, com o Winnicott o dentro também participa do fora, num jogo de diferenciação-indiferenciação. Assim, insistimos na ideia de um arranjo indivíduo-ambiente porque queríamos dar passagem ao plano do ambiental junto do pulsional. Plano do ambiental esse que arma o palco para a agência do pulsional.

Implicados nesta causa, propusemos duas importantes interrupções no texto para desenvolvermos a ideia de que “não existe *id* antes do *ego*” (Winnicott, 1962/1982, p. 55). Indicamos nossa intenção de operarmos no borramento entre o que chamamos provisoriamente de o domínio da pulsão e o domínio do ambiente. Desta forma, “Onde o isso estava, o eu deve advir” (1933/1976), famosa e incansavelmente debatida fórmula freudiana, foi posicionada por nós no limiar entre o pulsional e o ambiental, já que trata-se do encontro entre o *ego*, que, como vimos, em Winnicott tem uma importante pregnância ambiental (que não apenas apoia a pulsão, mas emerge como território subjetivante) e o *id*, que com relação ao *ego* está incluído fora, como força. Assim, a fórmula freudiana configurou-se para nós como *um imperativo de integração entre o pulsional e o ambiental*. Nos aproveitamos do próprio Freud, com a imagem de um borramento entre as cores,



como na pintura de Van Gogh, para empreendermos uma tentativa de encontrar os pontos de confluência entre ambos os domínios, a qual daremos continuidade ao longo de nosso trabalho, embora não se trate de nosso principal objetivo. É evidente que o ambiental e o pulsional, na clínica e fora dela, estão sempre misturados. Ainda assim, não atentarmos para a diferença entre as duas dimensões do trabalho psicanalítico (e provavelmente da vida) seria não fazermos justiça ao esforço de décadas feito por Donald Winnicott. Se essa separação – a qual a sistematização, segundo sabemos, é crédito de Martine Girard (2018), em debate com Leopoldo Fulgêncio, mas que também encontra forças e Abram (1996/2007), Phillips (1988/2006) e Pontalis (1977/2005) – é sobretudo uma separação didática, era da opinião de Winnicott que não levá-la em consideração era desconsiderar a possibilidade de tomar como matéria da prática clínica psicanalítica as experiências mais primárias e as possibilidades de regressão e recomeço às quais elas dão acesso (Winnicott, 1954/2021).

Daí, no paralelo entre a criatividade primária e a teoria da dependência em Winnicott, partimos para algumas considerações acerca da agressividade e o fizemos porque seria impossível tratar da objetividade – e mesmo da paradoxal noção de um objeto subjetivo – se não tivéssemos em vista o óbvio: que a externalidade, cedo ou tarde, aparece. Será um problema a tratarmos nas próximas páginas o aparecimento do eu e do não-eu, ao qual não nos direcionamos até então. A agressividade, no entanto, nos permitiu rodear uma das propostas mais interessantes de Winnicott para a clínica psicanalítica, que é a ideia do uso do objeto. Na verdade, não só isso, mas também, com a agressividade em vista, pudemos entender como pode ser possível que a realidade externa seja também alguma coisa da qual o sujeito participa, criando-a ao subjetivar-se. As noções de mãe-ambiente e mãe-objeto (Winnicott, 1963/2022), que Winnicott considerava que não deveriam virar categorias estanques – o que explica em nossa preocupação em tratar do borramento e da confluência entre os domínios – nos permitiu avançar até o interessante campo do uso do objeto e, ainda mais, da ideia de que a agressividade tem seu próprio objeto de “satisfação”. Se a palavra satisfação parece exagerada, e consideramos que talvez seja, por outro lado este sentido pode ser depreendido do último parágrafo de um dos textos mais especulativos da obra winnicottiana, *A agressividade e relação ao desenvolvimento emocional* (1950-55) e permite entender a importância e o lugar do elemento agressivo na teoria winnicottiana: ele fixa e é responsável pela consideração que

se tem pelo objeto. Ela não é apenas uma ação específica (Freud, 1900/1972), mas importante vetor de mistura entre amor e destrutividade (Winnicott, 1950-55/2021).

Todo este caminho encontrou seu cúmulo provisório no final de nosso capítulo, quando fizemos uso daquilo que até ali havíamos trabalhado para pôr em evidência o caso clínico que D.W. usa como exemplo na comunicação que trata da independência que é direção sem ser destino final (Winnicott, 1963a/1982). O menino que perde a mãe antes de ter condições de haver pensado naquilo que havia conhecido (Bollas, 1987), indica para Winnicott, ao brincar de matá-lo incontáveis vezes no curso de um único encontro, a necessidade da criação da própria ideia da morte. Isto nos serviu de ponto final no capítulo anterior justamente porque nos abria ao capítulo seguinte: já estávamos nos utilizando do brincar (o do caso) para ir brincando com nossa própria hipótese de pesquisa, colocando o próprio texto para rodar na análise de um relato de caso. Pensamos que estava assim lançada a fundação a partir da qual poderemos avançar em direção ao brincar como conceito winnicottiano, levando-o, com sorte, aos meandros do devir. Neste capítulo avançaremos até o ponto em que o brincar torna-se possível, de modo que no capítulo 3 possamos fazer uma análise mais extensa do conceito.

### 3.1 O tempo como presente é o espaço que se dá

A frase que dá título a esta seção poderia ser considerada uma forma ultra sintética de tudo aquilo que trabalhamos no primeiro capítulo, se a considerarmos num duplo sentido. No primeiro deles o tempo é um presente concedido no arranjo (assimétrico) indivíduo-ambiente como um espaço que se oferece para a subjetivação. No capítulo anterior falamos de um dom, com a ajuda de Birman (1999). Neste sentido, podemos dizer que o colo tranquilo, a presença tácita, o *holding e o manejo* são o território transformacional (Bollas, 1987) do vir a ser, ofertado pelo ambiente ao bebê, importante figura da subjetivação em nosso trabalho. Num outro sentido da frase, todavia, o tempo em sua qualidade de presente, em sua duração, em sua continuidade diferencial (Bergson, 1939/2010)<sup>46</sup>, em sua multiplicidade qualitativa (Bergson, 1889/1927, p. 86-87), é o espaço

---

<sup>46</sup> O uso que faremos de Bergson será um uso criativo, de composição, naquilo que nos pareça que ele pode apoiar e expandir o universo da continuidade de ser e do vir a ser em Winnicott, uso esse que assume que pode estar aquém da complexidade do pensamento do francês. Tentaremos manter o máximo de rigor possível, contando com alguma ajuda, mas é possível que nossa atitude resulte num uso filosófico menos preciso do que se desejaria. Considerando que este é um trabalho escrito por um psicanalista clínico e não por um filósofo, achamos que podemos ser desculpados em nome do potencial espaço que ele nos abrirá. A bem da verdade, pensamos também que, com isso, talvez escrevamos um trabalho o mais vivo e divertido possível, embora acadêmico.

que se dá a medida em que se acumulam experiências do ser, tal como no conjunto de uma melodia em que a nota seguinte modifica a experiência das anteriores. Ele é um espaço potencial (Winnicott, 1967a/2019), acúmulo de durações. Ou, como propõe Jô Gondar (2006) “um espaço temporalizado” (p. 110), construído ao modo do tempo e não o contrário.

Assim, dar tempo a alguém, neste outro sentido da frase, é dar espaço para que ser seja seguir sendo (Lannes, 1997), seguir sentindo-se real, criativo e, simultaneamente, experimentando satisfações e frustrações, na presença e na ausência dos objetos. Se assim o quisermos, este espaço será como o presente que o tempo dá, portanto terá de ser pensado como um espaço das coisas, um espaço para coisas, um espaço, como diz Deleuze, para “relações entre as coisas e as durações” (Deleuze, 1999, p. 42), uma vez que o movimento é também das coisas<sup>47</sup>. Evidentemente isso demandará que possamos definir o tempo como um tempo pessoalizado, como indica Klein (2023). Mas também que possamos oferecer ao espaço mais do que a pura homogeneidade, na qual faz-se do espaço, tempo, como na matemática, que, Bergson dirá, configura uma ilusão que subtrai a duração do tempo (Bergson, 1889/1927). É lógico que percebemos a caráter sintético dos parágrafos ora redigidos, mas trata-se de introduzirmos o leitor num percurso que se fará do tempo ao brincar, brincando. Será que não intencionalmente simulamos o sentimento do desmame, com seus intervalos intermináveis enquanto duram?

Winnicott dará ao desmame um lugar bastante fundamental na sua teoria da consideração<sup>48</sup>. Aos olhos principiantes ele parece ser um autor da suficiência e, portanto, da presença. Mas, basta ler toda sua teoria da agressividade, das falhas e da consideração que se perceberá a importância, ao lado da presença e da continuidade, das descontinuidades e da abertura dos espaços. Não é à toa que ele escolhe terminar o texto no qual deriva a capacidade para a consideração da posição depressiva kleiniana, sublinhando a importância de “descrever o que acontece quando não há separação e quando a

---

<sup>47</sup> Aqui perseguimos entender e explorar o que pode significar para o espaço potencial e para a continuidade do ser em Winnicott, a proposição deleuziana de que “todos os corpos são causas uns com relação aos outros, uns para os outros” (Deleuze, 1969, p. 5)

<sup>48</sup> Essa escolha de tradução para *concern* também têm sido feita pelo conselho editorial da Ubu para as novas edições da obra de Winnicott. O problema dela é que perde-se um pouco justamente aquilo que no *concern* ainda tem a ver com a posição depressiva, uma certa gravidade, um tanto de angústia que a palavra denota. Por outro lado, a tradução por preocupação, que é boa na medida em que denota uma atitude assumida antes do ato, de modo a evitar alguma coisa, já que isso é justamente aquilo que a diferença da posição depressiva – culpada com o que já se foi – é ruim porque faz perder-se o caráter positivo e ético do *concern* que, por outro lado, mantém-se forte no vocábulo consideração. Sendo assim, escolhemos abrir essa pequena nota, mas manter a sugestão feita nas novas edições.

continuidade externa do cuidado com a criança não é rompida” (Winnicott, 1963/2022). É na oportunidade aberta pelo atingimento da posição depressiva (Klein, 1935), as quais os sinais serão comunicados pelo próprio bebê à medida em que ele passa a descarregar com cada vez mais confiança sua motilidade nos objetos (Winnicott, 1950-55/2021), aproveitando assim suas idas e vindas (Freud, 1920/2020), que encontraremos a emergência do brincar. No capítulo 3 lá teremos oportunidade de explorar o brincar nas suas potencialidades transformadoras e a teoria da consideração nos oferecerá a plataforma para subsequentemente aliar este devir às incorporações e às identificações.

Antes, todavia, é preciso que nos atenhamos com um pouco mais de calma neste presente que é o tempo. Sem que nos aventuremos ainda um pouco mais pela continuidade de ser, embora isso tenha sido empreendido ao longo da questão da criatividade primária, não poderemos passar do arranjo ambiente-indivíduo para o eu e o não-eu. Sem esta passagem não será possível entender os paradoxos da transicionalidade e nem o aparecimento do espaço potencial, palco do brincar.

### 3.2 A continuidade do ser no arranjo indivíduo-ambiente

É interessante que Winnicott use a ideia de um centro de gravidade (Winnicott, 1952/2021) para descrever o começo daquilo que ele vai chamar de ser (*being*)<sup>49</sup> (Winnicott, 1971a/2019). Pusemos em análise no capítulo um a ideia de um arranjo ambiente-indivíduo e nossa ênfase nele se deu justamente porque é neste conjunto que a ideia de um “centro de gravidade formado a partir do cerne [*kernel*]” (Winnicott, 1952/2021, p. 216; Winnicott 1952/2001, p. 99) ganha seu sentido. A gravitação que permite a emergência do ser pode acontecer na casca, mas desta forma estará prejudicado todo o processo de integração que subsequentemente permitirá que a psique faça morada no soma (Winnicott, 1954/2021). E “na casca” aqui indica intensa ausência do paradoxo que permite a experiência pessoal de criação, naquilo que é encontrado. A ideia de um centro gravitacional no arranjo indica um processo através do qual o sujeito, que aqui ainda não existe nem na alteridade do tempo e nem no seu tempo próprio (Ogden, 2004)<sup>50</sup>, passa a individuar-se a partir de seu cerne (na tradução da Ubu), de seu núcleo, que ao

---

<sup>49</sup> Mais uma vez, são questões como essa que nos incitam a trabalhar no entre-línguas da tradução. A tradução de ser por *being* suprime o gerúndio, que por sua vez, permite por o aspecto continuado do processo em questão mais em evidência, embora o infinitivo, no português, também o permita. Daqui para frente, alguns termos em inglês aparecerão ou entre parêntesis ou integrados ao corpo do texto, com explicações sempre que necessário.

<sup>50</sup> Isso será devidamente abordado

observador externo “sempre dera a impressão de ser um bebê humano” (Winnicott, 1952/2021). Este processo será o da aquisição de um tempo singular, tempo que será constituído no arranjo, por uma qualidade rítmica (Ogden, 2004, Klein, 2023), tempo que tornar-se-á a base para as experiências, dentre as quais o suprimento de experiências de onipotência relativas ao paradoxo do encontro e da criação.

Neste sentido vale a pena destacarmos o vocábulo original empregado por Winnicott para aquilo que foi traduzido por cerne: *kernel* – que também poderia ter sido traduzido por núcleo. O *kernel* de um sistema operacional é justamente aquilo, no funcionamento de um sistema computacional, que se inclui entre os aplicativos que se quer executar e o poder de processamento. Se o começo do indivíduo é um conjunto, usando essa imagem cibernética, aberta pelo vocábulo *kernel*, vê-se que como a ênfase deste processo recai num certo manejo através do qual, pouco a pouco, o ser possa emergir como agente da integração entre o ambiente (e o próprio manejo) e o psiquismo (ele mesmo existindo ainda apenas precariamente). O *kernel*, o núcleo, deve incluir-se no olho do furacão da subjetivação, entre a crista da onda pulsional e o ambiente. Os termos winnicottianos, *kernel* e *shell*, fazem lembrar também uma noz ou um ovo, mas a relação entre *software* e *hardware*, no entanto, também parece atual e promissora. Apenas a título de exemplo, podemos supor que a questão de um desenvolvimento na casca (e não no núcleo) leva ao problema dos sofrimentos psíquicos mais graves – níveis exasperados de indiferenciação entre eu e não-eu – nos quais a analogia nos permitiria imaginar um sistema operacional que funcionasse no sentido de impedir ou fazer cessarem os *inputs*, excessivos com relação às possibilidades de *outputs*.

Seja como for, nosso foco do momento não será a experiência das agonias primitivas ou angústias impensáveis, uma vez que estamos tentando construir os andaimes que sustentarão uma hipótese ligada não propriamente à doença e à saúde, mas a uma atitude na relação com o mundo e os acontecimentos da vida subjetiva. A ideia de um brincar pensado como prática da liberdade precisa de uma teoria da subjetivação que a sustente e, para Winnicott, nada apoia mais a subjetivação do que aquilo que ele chama de *going on being* (Winnicott, 1963/1965, p.), a continuidade do ser. É na experiência de uma continuidade que o ser desenvolve-se tendo seu centro de gravitação no cerne, por efeito do suporte ambiental (Winnicott, 1952/2001; Winnicott 1952/2021).

Sempre nos servindo das possibilidades abertas pelo que se dá entre o inglês e o português, percebamos, como indica Ogden (2004), que a frase usada para indicar o

processo de vir a ser é uma sentença sem sujeito: *going-on-being*, da qual ninguém em específico é agente. Mais precisamente, Ogden chamará este estado de uma “primeira qualidade do vivo (*aliveness*) gerada no contexto do *holding*” (2004, p. 1350). Lembremos que no primeiro capítulo destacamos o contexto do *holding* no bojo do arranjo como uma “gincana qualitativa” (Estelita-Lins, 2007, p. 376) entre mãe e bebê. Um *holding* ontológico em que “o próprio segurar confunde-se com o sujeito” (p. 376), motivo pelo qual podemos dizer que “mãe, em última análise, representa um feixe convergente de acontecimentos subjetivantes que é situado como setor especializado do ambiente” (p.376-377). Isto está em pleno acordo com a ideia de uma preocupação materna primária pensada não como maternagem (que transmite a ideia de algo que somente a parturiente ou a mulher pudesse representar e desempenhar), mas como acesso a uma primariedade. A mãe da preocupação materna primária também não está lá como sujeito, ao menos não completamente. Para Ogden (2004) a preocupação materna primária indica um “estado sem sujeito”. Esta é a interpretação que faz o psicanalista californiano da ideia de que na PMP o que ocorre é “uma *identificação* – consciente, mas também *profundamente inconsciente* – que a mãe tem com seu bebê” (Winnicott, 1956a/2021, p. 494). Tal entendimento é o que o permite pensar em dois tipos de tempo e destacar um deles como o presente que se dá no arranjo: um tempo pessoalizado eu não é o dos relógios.

A análise de Ogden permite com que quebrems em dois pedaços o seguinte trecho de *Da dependência rumo à independência*, que reproduziremos no original dada a importância de algumas expressões usadas em língua inglesa e que destacaremos em seguida:

All the processes of a live infant constitute a going-on-being, a kind of blue-print for existentialism. The mother who is able to give herself over, for a limited spell, to this her natural task, is able to protect her infant's going-on-being. Any impingement, or failure of adaptation, causes a reaction in the infant, and the reaction breaks up the going-on-being. (Winnicott, 1963/1965, p. 86)

e

If reacting to impingements is the pattern of an infant's life, then there is a serious interference with the natural tendency that exists in the infant to become an integrated unit, able to continue to have a self with a past, present, and future. With a relative absence of reactions to impingements the infant's body-functions give a good basis for the building up of a body-ego. In this way the keel is laid down for future mental health (Winnicott, 1963/1965, p. 86)<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> “Todos os processos de um infante vivo constituem uma continuidade de ser, um tipo de diagrama para o existencialismo. A mãe que é capaz de se oferecer, por um pequeno, indefinido e limitado período de tempo [*spell*], a essa sua tarefa natural, é capaz de proteger a continuidade de ser do seu bebê. Qualquer intrusão, ou falha de adaptação, causa uma reação no infante, e a reação quebra a continuidade de ser. Se reagir a intrusões é o padrão da vida do infante, então há uma séria interferência com a tendência natural que existe no infante para tornar-se uma unidade integrada, capaz de continuar a ter um si mesmo com um

No primeiro trecho, que vai do início do parágrafo reproduzido até “*breaks up the going-on-being*” (Winnicott, 1963/1965, p. 86), o centro das nossas atenções volta-se para a palavra *spell*, que neste contexto significa algo como um período pelo qual uma atividade ou condição *dura* continuamente<sup>52</sup>. O que é oferecido é uma qualidade de presença – uma presença em primariedade – e, ao mesmo tempo, o presente como uma oferta – a possibilidade de durar no tempo. De acordo com Ogden (2004) o que a mãe que não é um sujeito da preocupação materna primária faz é proteger o infante da “implacável e inalterável alteridade do tempo” (p. 1350). Por alteridade do tempo Ogden está se referindo ao tempo como uma invenção humana, tempo dos relógios e dos calendários, tempo do trabalho, tempo da matemática e dos experimentos da física, “tempo dos marcos maturacionais detalhados em livros sobre o desenvolvimento infantil” (Ogden, 2004, p. 1350). Em suma, um tempo que subtrai do tempo a duração, nos termos de Bergson (1927). Segundo o estadunidense é disto que se tem que proteger o bebê. Portanto, este tempo como alteridade tem a ver com as tais intrusões das quais falara Winnicott. Percebamos como isso concorda com a ideia de uma ilusão de onipotência. Trata-se de permitir e oferecer a possibilidade da experiência de um tempo que não seja homogeneizado, um tempo pessoalizado, singularizado, do qual os calendários, relógios e prescrições técnicas o furtariam. Por outro lado, o presente que se dá é uma continuidade que conjuga uma tendência inata à integração e um dom ambiental, de maneira que o *going-on-being* se manifesta como efeito desta oferta, que é um trabalho – o invisível trabalho de cuidado, de manejo, de *holding* – e uma presença relaxada: *spell* também quer dizer magia, feitiço, alguma coisa que captura aquele que se encontra enfeitado.

Assim, este feitiço do tempo, que produz a continuidade, é, na verdade, continuidade sobre continuidade, *limited spell* sobre *going-on-being*, presença de um e presença do outro, presente de um e presente do outro. Aqui, não há por que falar em perfeição (Winnicott, 1963/1965), “o que o infante precisa é o que normalmente ele ganha, o cuidado e a atenção de alguém que está continuando a ser ela mesma. O que vale também para os pais [*fathers*]” (Winnicott, 1963/1965, p. 88, tradução nossa). Trata-se de uma presença que dá trabalho, assim como dá trabalho ao pai cuidar de um filho ou como dá trabalho a

---

passado, presente e futuro. Com relativa ausência de reações às intrusões as funções corporais do infante oferecem uma boa base para a construção do *ego*-corporal. Desta maneira, a quilha [*keel*] que sustenta a futura saúde mental esta assentada.”

<sup>52</sup> De acordo com o contexto em que se encontra e a definição encontrada em consulta ao *Cambridge Dictionary*, feita em 17/11/2023, às 17:23, disponível em <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/spell>

um analista cuidar de um paciente regredido. A presença e o ritmo que se estabelece entre os elementos do arranjo está no centro das atenções. No lugar da alteridade do tempo, “a ilusão de um mundo no qual o tempo é medido inteiramente nos termos do ritmo físico e psicológico do infante” (Ogden, 2004, p. 1351). E, embora Ogden pressuponha aqui uma sincronização assimétrica entre o cuidador – que se afina no diapasão do bebê – e quem é cuidado, o exemplo que oferece – os cuidados dele com o próprio filho – dão a entender um arranjo entre eles, no qual ele, Ogden, se identifica com sua primariedade, sonhando os potenciais sonhos de frustração e privação daquele bebê e respirando no seu ritmo. Num sentido ampliado, estamos aqui na reedição do narcisismo parental (Freud, 1914/2010), ainda que com algo substancial a mais. Num sentido musical, poderíamos falar numa dinâmica de ataque e resposta, espera e silêncio, composição, sobreposição e, enfim, em um arranjo<sup>53</sup> indivíduo-ambiente. Tal como se percebe com facilidade na chamada música clássica negra<sup>54</sup>.

Portanto, a continuidade do ser é um presente que dura e aqui podemos falar mais diretamente em duração, no sentido bergsoniano. Estamos no campo da constituição daquilo que Winnicott denominou como solidão essencial (Winnicott, 1988), uma solidão sem sujeito, o que explica por que ele a chama de um estado de não-vida (*unaliveness*) e o situa no lugar buscado por muitos daqueles que falam da morte, que só é possível por meio de uma regressão à dependência (Winnicott, 1988). Como dissemos no capítulo 1, o que se encontra na dependência absoluta é um arranjo sem arranjador, ou então um arranjo que faz seu próprio arranjo, que executa a própria versão dessa música que chama-se subjetivação. É lógico, então, que estamos lidando com um espaço pré-subjetivo da teoria psicanalítica. Não há sujeito na preocupação materna primária, pois o ambiente excessivamente presente em sua agência impediria, dada a assimetria do arranjo, o estabelecimento da duração que aqui chamamos de continuidade do ser. Há sujeito, no entanto, à medida em que pode acessar experiências primárias e antecipar necessidades. Passado e futuro se encontram no presente.

---

<sup>53</sup> Lembremos que no capítulo 1 propusemos o movimento oposto do qual nos utilizamos agora. Do inglês ao português, o termo *set-up* ganha, como possibilidade, o sentido musical contido na sua tradução por arranjo.

<sup>54</sup> Chief Adjah, antigamente chamado de Christian Scott, trompetista de Nova Orleans e um dos músicos mais revolucionários da atualidade, propõe que o termo *jazz* carrega uma significação preconceituosa e pejorativa, de modo que ele tem preferido chamar o estilo que majoritariamente pratica de *Strech Music* ou *creative improvised music*. Num movimento parecido, recentemente o multinstrumentista Yussef Dayes lançou um álbum chamado *black classical music* no qual inclui muitas canções de *jazz* e de outros estilos egressos da cultura dos descendentes da diáspora africana.



Assim, o recurso a Bergson se justifica justamente porque sua noção de duração ajuda a compreendermos melhor as potencialidades desta continuidade do ser<sup>55</sup>. Em *matéria e memória* (1939/2010), Bergson oferece uma definição de momento presente que combina bem com nosso pequeno jogo de palavras. Para ele, é próprio do tempo decorrer, mas a duração não trata de um momento quantificável, mas de uma multiplicidade qualitativa (1889/1927), na qual o que se encontra é um “elo de conservação de momentos distintos de um mesmo fluxo” (Klein, 2023), um processo de diferenciação e continuidade “no qual algo que se encontrava numa dimensão potencial, virtual, vem a se realizar no presente, a se atualizar” (Gondar, 2006, p. 109). Vejamos:

“O que é para mim, o momento presente? (...) o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. Onde portanto se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo ‘meu presente’ estende-se, ao mesmo tempo, sobre o meu passado e o meu futuro.” (Bergson, 1939/2010, p. 139)

O presente é uma duração, duração que estende o presente sobre o passado e o futuro. A continuidade do ser, tal como estamos trabalhando-a, é a matriz de uma experiência que permite a duração. No entanto, se a olhamos ainda mais detalhadamente, somos obrigados a expandir seu significado. A ideia de que o presente puro é “o inapreensível avanço do passado a roer o futuro” (Bergson, 1939/2010, p. 174-5) e sua equivalência à duração excluiria dela o movimento criativo e indeterminado que lhe é própria. Tal é a crítica de Kehl (2009) à uma pura equivalência do tempo de compreender no *tempo lógico* de Lacan (1966/1998) – que ela, Kehl, procura destacar como um tempo de meditação – porque a antecipação que se dá a partir da moagem do futuro pelo passado não se dá apenas pelo resultado lógico entre as variáveis. O próprio Lacan destaca a hesitação como elemento fundamental da solução do sofisma, todavia há ainda algo a mais na duração, algo mais criativo e indeterminado. No que concerne o *going-on-being* trata-se de um arranjo musical e não de uma competição (implícita, quer se queira, quer não, no enunciado do diretor do presídio no sofisma de Lacan). No a mais do movimento que permite a compreensão é que “a *durée* guarda algum parentesco com o sentimento de continuidade da existência proposto por Winnicott” (Kehl, 2009, p. 142). Para Gondar (2006), a ritmicidade da relação ambiente-bebê, inclui mais uma<sup>56</sup> forma da duração, porque a composição tem que se dar levando em consideração intervalos de

<sup>55</sup> Estamos nos utilizando de três autoras para costurarmos com presteza essa nossa síntese entre Bergson e Winnicott: Jô Gondar (2006), Maria Rita Kehl (2009) e Thais Klein (2023).

<sup>56</sup> Ao todo, a autora destaca três: o tempo como criação, “um formigar de diferenças” (p. 109); atualização do virtual; a subjetividade, que se dá no intervalo de indeterminação.

indeterminação entre estímulo e resposta, próprios do vivo. Uma perda de tempo que “é para Bergson a condição da nossa liberdade e da nossa capacidade de criar” (Gondar, 2006, p. 110), um espaço criativo, temporalizado e relativamente pessoal – porque da memória e não da matéria –, embora, paradoxalmente, criado no arranjo. Ao que acontece neste intervalo, segundo Gondar (2006), Bergson também dá o nome de subjetividade.

É próprio da duração portanto, como é próprio da sobreposição entre as continuidades do arranjo (musical) que a inaugura, a continuidade do passado sobre o futuro, mas também um elo de conservação de momentos distintos de um mesmo fluxo, como a define Klein (2023). Nesse sentido “a duração divide-se e não para de dividir-se: eis porque ela é uma multiplicidade” (Deleuze, 1966/2012, p. 36)<sup>57</sup>. Nada ilustra melhor a experiência da continuidade de ser do que a metáfora oferecida pelo próprio Bergson em *Dados imediatos* (1889/1927), quando comenta a experiência do balanço do pêndulo do relógio. Para ele, apenas a duração explica o efeito hipnagógico de um balanço após o outro do pêndulo, porque cada balanço altera qualitativamente o conjunto dos anteriores. Que o exemplo seja especialmente adequado a nossa metáfora musical-relacional da subjetivação consiste em uma fortuita coincidência. Em uma melodia qualquer, o que a faz uma experiência singular é tanto a maneira como o passado dura no futuro e o futuro modifica a experiência total da duração, quanto o intervalo indeterminado em que isso se dá. De modo que se eu, ao som da melodia de um relógio de pêndulo

“conservar, juntamente com a imagem da oscilação presente, a lembrança da oscilação que a precedia, acontecerá de duas uma: ou justaporei as duas imagens, e recaímos então na primeira hipótese [quantitativa, numérica, matemática]; ou percepcioná-las-ei uma na outra, penetrando-se e organizando-se entre si como notas de uma melodia, de maneira a formar o que chamaremos uma multiplicidade indiferenciada ou qualitativa, sem qualquer semelhança com o número: obterei assim a imagem da duração pura, mas também me terei afastado por completo da ideia de um meio homogêneo ou de uma quantidade mensurável.”<sup>58</sup> (Bergson, 1927, p. 75-76)

---

<sup>57</sup> Em benefício do texto e por limitação de tempo e domínio do tema, não nos estenderemos no problema da mudança de natureza, através do qual Bergson defende que a duração, diferente da matéria, só existe à medida em que é multiplicidade qualitativa, ou seja, multiplicidade daquilo que “muda de natureza, dividindo-se” (Deleuze, 1966/2012, p. 36). Mas tomemos o seguinte trecho como um modelo para este entendimento, atentando para o lugar do que é objetivo (matéria) e do que é subjetivo (a duração): “Notemos que chamamos subjetivo o que parece inteira e adequadamente conhecido, objetivo o que é conhecido de tal maneira que uma quantidade sempre crescente de impressões novas poderia substituir-se à ideia que atualmente dele temos. Assim, um sentimento complexo conterà elevado número de elementos mais simples; mas, enquanto tais elementos não se separarem com perfeita nitidez, não se poderá dizer que estavam totalmente realizados e, quando a consciência tiver deles a distinta percepção, o estado psíquico que deriva da sua síntese terá, por isso mesmo, mudado.” (Bergson, 1889/1927, p. 62)

<sup>58</sup> No dia em que pude experimentar o significado desta frase em todo seu impacto estava ouvindo uma música chamada *always*, colaboração entre Jonah Yano e o grupo de jazz BADBADNOTGOOD no álbum *Portrait of a dog*. O solo de piano na segunda metade da música para sempre ilustrará o que é a duração para mim.

### 3.3 Da não integração primária à integração do *self*

Se há algo da continuidade do ser que se assemelha à duração bergsoniana, tomada no sentido por nós pensado a partir da obra de Winnicott, é só por constituir uma sobreposição de continuidade sobre continuidade que a continuidade do ser pode assemelhar-se com a duração bergsoniana. Porque uma continuidade só pode existir à medida em que a outra também existe e a identificação materna primária – ou aquilo que estamos chamando de uma primariedade – é o motor disso. Ao associar o cuidado do lactente à essa condição, Winnicott amarra definitivamente a linha de uma vida na de outras: é identificando-se com o bebê que um cuidador pode permitir que um bebê venha a ser. E se subjetividade é duração, tal como sustentado por Gondar a partir de Bergson, o que inclui um problema da relação entre a memória e a matéria, e se ela depende da gincana qualitativa do *holding*, então *limited spell* sobre *going on being* significam duração sobre duração, uma impossível sem a outra<sup>59</sup>. O ambiente winnicottiano não existe sem o bebê, embora o bebê também só exista no arranjo. A subjetivação é a montagem de uma cama de gato, como nas capas das novas edições da editora Ubu para as obras de Winnicott. Ou o arranjo de uma melodia, como estamos propondo. Para efeitos de síntese e organização do texto, repetimos a primeira metade do parágrafo de *Da dependência rumo à independência no desenvolvimento do indivíduo* (Winnicott, 1963/1965), citado anteriormente:

All the processes of a live infant constitute a going-on-being, a kind of blue-print for existentialism. The mother who is able to give herself over, for a limited spell, to this her natural task, is able to protect her infant's going-on-being. Any impingement, or failure of adaptation, causes a reaction in the infant, and the reaction breaks up the going-on-being. (Winnicott, 1963/1965, p. 86)

Nos parece que no bojo do arranjo ambiente-indivíduo, soa razoável falarmos de uma continuação do passado sobre o futuro, de um intervalo de indeterminação criativo e de uma subjetividade (embora a palavra em si pareça estranha para descrever um conjunto). A sua assimetria garantiria isso. A rigor, no entanto, vale lembrar que nos parece tratar-se aqui de um plano pré-subjetivo (de subjetivação) da teoria psicanalítica, no sentido em que não se pode falar no infante como um sujeito da experiência. No que se refere a continuidade do ser, própria de uma certa infantilidade do sujeito, a subjetivação é tributária de um arranjo indivíduo-ambiente, não restando dúvidas, ao menos para nós, de que a subjetividade nunca, jamais, poderá ser reduzida à individualidade. Ao nosso ver pareceria, na verdade, que a própria individualidade encontra-se intimamente dependente

---

<sup>59</sup> Nos perguntamos: que ligação isso pode ter com a imanência, tal como descrita em *Imanência: uma vida...* (Deleuze, 1995/2016)?

da relação entre indivíduo e ambiente, uma vez que se mantenham as vias de acesso à primariedade abertas. E não nos parece que fecha-las seja tão simples ou mesmo completamente possível. Como veremos, é próprio desta primariedade uma qualidade transformacional a partir da qual o que chamaremos de paradoxos da transicionalidade podem se dar. Pode-se negar o paradoxo e com isso suscitar-se um sem número de dificuldades (Winnicott, 1965/1960), mas não se pode fazê-lo completamente. Posto isso, é pelo tema da integração que avançaremos para o campo daquilo que Winnicott denomina como relações entre pessoas inteiras (Winnicott, 1945/2021; 1955/2021), nas quais falar em uma duração propriamente singularizada faria um pouco mais de sentido. Ainda assim, nossa hipótese é que mesmo ali, tomando o brincar e a experiência cultural como exemplos, a atividade vivida na não integração, cuja condição de possibilidade é uma entrega ao colo do ambiente que o rodeia, fazer permanecer abertas as potencialidades transformacionais próprias dessa infantilidade.

Antes de falarmos em pessoas inteiras, no entanto, é preciso que consigamos trabalhar três aspectos importantes do pensamento winnicottiano: a não integração primária e os três processos do desenvolvimento emocional primitivo; os objetos e fenômenos transicionais; e a emergência do senso de *self*, a partir do qual o paradoxo da solidão em presença do outro torna-se possível. Se no capítulo 1 nos concentramos em defender o paradoxo da criação do mundo apresentado, ao longo do caminho que tem como rumo a independência, agora trata-se de nos aventurarmos a descrever a emergência do sujeito da experiência e a busca pelo *self* chamada brincar na relação com o chamado *Desenvolvimento emocional primitivo* (1945/2021).

Assim, retomemos a segunda metade do parágrafo de *Da dependência à independência* (Winnicott, 1963/1965) que ainda nos servirá como um guia daquilo que devemos desenvolver e organizar<sup>60</sup>:

If reacting to impingements is the pattern of an infant's life, then there is a serious interference with the natural tendency that exists in the infant to become an integrated unit, able to continue to have a self with a past, present, and future. With a relative absence of reactions to impingements the infant's body-functions give a good basis for the building up of a body-ego. In this way the keel is laid down for future mental health (Winnicott, 1963/1965, p. 86)<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> Em entrevista concedida recentemente ao podcast *Psychoanalysis on and off the couch* Jan Abram afirma que a dificuldade em se abordar o pensamento winnicottiano em sua totalidade teria a ver com a ordem de publicação de seus textos. Talvez por isso estejamos usando um texto de 1963 para balizar o comentário a um escrito em 1945, embora isso tenha ocorrido de forma absolutamente inconsciente.

<sup>61</sup> “Se reagir a intrusões é o padrão da vida do infante, então há uma séria interferência com a tendência natural que existe no infante para tornar-se uma unidade integrada, capaz de continuar a ter um si mesmo com um passado, presente e futuro. Com relativa ausência de reações à intrusões as funções corporais

No que se refere a frase acima a primeira coisa que devemos definir é aquilo que ele chama de não integração primária, ponto do qual D.W especula que se parta quando a tendência à integração, que supõe existir em todo infante, põe-se em marcha. Deixemos de lado as reações à intrusão e nos concentremos no problema do assentamento da quilha que será a base, como nos navios, para todo o resto da estruturação narcísica<sup>62</sup>. Para Winnicott a experiência da continuidade de ser, vivida na dependência absoluta, dá-se a partir de um estado de “não integração primária” (Winnicott, 1945/1958, p. 149, tradução nossa), para o qual a experiência da totalidade não está ainda posta. Trata-se da vida à medida em que acontece em fragmentos e pedaços, modelo para um estado de relaxamento mais complexo que depois será associado ao brincar e à experiência cultural e ao qual Winnicott associa os relatos do dia a dia numa sessão de análise (Winnicott, 1945/1958). Para o inglês, o fluxo que se inicia comumente com “essa semana eu...” por vezes deve ser interpretado como “a necessidade que o paciente tem de ser conhecido em todos os seus fragmentos e pedaços por uma pessoa, o analista. Ser conhecido significa sentir-se integrado, ao menos na pessoa do analista” (Winnicott, 1945/1958, p. 150, tradução nossa<sup>63</sup>). Deve-se a este exemplo e à sua subsequente associação com o brincar, com o relaxamento e com a experiência cultural o fato de a não integração ser tomada principalmente para descrever um estado de entrega. Ao mesmo tempo, seu movimento demanda por si só uma integração posterior.

Ainda assim, é possível detalhá-lo um pouco mais. Antes é importante que se diga que aquilo que Winnicott chama de *bits and pieces*, essa vida em fragmentos e pedaços, não pode ser equivalido ao autoerotismo freudiano (Freud, 1905/2016), pois neste o que está em jogo é a vida pulsional, enquanto na não integração primária, a rigor, estamos no plano do não-pulsional/ambiental. Há algo que o inglês diz em *Memórias do nascimento* (1949/2021) que parece bastante esclarecedor nesse sentido. Neste texto ele propõe que alguns pacientes possam e mesmo precisem reviver a experiência do nascimento – que para ele não pode ser equivalida irrestritamente a um trauma – num setting analítico. De modo que ele relata ter tido a oportunidade, com um paciente em especial, de acompanhar

---

do infante oferecem uma boa base para a construção do *ego*-corporal. Desta maneira, a quilha [*keel*] que sustenta a futura saúde mental esta assentada.”

<sup>62</sup> De certa forma, é como se boa parte do trabalho winnicottiano tenha sido o de descrever de que maneira, afinal, é possível que uma nova ação psíquica venha a somar-se ao autoerotismo dando origem à experiência da unidade narcísica chamada *ego* (Freud, 1914). Que sublinhe-se aqui o “de certa forma”, porque nos parece que ele vai além.

<sup>63</sup> No texto consolidado na edição de 2021 da Ubu a expressão “*bits and pieces*” foi suprimida em favor da expressão “mínimos detalhes”, fazendo perder-se uma imagem amplamente usada pelos comentadores dos textos Winnicott para descrever a não integração.

diversos núcleos do *ego* reagindo a intrusões ambientais, o que ele equivale a uma espécie de nascimento. E conclui: “a dificuldade de descrever o *ego* fraco do indivíduo imaturo [mesmo] quando sabemos da tremenda força de cada um desses núcleos do *ego*” dá-se por motivos de que “o que é fraco é a integração da organização do *ego* total” (Winnicott, 1949/2021, p. 343).

Mas, voltando ao tema da não integração, aproveitando-se do termo “primária”, Joonä Taipale (2023) propõe que se subdivide essa não integração em dois aspectos importantes, um horizontal e outro vertical, diferenciando-a ainda de uma subsequente não integração relaxada, na qual o eixo vertical apoiará o horizontal. É importante dizermos que nos utilizaremos de sua pesquisa apenas na medida em que permita-nos explorar os detalhes da não integração, resguardando-nos o direito de levá-la para caminhos diferentes dos que ela propõe.

Dito isso, segundo sua leitura, o aspecto horizontal descreve justamente a desconexão experiencial entre os elementos da experiência, ou seja, entre os fragmentos e pedaços percebidos um a um e não como um todo. O horizonte aqui é um “campo de mistura e interpenetramento de conteúdos que, momentaneamente, são meros alvos de atenção em potencial” (Taipale, 2023, p. 471) e, ao mesmo tempo, um tipo de consciência de fundo, tal como quem mira, perdidamente, ao longe. Já o aspecto vertical fundamentalmente refere-se ao que vamos chamar aqui de uma tendência à dominância do aqui e agora sobre a percepção do bebê, independente da qualidade afetiva deste presente radical, o qual não se equipara à continuidade de ser (Taipale, 2023), mas é como um lugar na qual ela se dá. Um bom exemplo disso é a vida dramática e emocional do bebê que vê os primeiros raios de sol refletidos na parede do quarto, tal como descrita por Daniel Stern (1990) no primeiro capítulo de seu criativo *Diary of a baby*. Do modo como a concebe, a não integração relaxada de Joonä Taipale é o aqui e agora apoiando essa experiência de interpenetramento entre os elementos da percepção.

É importante lembrarmos que a não integração não denota o mesmo que a desintegração, processo defensivo organizado contra as agonias impensáveis (Winnicott, 1945/1958). De igual maneira a não integração primária deve ser diferenciada daquilo que mais nos interessará aqui, que chamaremos apenas de não integração.

Primeiramente, sejamos justos. Embora considere os processos de dependência e integração perpetuamente inacabados, o próprio Winnicott afirma (1988, p. 118-119) que a

não integração primária dá lugar à integração, que vêm como ondas, em breves períodos (Winnicott, 1988), mas que depois espera-se que se estabeleça com certa firmeza, sendo um dos três principais processos do chamado desenvolvimento emocional primitivo (1945/2021). A partir de um certo momento, diz ele, há uma “perda para sempre da capacidade de estar não-integrado, exceto na loucura ou nas condições especializadas providas na psicoterapia” (Winnicott, 1988, p. 118-119, tradução nossa), o que, como veremos, contrasta com outros momentos em que a considera um recurso valioso também na vida do adolescente e do adulto. Ainda assim, na sequência do trecho supracitado, D.W. dirá que a desintegração dará lugar à não integração como uma defesa sofisticada contra o resultado de experiências traumáticas primárias. Desta forma, a desintegração torna-se, a partir das conquistas próprias da integração, uma defesa contra a não integração, tão agonizante quanto ela, mas com a vantagem de ser um caos produzido pelo sujeito, a partir do qual ele pode sentir-se agente (Winnicott, 1962a/1965). O tempo da loucura, descrito em *a localização da experiência cultural* (Winnicott, 1967a/2019) – x+y+z – diz respeito a este tipo de agonias impensáveis, que seriam reações à intrusão ambiental.

Entendamos intrusões<sup>64</sup> aqui como pontos de dissolução da identidade, sentido predominante em *memórias do nascimento* (1949/2021) e a partir das quais Winnicott trabalha o nascimento como uma repetição exacerbada de outras experiências já vividas (mas não conhecidas). Neste trabalho, apresentado à sociedade britânica de psicanálise em 1949, Winnicott propõe que a ideia de um trauma do nascimento seja substituída pela de experiência do nascimento, de modo que se subdivida esta em três categorias, nas quais apenas as mais intensas ganham caráter traumático. Será no âmbito desta comunicação que encontraremos mais detalhes sobre aquilo que ele chama de intrusões ambientais (*impingments*). Cada intrusão demanda uma reação, o que significa, portanto, rompimentos e refazimentos da continuidade do ser, dissoluções e reintegrações da identidade, neste sentido (Winnicott, 1949/2021). Apenas aquelas que forem demasiadamente insistentes darão origem a padrões de reação, estes sim para Winnicott do campo do traumático (Winnicott, 1949/2021). Como essas intrusões são próprias do contato com a alteridade que ocorre mesmo no âmbito da experiência intrauterina, para ele “*a experiência do nascimento é uma reprodução exacerbada de algo que o bebê já conhece*” (Winnicott, 1949/2021, p. 341, grifo original), embora ainda não pense. Aquilo que Ferenczi descreve

---

<sup>64</sup> Notemos, dessa vez acompanhando Taipale (2023), que o vocábulo em inglês para intrusão é *impingments*, que vem do latim *impingere* – *in* + *pangere* – e refere-se a fixar-se firmemente em algo ou algum evento.

como produzindo uma clivagem narcísica, um sentir dissociado do saber, e com o qual a análise pode promover um “impulso para uma nova vida” (Ferenczi, 1934/2011, p. 135), não está tão distante desta formulação, embora nos termos do texto de 1949 acreditamos que teríamos que recorrer a ideia da produção de padrões de reação para aproximá-las. Ainda assim, podemos dizer que tanto para um quanto para outro o setting analítico deve poder tornar-se um lugar que favoreça a não integração. Importa destacar que, para Winnicott, se a intrusão equivale a uma perda momentânea da identidade e ao contato com a alteridade, o certamente não poderia ser apenas patogênico, então entende-se que possamos dizer que a não integração identitária que ela produz é algo próxima do que ele descreve como “único estado em que o *self* pode começar a ser” (Winnicott, 1949/2021, p. 341). As intrusões ambientais, sobretudo aquelas não traumáticas, por fim, podem ser pensadas como *inputs* a partir dos quais a alteridade ambiental faz com que novas integrações sejam possíveis.

Como pode-se perceber, vista como estado em que o ser pode vir a ser, a não integração começa por ganhar um outro sentido, ao qual gostaríamos de nos fiar. Para tanto, podemos fazer o Donald do passado durar no Donald do futuro, o que nos permitirá operar uma separação importante entre a não integração primária e a não integração. À medida em que a situaremos como central para o brincar, não poderíamos deixá-la restrita ao campo da defesa e perda para sempre em detrimento da desintegração, que é descrita constantemente como elemento patogênico. Se em *Natureza Humana*, livro publicado postumamente, embora escrito ao longo de grande parte de sua vida, o vemos tratar da não integração como momento superado, o mesmo não é o que se pode entender a partir de dois outros trabalhos. Em um artigo datado de 1970 onde trata especificamente da personalização – segundo dos três processos do desenvolvimento emocional primitivo – Winnicott exaltar, com igual assertividade, que “o desenvolvimento progressivo é, em todos os sentidos, assustador para o indivíduo se não resta aberto um caminho de volta à dependência total” (Winnicott, 1974/2018, p. 262, tradução nossa), indicando que o progresso deve estar aliado às possibilidades de regressão e a tudo que elas significam. Neste sentido, lê-se o seguinte na página 289 de *O desenvolvimento emocional primitivo* (1945/2021):

“muito do que chamamos de sanidade tem, de fato, uma qualidade de sintoma, carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura, o medo ou a negação da capacidade inata de todo indivíduo *tornar-se não-integrado*, despersonalizado, de sentir que o mundo não é real. A falta de sono em quantidades suficientes produz tais efeitos em qualquer pessoa” (Winnicott, 1945/2021, p. 289, grifo nosso)



A regressão em Winnicott é um recurso da análise e está fortemente ligada aos estados limite, os *borderline* aos quais mencionamos ao fim do capítulo passado, e também aos sofrimentos de ordem psicótica (Winnicott, 1954b/2021), aos quais a desintegração e a despersonalização são referidas no texto de 1945 (DEP). Portanto, pode-se dizer que ao dizer que a sanidade é um sintoma, ao qual a negação da não integração está associada, ao mesmo tempo o inglês estabelece-a como uma capacidade e um recurso – talvez um recurso louco – próprio do sujeito. O que se confirma em nota de rodapé adicionada logo em seguida, na qual diz: “Através da expressão artística esperamos manter-nos em contato com nossos *selves* primitivos, de onde provêm os mais intensos sentimentos e as sensações mais intensamente assustadoras. Se formos, de fato, apenas sãos, então somos também decididamente pobres.” (Winnicott, 1945/2021, p. 289-290). A não integração, é, portanto, um recurso louco que enriquece o sujeito.

Se a nota do tradutor que encontramos na edição da editora Ubu indica as possibilidades de exploração espúria desta nossa capacidade louca, nós aqui certamente escolhemos destacar a potência transformacional, embora certamente um pouco enlouquecedora, de manter a via da não integração aberta. Para nós, assim como para Phillips, “a não integração é recurso” (1988, p. 122), e isso pode ser sustentado com facilidade a partir do pensamento winnicottiano, uma vez que ele “igualava a intensidade desses *selves* primitivos com uma loucura concebida como nutridora” (Phillips, 1988, p. 123) e enriquecedora. Com a não integração inclusa, relações de confiança suficientemente introjetadas permitirão o vai e vem característico das ondas de integração através das quais as experiências se reorganizam no *self*<sup>65</sup> (Winnicott, 1968/2020, p. 113 e 114). Doravante, no que diz respeito à vida nos fragmentos e pedaços, nos parece que a não integração, tal como descrita em sua analogia com o relato do dia a dia na sessão de análise, denota uma espécie de estado de espírito, de disposição subjetiva, a partir do qual a continuidade do ser (inclusa aí a tendência inata) dará ensejo à novas integrações. Novas integrações então que só podem se dar a partir de não-integrações.

Por sua vez, a não integração primária parece ser um estado de pré-integração e que comparece na análise como uma revivescência, uma repetição de ordem mais ou menos traumática. Para nós, que destacaremos sobretudo a primeira – a não integração na medida em que é um recurso subjetivo – há nela uma passividade e uma atividade, à medida que

---

<sup>65</sup> Esse vai e vem no qual as experiências são reintegradas ao *self*, transformando-o, será mais desenvolvida ao longo de nosso trabalho. Trata-se do cerne de nossa hipótese acerca do brincar e das transformações.

quem a experienta entrega-se ao colo do mundo que o rodeia, mas oferece seus fragmentos e pedaços, assim como num concerto de música há uma troca entre a plateia e quem performa. Ou assim como numa sessão de análise vive-se a experiência de ser para alguém que a testemunha – nos dois sentidos da palavra, como destacam Gondar e Antonello (2016, p. 18), já que a “testemunha”, além de denotar aquele que presenciou, guarda em si também a significação de sobrevivente.

A partir do que dissemos nos últimos parágrafos sobre a não integração também podemos resumir o primeiro processo descrito no desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945/1958), a integração. Trata-se de um processo pelo qual as ondas de integração fazem com que os fragmentos e pedaços passem a compor uma unidade, do estabelecimento de uma “linha da vida relativamente sólida” (Winnicott, 1968/2020, p. 113). E já que a tendência à integração é ajudada, por fora, pelas técnicas de cuidado e manejo infantil – o *holding* através do qual o bebê é mantido quente, manuseado e banhado, algumas intrusões benéficas, por assim dizer – e, em igual medida, por dentro pelas experiências pulsionais prazerosas (Winnicott, 1945/1958, p. 150, tradução nossa), podemos destacar, na transição entre a não integração e a integração, um dos pontos de borramento entre o ambiental e o pulsional, que a partir daí continuarão por se entremear vida à fora. Com a integração posta, certamente já é viável falar de *ego* e de *id*, o que concorda com o modo como situamos a questão da relação entre os dois no primeiro capítulo. Um só faz sentido na existência do outro, tratando-se de um imperativo da vida a integração de *id* nos domínios de *ego*. Nossa hipótese aqui considera que o movimento que do *self* entre a não integração e a integração é justamente onde podemos encontrar seus processos de transformação. Mais tarde veremos que, dadas as condições favoráveis, a não integração é justamente aquilo que arma o palco para as experiências do *id* (Winnicott, 1958/1965).

Assim como o processo de integração descreve a composição de uma unidade, também concorrerá para o estabelecimento de um senso de *self* a localização da pessoa no próprio corpo como um todo, segundo processo descrito em 1945 e chamado de personalização. Melhor desenvolvido em termos do que ele elabora quatro anos depois, em *A mente e sua relação com o psicossoma* (1954a/2021) e em volta das desventuras da psique ao fazer morada no corpo (Winnicott, 1988), não nos interessa determo-nos nele no presente momento. Entretanto há dois exemplos bastante curiosos e interessantes que ilustram a despersonalização (e, em contrapartida, a personalização) no texto de 1945 que

vale a pena destacarmos. O primeiro é o de uma paciente que dizia morar na própria cabeça, considerando os olhos como janelas. Por ter olhos ali, mas não nos pés, vivia caindo em buracos e tropeçando em coisas. Em termos doltonianos, pode-se comentar que o esquema corporal não era suficientemente integrado por uma imagem do corpo (Dolto, 1984), estando a mente dissociada do psicossoma (Winnicott, 1949/2021). O segundo exemplo trata do uso mais ou menos corriqueiro da ideia de que alguém possa estar de corpo presente e ainda assim estar ausente, não estar ali, “viajar”, como dizemos ou estar, como os ingleses dizem, à milhas de distância (Winnicott, 1945/2021). Nesses momentos, onde se está se não no corpo?

Essa pergunta se conecta à exposição do terceiro e último dos três processos do desenvolvimento emocional primitivo, a realização. A ele já dedicamos praticamente todo um capítulo. Trata-se da gradual construção do mundo interno e da aquisição da realidade externa, que nos termos da criatividade primária, deve ser atingida a partir de uma experiência de criação e de encontro, ou, em outras palavras, a partir do paradoxo do criado/encontrado. Para tanto, em termos winnicottianos, é preciso respeitar e garantir a ilusão que sustenta esse paradoxo, motivo pelo qual Pontalis (1977/2005) dirá que a não aceitação do paradoxo estará articulada à organização defensiva que Winnicott chama de falso *self*. Falso e verdadeiro *selfs*, e aqui estamos sendo ridiculamente sucintos, tem a ver com dissociações ou afirmações com relação à experiência que é vivida na crista da onda pulsional (Winnicott, 1988).

É preciso bastante cuidado para não tomar as concepções de verdadeiro e falso *selfs* como uma tipologia normalizadora (Pontalis, 1977/2005) e à medida em que nosso trabalho tem feito pouco para explorar as nuances que existem entre o normal e o patológico, consideramos importante afirmar categoricamente que, para nós, verdadeiro e falso descrevem vetores de organização da experiência subjetiva, em que verdadeiro significa conexão e conluio entre psiquê e soma e falso significa dissociação intelectual com relação à experiência psicossomática. Tanto um, como outro vetores devem ser pensados nos termos de uma normatividade vital (Canguilhem, 1966/2014), já que o falso *self* terá importância clínica – protetor do verdadeiro *self*, ele é a baba que se deve respeitar, mas gentilmente dispensar ao longo do tratamento analítico – e social – à medida em que aparece como elemento que favorece a adaptação, um *self* conciliador. Dito isso, a questão importante aqui é que se o falso *self* funda-se em uma não aceitação do paradoxo, podemos supor, por outro lado, que o senso de *self* – que prescinde do qualitativo de

verdadeiro quando o assunto não for o falso *self* (Winnicott, 1960a/1965) – enquanto relacionado aos processos de integração, deve ser tributário da ilusão de onipotência. Todavia, para existir como uma entidade com passado, presente e futuro, tal como o *self*, ele também deve estar relacionado às capacidades de simbolização do sujeito, o que inclui já o processo de desilusão. É chegado o momento, portanto, em que não podemos avançar mais se não nos debruçarmos sobre o tema da transicionalidade e sobre seus paradoxos.

### 3.4 Paradoxos da transicionalidade: a integração da cisão

Tanto quanto a imprecisa noção de *self* o problema da integração em Winnicott não é matéria simples. O que faremos será propor uma forma de organizá-las de maneira que comporte lugares relativamente definidos para a problemática do *self*, do sujeito vivo e presente, da experiência e para o borramento entre os planos da pulsão e do ambiente, a partir dos quais temos trabalhado. Tentaremos distinguir um duplo movimento de integração a partir do qual o ambiente dos cuidados integra-se à pulsionalidade e a realidade externa separa-se da interna, dando origem ao senso de *self*. Em outras palavras, trataremos da “integração da cisão” (Winnicott, 1955/ 2021, p. 446) entre mãe-ambiente e mãe-objeto e da união/separação entre o interno e o externo, para as quais será imprescindível desenvolver o tema da transicionalidade e suas consequências.

Antes, porém, gostaríamos de dar a partida nesta seção estabelecendo algumas definições que nos ajudarão daqui por diante e esperamos que elas façam algum sentido com o restante dos processos que até aqui descrevemos. Sabemos que esse trabalho tem um teor fortemente teórico e que depende do percurso que fazemos junto ao leitor para fazer sentido. Por isso, nos parece importante que os conceitos e ideias estejam relativamente bem encaixados e definidos<sup>66</sup> – sem que essas definições se pretendam últimas.

Primeiro, consideramos importante estabelecer uma separação bem definida entre *ego* e *self*. É de conhecimento geral que o próprio Winnicott reconheceu a imprecisão da noção de *self* em sua teoria, como se pode ler em *On the basis for self in body* (Winnicott, 1971/2018, p. 271). No entanto, talvez seja justamente por isso que ela seja tão rica e fundamental, pois “quando um psicanalista não quer renunciar ao que para os outros pode parecer ou uma intuição empírica confusa, ou um refinamento teórico supérfluo, muitas

---

<sup>66</sup> Ainda que estas definições estejam aqui para produzir nitidez, tende a vir a mente nestes momentos a lembrança de que às vezes se encara melhor o mundo aceitando e acolhendo uma certa miopia, como o menino de *miopia progressiva*, conto de Clarice Lispector.

vezes ele nos oferece o essencial de seu pensamento” (Pontalis, 1977/2005, p. 195). Neste sentido, além de considerarmos fundamentalmente o *self* como um representante do vivo, essa “pessoa que sou eu” (Winnicott, 1971/2018, p. 271), devemos considerá-lo como sendo diferente do *ego*. Aqui acompanharemos Jan Abram (Abram, 1996/2007), classificando o *ego* como uma parte do que se entende como *self*, a qual cabe a incumbência de organizar e aglutinar as experiências, responsável pela função que permite dizer: eu!. Eu está no *self*, e está lá porque o *ego* desempenha a função de síntese<sup>67</sup> (também das experiências do *id*, com vimos) – diga-se de passagem, tal como queria Freud na trigésima primeira de suas novas conferências introdutórias quando define *ego* como operador de sínteses. Já o *self* pode estar no próprio corpo, mas também nos olhos da mãe ou refletido no espelho (Winnicott, 1971/2018, p. 271). O *self* quer, fundamentalmente, “colocar-se e ser reconhecido primeiro como um ente” (Pontalis, 1977/2005, p. 195), definição que nos permite compreender as consequências de uma subjetivação pensada a partir de um arranjo. O problema do vivo – do eu estou vivo, do eu sou – permanece atado ao problema das relações. A dimensão da vida não existe sem a dimensão relacional.

Outra importante diferenciação a ser feita aqui é entre os estados tranquilos (*quiet*) e os excitados da vida do bebê winnicottiano. Esta vai ser rápida, porque diz respeito à diferenciação trabalhada já desde o capítulo 1 como uma diferença de planos do processo de subjetivação. Aos estados tranquilos podemos ligar o que chamamos até aqui de um domínio dos aspectos ambientais, da mãe-ambiente, ou simplesmente do ambiental. Trata-se do *holding*, do manejo, do amor físico oferecido pelo ambiente, aquele que garante o estabelecimento da continuidade de ser no arranjo indivíduo-ambiente. Já aos estados excitados cabem a eles as experiências próprias da pulsionalidade, de maneira que dizem respeito ao trabalho do psiquismo propriamente dito em ação e relacionam-se com a mãe-objeto. É o que se depreende da seguinte afirmação: “Já bem antes dos seis meses de idade o bebê humano está tornando-se composto de experiências que constituem a vida da

---

<sup>67</sup> Eu diferente de *ego*: conforme nossa escolha, para que não criássemos uma dissonância muito aguda entre o texto winnicottiano, que emprega os vocábulos *ego* e *id* - graças à escolha feita na tradução inglesa das obras de Freud, supostamente para manter psicanálise e psiquiatria próximas – mantivemo-los em nosso próprio texto. Eis que, para nossa surpresa, topamos com uma boa possibilidade advinda dessa escolha. Podemos nos referir ao *ego* na medida em que descrevemos mecanismos subjetivos que são abstrações teóricas e ao eu quando estivermos fazendo menção ao que Bettelheim quis destacar quando criticou a tradução de “*das ich*” por *ego*: “No word has greater and more intimate connotations than the pronoun “I.” It is one of the most frequently used words in spoken language-and, more important, it is the most personal word. To mistranslate *Ich* as “ego” is to transform it into jargon that no longer conveys the personal commitment we make when we say “I” or “me” (Bettelheim, 1982/1984, p. 53). Devemos o encontro com este texto à Jam Abram.

infância – pulsional e não-pulsional (*intinctual and non-instinctual*), excitadas e quietas” (Winnicott, 1950-55/1958, p. 274, tradução nossa). E embora Winnicott defina instinto como “poderosa força (*drive*) biológica que vai e vem na vida do infante e da criança” (Winnicott, 1988, p. 39, tradução nossa), ele não nega a esse instinto um desenvolvimento em formas mais complexas. Além disso, se considerarmos que *instinct* foi a tradução para o inglês do vocábulo *trieb* e se considerarmos esse como o considerou Hanns (1996), ou seja, como descrevendo uma força que impele constantemente ao movimento, não teremos dificuldade em traduzir por pulsão o instinto winnicottiano – o que ainda tem a vantagem de aproximar humanos e não-humanos, como se lê no texto de 1988. O fato de que fazemos essa escolha tem a ver somente com a onipresença do vocábulo *pulsão* na psicanálise e na cultura brasileiras. Winnicott certamente não tinha motivo para preocupar-se em destacar o desvio tão comemorado pela tradição francesa que fez escola no Brasil e que traduzia *trieb* por *pulsión*, inscrevendo esta como matéria da cultura cindida da natureza, a qual cabia o instinto<sup>68</sup>.

Christopher Bollas, psicanalista de cidadania britânica, mas nascido em Washington D.C., cunhou, em 1986, duas ideias que vão nos servir como ponto de partida, as quais ele credita às crianças autistas e esquizofrênicas que atendeu. Segundo o próprio o que ele pôde aprender com essas crianças foi “como cuidar deste elemento silencioso no adulto” (Bollas, 1987/2015, p. 39), à medida em que a clínica do autismo, sobretudo, o indicava que era possível à criança mostrar seus sentimentos e suas fantasias sem fazer o recurso à fala, muitas vezes de fato ausente. Bastava, para isso, que o clínico pudesse dispor do próprio mundo interno, “por meio das memórias que o sujeito tem das próprias relações objetais” (Bollas, 1987/2015, p. 39) para ser guiado pelo do analisando, como Virgílio, seu poeta favorito, guiou Dante. Não que o mundo do qual Bollas dê notícia seja algo como os sete círculos infernais. A metáfora do inferno é absolutamente inapropriada aqui, mas a do poeta que guia o outro não é. A poiese, que diz-se comumente que habita nos limites da palavra, era provável que estivesse inspirando a pena do britânico quando transforma a sombra do objeto freudiana (Freud, 1917/2016) na sombra lançada pelo ambiente “sem que a criança seja capaz de processar esta relação por meio das representações mentais ou da linguagem” (Bollas, 1987/2015, p. 39). Nas franjas do simbolizável ele assim definirá este ponto de oclusão como um conhecido não pensado e este objeto, sobre o qual a luz incide, de objeto transformacional (Bollas, 1987/2015), que equipara à mãe-ambiente

---

<sup>68</sup> Dissemos mais sobre isso no texto e em uma nota de rodapé no capítulo 1.

winnicottiana e aos cuidados ambientais tranquilos que lhe são próprios. Este objeto transformacional, diz ele, deve ser pensado mais “como um processo ligado ao ser do bebê e às alterações do seu ser” (Bollas, 1987/2015, p. 40), que ele identificará com “as cumulativas transformações internas e externas” (Bollas, 1987/2015, p. 50), experiências vividas, mas não necessariamente representadas. Tal conceito permite com que Bollas defenda a manifestação da dimensão ambiental no contexto da transferência, à medida em que indica a busca, no objeto, das suas potencialidades transformadoras, que incitariam no sujeito os sinais de uma transformação (Bollas, 1987/2015). Diga-se de passagem, nos parece haver aqui mais uma definição interessante de mãe, definitivamente deslocada do feminino e associada à transformação.

A vivência desse objeto que não é objetivo, próprio das experiências tranquilas, não excitadas, pelas quais a mãe-ambiente associa-se ao transformacional, é sustentada pelo britânico como dando-se em diversos aspectos (Bollas, 1987/2015, p. 50-51), dos quais podemos destacar aqui: a modificação constante do ambiente de modo a atender as necessidades do bebê – o componente não ilusório que produz a ilusão de onipotência –, transformando o próprio arranjo indivíduo-ambiente; o modo como o manejo e o *holding* fazem aquilo que Winnicott chamou de função de *ego*-auxiliar (1965/1982), criando o ensejo para o desenvolvimento de capacidades que também transformam o mundo do bebê, como a motilidade, a percepção e a integração; e, por fim, o oferecimento das condições para que a simbolização operada pelos fenômenos transicionais ponha-se em marcha, abrindo as portas para a futura aquisição da linguagem. Vale destacar que se o acento imposto por Bollas está na função transformadora da mãe sobre o bebê, num contexto de “conhecimento simbiótico” (Bollas, 1987/2015, p. 50), nós preferiríamos falar em um arranjo construído no bojo do arranjo assimétrico indivíduo-ambiente. Provavelmente, neste sentido, seria possível nos perguntarmos em que medida esse bebê também não é transformacional ao ambiente que com ele se identifica e, portanto, se relaciona. Ainda assim, nossa menção ao objeto transformacional, todavia, perde pouco com essa ressalva. Na verdade, ganhamos muito por introduzi-lo aqui, pois à medida em que o objeto e os fenômenos transicionais são em parte tributários da experiência vivida com esse objeto transformacional, isso o torna também, evidentemente, transformacional. Além de localizar a transição, ele é, em parte, transformação. E dizemos evidentemente porque uma das características do objeto transicional é permitir a integração da cisão,

conhecida mas não pensada no contexto do arranjo, entre uma mãe-ambiente e uma mãe-objeto.

A ideia de que alguma coisa pode ser conhecida, mas não pensada pode ser associada ao medo do colapso (Winnicott, 1974/2018) – o vivido não experimentado de Ogden (2014) – e, portanto, àquilo que Winnicott trabalhou com o nome de agonias primitivas e angústias impensáveis, às quais no texto supostamente escrito em 1963 ele enumera<sup>69</sup>. Todavia, ainda que indiretamente, as menções a esses estados nos permitem pôr em perspectiva que o problema de uma subjetivação dada no arranjo considera justamente um plano pré-subjetivo de subjetivação. Em outras palavras, trata-se de um estado do ser – bastante interrogado pela psicanálise, sobretudo a partir da ideia de um recalque primário ou originário –, um momento em que se é antes de se saber que se é, ou seja, antes de que se possa ser uma entidade com passado presente e futuro.

É com essa transição que o objeto transicional está associado, aquela que permitirá a separação do eu e do não-eu, o acesso à alteridade do tempo, como indica Ogden (2004), mas também à possibilidade da duração na sua dimensão subjetiva, de um senso próprio de tempo que Freud chamou de atemporal, referindo-se justamente ao fato de não tratar-se de um tempo cronologicamente organizado. Por ser ao mesmo tempo um objeto interno e externo, o objeto transicional permitirá que uma terceira área da experiência, responsável pela união e pela separação entre o dentro e fora, se constitua (Winnicott, 1953/2019), um litoral entre os mundos e os tempos. Mas afinal de contas, o que é essa união/separação, o que ela une? Basta retomarmos, agora sob a ótica do transicional, ao que abordamos no capítulo 1, ou seja, a criatividade primária, que na terceira conferência memorial de Donald Winnicott o egípcio André Green chamou de “essa ideia maluca de uma coisa que pertence à mãe e à criança” (Green, 2013, p. 26).

O comentário de Green sobre o brincar ainda será matéria de nossas considerações, tanto pelo que tem de interessante, à medida em que chama a atenção para o papel transformador do brincar, no qual o erotismo encontra seu lugar, quanto pelos erros que comete em relação à certos aspectos e fatos da obra winnicottiana, como por exemplo a equivalência feita entre jogo e brincar ou a ideia de que ele teria ignorado o *fort da*

---

<sup>69</sup> A mais interessante delas, sem dúvida alguma, é a que ele imagina como sendo uma espécie de vertigem aguda, um “cair para sempre” (Winnicott, 1974/2018, p. 89), que suscitaria uma defesa do tipo auto continência, certamente fadada a falhar e a exigir do sujeito um constante estado de medo, o medo de um colapso já vivido. Trata-se de um sofrimento realmente agudo, porque, em suma, descreve alguém que sofre por não ter a terra sob os pés. Não é de se surpreender que o caso clínico que inspira a escrita do texto tenha envolvido um suicídio.



freudiano. Todavia, nos parece lícito já comentar um dos pontos de divergência de Green (2013), que constata-se logo no início de sua comunicação, quando põe em dúvida a estreita ligação entre o brincar e a relação mãe-bebê, por consequência pondo em questão sua fundação nos fenômenos transicionais aos quais ela dá origem. Toda a questão que o egípcio levanta sustenta-se num jogo de insinuações acerca da relação entre Winnicott e sua mãe, como quando diz que a ideia maluca de uma coisa que pertence à mãe e ao bebê “suscita questões para nossas ideias sobre a identidade e o significado de tentar reunir aquilo que foi separado” (Green, 2013, p. 26), mas também sobre a ideia de que o arranjo seria um estágio fusional do bebê com seu ambiente humano – que, sejamos justos, não é uma interpretação impossível da história toda. Todavia, a ideia por nós sustentada aqui de que o arranjo indivíduo-ambiente inclui um processo de diferenciações e indiferenciações (Klein, 2023), que pode ser remetido tanto à relação do bebê com seu ambiente cuidador humano, quanto com a ideia de uma infantilidade cujo acesso permanece aberto vida afora, permite pôr os comentários de Green em perspectiva. A inclusão da diferenciação no arranjo – a própria ideia de um arranjo feito pelo arranjo, tomando-o no sentido musical, a medida em que é continuidade sobre continuidade – e a proposição de duas dimensões da subjetivação, uma no plano do ambiental e outra no do pulsional, diluem a crítica de Green. Tanto porque torna “a ideia maluca” algo passível de explicação – o que provavelmente e felizmente não a salva de uma certa maluquice – quanto porque permite justamente a análise da confluência entre o plano do pulsional – e, portanto, do erótico – com o plano do ambiental. O fenômeno transicional, considerando a emergência do sujeito da experiência sob essas condições, concernirá a uma dupla integração, a integração da cisão até então experimentada entre o seio que é atacado e a mãe do *holding* e a integração de um si mesmo que permite distinguir a alteridade. Ou, em outras palavras, a instauração do eu/não-eu.

Embora seja um tema já amplamente discutido, não poderíamos nos furtar de descrever as características do objeto e dos fenômenos transicionais, sem os quais nossa interpretação deles ficaria prejudicada. Winnicott os propõe como possibilidade de pôr em análise o que chama de área da ilusão (Winnicott, 1953/2021), área diretamente relacionada ao que no capítulo 1 discutimos como sendo uma ilusão de onipotência. Se lá escolhermos começar nossas considerações acerca do processo de subjetivação partindo desse paradoxo proposto como a fundação da criatividade primária, especulação winnicottiana a qual o leitor “deve estar preparado para *permitir* ao analista” (Winnicott,

1958/1965, p. 112, tradução nossa), aqui podemos tomar o paradoxo também como ponto de emergência do transicional. No ponto em que estamos já podemos dizer que o problema para Winnicott envolvia o postulado de uma não integração entre as experiências. Se Freud identificou no desejo o ponto de confluência entre vida de vigília e vida onírica (Freud, 1900/1972), o problema da transicionalidade para D.W. vem de encontro ao fato de que:

“uma dificuldade que toda criança experimenta é relacionar a realidade subjetiva com a realidade compartilhada, que pode ser objetivamente percebida. Do acordar ao dormir a criança pula de um mundo percebido a um mundo criado por si mesma<sup>70</sup>. No entre existe a necessidade de todos os tipos de fenômenos transicionais – território neutro. Eu descreveria esse precioso objeto dizendo que existe um *entendimento tácito* de que ninguém vai afirmar que esta coisa real é parte do mundo, ou que ela é criada pelo infante. Fica entendido que ambas as coisas são verdade: o infante o criou e o mundo o proveu disso. Essa é a continuação da tarefa inicial a qual a mãe comum permite sua criança desempenhar, quando pela mais delicada adaptação ela oferece a si mesma, talvez seu seio, mil vezes no momento em que o bebê está pronto para criar alguma coisa como aquele seio que ela oferece” (Winnicott, 1950/2012, p. 160, tradução nossa, grifo nosso)

Devemos dizer, que a ideia de alguma coisa que é criada no momento em que é oferecida pelo ambiente, deve estar associada ao gesto espontâneo (Winnicott, 1960a/1965), a partir do qual o *self* tem a ilusão de criar aquilo mesmo que o movia, algo que atendesse sua necessidade. Eis o sentido da frase, já destacada no capítulo 1: “o mamilo e o leite são resultados de um *gesto* que brotou da necessidade, o resultado de uma ideia que *surfou na crista da onda da tensão pulsional*” (Winnicott, 1988, p. 110, tradução nossa, grifo nosso). A repetição e a multiplicidade destas experiências, espécie de surfe das ondas provocadas pela pulsão, inscrevem o objeto transicional em seu duplo propósito: ser a “primeira posse não-eu” (Winnicott, 1953/2021, p. 14) e disparar a expansão de uma terceira área da experiência “entre a atividade criativa primária e a projeção daquilo que foi introjetado, entre o desconhecimento inicial da dívida e o reconhecimento da dívida (“diga bigadu!”) (“*say ta*”)” (Winnicott, 1953/2021, p. 15).

O fenômeno transicional, portanto, transiciona o sujeito em direção ao reconhecimento de sua dependência e abre os caminhos de sua independência. Os rudimentos da palavra “obrigado” aparecem ali como seu representante. Desta maneira paradoxal ele sustentará a emergência dessa delimitação que permite ao eu possuir um não-eu. Tal como uma prancha, o objeto transicional permite um repouso nas (eternas) ondas, revoltas por natureza, dando origem a uma “área intermediária de *experimentação*,

---

<sup>70</sup> Essa passagem nos lembrou o seguinte trecho de *A queda do céu*: “No entender desses que chamamos animistas, ao contrário, somos nós, os Modernos, que, ao adentrarmos o espaço da exterioridade e da verdade – o sonho – só conseguimos ver reflexos e simulacros obsedantes de nós mesmos, em lugar de nos abriremos à inquietante estranheza do comércio com a infinidade de agências, ao mesmo tempo inteligíveis e radicalmente outras, que se encontram disseminadas pelo cosmos.” (Albert e Kopenawa, 2015, p. 38)

constituída pela realidade interior e pela vida exterior”. Sustentados pelo paradoxo do criado/encontrado – sustentado no sentido em que este não é posto à prova – o objeto ou o fenômeno transicionais agirão como confortadores e calmantes (Winnicott, 1953/2019), serão “local de repouso para o indivíduo engajado na infundável tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, mesmo que inter-relacionadas” (Winnicott, 1953/2019, p. 16). Sublinhemos “local de repouso para o indivíduo engajado”, porque dá a ver o movimento de expansão com o qual ele está associado.

A pertença do objeto transicional à realidade externa será frisada sobretudo com o destaque atribuído a suas características concretas e sensórias. Winnicott faz questão de incluir o autoerotismo, que acontece no plano do pulsional, nas suas considerações, enquanto fenômenos ligados à experiência do não-eu acontecem em paralelo, como fica evidente na seguinte passagem:

“Em condições comuns, uma das seguintes situações pode ocorrer, tornando mais complexas as experiências autoeróticas como chupar o dedo:

- I. com a outra mão, o bebê pega um objeto externo, como parte do lençol ou do cobertor, e o leva até a boca com os dedos; ou
- II. de alguma maneira, o pedaço de tecido é segurado e chupado ou nem chega a ser chupado; entre os objetos naturalmente utilizados encontram-se babadores e (mais tarde) lençóis, e isso depende do que está mais facilmente à disposição; ou
- III. o bebê começa desde os primeiros meses a puxar os fiapos de lã e a juntá-los para utilizar no momento da carícia; em casos menos comuns, a lã é engolida, podendo até causar problemas; ou
- IV. movimentos labiais ocorrem, acompanhados por sons de mam-mam, balbucios, sons anais, as primeiras notas musicais, e assim por diante

Pode-se supor que o pensamento, ou a fantasia, se conecta com essas experiências funcionais. Refiro-me a todas essas coisas como fenômenos transicionais” (Winnicott, 1953/2019, p. 17-18)

Dos quais o objeto transicional será um caso específico e especial:

“Entre tudo isso também pode surgir alguma coisa ou fenômeno – talvez um punhado de lã, a ponta de um lençol ou de um edredom, uma palavra, uma melodia ou um maneirismo – que ganha importância vital para o bebê, que o utiliza na hora de dormir como defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade de tipo depressivo. É possível que um objeto macio, ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê, tornando-se então o que chamo de *objeto transicional*.” (Winnicott, 1953/2019, p. 18)

Como se pode ver, nas passagens ora destacadas a emergência do transicional se encontra nitidamente descrita a partir da fronteira entre o domínio do ambiental, essa dimensão tácita da subjetivação, apercebida como ele mesmo destaca (Winnicott, 1953/2019, p. 16), e o domínio da pulsão, à medida em que acontece paralelamente a experiências autoeróticas, ou seja, paralelamente a vivências de satisfação e à instauração do princípio de prazer. A bem da verdade, ela certamente só é possível a partir da repetição

característica do princípio de prazer, pois ela mesma também tem a ver com a repetição, embora seja uma repetição que inclui um processo de tranquilização. Desta forma, podemos considerar que esteja em jogo, ao lado das experiências pulsionais orais de satisfação, um conforto de ordem tácita e silenciosa, tanto que quase passa despercebida pela psicanálise. Não fosse a atenção winnicottiana a estes dois domínios, suas diferenças e seus borramentos, não disporíamos de um dispositivo teórico tão poderoso quanto o transicional. Cabe a ele dar ensejo ao que se tornará o processo relacionado ao imperativo de integração do *id* no *ego* e, ao mesmo tempo, através de suas qualidades sensoriais associada ao papel central da motilidade para a descoberta/criação da realidade externa, separar o eu do não eu, quase que por meio de *autoinputs* calmantes.

Como vimos no capítulo precedente, a agressividade está estreitamente associada à motilidade para Winnicott. Sua ideia de que esse elemento agressivo funde-se parcialmente à pulsão sexual vem acompanhada da postulação de que uma outra parcela desse elemento motor permaneceria livre e necessitando de encontrar outros meios de aplicação. Anteriormente nos reportamos a esse erotismo muscular como aquilo que é responsável pela criação da externalidade e pelo trabalho com a oposição e especulamos até que essa oposição pudesse ser pensada como uma espécie de objeto na qual essa motilidade se satisfaz. Ela o cria e com ela satisfaz-se, fixando-o – o que certamente é uma espécie de contrassenso. Este pressuposto ganha seu sentido quando aplicamos estes postulados, por exemplo, à agressividade relacionada à relação sexual – que contém também uma agressividade ligada à pulsão sexual, que encontra satisfação pelas mesmas vias que ela – na qual ela pode ser pensada como a responsável pela preservação do objeto. O mesmo pode ser pensado se aplicamos esse conceito de agressividade à imagem da *Ágora* grega ou mesmo à democracia parlamentar de inspiração francesa e inglesa, com a qual Winnicott certamente era familiar.

De maneira semelhante a ideia de uma agressividade que cria a realidade externa retroage agora sobre o objeto transicional. O roçar dos dedos no lençol ou no edredom, o estrilar da língua nos balbucios, o vibrar do ânus nos peidos, todos esses sendo fenômenos transicionais contém a importância de serem, justamente, não-eu, ou seja, outros corpos com o qual o corpo do bebê – no qual seu *self* fará morada – pode se chocar. A repetição e até a eleição de um objeto especial que se torne alvo dessa atividade só reforçam a ideia de que há algum modo de satisfação própria desse erotismo dito muscular, dessa agressividade. Nada mais contemporâneo e poderia ajudar a oferecer uma explicação

elegante ao fato de que em plena era das virtualidades nunca se viu as academias, os boxes de crossfit e as pistas de corrida tão cheias. Inflação narcísica? Provavelmente também o simples imperativo do corpo e de suas formas próprias de expressão<sup>71</sup>.

Seja como for, no que concerne aos objetos transicionais, vemos que sua importância é dupla. Já que “o fato de não ser o seio (ou a mãe), ainda que seja real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe)” (Winnicott, 1953/2019, p. 21) isso o localiza entre a realidade material externa e a realidade psíquica interna. Seu nome de transicional deve-se à proposição de que ele, por sua localização privilegiada, “abre espaço para o processo de aceitação da diferença e da realidade” (Winnicott, 1953/2019, p. 21) ou, em palavras ainda mais felizes, à sua prerrogativa de estar na “origem temporal do simbolismo” (Winnicott, 1953/2019, p. 21). Esta última característica é o que o põe também na transição entre aquele tempo da continuidade do ser e ao que Thomas Ogden se referiu como a alteridade do tempo, referindo-se ao tempo em sua dimensão quantificável, a que Bergson referia a uma espacialização/homogeneização do tempo, dividido em partes iguais e mensuráveis. O tempo do transicional está inscrito no  $x+y$ , com o  $z$  incluindo uma dimensão de loucura possivelmente insuportável e dilacerante, como descrito em *A localização experiência cultural* (Winnicott, 1967a/2019). De fato, para Winnicott, este objeto está localizado “no espaço e no tempo em que a mãe faz uma transição (na mente do bebê), deixando de estar fundida com o bebê e passando a ser vivenciada como um objeto a ser percebido” (Winnicott, 1967a/2019, p. 156) – notemos que o que importa aqui é a emergência de um sujeito dessa experiência. De natureza paradoxal, o fenômeno transicional ocupa então um lugar e um tempo paradoxais, sendo um símbolo da união e da separação, “a separação que não é uma separação, mas uma forma de união” (Winnicott, 1967a/2019, p. 158). Em suma, como bem nota Fulgêncio (2011), aliando-se à Pierce (2005), o objeto transicional não simboliza, mas compete processualmente para o estabelecimento de uma relação arbitrária entre o signo e o referente.

Aqui cabe um rápido comentário que nos desvia um pouco do curso de nossa argumentação, porque há uma semelhança marcante entre essa ideia de uma separação que é uma forma de união e o posicionamento atribuído por Deleuze ao símbolo, em seu *Diferença e Repetição* (Deleuze, 1968/2018). Dentre os muitos problemas discutidos neste livro, que é um diálogo direto do filósofo francês com psicanálise, um dos principais é o

---

<sup>71</sup> Como lembra Bateson (1972/2000), usando o exemplo oferecido pela bailarina Isadora Duncan, “se fosse possível dizê-lo não haveria porque dançá-lo” (Bateson, 1972/2000, p. 137-138).

posicionamento do que ele chama de instinto de morte<sup>72</sup> como um princípio transcendental de repetição, repetição esta que seria tomada em sua positividade, ou seja, como repetição diferencial (Deleuze 1968/2018). Frisando o papel secundário da agressividade (Deleuze, 1968/2018, p. 36), é a partir da ligação estabelecida por Freud em 1920 (2020) entre compulsão à repetição e pulsão de morte que Deleuze abre a pergunta: “como o tema da morte, que parece reunir o que há de mais negativo na vida psicológica, pode ser em si o mais positivo, transcendentalmente positivo, a ponto de afirmar a repetição?” (Deleuze, 1968/2018, p. 36). A resposta para esta pergunta está na relação da repetição com aquilo que se repete, o que a articula ao problema da memória (a segunda síntese do tempo, de Eros e Mnemósina), o que ele chama constantemente de disfarces (como no trabalho do sonho ou do sintoma) ou de máscaras (Deleuze, 1968/2018). Diz o francês que a repetição “não está sob as máscaras, mas se forma de uma máscara a outra” (Deleuze, 1968/2018, p. 37), de modo que, para ele, “as máscaras nada recobrem, a não ser outras máscaras” (Deleuze, 1968/2018, p. 37), posicionando assim a repetição e o instinto de morte como “um princípio transcendental” (Deleuze, 1968/2018, p. 36), que é “positivo originário para a repetição” (Deleuze, 1968/2018, p. 36). Encontramos a semelhança entre o paradoxo winnicottiano – de uma separação que é uma forma de união – e o deleuziano – de uma repetição que é princípio de diferenciação – quando, ao situar a repetição entre os simulacros e as máscaras, diz: “o símbolo, o simulacro, é a letra da própria repetição. Pelo disfarce e pela ordem do símbolo, a diferença está contida na repetição” (Deleuze, 1968/2018, p. 37). Eis aí um problema semelhante àquele que vai ser enfrentado por Winnicott a partir da transicionalidade, o modo pelo qual o objeto une e permite, ao mesmo, a diferenciação, de modo que o objeto transicional será aquilo que sustentará ambos os processos e, portanto, se quisermos ousar, a própria experiência da repetição diferencial à qual o sujeito está, nos termos deleuzianos, passivamente submetido (Deleuze, 1968/2018).

---

<sup>72</sup> Importante dizer que existe em Deleuze e na produção filosófico-clínica fruto de sua parceria com Félix Guattari, uma possibilidade de diferenciar entre instinto de morte, próprio de um plano de imanência, transcendental, mas não transcendente à experiência, e a pulsão de morte, que pode aí então ser lida como parte daquilo que estamos chamando aqui de plano ou domínio da pulsão, como uma força de desligamento própria do plano empírico do inconsciente. Um extenso detalhamento desse giro afirmativo sobre o negativo pelo qual costumeiramente se toma a morte, na articulação entre o projeto de uma clínica materialista chamada esquizoanálise e a psicanálise freudiana, pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Fabrício Martins Pinto, defendida na UFF em 2019, na qual o autor defende uma extirpação do negativo a partir da ideia de uma “morte animada” (Pinto, 2019). Também pode-se encontrá-lo resumido da página 112 a 114 da edição em português de *Sacher-masoch: o frio e o cruel* (Deleuze, 1967/2009).

É possível que no capítulo 3 tenhamos mais tempo de explorar as consequências da aproximação entre Deleuze e Winnicott – que não era partidário de uma pulsão de morte, mas não necessariamente de uma repetição diferencial<sup>73</sup> –, mas por hora retornemos ao problema do objeto transicional tal como o estávamos trabalhando, na sua condição de símbolo paradoxal, que une separando, separa unindo. A bem da verdade, como destaca Fulgêncio (2011), não se pode dizer que o objeto transicional seja propriamente um símbolo, tal como o define Pierce (2005). E isso se dá por responsabilidade do próprio Winnicott, que faz questão de frisar: ele faz as vezes do objeto externo apenas à medida em que faz as vezes do objeto interno, que por sua vez só pode durar por um certo tempo mediante a ausência do objeto externo (Winnicott, 1953/2021)<sup>74</sup>. De tal forma, para D.W., “esse deve ser o início da formação de uma imagem do objeto na mente ou na realidade psíquica pessoal dele” (Winnicott, 1967a/2019, p. 157), representação ou imago mental do mundo interno, que só poderia ser mantida viva “por meio do reforço dado pela presença da mãe externa, separada e concreta, assim como de sua técnica de cuidado infantil” (*ibidem*). Nesta medida, podemos dizer que está associado ao fenômeno transicional o problema da introjeção, principalmente se entendida próxima de como foi proposta por Ferenczi (1909/2011; 1912/2011). Ou ao menos é assim que entendemos quando Winnicott diz que o fenômeno transicional é responsável por “disparar a expansão de uma terceira área da experiência ‘entre a atividade criativa primária e a projeção daquilo que foi introjetado’” (Winnicott, 1953/2021, p. 15). Trata-se do surgimento e da expansão de *um espaço que se dá* a partir da dinâmica entre introjeção e projeção.

Há todo um debate possível acerca do que significa introjeção para Winnicott ao qual será útil e importante retornarmos, quando formos nos dedicar a estudar a relação entre o brincar e as identificações. Mas notemos brevemente que aqui a introjeção não denota o mesmo do que aquela a qual se refere Melanie Klein, para quem ela descreve a

---

<sup>73</sup> O problema winnicottiano era a pura oposição entre Eros e Tânatos, da qual, diga-se de passagem, Deleuze também parece ser partidário em *Diferença e Repetição*: “não veríamos razão para estabelecer um instinto de morte que se distinguiria de Eros” (1968/2018, p. 153). Winnicott recusava a expressão que juntava pulsão e morte porque rejeitava a ideia de uma pulsão inata de fazer morrer: “vejo que o que não posso aceitar é que a vida tem a morte como seu oposto, exceto clinicamente na oscilação maníaco-depressiva e no conceito de defesa maníaca em que a depressão é negada e negativizada. No desenvolvimento do bebê viver se origina e se estabelece a partir de não-viver e existir vira um fato que substitui não existir. A morte se torna significativa nos processos vitais do bebê com a chegada do ódio, ou seja, em data posterior, muito distante dos fenômenos que usamos para construir a teoria das raízes da agressividade” (Winnicott, 1963/2022, p. 245). Em suma, o problema de Winnicott era especificamente com a simples associação da agressividade com a morte, pois a primeira para ele era de saída, enquanto o desejo de matar, só podia ser adquirido.

<sup>74</sup> Vê-se como o problema da memória para Winnicott inclui uma espécie de desmemória. O que não surpreende vindo de um autor que esquecia, fosse propositadamente ou não, de quem roubava suas ideias.

internalização da representação das imagos parciais cindidas, na posição esquizoparanóide, e totais, na posição depressiva (Klein, 1935). Conforme a estamos trabalhando ela deve necessariamente levar em consideração a ideia de uma criatividade primária, bem como uma concepção de agressividade que cria a externalidade. Desta forma, nos parece que ela estaria mais próxima daquela que Teresa Pinheiro (1995) defende ser a concepção ferenciana de introjeção.

Segundo a leitura de Regina Herzog e Fernanda Pacheco-Ferreira, Pinheiro considera que a introjeção ferenciana pode ser pensada como “a própria condição de possibilidade do funcionamento psíquico” (Herzog e Pacheco-Ferreira, p. 183). Em *Ferenczi: do grito à palavra* (Pinheiro, 1995) a psicanalista carioca identificará a introjeção mais ao sentido do que à representação, posicionando-a como responsável pela transmissão do prazer e do desprazer na relação entre dois, pela “inclusão na esfera psíquica do diferencial prazer/desprazer (responsável pela instauração da ordem psíquica sob a regência do princípio de prazer)” (Pinheiro, 1995, p. 46). Se pensarmos bem, isso faz com que o introjetado seja já o que se cria na relação, a partir da associação entre o diferencial prazer/desprazer e as representações de objeto com as quais ele vem. O paradoxo do criado/encontrado, portanto, se inserido aqui, terá necessariamente que ter alguma relação entre o borramento ambiental/pulsão. De fato, esse entendimento não parece estar distante daquele sustentado por Ferenczi em 1909, quando postula-a como uma espécie de dilatação do *ego* – primária com relação à identificação – através da qual o sujeito aumenta as possibilidades da sua fantasia (Ferenczi, 1909/2011).

É preciso dizer que se é verdade para o texto de 1909 que Ferenczi pensará a projeção como tendo primazia sobre a introjeção, em 1912 ele a identificará ao amor objetual, de maneira que “amar a outrem equivale a integrar esse outrem no próprio *ego*” (Ferenczi, 1912/2011, p. 209), o que não pode ser feito se já não houver algum nível de projeção e de introjeção que permita existir alguma objetividade. Assim, a ideia de uma primazia não se aplica, ainda mais se considerarmos ambos os mecanismos apoiados no paradoxo da criatividade primária, por exemplo. Ao nosso ver, se combinamos as ideias damos amplitude ao movimento através do qual, já em 1913, o húngaro passará a propor fases de introjeção e projeção, ligando as primeiras às experiências de onipotência e as segundas ao desenvolvimento do *ego* (Ferenczi, 1913/2011, p. 53).

Nos trechos supracitados já constata-se como a introjeção começa a se aproximar mais da transicionalidade winnicottiana, momento em que, para ele, o sujeito pode



verdadeiramente começar a amar alguém, a um *outro*. Encontraremos o pináculo da coincidência entre as duas denotações de introjeção em um texto de 1926 chamado de *O problema da afirmação do desprazer* (Ferenczi, 1926/2011), quando ela aparece novamente relacionada a perda da onipotência, agora no último dos estágios do desenvolvimento do sentido de realidade (Ferenczi, 1913/2011). No contexto da perda da onipotência vivida pelo sujeito à medida em que adquire a realidade e a linguagem, Ferenczi descreve um período de introjeção no qual “só existe o *ego* e em que ele se apropria de todo o universo da experiência” (Ferenczi, 1926/2011, p. 437) e um período de projeção no qual “a onipotência é atribuída a potências exteriores” (Ferenczi, 1926/2011, p. 438). Diante do exposto, resta trocarmos a palavra *ego* pela ideia de um arranjo indivíduo-ambiente, na qual este *ego* está incluído como função integradora do *self* que virá a ser, e logo os usos da palavra pelo húngaro e pelo inglês estarão devidamente aproximados, tanto no texto de 1913, quanto no de 1926. É importante lembrar que Pinheiro (1995) associa a problemática da introjeção em Ferenczi às proposições feitas em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) por Freud. Dizemos isso porque ao nosso ver indica que também a ideia de uma nova ação psíquica possa ser posicionada no âmbito da transicionalidade. Se esta diz respeito à separação entre eu e não eu, uma associação como essa nos pareceria bastante óbvia.

Antes de prosseguirmos, há pelo menos que se notar alguma coisa sobre o sentido dado à palavra projeção em sua relação com a transicionalidade. Enquanto projeção é normalmente projeção do desprazer – como defesa (Pinheiro, 1995), a partir da “discordância dolorosa” entre sentimentos e impressões sensoriais (Ferenczi, 1913/2011, p. 53) – ou do seio mau – projeção da pulsão de morte entendida como sadismo e destrutividade (Klein, 1930;1933;1935) – ela parece conter ao menos parcialmente, para Winnicott, uma outra significação. Na frase que destacamos – em que ela aparece como projeção daquilo que foi introjetado – ela parece descrever uma espécie de sobreposição imperfeita da imago interna sobre o objeto externo, com a destrutividade operando papel secundário – o mesmo não pode se dizer do erotismo muscular, que encontra efetivamente uma aplicação aqui. Se considerarmos que o objeto transicional faz as vezes do objeto externo enquanto a imagem do objeto interno ainda está prenante, esse sentido parece confirmar-se. Trata-se de uma especulação de nossa parte, embora esse entendimento pareça também corresponder à ideia de uma expansão da terceira área da experiência, à medida em que seu papel é manter unidos/separados – a separação que é união – mundo

interno, enriquecido pelo fora, e realidade externa, colorida criativamente pelo dentro (Winnicott, 1971/2019, p. 108). Curiosamente, isso aproximaria bastante a projeção do sentido a ela atribuído por Freud, em 1925, no célebre *A negação* (Freud, 1925/2016) texto em que ela aparece, já na primeira página, associada à função de negação responsável pela suspensão do recalçamento e, indiretamente, pelo reconhecimento daquilo que se é. O objeto e o fenômeno transicionais, afinal, são aquilo que não é, como aquilo de que se fala na análise não é a mãe, mas em certo sentido é (Freud, 1925/2016, p. 305), porque sempre se é e não se é num arranjo ambiental, que certamente a inclui, ao menos como potencialidade.

Para concluir, à medida em que está entre a introjeção e a projeção, podemos dizer que o transicional posiciona-se neste meio do caminho a partir do qual “os objetos de amor são introjetados”, ou seja, “são mentalmente integrados ao *ego* (Ferenczi, 1909/2011, p. 114), localização a partir da qual a área da ilusão dará origem ao espaço potencial (Winnicott, 1967a/2019). Por outro lado, à medida em que relaciona-se com os aspectos concretos dos objetos (maciez, robustez, firmeza) e dos fenômenos (vibração das cordas vocais, da boca, do ânus) coloca-se também na transição entre o eu e o não-eu. É a isso que chamamos algumas páginas atrás de um duplo movimento de integração, integração do *self* (da qual o não-eu coemerge) e *integração da cisão* entre mãe-ambiente e mãe-objeto. Longe de descrever alguma coisa que pertença à infância perdida, o transicional trata de um processo vivo durante toda a vida. De fato, Winnicott o associará diretamente ao desenvolvimento do brincar para o sujeito quando de sua proposição teórica (Winnicott, 1971/2019) e por isso o estamos analisando detidamente. O que acontecerá no brincar será, de certa forma, aquilo que já acontece no fenômeno transicional, ou, ao menos, aquilo que o fenômeno transicional inaugura.

Neste sentido, o brincar carregará consigo as reverberações do processo transicional, fará parte dele uma passagem pela não integração em direção à integração do *self* – motivo pelo qual há um capítulo todo dedicado ao brincar e à *busca* pelo *self* no seu livro de 1971 – em que a função integrativa chamada *ego* estará em ação. Se é a partir do fenômeno transicional que o bebê pode reconhecer um não-eu, conseqüentemente passando a reconhecer um eu, então é a partir daí que pode começar a diferenciar entre fantasia e realidade externa. Ao mesmo tempo, será próprio do brincar, como é do fenômeno transicional, uma espécie de surpresa a partir da qual a experiência não-integrada do ambiente quieto dos cuidados transformacionais integrar-se-á àquela dos objetos parciais

da pulsão, provocando uma espécie de choque, próprio do borramento entre os domínios da pulsão e do ambiente, na experiência. Diz Winnicott:

“O indivíduo humano não pode aceitar o fato bruto do relacionamento ou ataque instintivo ou excitado à mãe ‘tranquila’. Na mente da criança a *integração da cisão* entre o ambiente dos cuidados maternos e o ambiente excitante (os dois aspectos da mãe) não pode realizar-se a não ser através da maternagem suficientemente boa e da sobrevivência da mãe por um período de tempo” (Winnicott, 1955/2021, p. 446, grifo nosso)

Possível apenas por efeito do fraseamento e da escolha de tradução feitos por Davy Bogomoletz, daquilo que no original em inglês encontrava-se excessivamente cindido – “*Integration in the child's mind of the split between the child-care environment and the exciting environment*” (Winnicott, 1955/1958, p. 267) – a expressão *integração da cisão* nos parece precisa para descrever esse maremoto integrativo. Há uma enorme carga de afeto envolvida na integração da cisão, à medida em que ela é localizada “no auge do clímax instintivo<sup>75</sup>” (Winnicott 1955/2021, p. 445). Trata-se do momento em que o objeto amado pulsionalmente é integrado, na experiência, com aquele que deve ser cuidado e preservado, à medida em que sustenta um coeficiente de dependência do qual o sujeito não pode prescindir. Esta é a forma com que lemos algo como “A mãe está sustentando a situação e o dia prossegue em sua marcha, e o bebê toma consciência de que a mãe ‘tranquila’ esteve envolvida com a *grande onda* da experiência instintiva, e sobreviveu” (Winnicott, 1955/2021, p. 447, grifo nosso). Winnicott parece indicar, num texto em que aborda o problema ético da criança envolvida no que Melanie Klein chamou de posição depressiva, que a partir de um reconhecimento como este o sujeito jamais poderá voltar a gozar sozinho, na plena ilusão de onipotência.

Doravante, a integração da cisão envolve o ser num problema ético a ser atravessado ao longo de toda sua vida. Algo que poderíamos pôr nos seguintes termos: como usar (sem abusar) o objeto do qual eu dependo? Em que medida minha própria satisfação depende de uma tarefa ambientalista? Expandindo-se a questão para a totalidade dos sujeitos que compõem uma comunidade qualquer, trata-se, portanto, de um dilema sem solução definitiva. Permanente tensão, portanto. A não integração depende do *holding* ambiental – *holding* no qual o sujeito é objeto do ambiente – e ao mesmo tempo, o ambiente é o objeto mesmo com o qual a pulsão satisfaz-se, numa devoração parcial ou não, e com o qual satisfaz-se também uma certa motilidade, que conseqüentemente lhe arranca um pedaço.

---

<sup>75</sup> Aqui devemos lembrar que, por efeito de uma escolha baseada na significação do vocábulo *trieb* na história de sua tradução em inglês, em francês e em português, estamos considerando que aquilo que foi traduzido por instintivo guarda proximidade ainda com aquilo que Freud denominou *trieb* e que no Brasil foi amplamente aceito como pulsão – tornando-se palavra corrente na mídia e na literatura acadêmica nacional.

Eis o porquê de nosso interesse em manter os domínios da pulsão e do ambiente unidos. Uma vez que o ambiente tácito-transformacional pode ser reconhecido na sua implicação com o prazer e com a introjeção – sendo, desta forma, imprescindível para a existência e o funcionamento do psiquismo – o brincar deverá estar permanentemente implicado no ambientalismo que o preservará como possível. Daí para frente a relação entre pessoas inteiras deverá incluir, pouco a pouco, o problema ético da consideração, em torno do qual o brincar se dá.

### 3.5 O espaço potencial como praça de ser (ou tempestades na atmosfera de Júpiter)

No capítulo 3 nos envolveremos propriamente com os problemas da consideração, que julgamos ser o espaço profícuo para o estudo do brincar como devir. Antes de o fazermos, no entanto, ainda é preciso que entendamos como funciona a abertura do espaço em que ele se dá, o que nos dará passagem para aquilo que Winnicott chama de “um dos sinais mais importantes do amadurecimento emocional” (Winnicott 1958/2022, p. 34), o paradoxo que é estar sozinho na presença de alguém. Até aqui viemos sustentando essa nossa escolha de tirar o máximo de proveito e consequências da situação que Winnicott chamou de paradoxo essencial (Winnicott, 1971/2019), através do qual a relação do bebê com objetos é vivida com certa dose de criatividade. Seu pedido para que ela seja respeitada (Winnicott, 1953/2019) torna-se, neste trabalho, aquilo mesmo que movimenta a brincadeira de escrever. Essa coisa a não ser resolvida torna-se a fundação de nossas construções, assim como ela é a fundação do fenômeno transicional, para Winnicott. Essa fundação um tanto revolta, já que nela as coisas são e não são ao mesmo tempo, contribui para explicar o destino dos chamados objetos transicionais (Winnicott, 1953/2019): o limbo, este mundo mítico que é um lugar e um não-lugar ao mesmo tempo, ponto intermediário de descanso para os que não foram condenados ao inferno, mas também não poderão ir ao céu. A positividade atribuída ao limbo – ou se não exatamente ao limbo, aos objetos que ali vão parar – faz lembrar o destaque dado à religiosidade do psicanalista inglês por Adam Phillips, em seu *Winnicott* (1988/2006).

Segundo Phillips, D.W., que era um anglicano com antiga pertença metodista, doutrina dissidente do século XVIII que era forte em sua cidade natal, teria tido sua vida marcada pelas tensões entre as dissidências e a continuação da doutrina clássica da Igreja da Inglaterra. Transitando neste limbo dissonante, Winnicott teria certa vez topado com a

história dos Lollards, grupo herege dos séculos XIV e XV, admitindo com certo prazer em carta para Ian Roger sua identificação com o grupo: ele se considerava algo como um Lollard inato (Phillips 1988/2006). Como veremos, sua insistência em fazer prevalecer a consideração sobre a culpa, talvez só tenha sido possível na medida de suas identificações heréticas. Ainda assim, é certo que a ideia de que o objeto transicional vai para o limbo não encontra sua fundamentação na doutrina religiosa e nem nos Lollards, ao menos não diretamente. Mas é interessante notar que é a sua circulação, a partir dos usos que dele se faz, que torna possível a emergência do espaço mesmo que, para Winnicott, será o espaço do brincar e da experiência cultural - dentre elas, a religiosa (Winnicott, 1967a/2019) – e no qual passamos a maior parte de nossas vidas (Winnicott. 1971/2019).

O destino do objeto transicional é o limbo, diz Winnicott. Isso significa que estes fenômenos e objetos não pertencem propriamente ao grupo dos objetos com os quais o sujeito pode se identificar. Não há introjeção, luto e identificação propriamente ditas com ele, de maneira que ele simplesmente torna-se desimportante, sem nunca precisar ser perdido ou velado (Winnicott, 1971/2019), ainda que devam manter-se acessíveis, mesmo depois de abandonados e não mudar a não ser que a criança assim o queira (Winnicott, 1971/2019). Que ele esteja assim caracterizado significa que dentre suas características fundamentais devemos constar sua confiabilidade e constância. Será a sua difusão que dará origem ao espaço potencial, uma estranha “área intermediária de *experimentação*” (Winnicott, 1953/2019, p. 15), posta entre a realidade interna e a externa, como um local de repouso (Winnicott, 1953/2019, p. 16). Quem experimenta certamente se move, dentro, fora ou entre, de maneira que cabe nos perguntarmos: que natureza de repouso comporta, ao mesmo tempo, um movimento?

Comecemos por transcrever o que diz Winnicott, quando detalha a última das características do objeto transicional:

“Ao longo dos anos o destino do objeto é sofrer um desinvestimento gradual, não sendo necessariamente esquecido, mas relegado ao limbo. Com isso quero dizer que, em condições saudáveis, o objeto transicional não ‘vai para dentro’ nem o sentimento em relação a esse objeto é necessariamente recalado. Ele não é esquecido, mas também não tem sua ausência lamentada (*mourned*). Ele perde sentido, e isso é porque o fenômeno transicional tornou-se difuso, espalhado sobre todo o território intermediário entre ‘realidade psíquica interna’ e ‘o mundo externo como percebido por duas pessoas em comum’, ou seja, sobre todo o campo da cultura.” (Winnicott, 1953/2019, p. 20)

A definição anterior permite explicarmos porque gostamos de pensar que o espaço potencial é como que o resultado da movimentação do objeto e dos fenômenos transicionais. A chamada terceira área da experiência (Winnicott, 1967a/2019), área onde o

sujeito poderá sentir-se criativo, vivo e real (Winnicott, 1971/2019), pode ser pensada como aquilo que resulta da difusão dos fenômenos transicionais, palavra que é usada pelo próprio autor no trecho supracitado. É interessante que ele use essa palavra, porque, como se sabe, difusão é uma palavra que guarda tanto um sentido técnico ligado à química e à física, quanto um sentido popular e cultural. No primeiro deles, sobretudo no campo da química, a difusão é um tipo dos chamados fenômenos de transporte ou de transferência – a osmose é um exemplo de difusão – através dos quais se estuda a transferência de movimento, energia e massa. Na difusão, o que acontece é um transporte de matéria através de um fluido, que por sua vez se dá por efeito do movimento térmico das partículas. Em que se pese a força do sentido cultural da palavra – a difusão de notícias e costumes por exemplo – a definição química da difusão nos suscita a seguinte pergunta: o que se difunde nessa difusão do transicional, à medida em que esse objeto ou esses fenômenos não são propriamente introjetados?

É digno notar que o próprio Ferenczi usa uma metáfora termoquímica para ilustrar o problema da introjeção no artigo em que apresenta o conceito, considerando que ela só é possível à medida em que o sujeito dispõe de “valências químicas não-saturadas” (Ferenczi, 1909/2011, p. 90) que procuram “neutralizar-se nos objetos do mundo externo” (Ferenczi, 1909/2011, p. 94). Assim, se o transicional posiciona-se também na transição introjeção/projeção, seria de se supor que algo dele também seja introjetado. Mas o termo usado foi difusão e achamos que vale a pena ficar por um instante com as ressonâncias dessa palavra. Ao nosso ver, a alusão winnicottiana destacava a mistura gradual entre elementos, de maneira que a introjeção no âmbito do transicional só terá valor no sentido em que descreve a integração entre matérias (Ferenczi, 1912/2011, p. 209). Aquilo que se difunde, neste sentido ferencziano, também alarga o campo de possibilidades da subjetividade.

Sendo assim, devemos nos fazer não uma, mas duas perguntas: o que se difunde a partir da ida do objeto transicional para o limbo, a partir de sua difusão? E, lembrando do sentido químico da palavra, em que fluido ou espaço isso que se espalha, se difunde? Onde e o que, em suma, são as perguntas que nos fazemos agora.

O artigo da Wikipedia sobre difusão molecular faz questão de notar que, embora a difusão ocorra de uma região mais concentrada para uma região menos concentrada, ela também pode se dar onde não existe gradiente de concentração algum. Essa notação parece adequada para nosso jogo com a palavras, à medida em que aquilo que o objeto

transicional inaugura, dá-se num espaço aberto pelas falhas menores de adaptação<sup>76</sup> (Winnicott, 1963/1965), o que significa que a difusão ocorre à medida em que um espaço (de desilusão) se abre. Essa falha ambiental, responsável por abrir um espaço angustiante para o sujeito, não deve ser pensada apenas a partir da óbvia alusão geográfica, porque, como lembramos a todo momento, pensamos esse problema a partir de um arranjo indivíduo-ambiente. O espaço aberto é aberto em um arranjo vivido nesta composição. Portanto, há uma força que vem do núcleo (*kernel*) e expande-se, mas expande-se à medida em que um espaço é aberto pelas falhas menores de adaptação. E lembremos que o núcleo aqui significa aquilo que para o observador externo “sempre dera a impressão de ser um bebê humano” (Winnicott, 1952/2021), mas que pode ser pensado também como software que integra poder de processamento criativo e demanda de processamento ambiental. Tal como os transformadores generativos pré-treinados, mais comumente referidas como inteligências artificiais, o potencial se expande à medida em que cria/processa. Assim, se algo se expande de um núcleo, que se diferencia no arranjo total à medida em que se desenvolve e em que o ambiente lhe abre brechas, basta um sopro para vermos, como uma bolha, crescer a abertura do espaço potencial. Neste espaço o sujeito poderá acionar a memória daquilo que se passa na não integração que, não nos esqueçamos, são o contato com a alteridade, *inputs* ambientais que demandam novas integrações.

Não era exatamente o espaço potencial que a imagem da bolha, elaboração de uma de suas pacientes em análise, explicava tão precisamente para Winnicott, de modo que o que tentaremos aqui é um arranjo nosso. Para D.W. a virtude da metáfora era permitir “uma compreensão extremamente profunda da condição do bebê” (Winnicott, 1949/2021, p. 340), à medida em que essa condição, tal como a de uma bolha, envolve um delicado equilíbrio entre pressão interna e externa. Em *memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade* (1949/2021) o psicanalista encontrava-se às voltas com aquilo que denominou de experiência do nascimento, em detrimento de um trauma do nascimento, a qual ele advogava que pudesse ser subdividida em três tipos, dois deles aí sim propriamente traumáticos. Sua tese era a de que esse bebê, como uma bolha, tem uma capacidade limitada de lidar com intrusões ambientais, intrusões estas entendidas como interrupções da continuidade do ser que demandam reações. Essas reações também têm sua

---

<sup>76</sup> Nos termos winnicottianos, esta expressão descreve apenas o fato de que o ambiente cuidador tem seus próprios interesses e, como vimos no capítulo 1, terá de incluí-los na relação com o sujeito nascente no âmbito de uma dependência já relativa.

própria duração. Por exemplo, “um prisioneiro de guerra poderia dizer que a pior parte de sua experiência é a de não saber quando a prisão terá fim. Isso pode tornar um período de três anos pior, *enquanto dura*, que uma sentença de vinte anos” (Winnicott, 1949/2021, p. 343, grifo nosso). Portanto, sua diferença com a situação da continuidade de ser não é com relação à duração, mas, voltando ao problema da difusão, com a qualidade daquilo que dura<sup>77</sup>. Como vimos, a duração que é continuidade do ser no sentido winnicottiano acontece na não integração como um processo de diferenciação e indiferenciação. Logo, este é o nosso onde, no qual o relaxamento, e, mais precisamente, a confiança, própria da não integração, se difunde. Ela se difunde porque pode se servir da não integração para se espalhar. Se a não integração é um recurso um tanto louco da subjetividade, é porque nela se difunde a confiança.

Segundo a física Helen Czerski, bolhas são formidáveis objetos de estudo. Em um documentário chamado *The Science of Bubbles* – disponível em um canal do You Tube chamado Spark – a estudiosa das bolhas, que recentemente também lançou um livro chamado *Blue machine*, na qual pensa os oceanos como um motor movido a energia solar, explica como elas funcionam e porque seu estudo é relevante. Na explicação que oferece, ela subdivide as bolhas em dois grupos: as bolhas subaquáticas, cujo impacto nas mudanças climáticas e na formação das nuvens é surpreendente, mas nas quais não focaremos agora, e as bolhas de sabão, com as quais podemos fazer analogias com o espaço potencial. Czerski explica que a chave para entender o funcionamento das bolhas é a chamada tensão superficial, efeito físico que ocorre no encontro entre duas fases químicas distintas por efeito da força de coesão entre as moléculas que formam uma substância, como por exemplo, a água. Essa força de coesão entre as moléculas – bem como o formato com que se juntam H<sup>2</sup> e O – faz com que as moléculas da superfície, que sofrem apenas a ação de vetores de força interna e lateral (e não em todas as direções, como o resto do líquido), formem uma película elástica e resistente. Esta tensão superficial é bastante forte na água, motivo pelo qual o sabão ajuda na formação de bolhas, já que ele diminui a tensão superficial, permitindo com que um filme se forme – como aquele que se vê nos brinquedos das crianças – e que as bolhas se sustentem por mais tempo, a medida

---

<sup>77</sup> Talvez, num sentido bergsoniano mais estrito, a palavra duração não caiba aqui justamente porque pensada junto à alusão ao prisioneiro de guerra, poderia se dizer que a cada dia preso sem data sair, experiência do tempo se homogeneizaria, não diferindo qualitativamente, mas repetindo-se como o mesmo. Ainda assim, Caetano Veloso conta com frequência que a experiência da prisão sem prazo pode ser ela mesma rica em diferenciação. Embora certamente indesejável, foi lá que preso que ele compôs a enorme letra de *Terra*.



em que a tensão superficial do corpo da água – imaginemos uma bolha boiando – não faz força suficiente para lhe romper. O que rompe a bolha ou permite que se forme o filme, portanto, é a força com que uma tensão superficial age sobre a outra. O sabão é o que favorece a transformação da água em bolha e sua duração. No arranjo indivíduo-ambiente, a ideia da bolha nos permite olhar com calma para a formação do filme de bolha, que terá suficiente força, mas também suficiente elasticidade, para existir e voar por conta própria. E a confiança será esse sabão que torna possível algo como esse espaço potencial-bolha.

Em *O lugar em que vivemos* (1971/2019) Winnicott define o espaço potencial como uma área de risco, fazendo alusão ao risco envolvido no tratamento de pacientes psiquiátricos que estão alcançando possibilidades maiores de autonomia e, em seu entendimento, de separação entre eu e outro (Winnicott, 1971/2019, p. 172). Lembremos que o fenômeno transicional tem a ver com um duplo movimento: separação e união. Como derivado dele, o espaço potencial dará continuidade a este legado. Por ser da natureza de uma separação, trata-se de uma “área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte da mãe) durante a fase de repúdio do objeto como não eu” (Winnicott, 1971/2019, p. 172). Ou seja, trata-se de alguma coisa que é própria dos paradoxos da transicionalidade, aos quais nos dedicamos na seção anterior. “Nesse ponto”, diz Winnicott, “todos os bebês têm experiências favoráveis e desfavoráveis. A dependência atinge seu ponto máximo. O espaço potencial ocorre apenas em relação a um sentimento de segurança por parte do bebê” (Winnicott, 1971/2019, p. 162). Se este sentimento de segurança comparecer, se a continuidade do ser puder ter uma qualidade confiável, tranquila no sentido de segura, de constante, a confiabilidade dos elementos ambientais pode tornar-se uma “confiabilidade que está sendo introjetada” (Winnicott, 1971/2019, p. 172). Logo, essa área que pode ser de risco, é também uma área em que a confiança está sendo difundida. Ou introjetada, como o sabão que, valendo-se de suas valências, se mistura à água fazendo dela a matéria de um filme de bolha.

Essa transformação, que expande as possibilidades da água alterando as características da sua *tensão* superficial, ou seja, distensionando no sentido de tornar mais maleável, deve sua perpetuação a uma confiança que é adquirida em relação, nos lances inaugurais de um *self* com passado, presente e futuro (Winnicott, 1963a/1982, p. 86). Essa confiança vai dar origem a uma atividade, atividade essa que acontece no espaço potencial: o brincar. Por isso é que o espaço potencial, tal como o fenômeno transicional, diz respeito também a uma união. Para Winnicott, a separação própria do processo da integração da

cisão entre ambiente e objeto e entre eu e não-eu é apenas uma ameaça de separação: “não existe separação possível entre os seres humanos, apenas ameaça de separação” (Winnicott, 1971/2021, p. 173). Ele inverte os termos do problema. Se para o observador e para o sujeito comum (sobretudo na sua versão neoliberal) o indivíduo é que é o fato, podemos dizer que para ele o arranjo e seus efeitos é que são mais evidentes. Esse seu movimento de inversão permite-nos ver que, de algum modo, nós somos o ambiente com o qual nos arranjamos. Ver isso não impede que deixe de haver um movimento de individuação, como vimos no capítulo 1 com o problema da dependência e do rumo chamado independência. O brincar, à medida em que conecta, conecta duplamente. Primeiro, porque evita a separação à medida em que pode preencher o espaço potencial com o brincar criativo (Winnicott, 1971/2019, p. 175) e segundo porque conecta o tempo no espaço, ligando passado presente e futuro na duração do brincar que se localiza nesse filme de bolha, nessa tensão superficial em que duas fases químicas se encontram.

Em suma, podemos pensar no espaço potencial como o resultado da difusão do fenômeno transicional pelo espaço aberto nessa brecha produzida no arranjo – pelo sujeito em seu movimento de integração e pelo ambiente em seu papel transformacional – e podemos pensar na confiança como sendo aquilo que de mais importante é introjetado a partir dos movimentos do objeto transicional. O limbo é seu destino, mas ele deixa marcas de uma experiência vivida, um rastro de confiabilidade e de experiências seguras vividas na não integração.

Não é a toa que fizemos um recurso imaginativo nessa nossa tentativa de figurar conceitualmente o espaço potencial, trata-se de um estranho espaço, para uma estranha atividade. Espaço que é dentro e fora, formado por uma separação que é união, e uma atividade vivida no contexto de uma vida humana em que as separações, mesmo as mais radicais, devem ser pensadas como ameaças e, portanto, como não definitivas. Trata-se de uma espécie de empilhamento de paradoxos, em que as coisas são e não são a todo o tempo, para os quais a dificuldade de produzir definições últimas é intrínseca ao ponto de partida das proposições. Trata-se de um exercício brincante sem dúvida, de pensar a partir do paradoxo justamente para que o brincar se dê como potência. Neste sentido, o filme de bolha representa bem a característica potencial desse espaço: se soprado lança-se em direção aos céus e sua forma só pode se estabelecer durante o voo.

Quanto a isso há uma última característica das bolhas de sabão que nos parece interessante agregar ao espaço potencial. No documentário em que apresenta sua pesquisa

Helen Czerski mostra que o estudo das bolhas pode ter diversas aplicações interessantes. Dentre elas uma que chama bastante atenção: a possibilidade de estudar o movimento dos fluidos a partir da interação entre as paredes da bolha e a luz. Porque a espessura da parede de uma bolha de sabão é a mesma da que possui um único comprimento de onda de luz visível, é possível ver na superfície da bolha a movimentação da luz junto com a do líquido que a compõe. Isso é o que dá a elas o colorido que vemos, mas é isso também que faz com que seja possível algo como, por exemplo, estudar em laboratório o movimento das tempestades na atmosfera de Júpiter, através de sua reprodução nos filmes de bolha. De maneira semelhante, se o brincar e a experiência cultural acontecem no espaço potencial (Winnicott, 1971/2019) – brincar que será um dos planos de conexão entre a fantasia e a realidade material externa (Winnicott, 1971/2019) – poderíamos advogar que o que acontece nesse espaço potencial, lugar em que passamos a maior parte de nossas vidas (Winnicott, 1971/2019), é o próprio existir. Imbuídos da qualidade transformacional própria do arranjo indivíduo-ambiente e calcado no paradoxo da criação do que foi de fato encontrado, o espaço potencial que daí deriva será como uma praça de ser, como nos versos de *ver-a-cidade*, do músico mineiro Lucas Gonçalves. Essa praça de ser conceitual chamada espaço potencial é aquilo que nos permite ver onde estão e como se dão as tempestades da atmosfera do *self*, as tempestades do ser, sendo.

Não há melhor exemplo das relações conceituais e experienciais que compõem nossa chegada a esta nossa praça de ser, compartilhada e ao mesmo tempo singular, do que o seguinte:

“O mundo que nós compartilhamos com a criança é também o mundo imaginativo que pertence à criança, e assim ela é capaz de experimentá-lo intensamente. É em razão disso que nós não insistimos, quando estamos lidando com uma criança desta idade, numa percepção exata do mundo externo. Os pés de uma criança não precisam estar a todo tempo plantados na terra. Se uma menina quer voar a gente não diz: ‘crianças não voam’. Ao invés disso a gente a pega e a ergue em volta das nossas cabeças e colocamos ela no topo do armário, de modo que ela sinta que voou como um pássaro em direção ao seu ninho.” (Winnicott, 1964/1987, p. 70)

### 3.6 A capacidade de estar só: o palco está armado para o brincar

É possível que a leitura que estamos propondo da teoria winnicottiana, embora não propriamente original, possa parecer algo inconsistente e dizemos isso pensando nessa estranha situação de empilhamento de paradoxos. É como se toda a proposta teórica estivesse montada sobre partículas quânticas, ou como se nosso Winnicott estivesse decidido a levar a consequências extremas e molares o exercício mental inventado pelo austríaco Erwin Schrödinger para explicar o problema das realidades quânticas paralelas: o

sujeito que deriva daí está vivo e está morto, a depender de como o universo quântico se comporte na presença do observador. Trata-se de um conjunto de proposições contraintuitivas, como gostam de alardear os físicos quânticos. Mas é interessante que em Winnicott tudo esteja calcado nesta capacidade de identificação com o bebê que equivale, segundo nossos termos, a acessar uma primariedade, porque é muito provável que seu acesso esteja vedado àqueles que não podem seguir suas intuições. Afinal, uma das maneiras com que se descreve essa preocupação ambiental primária é como aquilo que se “faz com naturalidade *naturalmente*” (Winnicott, 1987/2020, p. 21), o que parece implicar um aquém da consciência. Provavelmente escapa ao nosso escopo do momento – como escapa de nosso domínio a própria física quântica – mas seria interessante pensar como a ideia de uma sobreposição de continuidades (*limited spell/going on being*) pode ser articulada metaforicamente ao que costuma-se chamar de emaranhamento quântico. Fenômeno, aliás, que teria sido demonstrado em laboratório pela brasileira Gabriela Barreto Lemos em 2014, que homenageou Schrödinger em seu experimento.

Seja como for, o ponto é que paradoxo não necessariamente significa inconsistência, apenas um respeito pela incerteza, à medida em que ela é como um intervalo de indeterminação. No caso winnicottiano, um intervalo que é um presente que se dá. De modo que nos parece interessante fazer uma espécie de rápido inventário dos paradoxos que vimos até aqui, mesmo porque há mais um por chegar. É estranho colocá-los em ordem, mas provavelmente isso terá algum valor para efeitos de organização do texto e da pesquisa. Lembremos que nossa hipótese principal é a de que o brincar pode ser pensado como uma prática da liberdade. Uma prática da liberdade de vir a ser que, no entanto, como estamos constatando, depende intimamente de uma relação com o ambiente que lhe possibilita, necessitando por definição de um viés ambientalista para ser possível. Sendo assim, o primeiro paradoxo que precisa ser lembrado é aquele chamado de paradoxo essencial (Winnicott, 1971/2019), segundo o qual o subjetivo depende de um “ambiente mínimo” (Winnicott 1971/2019, p. 239), sendo o próprio paradoxo que resulta numa unidade mínima de análise que é já um conjunto, um arranjo ambiente-indivíduo. O segundo é o paradoxo do criado/encontrado, aquele que permite falarmos em uma criatividade primária e que assegura a agência da relação sobre a realidade percebida e sobre a objetividade. O terceiro poderia ser aquele que trata do problema da separação que é, de fato, uma forma de união, um dos paradoxos da transicionalidade. O quarto é o paradoxo da integração da cisão, que não foi nomeado assim em inglês e que só foi

possível abordar diretamente ao nos servirmos desse espaço amorfo entre as línguas e da tradução sintética de “*integration in the child’s mind of the split between*” (Winnicott, 1955/1958, p. 267).

É nesta trilha que chegamos agora a um quinto paradoxo, o de ficar sozinho na presença de alguém, paradoxo que será a base a partir da qual a capacidade de estar só será alcançada (Winnicott, 1958/1965), importante ponto de confluência entre o domínio da pulsão e o domínio do ambiente. Com a capacidade de estar só estabelecida a via do brincar como devir estará aberta e chegaremos enfim ao último capítulo deste trabalho.

Como dissemos acima, para Winnicott a capacidade de estar só representa uma grande conquista do desenvolvimento emocional e depende da presença de outro alguém para ser possível (Winnicott, 1958/1965). Antes de mais nada, temos que diferenciar a capacidade de estar só daquilo que Winnicott chama de solidão essencial, no livro póstumo *Natureza Humana* (1988). Podemos dizer que a capacidade de estar só refere-se a um acúmulo de um suprimento de experiências – para usar o termo que empregamos também para falar da onipotência – de estar só na presença de alguém, o que pressupõe, portanto já uma separação entre eu e não eu (Winnicott, 1958/1965). Por outro lado, a chamada solidão essencial, que no início do capítulo conectamos à continuidade do ser, podemos dizer que é justamente esse suprimento que dará origem à capacidade de estar só. No livro de 1988 Winnicott, ao tratar do que chama de *essential aloneness*, diz:

“Ao mesmo tempo esta solidão só pode se dar sob condições máximas de dependência. Aqui, no começo, a continuidade do ser do novo indivíduo acontece sem qualquer percepção do ambiente e do amor no ambiente, que é o nome que damos (neste estágio) à adaptação ativa de tal tipo e grau que a continuidade do ser não é perturbada por reações a intrusões” (Winnicott, 1988, p. 132, tradução nossa).

Vemos como há um sentido quantitativo nessa passagem que nos permite falar em um suprimento. O que parece ser completado por um outro trecho, este do texto de 1958, na qual ele justifica seu paradoxo ao dizer que: “a capacidade de estar sozinho se baseia na experiência de estar sozinho na presença de alguém e que sem uma suficiência desta experiência a capacidade de estar só não pode se desenvolver.” (Winnicott, 1958/1965<sup>78</sup>). Evidentemente o aqui proposto é apenas um modo de interpretar a diferença entre os termos, um que nos parece útil, à medida em que permite separar o papel do ambiente, que oferta essa possibilidade, e o do bebê, que, neste caso, recebe a oferta. Nossa proposta de

---

<sup>78</sup> Para este texto preferimos usar como base a versão original, mas que fique notado que a nova edição da Ubu (1984/2022) e a antiga edição da Artes Médicas (1960/1982) de *The maturational process*, onde o texto se encontra, foram consultadas.

um arrançamento feito pelo arranjo indivíduo-ambiente não deixa de considerar certas assimetrias importantes, ainda mais quando pensadas na relação com o trabalho clínico. Sobretudo neste texto, fica evidente o lugar ocupado pelo que aqui é chamado de uma relação relacionada ao *ego*<sup>79</sup> (*ego-relatedness*), que proverá a sustentação para a emergência de uma relação de *id*.

O que Winnicott está chamando de uma relação relacionada ao *ego* é aquilo que trabalhamos no capítulo 1 associado à fórmula freudiana do *wo es war...*, em volta da qual debatemos a proposição winnicottiana de que “não há *id* antes do *ego*” (Winnicott, 1962/1982, p. 55). Todo um percurso foi feito ali, mas o resumo da ópera é o postulado de que *ego* e *id* coemergem no arranjo indivíduo-ambiente, de maneira que só faz sentido referir-se a um quando há o outro também presente, em algum lugar. Este lugar no qual localizamos o *id* foi como estando incluído fora do *ego*, fora porque manifestando-se como uma força, como “um trovão ou uma pancada” (Winnicott, 1960a/1965, p 141), de modo que o sujeito da experiência vai aparecendo à medida em que pode integrar *id* em *ego*, fortalecendo-o, medida mesma em que o próprio *ego*, desempenhando sua função de síntese, dará ensejo à integração do *self*. Assim, a ideia de uma relação relacionada ao *ego* está ligada à “função de *ego*-auxiliar” (*supportive-ego function*) (Winnicott, 1962/1982, p. 56) do ambiente, função esta que é justamente sua própria continuidade do ser sobrepondo-se à continuidade do ser nascente. A capacidade de estar só, portanto, depende da “adaptação ativa de tal tipo e grau que a continuidade do ser não é perturbada por reações a intrusões” (Winnicott, 1988, p. 132, tradução nossa). Se *ego* é em função de um arranjo, então o *ego*-auxiliar que sustenta a emergência do *ego* já é, ele também, um arrançamento de arranjos, de modo que pensado desta forma não faz sentido pensar qualquer precedência entre *id* e *ego*. Função de *ego*-auxiliar aqui só faz sentido contingencial, considerada uma certa assimetria do arranjo indivíduo-ambiente.

O efeito desse arrançamento é que o ambiente conflui com as exigências da pulsão, de maneira que as experiências do *id* sejam *ego*-fortificantes. Se forem vividas como

---

<sup>79</sup> Achamos que não há nenhum problema fundamental com a tradução de *ego-relatedness* e *id-relationships* como relação de *ego* e relação de *id* (Ubu) ou mesmo como ligado ao *ego* (Artes médicas) e conexão com *id*. No entanto, para efeitos daquilo que estamos tentando enfatizar, ou seja, uma separação e uma confluência entre domínios do ambiente – aos quais pertencem as relações de *ego* – e da pulsão, a tradução de *ego relatedness* para “relação relacionada ao *ego*” frisa que o problema em foco é o de uma qualidade da relação e não de relações totalmente distintas. Esta qualidade é uma qualidade tácita, que, como veremos, relaciona-se ao problema da confiança trabalhado na seção anterior. *Relatedness* significa um estado ou condição de estar relacionado a algo ou alguém, e pode ter um sentido musical também, relacionado aos múltiplos inteiros de uma frequência harmônica fundamental.

intrusões, se a onda não tiver uma crista, não puder ser surfada ou se o sujeito não tiver uma prancha, então para Winnicott o ambiente e a pulsão estão em movimentos de afastamento e neste caso o impulso do *id* perturba o *ego* (Winnicott, 1958/1965, p. 33). Logo, é no sentido em que fortalece ou perturba a constituição narcísica que podemos pensar na confluência dos domínios do ambiente e da pulsão. Deste modo, é quando fortalecendo o *ego* que podemos dizer, como Winnicott, que “os relacionamentos de *id* (...) ocorrem numa moldura de relação relacionada ao *ego* [*framework of ego-relatedness*]” (Winnicott, 1958/1965, p. 34).

É imprescindível notarmos que a ideia de um fortalecimento de *ego* pelas integrações de *id* não quer dizer de modo algum que a experiência pulsional ou as fantasias, nesta situação, seriam sempre egossintônicas, como também não são apenas egodistônicas as intrusões ambientais. Tudo depende desta moldura que é composta por uma sobreposição de durações. Ela será a base para uma capacidade de relaxamento e confiança sem a qual não se pode estar não-integrado e, portanto, não se pode também realizar novas integrações (Winnicott, 1958/1965). Portanto, a ideia de um fortalecimento de *ego* a partir de *id* inclui uma importante faceta transformacional, uma dinâmica entre sintonias e distonias, um novo arranjo entre *id*, *ego* e ambiente.

Se a capacidade de estar só puder se instaurar a partir destas condições, então uma grande conquista terá ocorrido:

Quando sozinho no sentido em que eu estou usando o termo, e apenas quando sozinho, o infante é capaz de fazer o equivalente ao que no adulto seria chamado de relaxar. O infante pode ser capaz de estar não-integrado, devanear, pode estar em um estado no qual não há orientação, capaz de existir por um tempo sem ser alguém que reage a intrusões externas ou uma pessoa ativa com direção de interesse ou movimento. *O palco está montado para uma experiência do id*. Com o passar do tempo surge uma sensação ou um impulso. Neste cenário a sensação ou impulso será sentida como real e será uma verdadeira experiência pessoal” (Winnicott, 1958/1965, p. 34, tradução nossa, grifo nosso)

É certo que toda essa problemática está ligada àquilo que dissemos sobre a integração da cisão. O ambiente, no caso de um bebê, os cuidadores, é, ao mesmo tempo, quem proporciona essa experiência de relaxamento e construção da confiança e o objeto de satisfação pulsional. Logo, a todo momento em que o paradoxo da integração da cisão está em jogo, também está a construção da capacidade de estar só e sua relação com as experiências pulsionais. À medida em que este processo caminha, a difusão da confiança, que como vimos dá-se por meio dos fenômenos transicionais, pode fazer com que exista algo como um “ambiente interno” (Winnicott, 1958/2022), a partir do qual a presença real daquele que sustenta a capacidade de estar só pode tornar-se prescindível. O ambiente externo, todavia, não deixa de cumprir um papel, mesmo nestes momentos. A confiança

deve permanecer nutrida para que a não integração possa ser vivida mesmo enquanto sozinho. Afinal de contas, ela é um recurso louco, ou seja, tem uma natureza desorganizadora a qual novas integrações deverão fazer frente.

No próximo capítulo, usando nosso filme de bolha, o espaço potencial, poderemos observar em ação as tempestades na atmosfera do *self* as quais toda essa maquinaria conceitual nos permitirá chegar. A capacidade de estar só por sua vez, tal como a montamos, nos parece intimamente ligada com a construção deste espaço potencial. Ela parece mesmo posicionada no âmbito das separações entre eu e não eu e da integração entre ambiente e pulsão. Trata-se da descrição de um processo de subjetivação que resulta num sujeito cuja experiência comporta uma espécie de solidão acompanhada, que sustentará as desventuras de uma vida cindida, uma vida que deve constantemente incluir o campo daquilo que é vivido antes de ser pensado. Por fim, é chegado o momento de atravessarmos o “portal para o inconsciente” (Winnicott, 1964c/1987, p. 146, tradução nossa) chamado brincar.



## 4 – O brincar como devir

É uma maneira de sentar sem cadeira.  
(Gheérasim Luca, *Auto-détermination*)

Caminhar  
Devagar nosso peito sem ar  
E tentar outra praça de ser  
Pra voltar ao caminho e correr para  
O mar

(Lucas Gonçalves, *Ver-a-cidade/outra praça de ser*)

A ideia de que ao tratarmos do infantil devemos poder pensar em pontos de vista (do observador, do bebê) significa a possibilidade de abordá-lo a partir do borramento – e não da separação – entre o sujeito e o objeto, num estado e num lugar em que eles se confundem. Pode-se dizer que um dos pontos de partida dessa confluência objeto-subjetiva está na ideia de uma preocupação materna primária (Winnicott, 1956a/2021), que preferimos considerar tratar-se não de uma maternagem, mas de uma primariedade. Ela é aquilo que permite a Winnicott pôr-se no lugar do bebê, identificar-se consciente e inconscientemente com ele. Consciente, porque pode falar, descrever e escrever sobre isso, a posteriori. Inconscientemente, pois a preocupação materna primária só é possível na medida de uma comunicação indireta e silenciosa (Winnicott, 1963/2022), que é a oferta de um tempo em que o ser continua a ser e age com naturalidade naturalmente (Winnicott, 1987/2020, p. 21), não querendo dizer isso outra coisa que não aquilo que estamos tratando como uma confluência ou sobreposição de continuidades<sup>80</sup> (Winnicott, 1963/1965, p. 86). O ambiente, neste sentido, faz durar o passado no futuro, com o passado sendo uma relação vivida, sua primariedade e o futuro sendo essa relação a partir da qual o bebê pode estabelecer sua própria continuidade do ser, criar seu próprio tempo. De certa forma, então, podemos dizer que a preocupação materna primária, no que pese o “materna” que ainda resta na expressão, é o tempo que sustenta (a invenção de) um tempo e abre um espaço para que um espaço se dê. Dessa maneira, ainda brincando com as palavras, podemos dizer que se essa preocupação materna primária é um problema do arranjo que faz seu próprio arranjo, ela é uma espécie de improvisação e de harmonização, tal como aquela que um grupo de música criativa improvisada faz a partir de um tema – o tema sendo o contexto social que os precede e as incontornáveis tendências hereditárias. Dada a

---

<sup>80</sup> A confluência é um conceito da chamada Gestalt-terapia. Embora talvez guarde pontos de contato e semelhanças, nós aqui a utilizamos apenas como uma palavra que denota um encontro entre fluxos, como dois afluentes de um rio se encontram em direção ao mar.

assimetria desse arranjo, na qual o bebê nunca foi um bebê, mas os cuidadores já, podemos dizer que a preocupação materna primária define-se como a capacidade de manter aberto o acesso a essa primariedade própria do infante, seja no adulto, ou seja na criança. A preocupação materna primária, assim, nada mais é do que uma afinação no tom do infantil. Como se sabe, quando se muda a afinação, o som e as possibilidades do instrumento também se alteram. Elas saem do automatismo da afinação padrão.

Ao considerar o problema do narcisismo – palavra estranha ao contexto de um arranjo, cujo sentido Freud retira do mito grego e do contexto psiquiátrico em que era usada para descrever um tipo de interesse libidinal considerado um distúrbio (Garcia-Roza, 2000; Roudinesco e Plon, 1998) – Freud disse que a nova ação psíquica era efeito da revivescência do narcisismo parental (Freud, 1914/2010). O que resultava numa espécie de bebê monarquista, servido na exata medida de seus desejos e anseios e que, portanto, não podia conhecer o mundo a não ser por meio de suas frustrações. O tema da emergência do eu permaneceu pouco explorado por ele, mas ganhou cores bastante interessantes nas mãos dos ingleses e de outros, dentre os quais Winnicott, para quem o bebê, antes de ser uma majestade, deveria poder ter podido experimentar uma certa divindade (Winnicott, 1986/2021). Embora ambas as expressões remetam a figuras de grande poder, a realza do bebê freudiano diz respeito apenas a uma dimensão do real, aquela na qual o rei tem à sua disposição uma corte que o serve. Por outro lado, o bebê winnicottiano é deus na medida em que cria aquilo que lhe satisfaz, mas também aquilo que lhe impõe limites<sup>81</sup>. Em outras palavras, não é que o bebê winnicottiano fosse mais real que o rei porque, diferente do rei, cujo futuro é frustrar-se, sua prerrogativa é a de ser um criador antes de mais nada, só que um criador daquilo que já havia, porque o que se cria, seja o céu, o inferno ou o limbo, no que concerne ao problema deste bebê, é uma oferta do ambiente. A desilusão, nesta trilha, é apenas o inevitável. Diante desse paradoxo, dadas as condições favoráveis necessárias para uma tal subjetivação, encontrado torna-se criado se o observador assim puder permiti-lo. O que só será possível se quem cuida pode cuidar acessando sua primariedade.

Sendo assim, este modo com que Winnicot se esforçava para olhar pelo ponto de vista do observador, que garante o paradoxo ao permiti-lo e respeitá-lo, mas também pelo ponto de vista do bebê, que são bebê e ambiente arranjando-se – e arranjar significa diferir tanto quanto deferir –, é justamente aquilo que permite o surgimento dessa divindade,

---

<sup>81</sup> Lembremos que Winnicott era cristão, o que significa que seu deus era uno, tal como o que criou o paraíso, mas também a maçã proibida do desejo, seu fim.

incômoda função vivida toda vez que se olha para o relógio e se cria o tempo, mas transferida rapidamente para deus de modo que se possa ver as horas (Winnicott, 1986/2021, p. 55). A obra winnicottiana, feita de artigos apresentados à comunidade médica e psicanalítica tanto quanto de apresentações e falas pensadas para dialogar com plateias as mais variadas, são como o filme de bolha ao qual associamos o espaço potencial no capítulo 2. O que vemos na órbita de sabão que se estende, durando no tempo, é, nos parece, as tempestades da atmosfera sélfica winnicottiana. Quando o vemos, o vemos brincando de ser bebê e brincando de ser mãe. Brincando de ser bebê, brincando de ser mãe, de ser carretel, de ser ponta do edredom, de ser pai, de ser suco de laranja, mordedor, aconselhador, palestrante, enfermeira, espectador de concertos, devoto, relojoeiro, analista... Quando o vemos, a todo tempo, brincando de ser. Ou poderíamos apenas dizer brincando, o que provavelmente poderia ser equivalente a dizer ‘sendo’? Primeiro ser, depois fazer, ele afirma em *A criatividade e suas origens* (1971a/2019). Mas fazer o quê? Fazer o que faz um ser, ou seja, devir.

\*\*\*

Se a equivalência entre ser e brincar pode parecer exagerada – ela certamente o é – por outro lado, para efeitos de nosso argumento, gostaríamos de explorar as confluências e as possibilidades que uma aproximação tal como essa abre. Por certo, estes são afluentes que correm pela vida tanto soltos e separados, quanto juntos. Sendo assim, podemos dizer que, a partir de agora, o que apresentaremos é o brincar e algumas de suas vicissitudes: o brincar como devir, como esperamos poder chamar esse percurso. Esperamos poder fazê-lo mantendo-o o mais fiel possível a tudo aquilo que viemos trabalhando até aqui. A bem da verdade, realmente nos parece que considerar o brincar na medida em que ele é uma atividade do ser vindo a ser é apenas descrevê-lo de uma outra forma, sem nos afastarmos muito daquela com que ele foi descrito por Winnicott: como algo natural, ao qual devemos, tanto quanto a Freud, a própria psicanálise (Winnicott, 1971/2019).

#### 4.1 – O brincar e o jogo

Pode-se dizer que Winnicott encarava o respeito ao paradoxo, do qual tratamos em ambos os capítulos precedentes, como um jogo e é interessante pensar que o brincar, embora não seja jogo (Winnicott, 1971b/2019, p. 87) – o inglês faz uma diferença clara entre os dois – pode ter um jogo como sustentação (Winnicott 1969/2019, p. 163), à medida em que depende, como tudo o mais que diz respeito ao infantil em Winnicott, de

um arranjo indivíduo-ambiente. Este jogo, que sustenta o paradoxo necessário para que o brincar seja possível, no entanto, terá como subjacente um fundo assustador (Winnicott, 1971b/2019, p. 87), que por sua vez nada mais é do que a fundação do próprio brincar (Winnicott, 1964c/1987). O brincar, para Winnicott, é fundamentalmente uma derivação da transicionalidade, ele mantém a realidade interna ligada à realidade externa (Winnicott, 1971b/2019) e o faz por ser uma forma de sustentação da angústia (Winnicott, 1964c/1987).

É preciso dizer de saída que Winnicott não propõe a definição do brincar a partir deste contraste com o jogo, ele apenas os diferencia. Contrastá-los mais demoradamente é uma escolha nossa, a qual desenvolveremos em seguida, ainda que seja possível encontrá-la em diversos textos do inglês em que aborda o assunto. Ainda assim, a ideia de que um jogo, definido pela existência de regras e por uma organização específica e bem definida, o sustenta, está implícita no final da proposição teórica do brincar (Winnicott, 1971b/2019). Se o brincar remete à liberdade criativa de expressão, ou seja, a uma criação da organização e dar regras que é a própria atividade, o jogo, por outro lado, requer regras e um enquadramento bem definido para que possa acontecer, ele as pressupõe. A regra do jogo que sustenta o brincar em Winnicott é o respeito e a valorização da lógica paradoxal que subjaz a ele e brincar é brincar com o caldeirão fervilhante do caos.

Para Winnicott, como já dissemos, o brincar é algo natural e universal e que só podia ser interrompido mediante graves falhas ambientais – o que pode ser curiosamente constatado, por exemplo, através de uma análise do caso Dick, de Melanie Klein (1930/1996), embora a vienense não tenha dado ênfase ao ambiente na sua teoria. De fato, o brincar em Winnicott é um tipo de ancestral da clínica psicanalítica, tendo precedência sobre ela, sendo considerado por ele como sua condição de possibilidade (Winnicott, 1971b/2019). Por certo, ao propor uma sequência que vai do brincar ao “fenômeno altamente sofisticado do século XX” (Winnicott, 1971b/2019, p. 74) chamado psicanálise, Winnicott está se referindo à técnica psicanalítica clássica, segundo a qual o analista é aquele que deve se abster e interpretar, seja essa interpretação entendida como desvelamento do inconsciente (Freud, 1914/2010) ou como reconstrução arqueológica (Freud, 1937/2018). Curiosamente, todavia, há uma espécie de titubeio winnicottiano quanto a afirmar textualmente o trabalho do psicanalista como um trabalho a partir e com este brincar (Winnicott, 1971b/2019), muito embora toda sua prática e sua obra deem notícia do contrário. Dizemos isso apenas para comentar que consideramos desnecessária a

diferenciação entre uma psicoterapia e uma psicanálise baseada no critério do brincar, diferenciação segundo a qual a primeira acolhe uma “sobreposição entre duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta” (Winnicott, 1971b/2019, p. 69) e a segunda não. Nos parece que há brincar a todo o tempo na clínica psicanalítica e tanto menos quanto ele esteja presente, maior será sua centralidade no trabalho. Motivo pelo qual, “quando um paciente é incapaz de brincar, o terapeuta deve se concentrar nesse sintoma principal, antes de interpretar fragmentos de comportamento” (Winnicott, 1971b/2019, p. 83). Se formos bem-sucedidos aqui, talvez consigamos propor que brincar é um imprescindível recurso da clínica psicanalítica e que ele pode ter tanto a ver com o modo com que se saúda alguém na entrada ao consultório, quanto com algum jogo que se jogue ali.

Definamos então a brincadeira e o jogo, para que o caminho na direção do brincar esteja plenamente aberto. Em *O Brincar: proposição teórica* (Winnicott, 1971b/2019), D.W. logo de partida deixa explícita sua preocupação principal ao propor o arranjo teórico do conceito, que dizia respeito à seu entendimento de que a clínica psicanalítica punha ênfase demasiada no conteúdo da brincadeira. Em lugar de analisar a brincadeira, ele propunha que se pudesse colocar o brincar sob foco, tratando-o como verbo substantivado e não como substantivo, ou seja, incluindo aí uma continuidade. Continuidade esta que fica ainda mais acentuada no inglês: “*It is obvious that I am making a significant distinction between the meanings of the noun 'play' and the verbal noun 'playing'*” (Winnicott, 1971b/2005, p. 54). A brincadeira, portanto, não é definida pelo seu conteúdo e quando Winnicott propõe que a ênfase se ponha na continuidade do fazer que é brincar, ele está indicando a possibilidade de abordar a brincadeira naquilo que ela tem de processo, de movimento e não apenas em seus significados. A brincadeira no seu conteúdo, tal como abordada por Melanie Klein em 1930 (1996), suscita uma série de significados, significados a serem sobrecodificados segundo o modelo do complexo de Édipo e segundo a teoria psicanalítica. Já o brincar, em sua dimensão de verbo, deve ser abordado “como algo em si mesmo” (Winnicott, 1971b/2019, p. 72). Daqui para frente, portanto, a não ser que explicitamente notado, quando nos referirmos ao substantivo brincadeira (ou ao seu correlato em inglês, *play*) o faremos na medida em que remete ao brincar, para o qual o conteúdo está em segundo plano. Dizer isso é necessário porque, apesar de o próprio Winnicott dizer que faz uma diferença entre *play* e *playing*, por diversos momentos o vocábulo *play* aparecerá em contextos nos quais ele está defendendo positivamente o que definiu ser o brincar (ou *playing*), o que acontece, provavelmente, por uma limitação da

linguagem. *Play* não é *game* e também não é *playing*, de modo semelhante tentaremos aqui tratar brincadeira, jogo e brincar mantendo-os próximos, mas esforçando-nos por diferenciá-los em favor de uma transparência de ideias. Brincar é processo e continuidade, brincadeira se analisa a nível do conteúdo e o jogo pressupõe suas regras.

Sendo assim, se o brincar indica um processo em continuidade e a brincadeira, numa certa tradição da clínica psicanalítica, conduz aos significados e aos conteúdos, o jogo, por outro lado, refere-se à forma. Uma forma complexa de algo que deriva de um brincar, mas que não confunde-se com ele. Johan Huizinga, historiador e linguista holandês nascido em 1872, escreveu e publicou, pouco antes de sua morte em 1945, um grande estudo sobre a história e a importância dos jogos na humanidade. Preso pelo exército do terceiro reich dois anos depois de publicar *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (Huizinga, 1944/2019), Huizinga propunha uma definição de jogo<sup>82</sup> que nos interessa aqui. Todavia, o modo com que aborda a questão não nos permite dizer que não há interseção alguma entre o brincar no sentido winnicottiano e a análise que o ex-professor da Universidade de Leyden faz do jogo, sobretudo em alguns momentos em que considera seu significado histórico e filosófico. Por esse motivo, será possível usar algumas de suas passagens para nos auxiliar também no estudo do brincar. Por exemplo, nos parece que concordará com a proposta winnicottiana, a ideia de que “os animais brincam tais como os homens” (Huizinga, 1944/2019, p. 1) ou sua relação com uma “manipulação de certas imagens, numa certa imaginação da realidade” (Huizinga, 1944/2019, p. 5) e até mesmo a maneira com que explicitamente associa o fator cultural e o culto religioso ao brincar, tal como Winnicott (1967a/2019).

A definição proposta por Huizinga para jogo é a seguinte:

“o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’. Assim definida, a noção parece capaz de abranger tudo aquilo a que chamamos ‘jogo’ entre os animais, as crianças e os adultos (...). Aventuramo-nos a dizer que a categoria jogo é uma das mais fundamentais da vida.” (Huizinga, 1944/2019, p. 36).

Já sabemos que Winnicott seria plenamente capaz de concordar com a ideia de que *play* (ou *spielen*) – no seu caso, o *playing* – é uma das categorias fundamentais da vida. Também podemos dizer, já de saída, que, se em Huizinga cai sob o manto do *play* a ideia

---

<sup>82</sup> O que em português foi grafado como jogo na tradução de João Paulo Monteiro, no inglês (que não especifica o tradutor) está grafado como *play*, enquanto no original em alemão, segundo nota de Monteiro, está grafado como *spielen*. Segundo Monteiro (In.: Huizinga, 1944/2019), algumas línguas europeias oferecem maior número de vocábulos para diferentes acepções do jogo, enquanto no português tem que se recorrer ou a brincar ou a jogo para a tradução de *spielen*.

de um jogo com regras consentidas, mas obrigatórias, em Winnicott isso dirá respeito estritamente ao jogo (*game*) (Winnicott, 1967a/2019), embora também possamos dizer, servindo-nos do encontro entre os dois, que o jogo (*game*) seja um derivado do brincar. Para tanto, basta nos determos um instante sobre o quanto desta definição que Huizinga dá ao seu conceito de jogo relaciona-se ao brincar winnicottiano e poderemos ver que há alguma margem de sobreposição entre as duas ideias, que permite mantermos aberta a conversa entre eles. Para Winnicott, o brincar é um derivado dos fenômenos transicionais e acontece no tempo e no espaço (Winnicott, 1967a/2019). Embora para ele este tempo e este espaço digam respeito à experiência da continuidade de ser, enquanto para Huizinga esta localização e este tempo remetam ao tempo dos relógios e aos lugares reais nos quais os jogos ocorrem, a ideia de uma tensão e uma alegria está de acordo com algumas afirmações winnicottianas sobre o brincar. Há nele a sustentação de um processo, processo este que só é interrompido por uma ameaça de clímax, mas que, diferentemente do que se pode supor a partir da sua proposição teórica, pressupõe uma excitação sustentada e contínua (Winnicott, 1964c/1987, p. 145; Winnicott, 1988, p. 58; Winnicott 1958/2022, p. 42). Como veremos, também o brincar winnicottiano inclui uma tensão e uma alegria de ordem ambientais, que será a alegria da restituição e da consideração (Winnicott 1955/2021; 1963/2022) e uma diferenciação quanto à vida cotidiana por implicar em um processo de transformação próprio do trânsito entre a não integração e a integração (Winnicott, 1967/2021).

Notemos que com vida cotidiana Huizinga quer dizer a vida que não é a vida de jogo, uma vez que para ele o jogo tem este lugar e espaço definidos e distintos – seja um templo ou uma arena. Temos aqui então a mais significativa diferença entre os dois, uma vez que para Winnicott o espaço potencial, espaço do brincar, é justamente aquele no qual passamos a maior parte de nosso tempo (Winnicott, 1971c/2019) e que, no entanto, paradoxal que é, só pode ser definido por uma dubiedade quanto à sua localização, pondo-se numa espécie de indiscernibilidade de fronteira, entre o fora e o dentro. Sendo assim, o real valor de contrastar as duas concepções é que Huizinga permite com que digamos que o brincar precede o jogo e que mesmo numa definição de jogo que procede de um estudo tão completo e detalhado, podemos encontrar subjazendo a ela algo do brincar winnicottiano. Se no jogo a afirmação do acaso é impossibilitada pelas regras, tal como afirma Deleuze (1968/2018), o que está de acordo com a definição de Huizinga, podemos dizer, por outro lado, que esse não seja o caso do brincar, ao qual ele contém – se não contivesse não

haveria por que existir um juiz do jogo. O brincar, por sua feita, talvez seja aquilo que Deleuze chamou de sistema do futuro, um jogo divino – de um sujeito que guarda em si a experiência do bebê-deus, da criatividade primária – ao qual a regra não preexiste Deleuze (1968/2018). Sendo da ordem do infantil, este jogo divino, ou seja, o brincar, “já incide sobre suas próprias regras, porque a criança-jogadora só pode ganhar – sendo todo acaso afirmado cada vez e para todas as vezes” (Deleuze, 1968/2018, p. 156). Todavia, este acaso, afirmado a cada lance, devemos relacioná-lo a um problema de fundo, em relação ao qual o próprio jogo emerge como organização (Winnicott, 1971b/2019, p. 87) e do qual o arranjo que contém o brincar é tributário, na medida em que está implicado com o problema da dependência.

## 4.2 – O fundo assustador do brincar

### 4.2.1 – O além do brincar

Estabelecidas as divergências e os possíveis pontos de conexão entre os autores vejamos como essa definição de jogo nos ajuda a entender melhor o brincar tal como proposto por Winnicott. Tomemos como dadas as condições de subjetivação que estabelecemos nos capítulos anteriores, segundo as quais o desenvolvimento do infantil no sujeito depende de uma confluência de continuidades cujo efeito é a criação de um ambiente interno de confiança e passemos a uma ampliação de nossa definição do brincar. Se estas condições houverem sido favoráveis o jogo divino do brincar terá se estabelecido a partir de uma criatividade primária que é uma experiência para Winnicott correlata à de um deus criador.

No seguinte trecho, notemos o uso das palavras *play*, *playing* e *game*, o modo como elas se diferenciam e, ao mesmo tempo, mantêm-se no campo de ação uma da outra:

“Na média das boas experiências nesse campo do manejo (que começa tão cedo e está sempre recomeçando), o bebê encontra um prazer intenso até mesmo doloroso, associado à brincadeira imaginativa [*imaginative play*]. Não existem regras para o jogo [*there is no set game*], de modo que tudo é criativo e, ainda que o brincar [*playing*] seja parte da relação de objeto, tudo o que acontece é pessoal para o bebê. Todas as coisas físicas são elaboradas pela imaginação e investidas da qualidade de algo que acontece pela primeira vez [*first-time-ever quality*]. Será que posso afirmar que esse é o significado da palavra ‘catexizar’? (Winnicott, 1967a/2019, p. 163; 1967/2005, p. 136)

Este pequeno trecho encontra-se no curso de um artigo escrito em 1967 e chamado *A localização da experiência cultural*, no qual D.W. explora as consequências dos fenômenos da transicionalidade postulados por ele mesmo em 1953 (Winnicott, 1953/2019), para aquilo que ele chama de a experiência cultural, que por sua vez seria um derivado direto do brincar (Winnicott, 1971c/2019; 1967a/2019). Façamos uma análise



demorada do trecho supracitado, de modo que possamos tirar vantagem daquilo que já elaboramos um pouco nos capítulos anteriores, ao mesmo tempo que empreendendo uma rápida retomada e ampliando a partir daí nossas considerações sobre o brincar.

Pegando do início da frase, as boas experiências no campo do manejo às quais ele se refere, relacionam-se ao problema da desilusão, ao qual tratamos principalmente como relacionado à abertura de um espaço a partir do arranjo indivíduo-ambiente. Este espaço que se dá é uma oferta do ambiente, mas é também relacionado à sua própria continuidade de ser (Winnicott, 1963a/1982). O que Winnicott chama aqui de um “fracasso gradual” (Winnicott, 1967a/2019, p. 163) é uma outra maneira de ele nomear o que destacamos como falhas menores de adaptação, falhas essas que abrem o espaço mesmo que, interpolando-se entre a realidade interna e a realidade externa, será preenchido pelos fenômenos transicionais.

A definição do brincar, portanto, parte da transicionalidade e do estabelecimento desta separação que é uma forma de união, modo pelo qual a “continuidade dá lugar à contiguidade” (Winnicott, 1967a/2019, p. 163). Em outras palavras, vemos como mais uma vez estamos no campo de alguma coisa que tem sua sustentação apoiada em bases paradoxais: no fundo do brincar há sempre uma indecidibilidade que é herança do arranjo, presença perene do infantil na vida.

Na passagem da continuidade até a contiguidade, o que encontramos é o “prazer intenso, até mesmo doloroso” (Winnicott, 1967a/2019, p. 163) de catexizar, que evidentemente tem a ver com a desilusão, o rompimento da ilusão da onipotência, carregado que está de agressividade. É especialmente interessante o uso que Winnicott faz da palavra catexizar, associando-a a essa qualidade de primeira vez do encontro com objeto. *Besetzung*, vocábulo utilizado por Freud no original em alemão de suas obras, cuja tradução em português costuma ser a de catexia ou de investimento, significa dominar ou ocupar, como um exército ocupa um território. Assim, não surpreende ao leitor atento que Winnicott pareça bastante freudiano nesta frase – ele era, afinal, um psicanalista. Ainda assim, configura uma realização absolutamente divertida perceber a proximidade entre ambos, justo aqui, no que pese a diferença abissal entre seus estilos de clínica e de escrita. Quando Freud propõe que nos perguntemos, depois de relatar a célebre experiência doméstica pela qual elabora com seu neto<sup>83</sup> a ausência da mãe – amplamente conhecida

---

<sup>83</sup> Experiência com seu neto, sim. O fort-da é uma criação do arranjo entre um neto e seu avô, psicanalista e, portanto, apaixonado pela observação e pela interpretação.

pela alcunha de *Fort-da* – “como, então, conciliar com o princípio de prazer o fato de ela [a criança] repetir como brincadeira essa experiência dolorosa?” (Freud, 1920/2020, p. 79), sabemos que adentraremos no tortuoso campo da compulsão à repetição.

É bastante bem conhecido o fato de que isto que está sendo qualificado por Winnicott como uma experiência da primeira vez, no *Além do princípio de prazer* de 1920 (2020) será remetido ao problema da experiência traumática, para o qual o modelo de explicação escolhido foi o da “vesícula indiferenciada de substância estimulável” (Freud, 1920/2020, p. 105) e sua proteção rompida (Freud, 1920/2020). Se nos lembrarmos da imagem da bolha (Winnicott, 1949/2021), a qual recorreremos no capítulo 2 para fins um pouco diferentes, não nos parece exagero que haja alguma analogia possível entre a desilusão winnicottiana – pensada como o rompimento dessa bolha – e o além do princípio de prazer freudiano. Gostaríamos de propor como possibilidade que o campo do transicional, o que inclui o brincar como seu derivado, faz fronteira com a trama a partir da qual surge o conceito de pulsão de morte freudiano, embora haja uma rejeição explícita do inglês quanto à expressão em si. Como dissemos em nota de rodapé no capítulo 2, consideramos que o problema de Winnicott era especificamente com a simples associação da agressividade com a morte, sobretudo com a morte no sentido do matar. Como vimos, no pensamento winnicottiano a agressividade é de saída o derivado de um erotismo muscular que torna-se potencial agressivo na medida em que esbarra nos limites (Winnicott, 1950-55/2021). Relacionando-se à motilidade este potencial tornar-se-á o elemento agressivo da pulsão, mas em parte estará livre para agir independentemente no mundo. Já o ódio é um resultado do próprio processo de subjetivação (Winnicott, 1950-55/2021, p. 381), ele sim relacionado às frustrações da pulsionalidade. De modo que em Winnicott a agressividade guarda, por natureza, uma enorme positividade, ao mesmo tempo que contém também uma destrutividade, desde que essa seja considerada como pré-piedosa, não intencional. Já o desejo de matar, por outro lado, só pode ser adquirido à posteriori e é um problema, sobretudo, do *self* integrado. Sendo assim, é o próprio postulado de um arranjo indivíduo-ambiente e o problema da dependência para o qual é central, que o impede de pensar em um sadismo inato, matéria de sua divergência com sua supervisora clínica, Melanie Klein<sup>84</sup>. Portanto, ao menos no que concerne o brincar da

---

<sup>84</sup> “Klein’s argument took her to a point at which she must either deal with the dependence of the infant on the mother (patient on analyst) or else deliberately ignore the variable external factor of the mother (analyst) and dig right back in terms of primitive mechanisms that are personal to the infant. By choosing the latter course Klein involved herself in an implicit denial of the environmental factor, and consequently she

criança, não acreditamos que se possa dizer que a “pulsão de apoderamento” (Freud, 1920/2020, p. 81), através da qual o infante tenta dominar a experiência impactante que teve, diga respeito apenas à destrutividade tal com ela se manifesta no sujeito como um desejo de destruir, mas a uma tentativa de organização do ódio em relação à dependência<sup>85</sup>, ainda que a realidade da dependência ainda não seja consciente.

Embora em momento algum refira-se à agressividade nos termos em que Winnicott a coloca, não é impossível associar a ideia de um erotismo muscular que satisfaz-se no choque com a realidade, por exemplo, a quando Freud diz:

“Também temos conhecimento de outras crianças que são capazes de dar expressão a moções hostis semelhantes, arremessando para longe objetos no lugar de pessoas. Dessa maneira, ficamos na dúvida se a pressão (*drang*) para elaborar psicicamente com algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode manifestar-se de maneira primária e independentemente do princípio de prazer. (...) Se o médico examinou a garganta da criança ou a submeteu a uma pequena cirurgia, essa experiência *assustadora* irá certamente se tornar o conteúdo da próxima brincadeira, mas nesse caso o ganho de prazer de outra fonte não pode deixar de ser percebido” (Freud, 1920/2020, p. 83).

A conclusão freudiana faz supor que a criança que repete a experiência numa brincadeira se vingando daquilo que viveu na pessoa do substituto, mas, convenhamos, esta interpretação é tão verdadeira quanto qualquer outra e o que pode ser vingança, também pode ser uma forma de entrar em contato com e dominar a experiência. O mais interessante aqui é o modo como o pensamento de Winnicott permite, meio que jocosamente, dizer que até o além do princípio de prazer tem seu modo próprio, embora estranho, de satisfação. Ao nosso ver, isso não retira em nada a força do conceito de pulsão de morte. Muito pelo contrário, considerar que a transicionalidade – através da qual a realidade externa está sendo construída tanto quanto redescoberta – inclui uma dimensão que está para além do princípio de prazer, é considerar que o morrer desempenha um papel crucial no brincar e, por consequência, na experiência cultural, no *game* e na brincadeira, todas compartilhando de um mesmo fundo assustador<sup>86</sup>. Ao nosso ver, trata-se de uma ampliação do campo do *além*, tão comumente reduzido apenas à sua associação com a guerra e com o matar. Diga-se de passagem, um tal entendimento do campo problemático costumeiramente organizado

---

disqualified herself from describing infancy itself, which is a time of dependence. In this way she was forced into a premature arrival at the inheritance factor.” (Winnicott, 1962/2018, p. 448). O problema central gira em torno do papel do ambiente na subjetivação e as consequências disso para o trabalho clínico, mas poderíamos dizer que uma outra consequência da teoria da dependência e do arranjo, é que, em termos radicais, todo matar é um se matar.

<sup>85</sup> Poderemos ampliar esta interpretação uma vez que houvermos introduzido os problemas da posição depressiva e da consideração.

<sup>86</sup> Haverá mais sobre isso em momento oportuno, mas podemos adiantar que, sendo o fundo assustador um fundo paradoxal, ele é, ao mesmo tempo que fundo, um sem-fundo, o que, portanto, explica que um dos nomes dados à sua experiência seja “cair para sempre” (Winnicott, 1958/2022).

sob a rubrica da pulsão de morte, no qual um domínio da pulsão está articulado pela dependência a um domínio do ambiente, contribuiria para o projeto de alteração radical nos parâmetros de enlutabilidade (Buttler, 2021) propostos por Buttler a partir da ideia de solidariedade. Seja como for, o que gostaríamos de sublinhar aqui é que há um fundo assustador no brincar, através do qual o domínio da pulsão agarra-se ao domínio do ambiente.

Ao nosso ver, a morte em seu sentido de um para além – seria até melhor dizermos, de um para aquém – do princípio de prazer aponta para algo que o próprio Winnicott considera o tempo todo quando põe a angústia no centro do processo (Winnicott 1964c/1987) do brincar, como veremos mais adiante. A um morrer que participa do brincar deve-se o fato de que este é até mesmo considerado como uma espécie de forma de cura. É devido à sua relação de intimidade com algo de ordem assustadora que Winnicott afirma:

“É bom lembrar que o brincar é, por si só, uma terapia. Permitir que as crianças brinquem é, em si mesmo, uma forma de psicoterapia com aplicação imediata e universal e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva em relação *ao brincar*. Essa atitude contempla o reconhecimento de que o brincar pode sempre se tornar assustador. *Os jogos e sua organização* devem ser vistos como parte de uma tentativa de se adiantar ao aspecto assustador da brincadeira.” (Winnicott, 1971b/2019, p. 87, grifo nosso)

Gostaríamos de sugerir que este fundo assustador articula o brincar à repetição, como na compulsão à repetição em 1920, mas também à dependência. Poderíamos assim associá-lo à uma realização traumática da relação entre dependência e pulsionalidade – que tratamos como a integração da cisão no capítulo anterior. Como bem nota Ferenczi (1934/2011) uma experiência traumática requer um “impulso para uma nova vida” (Ferenczi, 1934/2011, p. 135). Se em seu arrançamento o indivíduo e o ambiente puderem aceitar como parte da experiência subjetiva uma necessidade de “repetir o traumatismo em condições mais favoráveis, levá-lo, pela primeira vez, à percepção e à descarga” (Ferenczi, 1934/2011, p. 130) então este arrançamento terá aberto espaço para o brincar. É evidente que em *reflexões sobre o trauma* o húngaro estivera preocupado, tal como Freud em 1920, com alguns eventos de intensidade específica e elevada e alguns sujeitos para os quais a técnica clássica não surtia efeito. Winnicott, por outro lado, quando trata da transicionalidade e do brincar, postula alguma coisa que acredita ser possível generalizar e que, portanto, faria parte do próprio processo de subjetivação. Aqui vale lembrar que a essa necessidade de repetição da experiência traumática Ferenczi também deu o nome de “função traumatológica do sonho” (Ferenczi, 1934;2011, p. 130) e, como sabemos, o sonho deu ao mundo a psicanálise, sendo ele mesmo um fenômeno subjetivo generalizado. Seja

como for, de modo geral, gostaríamos de ao menos considerar que tanto a experiência traumática quanto a transicionalidade partilham deste mesmo fundo assustador.

Mas até que ponto podemos difundir pela vida esse aspecto assustador subjacente ao brincar? Se considerada a seguinte definição alternativa para o brincar, na qual Winnicott já inclui as ideias de saúde e doença, é possível que possamos estendê-lo por toda a fundação da realidade psíquica interna:

“Ao classificarmos uma série de casos, é possível utilizar uma escala. No extremo normal da escala encontramos o brincar, uma simples e prazerosa dramatização da vida do mundo interno. No extremo anormal da escala, o brincar contém uma negação do mundo interno” (Winnicott, 1936/2021, p. 138)

Se tomamos o normal e o patológico como uma questão de normatividade vital (Canguilhem 1966/2011), poderíamos por consequência dizer, a partir do fragmento destacado, que o próprio mundo interno – que equivale à realidade interna, em Winnicott – compartilha, ele mesmo, desse fundo assustador. Sendo assim, poderíamos estender ao próprio viver, à medida em que o *self* é o representante do vivo, esse perigo. Como diz Riobaldo, de Grande Sertão, viver é perigoso. Algo que é fundado no paradoxo, ou seja, numa indecidibilidade, não poderia gozar apenas da estabilidade do princípio de prazer. As bases paradoxais sobre as quais o brincar, o mundo interno e o viver se assentam a partir de Winnicott, lembram mais alguma coisa como um mar revolto ou um rio sempre em movimento, embora alguns afortunados dentre nós pareçam conseguir esquecer disso.

No encaixo deste fundo assustador, nos perguntando afinal o que é isso a partir do qual o brincar deriva em jogo, uma articulação que podemos retomar aqui é a que rapidamente esgueiramos pelo texto no capítulo 2, entre Deleuze e Winnicott. Vejamos que pistas se podem recolher de uma tal associação.

Como dissemos anteriormente, a partir de *Sacher-masoch: o frio e o cruel* (Deleuze, 1967/2009) e de *Diferença e Repetição* (Deleuze, 1968/2018), nos quais o filósofo francês empreende um frutífero diálogo com a psicanálise no âmbito de sua pesquisa transcendental – que culminaria, no fim de sua vida, na estranha proposta de uma empiria transcendental – encontra-se a possibilidade de instituímos uma diferença entre instinto de morte e pulsão de morte – nenhuma delas dizendo respeito ao puro desejo sádico de matar, que sustentamos ser o motivo de sua rejeição por Winnicott. Enquanto o instinto de morte foi posicionado como um princípio transcendental que submete o domínio da pulsão ao princípio empírico de prazer (Pinto, 2019), a pulsão de morte, por sua vez, pode ser

considerada um representante indireto de Tânatos<sup>87</sup>, que só poderá se fazer presente em sua amalgamação com os representantes diretos de Eros (Deleuze, 1967/2013). Para Deleuze, guardar a diferença entre instinto e pulsão era importante porque o permitia posicionar o instinto de morte como transcendental, havendo neste momento de seu pensamento a proposta de uma anterioridade, de uma primordialidade do instinto quanto a pulsão. Empregando duas séries de distinções conceituais em *Sacher-masoch* (Pinto, 2019), uma entre princípio transcendental e princípio empírico, e outra entre sem-fundo, fundamento e fundação, Deleuze nos coloca a seguinte questão: se o psiquismo se organiza em função de um princípio (empírico) de prazer contra a dor, como pode-se compreender que surja algo como uma organização deste tipo quando se admite que existam experiências de dor e de prazer psíquicas? Sua resposta será – segundo ele tal como a de Freud e Hume – que prazer e dor na medida em que forem puras intensidades são extrínsecas ao psiquismo. Em outras palavras, estas intensidades puras, por advento de uma repetição que lhe é própria, serão um sem-fundo a partir do qual uma fundação dará ensejo ao fundamento de Eros, domínio do princípio de prazer, em relação ao qual a repetição da ligação entre a pulsão e seus representantes, sem a qual não se pode obter o prazer, se instaurará. Considerando toda esta trama torna-se factível entender quando Deleuze propõe:

Além de Eros, Tânatos. Além do fundo, o sem-fundo. Além da repetição-laço, a repetição-borracha, que apaga e que mata. Daí a complexidade dos textos de Freud: uns sugerindo que a repetição talvez seja uma só e única força, ora demoníaca, ora salutar, que se exerce em Tânatos e em Eros; outros recusando essa hipótese e afirmando definitivamente o mais puro dualismo qualitativo entre Eros e Tânatos, como uma diferença de natureza entre a união, a construção de unidades cada vez mais vastas e a destruição; e outros mais, enfim, indicando que essa diferença qualitativa sem dúvida se estende por sobre uma diferença de ritmo e de amplitude, uma diferença nos pontos de chegada (na origem da vida ou anterior à origem...). Deve-se compreender que a repetição, tal como Freud a concebe nesses textos geniais, é em si mesma síntese do tempo, síntese “transcendental” do tempo. Ela é simultaneamente repetição do antes, do durante e do depois. Constitui no tempo o passado, o presente e até mesmo o futuro. Ao mesmo tempo, o presente, o passado e o futuro se constituem no tempo, apesar de haver entre eles uma diferença qualitativa ou de natureza, com o passado sucedendo ao presente e o presente, ao futuro. (Deleuze, 1967/2013, p. 107-108)

Antes de passarmos a um comentário do fragmento, não nos esqueçamos que nossa incursão no texto deleuziano vai em busca de pistas acerca do fundo assustador do brincar. Se o fazemos é porque nossa preocupação é eminentemente clínica – embora também experiencial – o que ficará mais claro adiante, à medida em que a preocupação materna primária puder ser articulada a esse fundo assustador. O que queremos aqui não é sustentar

---

<sup>87</sup> Tanto Eros como Tânatos serão considerados por Deleuze como não vividos em sua pureza, existindo apenas a experiência de sua combinação, o que os posiciona como recursos filosóficos didáticos (expressão nossa): “Nem Eros nem Tânatos podem ser dados ou vividos. Apenas são dadas, na experiência, combinações dos dois — sendo o papel de Eros ligar a energia de Tânatos e submeter essas combinações ao princípio de prazer no isso” (Deleuze, 1967/2013, p. 109)

a necessidade de um princípio transcendental, mesmo porque com o próprio Deleuze – mais tarde contando com a ajuda de Guattari – esse princípio transcendental de repetição estará sempre em permanente tensão com o plano empírico, motivo pelo qual se fala de transcendental, indicando continuidade e processo, e não de transcendência. Pela mesma razão, Pinto (2019) propõe que não haja necessidade de mantermos a diferença entre uma pulsão e um instinto de morte<sup>88</sup>, na medida em que como clínicos o que se apresenta como imperativo é a maneira com que um conceito pode nos fazer avançar sempre a partir e com a experiência, não interessando por si só a pesquisa que permitiria encontrar uma causa última, mesmo que essa causa fosse um sem-fundo. Dessa forma, o que importa é a maneira com que a morte pode ser positivada, tornada em origem do devir, como propõe Spielrein (1912/2021) por exemplo, ou como morte animada, como quer o professor da PUC-RJ.

Sendo assim, para passar ao comentário do fragmento ora citado, recordemos que chegamos à associação entre a repetição e o brincar pela via da catexização (da ligação, portanto), da qual este brincar emerge como elaboração imaginativa e ao qual está intimamente associado “um prazer intenso até mesmo doloroso” (Winnicott, 1967a/2019, p. 163). Deste modo, uma repetição associada ao brincar deve ser tal como aquela que Deleuze propõe carregar uma dimensão tanática, repetição síntese do tempo, que faz do presente o inapreensível avanço do passado a roer o futuro” (Bergson, 1939/2010, p. 174-5). Como princípio transcendental, que em *Diferença e Repetição* ele chama de “positivo originário para a repetição” (Deleuze, 1968/2018, p. 36), a repetição se apoia no prazer doloroso da primeira vez, *morte que é também vida*. Deste modo, o fundo assustador do brincar é o sem-fundo da fundação, pura intensidade ou quantidade energética desligada, via pela qual “o tema da morte, que parece reunir o que há de mais negativo na vida psicológica, pode ser em si o mais positivo, transcendentalmente positivo, a ponto de afirmar a repetição” (Deleuze, 1968/2018, p. 36). Em outras palavras, é o brincar, na medida que dá um destino a este sem-fundo assustador a partir do qual ele se funda – sem-fundo do qual a experiência foi chamada de um “cair para sempre” (Winnicott, 1958/2022)

---

<sup>88</sup> Como defende a inclusão da morte num programa de clínica materialista inspirado pela esquizoanálise de Deleuze e Guattari, o interesse maior de seu trabalho é o de encontrar a morte não em sua condição de irrepresentável, mas as maneiras como ela se apresenta como movimento no inconsciente, motivo pelo qual seu trabalho apresenta um modelo da morte – o CsO – e uma experiência da morte – o devir –, tornando-a admissível no plano do inconsciente. Por isso, diz: “Assim, se podemos seguir falando de uma pulsão de morte ou, quer seja, de um instinto de morte em nosso texto, será apenas na medida em que ele se apresenta, ainda que como força de desapresentação, reposicionado em um materialismo que afirma um modelo e uma experiência da morte como dois movimentos reais do inconsciente.” (Pinto, 2019, p. 75-76)

– que permite ao poeta vivo cantar que morreu no ano seguinte ao de sua morte. Ao fazê-lo o poeta brinca, joga um jogo divino em que morte e vida não obedecem às regras do jogo dos mortais. Brincando, o poeta morre vivendo, ruído pelo passado, ao mesmo tempo em que durando no futuro.

A duração, portanto, reaparece aqui associada ao brincar. Esta reaparição compõe com a maneira pela qual construímos a associação entre um plano do ambiente e um plano da pulsão no capítulo 2. Através da ideia de que uma continuidade de ser, que é um presente – no seu duplo sentido – do arranjo indivíduo-ambiente, abre-se o espaço a ser ocupado, a partir da desilusão, pela transicionalidade e pelo brincar. A desilusão, portanto, abre passagem para o que é assustador, sem dúvidas. Mas não é ela, a desilusão, que o cria. O fundo assustador já estava lá, sempre esteve lá no arranjo indivíduo-ambiente, pois talvez seja ele que mobilize a própria preocupação materna primária. O acesso a essa primariedade, maneira pela qual viemos tentando trabalhá-la, é justamente aquilo que permite com que um arranjo entre ambiente e sujeito nascente se dê, porque esse acesso é então definido por Winnicott como uma identificação inconsciente de quem cuida com aquele que é cuidado, à medida em que quem cuida pode acessar sua infantilidade. Ora, mas se o que é próprio da infantilidade em Winnicott é a não integração, mesmo que uma não integração primária e superada, tal como propõe Taipale (2023), e se o sem-fundo do instinto de morte deleuziano é o plano das “quantidades energéticas amorfas, não ligadas” (Pinto, 2019), então aquilo que une ambiente e bebê é precisamente este sem-fundo assustador. Poder-se-ia dizer que é com ele que o ambiente que cuida se identifica, motivo pelo qual chega a fazer-se de um bebê uma majestade (Freud, 1914/2010). A preocupação materna primária, na medida em que só é possível a partir da possibilidade de acesso a essa infantilidade assustadora, é o brincar de quem clínica, uma forma de morrer um pouco para viver adiante, impossível se o plano do ambiente não se mistura com o da pulsão.

#### 4.2.2 – A não integração e a morte

Essa nossa insistência com o tema da morte não expressa apenas o desejo de participar do debate acerca das relações possíveis entre a teoria winnicottiana e o mais especulativo dos conceitos psicanalíticos. Por certo, já deve estar mais do que evidente que há uma tomada de posição deste nosso trabalho em favor da manutenção das pontes entre a metapsicologia freudiana e a teoria winnicottiana da subjetivação. Mas, se fazemos com certa insistência uma associação desta teoria com o tema da morte é por julgar que este



tema era central em suas preocupações, ao contrário do que a rejeição da expressão “pulsão de morte” por Winnicott pode fazer parecer – rejeição que, para nós, não se configura como uma rejeição completa do conceito. Há um morrer sobretudo naquilo que compreende sua principal contribuição para o campo psicanalítico, ao lado do privilégio dos fatores exógenos na figura do ambiente: o campo da transicionalidade, campo este que está intimamente associado ao brincar e as concepções de experiência cultural e de criatividade winnicottianas.

Já adiantando um pouco mais aquilo que julgamos estar criando e encontrando em nossa pesquisa, se insistimos em tematizar a morte a partir de Winnicott é porque, na verdade, estamos interessados nos nascimentos. Ou, mais ainda, nos renascimentos e, portanto, por consequência, em um morrer ou, mais precisamente, em “um ‘morre-se’ mais profundo do que o ‘eu morro’” (Deleuze, 1968/2018, p. 153), em que se testemunha um desfazimento e uma reintegração do *self*. Se o brincar deriva da transicionalidade e se a transicionalidade só é possível num estado de não integração fomentado pela introjeção da confiança, que configura a criação de um ambiente interno, e que equivalemos aqui a uma experiência de colo, tal como alguém se sente no colo do mundo quando absorto numa experiência cultural, então não é possível que o sujeito retorne daí o mesmo. Não nos parece razoável assumirmos que esse mundo interno, ao misturar-se no espaço potencial com a realidade externa, não se faça outro na medida desse trânsito entre integração e não integração, e não é possível que o mundo interno, para aquele que pode brincar, seja um só e não muitos “mundos em que o individual já não está aprisionado na forma pessoal do *Eu (je)* e do eu (*moi*)” (Deleuze, 1968/2018, p. 153). Se assumíssemos algo deste tipo seria como abrir mão tanto da hipótese do inconsciente quanto da importância do ambiente para a psicanálise, na medida em que tanto um quanto outro, quando se apresentam a nós, sujeitos da experiência, nos parecem estranhos, embora estranhamente familiares.

O motivo pelo qual tivemos que trabalhar desde o início diversos aspectos da teoria winnicottiana, embora esse fosse mesmo um dos objetivos da pesquisa, é que não seria possível fazer sentido daquilo que queremos investigar se não o fizéssemos articulando-nos com toda gama de ideias as quais permitem a Winnicott considerar a existência de um estado não-integrado do *self*, mas, igualmente, um estado de integração ou pelo menos uma relativa estabilidade nesta. A transicionalidade, calcada em diversos paradoxos, implica numa insistência do ser e do não-ser, e é claro que Winnicott foi explícito ao não querer associar o que ele chamou de uma solidão essencial à ideia da morte, mas, ao menos nessa

acepção deleuziana, a morte não tem o sentido comumente atribuído a ela na teoria psicanalítica. A ideia deleuziana de que há um morre-se mais profundo do que o eu morro é a outorga da positividade àquilo que, a princípio, haveria de mais negativo na teoria psicanalítica, manobra que, se não contempla com as mesmas palavras o trabalho winnicottiano, nos parece que, no entanto, o contempla na atitude com que fundamentalmente parecia encarar a vida e a clínica. É bastante conhecido, por exemplo, o relato que Clair Winnicott faz dos últimos dias de seu marido e dessa (mais uma) coisa louca que é a ideia de estar vivo na hora morte (Winnicott, 1989/2018). Ele esteve, pensamos nós, à medida em que vivia e, ao mesmo tempo, confundia-se com seu pulmão, que se enchia de água e com seu coração, que já não podia mais negociar com a inundação. Por ser capaz de elaborar imaginativamente os efeitos da doença em seu corpo ele podia, por isso, voltar reintegrado, havendo vivido sua própria morte antes de morrer em definitivo.

A condição para viver a própria morte estava posta desde o princípio, quando ao começar sua reflexão com um “*I died*” (Winnicott, 1989/2018), acaba por expressar justamente a sua condição de vivo. Ele podia alcançar e entendia o que era sentir-se integrado e só por isso podia morrer, já que “não se pode esperar que uma criança que não alcançou o estado de unidade consiga apreciar os pedaços e fragmentos” (Winnicott, 1968/2021, p. 70). Trata-se da presença perene do infantil, até o fim da vida, e o modo como o reencontramos na passagem por todos os paradoxos que atravessamos para chegar até aqui. Recordemos que em nossa montagem da teoria que sustenta o brincar a partir de Winnicott, a não integração, recurso louco da subjetividade e estado de espírito daquele que brinca, está em uma relação de tensão permanente com “o sentido de totalidade da integração pessoal [que] traz consigo a *possibilidade* e a *certeza da morte*” (Winnicott, 1968/2021, p. 70). Há uma experiência paradoxal de alívio em poder morrer como unidade e, ainda assim, continuar vivo.

Na continuidade de *Sum: eu sou* (1968/2021), do qual retiramos a frase acima, encontramos a seguinte afirmação: “Eu diria que as crianças saudáveis lidam com a morte muito melhor do que os adultos” (Winnicott, 1968/2021, p. 71). Mas por quê? Como lidam as crianças com a morte e porque o fazem melhor que os adultos? A resposta está na chamada posição depressiva, conceito kleiniano que Winnicott incorpora quase que completamente.

Pode-se dizer que esta morte da unidade que é a não integração está presente como possibilidade tanto para o ambiente quanto para o infante, já que o arranjo indivíduo-ambiente tem sua fundação estabelecida no sem-fundo assustador comum aos elementos que o compõe. É provável que a resposta à pergunta que fizemos anteriormente possa se dar ao considerarmos a criança a partir de uma perspectiva do desenvolvimento, o que se fazia presente no pensamento winnicottiano através da ideia de amadurecimento ou maturação – ainda que para ele este amadurecimento fosse um processo permanente vida afora. Ainda assim, seguindo na toada que escolhemos para nosso trabalho, a partir da qual privilegiamos a perenidade do infantil na vida ao invés de seu desenvolvimento, se podemos assumir que o infantil está marcado por esse fundo assustador e se acreditamos que a não integração é um recurso da subjetividade para manter aberto o acesso à infantilidade, temos que diferenciar as posições do ambiente e do indivíduo de uma outra forma. E nos parece que essa outra forma não tem tanto a ver com o desenvolvimento, mas com um certo trânsito entre os papéis. Se num primeiro arranjo, indivíduo e ambiente se arranjam numa assimetria em que um já foi um bebê e o outro está sendo pela primeira vez, o mesmo vai deixando de ser verdade tanto mais quanto o infante for acumulando suas experiências, elas mesmas conectadas que estão à sua vivência mais primária. O atingimento da posição depressiva, contexto a partir do qual o infante passa a tomar consciência de sua totalidade e da objetividade do ambiente externo, será também marcado pela possibilidade de transitar entre os planos da pulsão e do ambiente. E, assim, de misturá-los. A partir da integração da cisão uma demanda de trabalho interno vai se impor ao infantil, que passará a ser um infantil de ordem mais complexa e sofisticada que antes. O infantil que dá-se conta de sua dependência e, ao mesmo tempo, da sua voracidade, passa a ter que realizar um trabalho ético de triagem e, para isso, de alguma forma precisará ser o ambiente do outro (do ambiente) que o sustenta na dependência. Será a partir deste trabalho de triagem interna que Winnicott identificará a emergência do brincar. Passemos então aos problemas da posição depressiva e da consideração.

#### 4.3 – A posição depressiva e a capacidade de ficar triste

##### 4.3.1 – Melanie Klein com Donald Winnicott

Lembremo-nos agora que trabalhamos o problema das falhas menores de adaptação no capítulo 2 como condição de possibilidade para o estabelecimento do espaço potencial, espaço este que se dá à medida em que o mundo interno de fantasia separa-se do mundo externo unindo-se a ele, na transicionalidade. Para Winnicott, do ponto de vista do bebê o

que acontece no arranjo é subjetivo – embora ainda não haja sujeito – e isso é garantido pela ilusão de onipotência, mesmo que para o observador externo possa se verificar, desde partida, um arrançamento entre diferenças e semelhanças na dinâmica indivíduo-ambiente. E é no rompimento da ilusão, ou seja, na desilusão mediante as falhas ambientais, que o problema da posição depressiva passará a instalar-se. O que significa que ela terá uma ligação estreita com a transicionalidade, dadas as condições favoráveis para tanto.

O atingimento da posição depressiva tem o desmame como momento simbólico, tanto do ponto de vista de Winnicott (Winnicott, 1955/2021), quanto do de Melanie Klein (1940/1996), responsável direta pelo conceito. No entanto, a partir de Winnicott podemos dizer que ela está de alguma maneira relacionada à atividade do bebê frente à desilusão em meio a qual a transicionalidade se dá, porque esta atividade cria a ocasião para esse grande evento chamado desmame. Logo, para Winnicott não é sem que o infante possa chegar ao ponto em que pode ser desmamado – que para Winnicott coincide com o processo de integração do *self* – que se pode falar também de posição depressiva. Isso significa que coloca-la em análise coincide com estudar as tempestades do *self* tais como elas acontecem no espaço potencial, a partir da transicionalidade, quando o susto do que chamamos no capítulo anterior de integração da cisão está em elaboração. Relaciona-se a isso o fato de que Winnicott subjuga o desmame ao brincar (Winnicott, 1955/2021), propondo que este se dê associado à aparição de uma atividade que ele julgava comum entre os infantes: a de jogar objetos para longe de si.

Curiosamente, em um dos relatos do chamado jogo da espátula (Winnicott, 1936/2021; 1941/2021), absolutamente remanescente do *fort-da*<sup>89</sup>, vemos como nossa associação entre o filme de bolha e o espaço potencial é pertinente, sobretudo quando Winnicott diz que aquilo que o bebê faz com espátula “entre o tomar e o deixar cair é uma tira de filme (*film-strip*) do pequeno pedaço de seu mundo interno que é relacionado a mim e a sua mãe” (Winnicott, 1936/2001, p. 47, tradução nossa). Seria o espaço potencial, esse conceito que pertence à extensa categoria de propostas paradoxais winnicottianas de difícil apreensão para o observador – contraintuitivo, tal como o que os físicos dizem sobre os fenômenos estudados pela física quântica – uma ferramenta para conhecer o incognoscível deste estranho imbricamento entre fantasia e realidade compartilhada? Há um espaço

---

<sup>89</sup> O jogo consistia em disponibilizar uma espátula brilhante posicionada especialmente próxima, na mesa de trabalho de Winnicott, de onde a mãe normalmente se sentaria com seu bebê para ser atendida, oportunidade então em que ele observava a hesitação e a interação dos bebês com o objeto, que comumente terminavam por levá-lo à boca, arremessá-lo e/ou a propor brincadeiras aos presentes em que a espátula representava alguma outra coisa como, por exemplo, o alimento e a alimentação.

potencial no vão entre as plataformas, o “*the mind, the gap*” (Zaidhaft; Winograd, 2023) que é a psicanálise?

Essa pergunta merece ser deixada no texto como questão, mesmo porque nosso foco é o estudo da posição depressiva e suas possíveis relações com o brincar. O que podemos dizer é que, em relação à posição depressiva, a mistura que se pode ver neste espaço aberto pelas falhas – as tempestades na atmosfera do *self* – é seu próprio processo de abertura e tem a ver com o encontro entre a agressividade e o mundo externo, encontro este que se dá na qualidade de uma transicionalidade. Prazer e dor diferenciam-se, mas estão unidos, porque trata-se justamente deste estranho processo pelo qual Winnicott propõe que a realidade esteja sendo criada pela agressividade do sujeito. A agressividade, ou melhor, a motilidade, encontra a materialidade do objeto externo e produz, por isso mesmo, a transicionalidade entre o que é, em palavras que ainda não usamos, *apercebido* (Winnicott, 1953/2019; 1969/2019) e o que é percebido, ou seja, entre o que é objeto subjetivo, experimentado como criação porque parte do arranjo entre indivíduo e ambiente, e aquilo que passa a ser objeto objetivamente percebido.

A dor prazerosa de uma experiência que tem a qualidade de uma primeira vez tem a ver também, portanto, com a passagem através da qual um conhecido não pensado (*unthought known*) (Bollas, 1987/2015) desprende-se do subjetivo, passando a poder ser aquilo que é conhecido e pensado, ou seja, tornando-se alguma coisa da qual o sujeito pode se aproximar, embora já muito antes tenha estado ali, *muito* perto. De certa maneira, o objeto provém do subjetivo.

Todavia, por efeito da lógica paradoxal própria dessa teoria, poder-se-ia dizer, de fato, que é também essa passagem que marca o processo de aparição do sujeito da experiência, à medida em que este surge e separa-se do/no arranjo. Portanto, neste sentido, também poderíamos dizer que o sujeito provém do objeto. E a posição depressiva é justamente o que dá ensejo a esse sujeito.

O conjunto de processos que permite a emergência desse sujeito é, à medida em que parte-se de um arranjo indivíduo-ambiente: o processo de integração do *self* como unidade, sua localização no próprio corpo tendo a pele como membrana limitante e a integração da cisão entre o objeto vorazmente atacado da pulsão e o ambiente dos cuidados tácitos-transformacionais<sup>90</sup>. Desta forma, é na justa medida em que pode se separar, ainda que

---

<sup>90</sup> Todos trabalhados com mais fôlego no capítulo 2

mantendo-se unido pela transicionalidade, que o infante “soma um mais um, e começa a perceber que a resposta é um, e não dois. A mãe da relação de dependência (anaclítica) é também o objeto do amor instintivo (impulsionado biologicamente<sup>91</sup>)” (Winnicott, 1955/2021, p. 446). Em outras palavras, é à medida em que ambiente e pulsionalidade se sobrepõem, pela ocasião permitida por um só objeto que concentre a confluência entre os dois planos de subjetivação, que um sujeito vem a ser. O objeto que é devorado, mas sobrevive na medida do arrançamento na dependência<sup>92</sup>, enseja que um sujeito dividido, assustado por um lado e satisfeito por outro, dê notícias de sua existência. Um sujeito, para Melanie Klein, assaz melancólico e, para Winnicott, lúdico, caso possa contar com solidariedade do ambiente. Seja como for, pode-se dizer que para ambos a posição depressiva será a resposta subjetivante à permanente tensão entre a agressividade e a realidade da dependência, a partir da qual o objetivo se dá, mas a qual é ela mesma produtora do sujeito. Sujeito que, por isso, é tão senhor *da* experiência quanto seu resultado, impossível se não pela duração que caracteriza o fluxo do presente que é passado roendo o futuro, processo de uma dialética sem síntese que é a sua verdade (Klien, 2023, p. 122-123). Sendo assim, quando falamos aqui de sujeito não é de modo algum a um sujeito terminado ou a um proprietário da experiência que nos referimos. Se podemos chamá-lo de sujeito da experiência é no sentido em que deriva dela, sempre atrasado quanto a ela, sempre efeito de um processo de constante experiência, nunca terminado.

Vejamos como a própria Melanie Klein define a posição depressiva logo em seguida e partamos daí para entender como Winnicott a aborda e o que significa, portanto, a importância que dá à consideração, talvez uma posição adicional a ser alcançada, e sua relação com o brincar.

Antes, todavia, é preciso dizer que se na teoria da vienense há uma posição esquizoparanóide, em que o sadismo derivado da pulsão de morte é considerado inato ou onipresente na vida do bebê, gerando um sem-número de dificuldades para o sujeito nascente, em Winnicott consideramos difícil dizer que a subjetivação parta de semelhante situação. Para o inglês é apenas no advento da posição depressiva que os efeitos disso que Klein chama de sadismo serão notados e, portanto, poderão retroagir sobre o sujeito. Isto,

---

<sup>91</sup> Ou seja, por uma força que tem como fonte o estímulo endossomático.

<sup>92</sup> Sobreviver significa, como dissemos no capítulo 1, sobreviver criativamente. Nesta dinâmica, o objeto é “atingido segundo o desejo e ‘sobrevive’ como desmentido do temor.” (Roussillon, 2015, p. 266). Ou seja, atingido em seu desejo de completude, de inteireza, mas sobrevivente quanto a temer essa assustadora incompletude a qual só a dependência pode fazer frente.

no entanto, não quer dizer que a pulsionalidade não esteja posta como realidade da experiência até que a integração comece a se efetivar, mas que do ponto de vista do bebê não se pode supor a agência de um sujeito que sabe de suas diferenças com o objeto, ou mesmo que sabe da objetividade dos objetos. Ao pertencer ao plano da pulsionalidade ainda não integrada com o domínio do ambiente<sup>93</sup>, o que Klein denomina como posição esquizoparanóide justamente não pode ser a posição da qual parte o bebê de seu ponto de vista suposto por Winnicott. E se alguma coisa tal como o estado persecutório descrito como efeito do retorno do sadismo projetado na forma do ataque voraz aos objetos predomina na vida do bebê primariamente não-integrado, para Winnicott isso seria um sinal de que o ambiente não pôde ser suficientemente bom – ou, em outras palavras, imperfeito. É da perspectiva do observador que se poderia assumir essa subjetividade, mas isso equivale a projetar a posição subjetiva do adulto, que imagina a vida do bebê sob o modelo de sua própria vida, sobre a alteridade radical que o bebê é, pervertendo assim a ideia de um ponto de vista em que sujeito e objeto se misturam, tal com o proposto por Winnicott por advento da identificação materna primária. “Odiar o paciente objetivamente” (Winnicott, 1947/2021, p. 359), exigência de grande carga emocional de quem trabalha com o infantil, é essa a tarefa paradoxal de habitar pontos de vista.

A hipótese que a teoria winnicottiana parece sustentar, portanto, demanda este exercício de perspectivismo em que sujeito e objeto são arranjadores de um arranjo. Logo, não se poderia imputar ao bebê a projeção de seu sadismo, mesmo porque para Winnicott não há este sadismo inato a ser expulso, mas uma agressividade a ser expressa. Sua relação com as satisfações se dá em termos de confluência da criação com a oferta objetal ou de reações à intrusão, na medida em que o ambiente falha, seduz ou tentaliza. A intencionalidade do infantil, para Winnicott, é essencialmente criativa e não destrutiva, embora contenha um impulso de amor primitivo que é repleto de agressividade impiedosa, o que explica seu uso de termos como o “gesto espontâneo” (Winnicott, 1960/2022) e sua relação com o que ele propõe que seja o uso do objeto com todas as suas etapas, incluindo a sobrevivência do objeto, por exemplo. Obviamente, há aqui o problema da relação entre

---

<sup>93</sup> Isso é o que tomaríamos como hipótese se tivéssemos que incluir o estudo da posição esquizoparanóide no âmbito deste trabalho. Nos parece que a seguinte frase é indicativa dessa possibilidade: “Destruction only becomes an ego responsibility when there is ego integration and ego organization sufficient for the existence of anger, and therefore of fear of the talion. However early anger and fear can be detected, there is still room for recognition of those ego developments before which it is not sensible to talk of the individual's anger.” (Winnicott, 1950-55/2001, p. 210). É provável que a função de *reverie* materna e a teoria bioniana ajudassem bastante a revelar as potencialidades da comunicação entre inconscientes que se dá nesta pulsionalidade ainda não implicada com o problema ambiental da dependência, embora paradoxalmente dependente dela.

um verdadeiro *self* e um falso *self*, sendo este aquele que deriva das intrusões ambientais vividas na dependência, como protetor do verdadeiro *self* e como vetor de dissociação entre intelecto e experiência psicossomática (Winnicott, 1960/2022).

A bem da verdade, pode-se dizer que todo este trabalho tem se concentrado na *busca* pelo *self*, tal como no capítulo 4 de *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1971d/2019), o que certamente privilegia o campo abarcado pelo verdadeiro *self* em detrimento da psicopatologia a qual a noção de falso *self* fica comumente associada. Em *A experiência nos limites* (Klein, 2023), que vem sendo apontado como um trabalho de referência no que concerne à relação entre experiência e psicanálise, a autora sugere que o verdadeiro *self* possa ser entendido como um processo continuado no tempo e no espaço, efeito de uma dialética sem síntese, tal como a sustentada pelo filósofo da experiência Merleau-Ponty (Klein, 2023, p. 122-123). Ao nos encaminharmos em direção à posição depressiva e a proposta final deste nosso trabalho para o brincar, nos parece cada vez mais claro estarmos no encaço deste processo, surfando suas ondas. A essa definição poderíamos apenas, talvez, adicionar uma diferença útil entre o verdadeiro e a verdade. Se o verdadeiro *self* é isto que continua no tempo sem atingir a síntese, ou seja, a verdade una, é porque a sua verdade talvez lhe seja externa, embora empírica, experimentada. A verdade do verdadeiro talvez seja esse fundo assustador e paradoxal. Ou talvez esteja entre o *self* e sua quilha. Mas, sigamos.

Em suma, retornando ao problema da posição esquizoparanóide, resta apenas dizer que evidentemente não haverá espaço neste trabalho para analisarmos as diferenças entre as duas propostas de teoria clínica, a kleiniana e a winnicottiana. Todavia, fazia-se necessário ao menos termos nos resguardado quanto ao fato de que se consideramos relativamente fácil aproximar a posição depressiva kleiniana da winnicottiana, não é porque partam exatamente dos mesmos pressupostos, mas porque elas nos parecem tentar dar conta de problemas semelhantes: os da relação entre o indivíduo, já com sua individualidade em construção, e o ambiente, a partir do qual ele se satisfaz, mas do qual ele passa, aos poucos, a ter que cuidar e representar. Obviamente o privilégio da melancolia em Melanie Klein e do brincar, com Winnicott, faz com que daí se apresentem subjetivações diferentes. Todavia, nos parece que ambas estão lidando com as complicações de se estar vivo – e, por isso, parcialmente insatisfeito – em um mundo não



desejado<sup>94</sup> (Winnicott, 1988). Mundo este ao qual acabará afirmando ao longo do processo de aquisição posição depressiva, afirmando assim também a realidade da dependência ao mesmo tempo em que exige seus direitos à satisfação. Trata-se do problema da liberdade, considerada não como livre-arbítrio, mas como a tragédia do viver, uma “liberdade que é também uma maneira de cuidar dos outros” (Foucault, 2004).

#### 4.3.2 – As precondições da posição depressiva

Preâmbulos devidamente feitos, vejamos como Melanie Klein define a posição depressiva, de modo que possamos entender para que caminhos a leva Winnicott. Em *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, de 1940, Klein, comentando e resumindo *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, de 1935, diz:

Afirmo naquele artigo que o bebê possui sentimentos depressivos que atingem seu clímax pouco antes, durante e depois do desmame. É esse estado mental do bebê que chamei de “posição depressiva” e sugeri que se tratava de uma melancolia em *statu nascendi*. O objeto que desperta o luto é o seio da mãe, juntamente com tudo aquilo que o seio e o leite passaram a representar na mente do bebê: o amor, a bondade e a segurança. O bebê se sente como se isso tudo estivesse perdido como resultado de suas incontroláveis fantasias e impulsos destrutivos e vorazes contra os seios da mãe. (Klein, 1940/1996, p. 388)

Considerando toda nossa introdução relacionada à posição esquizoparanóide é possível afirmar que esses sentimentos depressivos, germe de uma melancolia como os define Klein, relacionam-se, para Winnicott, à dupla tomada de consciência que o processo de integração engendra: o da separação entre realidade interna e externa e o da integração da cisão. Dito de outra forma, portanto, e começando pelo começo, vê-se que a ideia de uma posição aqui faz referência a um reposicionamento subjetivo, através do qual o sujeito nasce como tal para a relação com o ambiente. Por efeito da integração, da separação/união com o ambiente e da integração da cisão, conquista-se o advento da unidade e, ao mesmo tempo, o advento da ambivalência. Se eu sou um, posso amar a outro e posso odiar a outro. A possibilidade, instaurada pela transicionalidade, de separar amor e ódio, abre também uma outra, a de elaborar sua inter-relação (Winnicott, 1955/2021, p. 438), sua coexistência na experiência, o que os torna alguma coisa que pode ser *digerida* pelo psiquismo. É isso que provoca no sujeito o atingimento dessa “nova posição, onde consegue se identificar

---

<sup>94</sup> Winnicott era bastante claro quanto à sua posição de que o sujeito emerge de um amálgama, *emerges from a merger*, motivo pelo qual Helia Borges afirma, junto dele, que o ser constitui-se como “força de enfrentamento, positivando a existência” (Borges, 2019, p. 112). Essa é sua interpretação da seguinte frase: “*In choosing a developmental approach to the study of human nature as the one that can focus the various points of view, I shall hope to make clear [how] first from a primary merging of the individual with the environment comes an emergence, the individual staking a claim, becoming able to be in a world that is disclaimed.*” (Winnicott, 1988, p. 8).

com seu objeto” (Klein, 1935/1996, p. 301) e “que serve de base para a situação chamada de perda do objeto amado.” (Klein, 1935/1996, p. 306). Desta forma, Klein, e nisso Winnicott a acompanha, põe como condição de um reposicionamento subjetivo a aquisição tanto da capacidade de identificar-se com o objeto, quanto da tomada de consciência acerca da possibilidade de perdê-lo como consequência de sua pulsionalidade – o que não implica, no entanto, na perpetuação irrestrita do senso de culpa. O problema é que o que é um luto que para Klein está apenas associado à perda do objeto por efeito do ataque do próprio sujeito, para Winnicott deve incluir, além disso, o problema da dependência. O que, por um lado, torna esse luto mais desastroso, mas, por outro, abre a possibilidade de uma interdependência entre os elementos do arranjo, de modo que ao luto pode adicionar-se a esperança de brincar. É a isso que Winnicott nos chama a atenção: ao fato de que devemos levar em conta o problema da dependência que precede e faz parte deste reposicionamento.

Em primeiro lugar temos o fator tempo (Winnicott, 1955/2021), sem o qual, para Winnicott, nem seria possível chegarmos ao problema da posição depressiva. Tal como o organizamos no capítulo 2, o tempo ao qual Winnicott se refere deve necessariamente estar articulado à ideia de uma continuidade do ser. A diferenciação, proposta por Ogden (2004), entre um tempo dos relógios, tempo alteritário e intrusivo, com relação à continuidade do ser, nos permite aqui entendermos com rapidez esse fator tempo. Para Winnicott, trata-se de haver sido possível que, pela sobreposição entre um cuidador continuando a ser e um infante continuando a ser, a quilha da subjetivação tenha sido assentada a despeito das demandas uteis da vida. A quilha, como vimos, é a peça que em um barco, sustenta todas as outras. No caso da subjetivação no arranjo, é evidente que a imagem de uma quilha fixa é insuficiente, porque desconsidera que a quilha subjetiva está assentada (ou é composta por) uma tensão entre estas continuidades, a ambiental e a singular, do sujeito nascente. Ainda assim, podemos considerá-la como uma base ou fundação – um fundo sem-fundo, se quisermos<sup>95</sup> – sobre a qual vem construir-se uma experiência de duração, que aos poucos poderá tornar-se subjetividade, no sentido bergsoniano. É a esse fator tempo (Winnicott, 1955/2021, p. 438) que Winnicott refere-se, considerando, portanto, que ele é a base sobre a qual se instalará o software da subjetivação, ou núcleo (*kernel*), em seus termos. Em *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal* (1955/2021) ele atribuirá ao estabelecimento deste fator tempo a emergência da angústia e da esperança, consideradas

---

<sup>95</sup> E por isso mesmo assustador, arredoio

como diretamente relacionadas aos problemas próprios da posição depressiva. Sem a duração, a indeterminação própria da angústia não pode estar em jogo. Do mesmo modo, sem ela o presente vivido como duração do passado sobre o futuro também não poderia inscrever a esperança como possibilidade mediante a angústia da perda.

Vemos assim, novamente e aqui talvez com uma clareza que ainda não havia sido possível, o gérmen das potencialidades emocionais que a partir da transicionalidade tornar-se-ão parte do que estará em jogo no brincar. Não soa estranho pensar que a esperança e a angústia formam o primeiro campo de tensão em potencial a partir do qual faz sentido tratarmos de uma separação que é união ou de uma união que só pode se dar separando. No campo paradoxal das potencialidades deverá haver um esperar – a esperança de uma união do que foi separado – porque certamente, se há transicionalidade, houve as falhas e se houve as falhas, houve a angústia e a oportunidade para o imbricamento entre agressividade e realidade externa. O que, por sua vez, recomeça o ciclo, uma vez que a transicionalidade não pode se dar sem a agressividade e suas oportunidades de expressão. Como se pode notar, a adição da esperança e da transicionalidade já equivocam o ciclo melancólico da culpa. Incluído no bojo da dependência, ou seja, se garantido pela suspensão hidráulica do arranjo indivíduo-ambiente (Winnicott, 1962b/1965), o resultado do ataque pulsional ganha possibilidades transicionais de resolução.

Posta a quilha da duração, que não é primeira de modo algum, deve-se ainda considerar os outros processos descritos no desenvolvimento emocional primitivo, que são a personalização, ou seja, o desenvolvimento de um psicossoma para o qual o corpo é morada, e a integração, que equivale ao processo de “estabelecer-se como uma pessoa inteira” (Winnicott, 1955/2021, p. 440). Havendo isso sido possível, o que passa a acontecer é que o bebê assume uma inteireza na relação com o mundo, o que supõe que não só ele mesmo é inteiro (o que, aliás, já pressupõe uma capacidade reflexiva), mas também que as pessoas são inteiras. Neste ponto o inglês faz um comentário direto que certamente direciona-se à ideia dos objetos parciais e da cisão entre amor e ódio, tal como empregada por Klein. Diz ele: “Aqui estou considerando o seio da mãe como uma pessoa inteira, pois quando o bebê se torna uma pessoa inteira, o seio, o corpo da mãe, o que quer que dela exista, qualquer parte, passa a ser percebida pelo bebê como algo inteiro” (Winnicott, 1955/2021, p. 440). Em outras palavras, havendo o plano ambiental da subjetivação sustentado suficientemente bem o plano pulsional, então a alteridade pode

começar a dar indícios de sua existência, alteridade que será experimentada tanto como objeto da pulsão quanto como ambiente do qual cuidar.

Por fim, Winnicott diz que deve-se haver estabelecido a confiança, confiança essa que será o resultado de uma *quanta* de estabilidade na relação com o ambiente. A confiança que, como vimos, resulta na criação de algo que Winnicott chama de um ambiente interno, é resultado da difusão disso que é repetidamente experimentado na dinâmica entre ausência e presença do objeto e na experiência de suas qualidades tácitas transformacionais. Lembremos que a confiança tem a ver já com a transicionalidade e a maneira como esses fenômenos trabalham tanto para criar substitutos quanto para fixar a imagem do objeto. Portanto, sendo composta por ausência, presença e arranjos (variações rítmicas e harmônicas) seria possível considerarmos que a confiança é já como um protótipo do brincar sendo precedente ou contemporâneo à aquisição da posição depressiva.

Diante dessas condições estabelecidas por Winnicott, se de fato podemos tratar da emergência do sujeito da experiência associada à aquisição da posição depressiva – o que inclui isso que a precede tanto quanto a própria experiência triste que ela descreve – também podemos dizer que quando emerge esse sujeito já vem subjetivando-se, por assim dizer, em alguns aspectos. Quando emerge o *self* winnicottiano já confia/não-confia, já angustia-se/esperança e, também, já integra e, portanto, já pode recorrer ao recurso chamado não integração, que lhe será imprescindível para seguir adiante. Lembremos que a não integração, para nós, não diferencia-se substancialmente da não integração primária, mas descreve o que é um recurso subjetivo relacionado à experiência de confiança com que se habita o espaço potencial. Se o sujeito é um software, ou se nasce a partir de um *kernel*, então podemos brincar e dizer que esse sujeito vivo, quando dá-se conta de si, já vem com certos aplicativos instalados de fábrica, *bloatwares*, mas não porque ocupam espaço, mas porque são de difícil transformação. Como dissemos anteriormente, o problema do vivo – do eu estou vivo, do eu sou – permanece sempre atado ao problema das relações em Winnicott. Logo, assim também o é quando ele emerge para as consequências de seus atos.

Sendo estas as condições para a aquisição da posição depressiva – Winnicott é explícito quanto a considerar que ela é uma conquista e não um dado necessário do desenvolvimento<sup>96</sup> (Winnicott, 1955/2021, p. 438) – o inglês a considerará como um dos

---

<sup>96</sup> O que abre a porta para que possamos tomar a capacidade para a consideração, ainda a ser trabalhada, como uma conquista a mais.

últimos problemas a serem atravessados por uma análise. Se o atingimento da inteireza não for possível, é provável que o sujeito siga sem ela, o que para ele resulta numa clínica dos traços esquizóides ou mesmo da esquizofrenia, onde um trabalho envolvendo uma regressão em análise (1954b/2021) se faria necessário. Winnicott repreende seus colegas da época por não se darem conta disso, o que, aliás, equivale para ele que os colegas psicanalistas não estiveram suficientemente atentos à dimensão ambiental da subjetivação. Por outro lado, é possível dizer, a partir do texto de 1955, que o trabalho envolvendo o firme estabelecimento da conquista da posição depressiva pertence à uma área da clínica “situada a meio caminho entre os lugares de origem da psiconeurose e da psicose, respectivamente” (Winnicott, 1955/2021, p. 438). Ele parece acreditar, portanto, que a clínica da posição depressiva estaria de alguma forma relacionada à clínica dos chamados casos *borderline*<sup>97</sup>. Esteja situada aí ou não, o importante aqui é frisarmos que ela ainda trata do infantil perene em nós, mas pertence a uma infantilidade já mais complexa e plena de recursos. Passemos a análise do que se adquiri, afinal, com a conquista desta posição subjetiva.

#### 4.3.3 – Pulsão, dor e dependência: a triagem psíquica

No que concerne a visada winnicottiana da posição depressiva, deve-se considerá-la a descrição de um processo tanto de relação com o mundo, quanto de separação entre fantasia e realidade, processo este que não encontrará fim durante a vida, o que D.W. deixa explícito através de uma nota de rodapé presente na página 445 do texto de 1955 (Winnicott, 1955/2021). Na medida em que o plano ambiental tácito transformacional sustenta a pulsionalidade no tempo, “nos termos mais simples possíveis, o bebê excitado, mal sabendo o que se passa, é arrastado pela pulsão em estado bruto, carregando consigo ideias de um tipo poderoso que pertencem à pulsão” (Winnicott, 1955/2001, p. 267, tradução nossa). A indicação é a de que a pulsionalidade, estando a todo vapor no processo da formação de suas tramas associativas, apresenta-se junto ao impulso que ocasionará o ataque excitado ao objeto eleito como meta pulsional. A questão aqui é que, havendo adquirido a capacidade, ainda que incipiente e primária, de identificar-se com o objeto – Cintra e Figueiredo (2020) chamam isso de uma capacidade de reconhecer o outro como sujeito desejante (p. 79) – o infante começa a perceber que fantasia e realidade externa se

---

<sup>97</sup> Vale lembrar que a chamada psicanálise contemporânea, tendo André Green como um de seus principais expoentes, desloca o problema dos limites para além da polaridade neurose e psicose, sistematizando uma clínica do enquadre que refuta outorgar privilégio para qualquer dos polos da transferência/contratransferência, como visto em Green, 1990/2017 e organizado por Urribarri, 2012.

distinguem. E se distinguem porque se na fantasia o ataque excitado significa destruição, digestão e eliminação, na realidade o objeto continua retornando, atingido segundo seu desejo, mas destemido quanto à sua destruição (Roussillon, 2015). Começa-se a entender que a fantasia tem um caráter mágico que a realidade não tem, em consequência do que instaura-se a transicionalidade. Mas só isso seria insuficiente para explicar a dimensão triste do processo ligado à posição depressiva.

Corre paralela a este “reconhecimento de que existem ideias, fantasias, elaboração imaginativa da função, a aceitação de ideias e fantasia relativas ao fato, que não devem ser confundidas com o fato” (Winnicott, 1955/2021, p. 445), uma outra camada de problemas. A camada do reconhecimento da dependência efetivada pela integração da cisão, que fará com que se imponha a demanda de uma triagem (Winnicott, 1955/2021) a ocorrer no mundo interno do infante. O resultado desta triagem é o que deverá ser compartilhado pelo infante com o ambiente, maneira pela qual ele repara os danos que supõe em fantasia ter causado – graças à sobrevivência do ambiente, que garante a suposição fantástica não se repita na realidade. Através da oferta de reparação o infante se defende da assustadora realidade da dependência e da fantasia, agora borradas uma na outra. O ato de reparação é uma defesa contra as consequências brutas deste imbricamento, mas, pela via do brincar e com a ajuda do ambiente, será também sua afirmação.

Nos detenhamos sobre esse processo com mais calma, mas notemos que eis aí o motivo pelo qual Winnicott propõe que a tristeza<sup>98</sup> como conquista deve poder dar passagem à consideração e porque insiste tanto que a não sobrevivência do objeto pode ser tão prejudicial: ela deixa o sujeito, perenemente dependente, seja em que grau for, sozinho com suas fantasias assustadoras. Quando Judith Butler se pergunta, em *A força da não violência* (2021) “Mas qual é a base de sustentação dessa percepção de que os outros desejam me matar?” (Butler, 2021, p. 76), uma resposta possível seria essa. O abandono do sujeito à sua vulnerabilidade diante da fantasia e da dependência não poderia se não retroagir como suposição de um desejo do outro de que o *self* se desintegre e deixe de existir. O eu sou decresce na sua enlutabilidade se não apoiado pelo domínio ambiental da subjetivação<sup>99</sup>. Por outro lado, se a satisfação pulsional, e a fantasia de destruição que a

---

<sup>98</sup> A maneira com que Winnicott aborda a posição depressiva, como instalação de um nevoeiro, nos parece querer dizer que a capacidade de ficar triste, ou seja, de diminuir a velocidade da triagem interna e lidar com as consequências das suas satisfações pulsionais sobre o mundo, é uma conquista sem a qual a consideração não pode advir.

<sup>99</sup> As indicações a que fazemos jus aqui são da própria Butler. Embora seu diálogo não tenha sido com Winnicott, mas com Melanie Klein, é principalmente na teoria da posição depressiva que ela se apoia

acompanha, está associada ao problema da dependência, a identificação do sujeito com essas duas posições garantiria o nó que tornaria a solidariedade um laço social apoiado por um ideal equitativo de enlutabilidade (Buttler, 2021). Toda vida é enlutável, na medida em que a satisfação, que potencialmente destrói o objeto, é intimamente dependente do cuidado para com ele. Se mato, também morro, portanto se o outro morre, o *self* também morre um pouco.

De qualquer forma, retornemos à nossa análise da posição depressiva para estudarmos com um pouco mais de calma esta triagem subjetiva e seus processos. Como dissemos, a partir do reposicionamento subjetivo depressivo, impõe-se o problema da fantasia e da tomada de consciência de sua diferença para com a realidade externa. Há nisso um aspecto assustador que Winnicott considera relacionar-se às propriedades mágicas da fantasia, que tensiona aniquilação e existência como que em passes de mágica. Mas há um outro motivo pelo qual D.W. se refere ao processo da posição depressiva como uma “etapa deveras espantosa” (Winnicott, 1955/2021, p. 455), relacionado ao problema do prazer quase doloroso, ao qual vimos que ele chama de catexizar. A questão abre-se a partir do que ele chama de um risco, risco que começa a associar-se à experiência satisfação (Winnicott, 1955/2021), mas consideramos que se poderia falar num duplo risco.

O primeiro é que o clímax orgástico da experiência de satisfação necessariamente deve estar associado a uma experiência de dor (*petit mort*, como dizem os franceses), dor esta que estará tão mais presente quanto mais prazerosa for a experiência. Mediante o risco da frustração, o acréscimo de prazer vira-se em experiência potencial de dor (Winnicott, 1955/2021, p. 445). O segundo risco é aquele que acompanha a tomada de consciência<sup>100</sup> a partir da coleção de “suficiente material mnemônico” (Winnicott, 1955/2021, p. 446), uma realização, a partir de um acúmulo experiencial, de que o ambiente do *holding* é o mesmo que sofre o ataque pulsional. Ataque que, como vimos, tem consequências assustadoras na fantasia. Deste modo, o duplo risco, a situação espantosa que se coloca como imperativo de elaboração para o infante que começa a conquistar a posição depressiva, é o risco da dor relacionada à satisfação e da morte relacionada à fantasia de aniquilamento do objeto que

---

quando diz que “O bebê não é uma criatura calculista. Em certo nível primário, ele reconhece que a própria vida está ligada àquela outra, e, embora essa *dependência* mude de forma, *eu sugeriria que essa é a base psicanalítica para uma teoria do laço social*” (Butler, 2021, p. 82, grifo nosso). Nós a repetimos com convicção e diríamos: A dependência como base do laço e não o desamparo, restrito que este é ao plano pulsional da subjetivação.

<sup>100</sup> A expressão em inglês usa o verbo *realize*. Verbo que sempre nos pareceu interessante, porque possibilita descrever esta estranha experiência de entrar em contato com aquilo que já se conhecia.

vai tornando-se agora um objeto ambiente-pulsional. Ao que nos parece, a realidade da dependência inclui esta tomada de consciência acerca das consequências da vida pulsional. O duplo risco que se apresenta na aquisição da posição depressiva é o que borra os domínios do ambiente e da pulsão. À experiência de luto pela suposta perda do objeto Winnicott adiciona uma outra dor, a dor corporal de uma experiência que tem a qualidade de primeira vez. Esta pode ser uma explicação tão boa quanto qualquer outra para a resistência do adulto às novas experiências.

Seja como for, pela maneira com que apresenta a posição depressiva Winnicott consegue concluir algo que até parece bastante simples. Quando o infante é apaziguado pela mamada, a exigência de trabalho da pulsão cede, o que gera satisfação, mas também o faz sentir-se enganado. “Nada mais fácil que assumir que a mamada termina sempre em satisfação e sono” (Winnicott, 1955/2021, p. 446) diz ele. A satisfação pulsional impõe tanto um problema pulsional, que tem a ver com a substituição da identidade de percepção com a identidade de pensamento (Freud, 1900/1972), quanto um problema real ao infante. Às consequências da ausência do objeto e da fantasia, adiciona-se o da dor. O que significa que só a sobrevivência do objeto promove o imbricamento que faltava, pois ao retornar ele sobreviveu à destruição e à dor. Desta forma, o cálculo de risco da satisfação pulsional passa a ter que incluir esse fundamental dado de realidade: sem o ambiente é impossível aprender a surfar “a grande onda da experiência pulsional” (Winnicott, 1955/2001, p. 268)<sup>101</sup>.

Esse cálculo de risco, fortalecido pelo fator ambiental, tornar-se-á uma tensão entre o bom e o mau, relacionada à apreensão quanto às consequências da satisfação pulsional. O que viemos chamando até aqui de tempestades do *self* podemos agora referir ao que Winnicott associa ao processo de digestão, uma digestão psicossomática, pensada sob o modelo da elaboração imaginativa das funções corporais. Havendo sido instalada essa problemática que envolve a relação entre pessoas inteiras e uma vida de fantasia em que satisfações incluem prazer e dor, o palco está armado para uma triagem relativa a um

---

<sup>101</sup> Deve estar claro que a descrição deste processo até agora está amparada pela ideia de uma experiência do *id* que fortalece o *ego*, tal como estudamos no capítulo 1. Obviamente há uma previsão para situações que não incluem este fortalecimento, as quais estão diretamente relacionadas às falhas graves ambientais, que falham por impor ao sujeito satisfações não relacionadas com suas demandas, ou, no vocabulário do bebê, ao gesto espontâneo. A isso Winnicott vai chamar de processos de sedução e tantalização (Winnicott, 1969/2019), mas nosso foco aqui é no desenvolvimento e na conquista da posição depressiva. Tal como no restante de nosso trabalho, a preocupação está menos na descrição da dimensão patológica da vida e mais com o problema da busca pelo *self*.



embate entre bom-apoiador do *self* e mau-persecutório do *self* (Winnicott, 1955/2021). Este mau persecutório o é tanto pelos efeitos que produz na fantasia quanto pela consciência da dependência – ambos associados à ausência e ao retorno do objeto ambiente-pulsional. Para Winnicott, este é um “processo silencioso com velocidade própria” (Winnicott, 1955/2021, p. 448) e que está para além do controle intelectual. Ele se instala na medida em que os elementos apoiadores e bons inter-relacionam-se com os elementos persecutórios da experiência. Esse “processamento demora algum tempo” (Winnicott, 1955/2021, p. 449), mas sua repetição é o que engrandece o mundo interno pessoal, que “transforma-se no infinitamente rico núcleo do *self*” (Winnicott, 1955/2021, p. 449). Notemos a importância central do fator tempo e o modo como este tempo deve ser um tempo pessoal, próprio, o que o liga diretamente à duração bergsoniana. O tempo subjetivo aqui define-se como um tempo pessoal de digestão, uma digestão psíquica que inclui a pulsão e o ambiente.

Enquanto dura, no espaço que vai se abrindo através desta triagem, também chamada de um “trabalho interno” (Winnicott, 1955/2021, p. 449), o infante pode entender o que deve ser retido como parte do *self* e o que deve ser imaginativamente eliminado<sup>102</sup>, o que é bom para si e o que não é. Na apresentação dos resultados desta triagem, novamente Winnicott imputará importância fundamental ao fator ambiental e neste ponto é novamente a questão do arranjo entre indivíduo e ambiente que se apresenta. Segundo ele, a partir desta triagem interna, silenciosa, mas um tanto assustadora, o infante tem “coisas boas e ruins para oferecer” (Winnicott, 1955/2021, p. 449). A princípio o inglês imputa este bom e ruim ao trabalho interno, não intelectualizado, que faz parte da posição depressiva, alguma coisa que se apresenta como resultado deste mergulho interior. A digestão psíquica redundando numa eliminação imaginativa e em ofertas do sujeito, ofertas do bom e do ruim. Todavia, é evidente que será tarefa do ambiente reconhecer o bom e o ruim naquilo que está sendo oferecido e devolver isso ao bebê. Essa é a devolutiva que está em jogo no *papel de espelho da mãe* (Winnicott, 1967b/2019), por exemplo. Um reconhecimento a partir do qual o infantil em nós pode encontrar o próprio *self* e sentir-se real. Ou, em outras palavras, “encontrar um modo de viver como si mesmo, de se relacionar com objetos como si mesmo e de ter um *self* para onde fugir em busca de relaxamento.” (Winnicott, 1967b/2019, p. 187). Há uma sobreposição entre os rostos, ou

---

<sup>102</sup> A metáfora digestiva sugere uma interessante possibilidade de relacionar os entraves e os percalços ligados à posição depressiva às experiências de sofrimento psíquico ligadas à alimentação.

entre as ofertas, do infante e de quem o reflete. Mas deve-se considerar que há também a lâmina que os separa e os une, motivo pelo qual Francis Bacon gostava de vitrificar suas obras, tornando visível um certo jogo de luzes e a sobreposição dos rostos no ambiente e em seus quadros.

Bacon, que é usado como exemplo por Winnicott, pintou uma série de autorretratos que fugiam à sua aparência formal, mas, por outro lado, a aproximavam do disforme assustador da aparência interna. A lâmina do vidro, como o espaço potencial, serve aqui como um *film strip* ou como um filme de bolha, na medida em que na sua superfície o que se vê é o estranho encontro entre os rostos: reflexo do próprio rosto sobreposto ao rosto disforme da aparência interna. Nesse sentido o *self* que se busca no resultado da triagem parece verdadeira e duplamente ser um outro, outro de si e, ainda assim, um reflexo do outro. “A reflexão não é o suficiente; o que precisamos para entender a mente é a reflexão da reflexão”, diz Green em seu *Brincar e reflexão na obra de Winnicott* (Green, 2013, p. 55)

#### 4.3.4 – A capacidade de ficar triste

Considerando esse processo de triagem psíquica já como uma espécie de busca pelo *self* (Winnicott, 1971d/2019), sabemos que estamos nas imediações do brincar ou ao menos da transicionalidade. Há algo do processo da posição depressiva que se dá ao modo do brincar, na não integração e que deve ter relação com esta interiorização não passível de controle intelectual. A relação entre os dois, aliás, é feita pelo próprio Winnicott ao longo do texto de 1955. Acontece que se há algo de não-integrado no trabalho interno da posição depressiva, há que haver esse relaxamento e, portanto, para alcançá-lo deve-se poder confiar no colo do ambiente. O colo do ambiente é, claro, uma metáfora para a confiança, mas provavelmente também implica uma certa tranquilidade dos elementos humanos e não-humanos à volta do sujeito. Seja como for, sabemos que isso significa que esta capacidade é indissociável do delicado problema da dependência e, portanto, do arranjo indivíduo-ambiente. Logo, na medida em que só ali se sustenta a associação entre a díade bom/mau e as recepções das ofertas, é no bojo do arranjo que se localizará verdadeiramente este bom e este mau, na sobreposição de rostos, efetuada pela lâmina que os separa. O bom e o mau, nesse sentido, não existem, a não ser quando referidas ao arranjo. É na transicionalidade, na medida em que agora reencena em duas vias a ilusão de onipotência, ou seja, na medida em que torna bífido o vetor da oferta ambiental que encontra a ideia (de uma qualidade de bom e mau), que alguma coisa pode ou não ser

entendida como ato de reparação. Mesmo que esse ato se dê diante dos danos supostos em fantasia e mesmo que devamos considerar as devidas assimetrias nos arranjos, a reparação só é reparação na medida em que permite a confluência entre dependência, vida pulsional e agressividade de todos os envolvidos numa dada relação. Esse, para Winnicott, é o verdadeiro dar sem o qual alguém não poderia nunca receber (Winnicott, 1955/2021), um dar que está imbuído de um cuidar.

Ao processo que envolve: o relacionamento entre pessoas inteiras; a tomada de consciência acerca das consequências; uma digestão psíquica; a reparação no arranjo com o ambiente; e à sua repetição, Winnicott chamará de *círculo benigno* (Winnicott, 1955/2021). Benigno não porque seja bom, mas porque inclui o compartilhamento do bom e do mau numa relação de confiança com o ambiente, que sobrevive como destemido da destruição, que também supõe em sua fantasia, mas como afetado segundo seus desejos, resultados de suas próprias digestões, que o permitem discernir entre o que acha bom e mau. Esta, para Winnicott, é a verdadeira origem do sentimento de culpa (Winnicott, 1955/2021), mas a palavra parece quase inapropriada, frente à interdependência entre os domínios da pulsão e do ambiente. A culpa pela experiência pulsional e pela agressividade, reverte-se em responsabilidade se entra em consideração o plano do ambiente da subjetivação. Descrito deste modo, em que o ambiente pode suportar um processo sem o qual alguém não pode vir a ser, não pode sentir-se real, o chamado senso de culpa parece inadequado porque pensado assim o problema não parece incluir uma dívida. Se o plano do ambiente esteve presente como tal, sua recompensa é o próprio imbricamento com o plano pulsional da subjetivação. O seu representante, havendo contribuído para a criação deste ambiente, poderá usufruir dele quando suas exigências pulsionais assim o impelir a apelar por seus próprios direitos. Ainda assim, consideremos usar a expressão senso de culpa apenas na medida em que é a expressão winnicottiana<sup>103</sup>.

Desta maneira, a “fonte pessoal do senso de culpa” (Winnicott, 1955/2021, p. 450), pensada como fruto da repetição do círculo benigno da triagem e da reparação, dará ensejo ao que importa neste processo, à consideração, que por incluir a possibilidade do mau junto do bom, do erro junto do acerto – erro e acerto impossíveis de serem definidos senão dentro de um arranjo qualquer – pode ser tolerada embora permaneça, no fundo, assustadora. Ao contrário do que ocasiona a quebra deste círculo benigno de arranjo indivíduo-ambiente, que seria a inibição dos impulsos à satisfazer desejos pulsionais, a

---

<sup>103</sup> E que mantém aberto, em potencial, o diálogo com o sentimento inconsciente de culpa freudiano.

conquista da posição depressiva amplia as possibilidades subjetivas a partir dessa inclusão da ambivalência do mau e do bom nas relações<sup>104</sup>.

Ensejada por essa afirmação mútua da dependência – mútua porque impossível fora de um arrançamento – a consideração faz com que o impulso adquira mais *liberdade* e que os riscos a serem corridos possam ser maiores (Winnicott, 1955/2021, p. 451). Riscos estes que, como vimos, são riscos relacionados ao fundo assustador a partir do qual toda essa atividade se engendra: o incremento da dor a partir da experiência orgástica de satisfação e a possibilidade da morte interna ao problema da dependência, vulnerabilidade a partir da qual toma-se consciência que o aniquilamento do outro é também um movimento suicidário. Em outras palavras, se pode confiar que haverá oportunidades de reparação, e se consegue implicar-se nela, então o sujeito também pode fortalecer sua crença de que o mundo pode suportar sua pulsionalidade e sua agressividade, com toda a crueza<sup>105</sup> que a elas convier. O que, em torno, o fara capaz de sustentar o plano ambiental para outros *infantis*<sup>106</sup>.

---

<sup>104</sup> Por outro lado, aproveitando para tirar consequências do que acabamos de desenvolver, como veremos que o brincar se faz assentado sobre esse enquadramento do bom e do mau, que por sua vez supomos ser contingente aos arranjos – a nível relacional e social – um interessante apontamento pode ser feito. Uma maneira de explicar a tese de Green (2013) de que o brincar estaria para além do bem e do mal seria explorar essa contingência, pensando-as em camadas de arranjo que podem se sobrepor para qualificar um brincar como um jogo sádico ou não, mas apenas a posteriori.

<sup>105</sup> O cru não é o cruel. O cruel, como tentaríamos sustentar se houvesse tempo e espaço, dá-se no âmbito de um jogo e não de um brincar. Um jogo sádico de imputar ao outro o sofrimento que outrora se sofreu. Um círculo maligno da destrutividade?

<sup>106</sup> Um exemplo clínico disso nos ocorreu no dia em que escrevíamos esta sessão do texto. Um paciente, A., menino nos primeiros anos de sua adolescência e portador de uma grave doença que prejudica tanto seu desenvolvimento físico quanto psicológico, adentrara ao consultório jovial e risonho neste dia, o que é absolutamente incomum. Este paciente sofre muito com o que ele mesmo nomeia de pensamentos intrusivos, que tem sempre mais ou menos o mesmo conteúdo e que o dizem que deus o irá punir com a morte, por consequência de algum desejo ou pensamento que teve. Esse menino já enfrentou e continua enfrentando o risco real de morrer, tendo sido hospitalizado aos três anos de idade, por pouco saindo com vida de lá. Ele vive constantemente medicado e a síndrome que possui o assola com sintomas estomacais e dermatológicos constantes, que prejudicam sobremaneira sua rotina. Neste dia ele chega muito divertido e logo conta que seu Natal havia sido ótimo porque ele havia se juntado ao tio e aos primos para imitar e caçar de um homem que cuidava de seu avô materno, já falecido. Suas imitações eram bastante divertidas. A família acredita que este homem prejudicou o cuidado de seu avô e há suspeita também de que tenha roubado alguns pertences da casa. Rindo bastante das brincadeiras, o menino não tarda a direcionar-me uma pergunta: “deus não vai me punir por isso, vai?”. Este tipo de pergunta é frequente nas suas sessões e ele está sempre tentando se assegurar de que seus pensamentos não farão sua morte acontecer, papel que tenho cumprido inúmeras vezes por sessão nos últimos meses. Embora tenha tentado escutá-lo mais um pouco sobre as preocupações – me parece que a maneira como o ambiente político e social dos últimos anos se manifesta através das figuras parentais e dos amigos da escola são esse deus que o atormenta com muitos imperativos aos quais parece difícil fazer frente – me pareceu importante tranquilizá-lo e até incentivá-lo a brincar. Normalmente suas sessões incluem falatórios quase ininterruptos, que parecem estar ocupando o lugar do vazio de uma vida criativa muito precária, e vê-lo rindo com aquela sinceridade é bastante incomum. Ainda que andando sem parar pela sala de atendimento, como sempre faz (ele também faz isso em casa),

Não percamos de vista, no entanto, que se o nome da posição é *depressiva*, é porque esta triagem não é essencialmente alegre. O senso comum associa a depressão à tristeza e não sem suas razões. Há um quê de triste nesse movimento de queda não intelectual ao interior, seu nome não é em vão. Uma tristeza relativa ao peso da responsabilidade do sujeito que passa a se entender como ambiente do outro, o que significa abrir mão ativamente de suas ilusões de onipotência. É porque é um processo vivo e continuado que podemos nos referir a ela nestes termos, o que não faria sentido se a posição depressiva fosse alguma coisa acabada. De modo que, em palavras mais simples, nos parece que Klein e Winnicott descrevem o que poderíamos chamar de *a aquisição da capacidade de ficar triste*, uma aquisição que demanda constante exercício.

Essa indicação parece estar contida na definição winnicottiana de depressão. A depressão não é a posição depressiva, mas uma complicação da vida afetiva a partir de perdas e lutos inacabados, relacionadas à incompletude da aquisição da posição depressiva como um recurso subjetivo. Incapaz de recorrer à posição depressiva, o sujeito recorre ao mecanismo de cura que seria a depressão (Winnicott, 1955/2021, p. 458), a partir do qual

“o campo de batalha é como que coberto por um nevoeiro, permitindo uma triagem num ritmo mais lento, dando tempo para que todas as defesas possíveis sejam mobilizadas e permitindo o processamento, abrindo caminho para um reestabelecimento espontâneo em algum momento posterior.” (Winnicott, 1955/2021, p. 458)

O que se adquirir a partir desta triagem mais lenta não poderia ser a própria capacidade de ficar triste, incluída no processo descrito através da posição depressiva? A tristeza, de certa forma, pode ser pensada como um nevoeiro e não é incomum as pessoas descreverem-se em ritmos mais lentos quando as observamos tristes, cruzando pela vida mais lentamente, tal como anda um carro subindo a serra pela manhã num dia de chuva e frio. Em parte, a conquista da tristeza é um dom ambiental que se articula à pulsionalidade, se acreditamos que ela se dá da forma como descrevemos. Não é de surpreender que o acelerado século XXI esteja produzindo, portanto, tantos deprimidos. É provável que a determinação de tantos de nós que se acham compelidos a diminuir a velocidade de nossas

---

naquele dia ele parecia bastante mais tranquilo do que de costume. Ao fim da sessão disse a ele que sentia que ele estava bem e como era importante que ele brincasse, embora internamente suspeitasse tanto de que o homem em questão fosse alguém em situação de fragilidade social, que vivia em certa precariedade (o menino mencionou algo sobre ele ter dormido num abrigo), quanto que de uma tendência da família a considerar persecutório aqueles que são estranhos a seu círculo social, lógica do condomínio não incomum no Brasil (Dunker, 2015). Mesmo preocupado com uma camada política dessa brincadeira, em que supus o privilegiado gozando às custas do subalternizado, em nosso arrançamento era mais importante que eu lhe devolvesse o que era bom, sem focar demais no que era mau, ambos triados ali segundo nosso arrançamento. Sem a construção de um ambiente interno menos destrutivo para o *self*, o potencial para a consideração estará sempre assombrado por um deus que limita a liberdade de sentir-se real e criativo através do imperativo da morte, que é para ele já tão próximo.

vidas seja simplesmente a de poder reclamar o direito de ficar triste, que inclui a experiência deste ritmo mais lento próprio da tristeza. O que Winnicott torna compreensível é que essa depressão pode ser apenas a reivindicação do direito de durar, próprio de um sujeito. Não estamos com isso, no entanto, propondo que a depressão seja exatamente igual àquilo que se descreve a partir do conceito de posição depressiva, mas que há na depressão uma espécie de ensaio da posição depressiva. A baixa desse nevoeiro na vida cotidiana equivale a uma capacidade do sujeito de ficar triste, seja com as consequências de seus anseios pulsionais e da sua agressividade, ou com as consequências relacionadas a ser o ambiente para um outro.

Por outro lado, se a depressão é o exagero do ritmo mais lento próprio da posição depressiva, qual seria o ritmo supostamente mais rápido e saudável de triagem então? A resposta para isso envolve explorarmos o que Winnicott chama de capacidade para a consideração, a partir da qual o *self* se transforma no ciclo benigno que verá florescer o brincar. Se no texto de 1955 ela é como que uma outra forma de nomear a posição depressiva, em 1963 ela ganhará mais autonomia, o que tentaremos explorar no próximo subtítulo.

#### 4.4 – O brincar e a capacidade para a consideração

##### 4.4.1 – O senso de culpa e o ideal de ego

Vejamos uma outra forma de definir o senso de culpa, retirada de uma palestra concedida por Winnicott em 1966 chamada de *A ausência do senso de culpa* (tradução nossa):

“Se olharmos para exemplos relativamente normais de crianças crescendo em volta de (*in the setting of*) relacionamentos relativamente confiáveis nós podemos fecundamente estudar o modo como um senso de certo e errado se desenvolve em cada criança. O assunto é imensamente complexo, mas já não estamos à deriva. Ou então já conhecemos nossos faróis.” (Winnicott, 1966/2012, p. 93, tradução nossa).

O potencial para um senso de culpa – esse certo e errado que se desenvolvem – depende deste enquadramento, a partir do qual uma relativa consistência com que se experimenta o certo e o errado, o bom e o mau, pode se dar. E o farol o que é? Bem, segundo a indicação oferecida no parágrafo que sucede este que aqui transcrevemos, trata-se do superego<sup>107</sup>. No entanto, para Winnicott, deve-se incluir no processo de formação dessa nova função psíquica não só as posições relativas dos primeiros objetos da pulsão –

---

<sup>107</sup> Pelo mesmo motivo que mantivemos *id* e *ego*, manteremos a palavra *superego*, ou seja, apenas porque assim facilitamos o trabalho de escrita ao nos mantermos mais próximos dos termos usados por Winnicott.

ter e ser (Freud, 1923/1976) – mas também as *atitudes* daqueles com os quais o infante se identificará. Porque estas atitudes serão decisivas para a ousadia do infante – tal como é decisivo o olhar repreensor ou incentivador de um adulto para uma criança que nele confia – e terão influência no coeficiente de abertura a partir do qual o brincar poderá juntar-se ao ciclo benigno da posição depressiva. Para Winnicott, é a partir do impulso movido por um amor impiedoso, ou seja, por um erotismo agressivizado – retomando a diferença entre a fusão da motilidade ao erotismo e do erotismo à motilidade trabalhada no capítulo 1 – que o ciclo benigno começa e é porque uma urgência de reparação derivada do senso de culpa surge que se abre o espaço para que o brincar entre em jogo. Todavia, antes de passarmos ao problema da consideração e do brincar vale a pena notarmos duas possíveis articulações interessantes, que talvez nos ajudem a dar uma última situada em nossa reconstrução do pensamento winnicottiano.

A primeira diz respeito ao conceito de erotismo segundo Georges Bataille. Há muito potencial de articulação entre o pensamento winnicottiano e o do etólogo francês, como quando ele diz: “Da continuidade do ser, limito-me a dizer que ela não é, a meu ver, *cognoscível*, mas, sob formas aleatórias, sempre contestáveis em parte, sua *experiência* nos é dada.” (Bataille, 1957/2013, p. 46). No presente momento, no entanto, nos parece absolutamente interessante trazer à baila o quanto a ideia de uma agressividade que deriva de um erotismo muscular/força vital faz jus a um erotismo definido como “a aprovação da vida até na morte” (Bataille, 1957/2023, p. 35). Na introdução de *O erotismo*, Bataille assim define o tema que dá nome ao seu trabalho, por entender que, fundamentalmente, somos seres descontínuos e que nossa tentativa de produzir a continuidade através da união erótica – o modelo é o da reprodução, na junção do espermatozoide com o óvulo – só pode se dar, paradoxalmente, mediante a produção de uma descontinuidade radical. Em outras palavras, a morte da forma descontínua anterior em favor de uma nova, também descontínua, traz em si uma passagem pela continuidade, que ele chama de *fusão mortal* (Bataille, 1957/2013).

Obviamente, não se poderia dizer que Winnicott fosse concordar com uma afirmação tal qual a que daí ele deriva, de que o erotismo de seres macroscópicos como nós é essencialmente violento. A agressividade em Winnicott de modo algum é inerentemente violenta, embora possa ser. De qualquer forma, o que nos interessa ao abrirmos essa via de associação é sublinhar o quanto a teoria winnicottiana, ainda assim, parece pôr em prática a ideia de que “o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas

constituídas.” (Bataille, 1957/2013, p. 42). Para Bataille, aliás, a dissolução das formas estende-se não só ao ser metafórico ou material, mas das formas sociais que “fundam a ordem descontínua das individualidades” (Bataille, 1957/2013, p. 42). Há alguma coisa aqui que lembra o recurso subjetivo chamado não integração – que embora pertença a uma experiência dos fragmentos e pedaços só é possível se articulada a uma continuidade do ser.

Da mesma forma, ao incluir a agressividade no bojo da pulsionalidade e pensá-la, por exemplo, como o exercício de um amor impiedoso – que articulado ao arranjo e ao problema da dependência transformam-se em uma capacidade de ficar triste – não seria estranho dizer que Winnicott teria sido bem-sucedido em posicionar *a busca da continuidade* num plano paradoxal em que ela só vale se “a continuidade, que só a morte dos seres descontínuos estabeleceria definitivamente, não prevalecer.” (Bataille, 1957/2013). O que equivale a posicionar a continuidade possível, uma que não elimine a alteridade, na passagem entre as descontinuidades. Ora, a ideia de articular, na posição depressiva, o impulso criativo do infantil à integração da cisão entre o objeto da satisfação pulsional e o ambiente dos cuidados tácito-transformacionais, opera o projeto de “introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz” (Bataille, 1957/2013), não opera? É ao menos seguro dizer que o nosso Winnicott opera.

De maneira semelhante, podemos afirmar que essa continuidade de passagem de que fala Bataille poderia ter a ver com todos os paradoxos winnicottianos, alguns dos quais enumeramos no capítulo 2. Basta nos lembrarmos do tamanho de seu cuidado para que ele fosse respeitado nos arranjos entre indivíduo e ambiente, e que é daí que ele deriva a série criatividade primária-transicionalidade-brincar, tão central no seu pensamento. Da mesma forma, essa passagem quase mortal pela continuidade também remete àquilo que chamamos de fundo assustador do brincar. A indicação de que um protótipo superegóico emerge a partir de um senso de culpa construído na tensão entre as consequências dos ataques pulsionais e a realidade da dependência, incluindo aí a sobreposição dos rostos no vidro que os separa/os une, vacina a vida contra o excesso da continuidade que é a morte (Bataille, 1957/2013, p. 42). O único erotismo possível nessa equação é o erotismo muscular que agride e, ao mesmo tempo, preserva seu objeto de satisfação.

Considerando essa dissolução das formas para a qual aponta o erotismo em Bataille, paradoxalmente articulado a um impulso de produção de continuidade, é que podemos



introduzir essa outra articulação útil, pré-consideração, em nosso texto. Uma pergunta nos havia ocorrido quando pensamos na ideia de um ciclo benigno, uma pergunta relacionada ao que Gondar (2006) destacou como um intervalo de indeterminação relativo à duração bergsoniana: Se a conquista da capacidade de ficar triste ocorre mediante a repetição desse ciclo benigno que envolve um ataque, uma triagem e uma reparação, onde está ou como se insere o intervalo de indeterminação aí? A resposta deve ter a ver com a construção desse senso de culpa e uma hipótese possível é dizer que Winnicott o incluiu nesse fator tempo pertinente à triagem interna, não controlada pela intelectualidade. É no âmbito dela que o sujeito maduro pondera (muitas vezes excessivamente), mas e o infantil o que faz? Segundo D.W., o infantil em nós orienta-se a partir do que vê no espelho de seus semelhantes, numa sobreposição entre o impulso hesitante e a resposta ambiental – o que ele chamou de atitude. Portanto, pensamos, se tem a ver com a relação do sujeito com o ambiente humano, a indeterminação própria da formação deste senso de culpa deve ter alguma coisa a ver com aquilo que Freud chamou, em 1914, de um ideal de ego, *sensor do sonho* (Freud, 1914/2010) e, ao mesmo tempo, mapa com que o sujeito se lança ao futuro. Afinal, tal como postulado a partir de *o Ego e o Id*, o ideal de ego é uma entidade de fronteira, habitando o reino do *id* e do *ego* (Freud, 1923/1976).

Seria absolutamente impossível dar conta aqui da complexidade que envolve o conceito de ideal de ego na obra freudiana e, menos ainda, explorar seus desdobramentos na psicanálise pós-freudiana. É lógico que consideramos que a posição depressiva kleiniana está articulada à ideia de um superego arcaico, mas como escolhemos não empreender um estudo da posição esquizoparanóide, não há por que considera-lo a partir de suas acepções aqui. Para aquilo que nos interessa esperamos que bastem algumas definições que podemos pinçar de alguns textos da obra freudiana. Nossa intenção é deixar indicados que tipos de vicissitudes do ideal de *ego* se dá no brincar, à medida em que ele se apresentar articulado à consideração. De maneira alguma esperamos esgotar ou mesmo indicar as principais possibilidades de articulação entre o brincar e o problema do superego.

Em *introdução ao narcisismo* (1914/2010), Freud define o ideal de *ego* como aquilo que o indivíduo, “incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada” (Freud, 1914/2010, p. 27), “projeta diante de si como seu ideal” (Freud, 1914/2010, p. 27), que emerge como “substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914/2010, p. 28). Essa definição está articulada a ideia de um narcisismo

primário, que momentos antes também foi postulado no texto em questão como um narcisismo mítico a partir do qual uma nova ação psíquica dá ensejo ao surgimento do eu. Deste narcisismo primário será dito que é o efeito da reedição do narcisismo parental virado em amor objetal, infantil na base (Freud, 1914/2010). Algo bastante parecido, ou que ao menos guarda alguma semelhança, com a preocupação materna primária winnicottiana. Uma identificação infantilizada ou o acesso a uma primariedade, tal como a viemos definindo. Embora não fosse afeito à palavra narcisismo – o que é óbvio, dado o privilégio do arranjo na sua obra – Winnicott o posiciona como alguma coisa que diz respeito ao ponto de vista do bebê, embora sublinhe ele mesmo, no trânsito entre os pontos de vista, que “no narcisismo primário o ambiente está sustentando (*holding*) o indivíduo, e ao mesmo tempo o indivíduo não sabe nada sobre o ambiente e é um com ele” (Winnicott, 1954/2021, p. 470). Desta forma, com Freud e Winnicott, podemos posicionar o ideal de ego, tentativa de produzir no futuro uma reedição do passado relativo à dependência absoluta, como impulso a produzir uma continuidade tal como a proposta por Bataille. Impossível como realidade efetiva, porque igual à morte do ser descontínuo, mas possível e desejável enquanto busca, desde que, paradoxalmente, não se a deseje efetivar por completo.

Da mesma maneira, a definição de ideal de *ego* encontrada em *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1976), continua nossa hipótese. No trabalho em questão, o ideal de *ego* aparece como um precipitado formado a partir dos investimentos objetais abandonados, um resultado dos processos de identificação às figuras parentais (Freud, 1923/1976, p. 49) vividos no contexto do romance familiar (Freud, 1910/2018, p. 129) que junta-se ao eu. Responsável pela função de juízo, pode-se dizer que ele informa ao eu *suas coordenadas de ação no mundo*, embora esse processo não seja da ordem da consciência – o superego também tem uma porção inconsciente. Modelo para uma busca, ele determina o ser e o ter, nas palavras freudianas (Freud, 1923/1976), *retirando do ambiente* as exigências que faz ao eu (Freud 1921/2020, p. 184), as direções em que o move. Todavia, ainda guarde no futuro uma promessa de satisfação cujo modelo é a experiência de onipotência outrora vivida, como nos indica Freud em *psicologia das massas* (Freud, 1921/2020), o sujeito, na normalidade, deverá sempre manter algum tipo de distância entre o eu e seu ideal (Freud, 1921/2020, p. 184). E, embora para Freud a problemática da identificação e da formação do ideal esteja remetida ao complexo de Édipo, muito mais tardio do que a posição depressiva o é para Winnicott, poderíamos supor que nessa distância entre esse eu como ideal e o ideal de eu

tenhamos encontramos nosso intervalo de indeterminação<sup>108</sup>? A ideia de um bebê que vive uma experiência de onipotência ao modelo de deus – e não do rei – nos serve bem agora, porque se na majestade a experiência de onipotência foi sustentada pela corte, que uma vez dissolvida deixa o rei à mercê de seu desamparo, a experiência da criatividade primária pode perdurar, desde que um ambiente interno de confiança permita uma experiência contínua de não integração no colo do ambiente externo. Neste sentido, o infantil mantém aberto esse intervalo de indeterminação que sustenta como possível uma experiência de encontro com a realidade, que, mesmo que só por um instante, ainda permite com que se possa criar o relógio e o tempo ao olhar-se para o mostrador em busca das horas (Winnicott, 1967/2021, p. 55)<sup>109</sup>.

Sendo assim, podemos dizer, retornando ao desenvolvimento do conceito de supereu no texto de 1923, que as alterações do eu, produtos dos efeitos que o ideal de eu provoca mediante o investimento objetal e o luto do objeto (Freud, 1923/1976), são já o retorno do futuro sobre o passado que indetermina a duração. O futuro da experiência desejada/vivida<sup>110</sup> da continuidade retorna sobre o passado das formas anteriores, das discontinuidades transformadas pelas alterações, encurvando a moagem do futuro pelo passado. Será que essa não é uma maneira tão boa quanto qualquer outra de descrever a alteração do eu<sup>111</sup>, em seu sentido positivo, em função do ideal? O ideal de *ego*, ao lançar o sujeito ao futuro usando para isso os dados criados no passado, ou seja, produzidos na continuidade de ser, altera o eu na medida em que faz da duração um ciclo, girando-a sobre sua própria cauda. Na medida em que deve incluir a realidade da dependência, por efeito da tensão entre o senso de culpa e o desejo de satisfação pulsional, cujo fundo assustador deve algo à essa morte-vida que é a experiência de continuidade na não integração, o ideal

---

<sup>108</sup> Porque, de qualquer forma, isso pouco importa: “There is much reason to believe that concern – with its positive sense – emerges in the earlier emotional development of the child at a period before the period of the classical Oedipus complex, which involves a relationship between three persons, each felt to be a whole person by the child. But there is no need to be precise about timing, and indeed most of the processes that start up in early infancy are never fully established, and continue to be strengthened by the growth that continues in later childhood, and indeed in adult life, even in old age.” Winnicott, 1963/2012

<sup>109</sup> Ver citação no capítulo 1.

<sup>110</sup> Desejada na medida em que contém alguma tendência de reedição da onipotência própria da dependência absoluta, se o ambiente houver colaborado. E vivida porque a alteração é já uma passagem pela continuidade não-integrada, na medida em que ela terá a ver com o brincar vivido na fantasia associada à realidade externa, ou seja, na transicionalidade. Mais sobre isso a frente.

<sup>111</sup> Escolhemos privilegiar a positividade da expressão alteração do eu, embora saibamos que em Freud, sobretudo nos textos finais de sua vida, a alteração do eu descreve um mecanismo patológico. Para um debate mais profundo seria necessária uma análise da expressão que não teremos condição de empreender aqui.

de eu dissolve a forma do antigo<sup>112</sup>. Embora haja nele esta tendência ao retorno – imperativo de gozo, “naquele tempo do você primeiro” (Lacan, 1972/2008, p. 11), como defende Lacan e os lacanianos, separando o supereu amoral e tirânico do ideal de ego – também vemos nele um potencial de transformação. E o ideal, será que pode ser transformado?

#### 4.4.2 – A consideração e o brincar

A hipótese apresentada anteriormente de uma transformação na não integração ainda se faz deveras apressada. Falta a ela o importante ingrediente do brincar, em sua articulação com a capacidade para a consideração. Esta última nos parece fundamental, porque guarda em si a possibilidade de alterarmos o senso de culpa, transformando-o em senso de responsabilidade (Winnicott, 1963/2012), o que em torno achamos que aponta para uma ampliação da liberdade do sujeito que daí advém. Talvez por efeito dessa consideração que vem somar-se à capacidade de ficar triste possamos encontrar no brincar essa experiência de transformação na não integração que vislumbramos e perseguimos. De qualquer maneira, o que importa é que nos encontremos na *busca* (Winnicott, 1971d/2019).

Assim Winnicott define a capacidade para a consideração logo nos primeiros parágrafos do trabalho publicado em 1963:

“A palavra consideração é usada para expressar de modo positivo um fenômeno que é expresso de maneira negativa pela palavra culpa. Um senso de culpa é angústia ligada ao conceito de ambivalência, e implica um grau de integração no *ego* do indivíduo que permita a retenção da imagem de um objeto bom associada com a ideia da sua destruição. Consideração implica maior integração e maior crescimento, e relaciona-se de uma forma positiva ao senso individual de responsabilidade, especialmente no que diz respeito aos relacionamentos dos quais os impulsos pulsionais participam. Consideração está referida ao fato de que o indivíduo se importa, ou pensa, e tanto sente quanto aceita responsabilidade.” (Winnicott, 1963/2012, p. 86, tradução nossa)

Ao que nos parece essa frase não poderia ser mais clara. Embora no artigo de 1955 ele tenha equivalido a posição depressiva à capacidade para a consideração, aqui ele as diferencia claramente, fazendo com que a última suceda a primeira. Ou, em palavras que nos parecem mais interessantes, trata-se de propor que a culpa pode ser transformada em

---

<sup>112</sup> Essa descrição da curva da duração sobre si, embora tenha sido uma intuição genuína a partir da escrita do texto, é bastante parecida com a descrição da terceira síntese do tempo de *Diferença e Repetição*: “De uma certa forma, a terceira síntese reúne todas as dimensões do tempo, passado, presente, futuro, e os faz atuar agora na pura forma. De outra maneira, ela ocasiona sua reorganização, pois o passado é rejeitado para o lado do Isso como a condição por insuficiência em função de um conjunto do tempo, e o presente se encontra definido pela metamorfose do agente no eu ideal. De outra maneira ainda, a última síntese só concerne ao futuro, pois ela anuncia no supereu a destruição do Isso e do eu, do passado como presente, da condição como do agente.” (Deleuze, 1968/2018, p. 155)

consideração, o que só será possível pelo brincar e apenas se este estiver pressupondo sua responsabilidade sobre o ambiente (Winnicott, 1963/2012).

Não é que a culpa, transformada em responsabilidade pela consideração, vá deixar de existir. Seria estranho se um ocidental cristão pudesse propor algo deste tipo. O que define o senso de culpa – e aqui isto fica muito mais claro do que no processo de triagem interna descrito em 1955 – é a angústia (Winnicott, 1963/2012, p. 89). Aqui, o senso de culpa será descrito como uma modificação da angústia, angústia essa que é própria dos processos de integração que descrevemos durante nosso trabalho, neste caso principalmente àquela relativa às consequências da integração da cisão para a fantasia (Winnicott, 1963/2012, p. 89). Se a reparação, que é ao mesmo tempo uma defesa e uma afirmação da tensão entre pulsionalidade e dependência ambiental, pode ser repetidamente aceita o resultado para Winnicott é a transformação da angústia em senso de culpa (Winnicott, 1963/2012, p. 89). E a repetição desse ciclo, mediante o qual o ataque pulsional está implicando-se com o problema da dependência, tem como resultado o incremento na ousadia com que o sujeito nascente exerce seu direito à pulsionalidade. Esse incremento de ousadia para Winnicott equivale à uma liberdade da vida pulsional (Winnicott, 1963/2012, p. 90). Este exercício de liberdade<sup>113</sup>, uma vez estabelecido como confiança no ciclo benigno da reparação, torna o senso de culpa dormente, joga-o para o fundo (Winnicott, 1963/2012, p. 90). Assim, o exercício da liberdade de expressão pulsional, articulado ao plano ambiental que o sustenta, transforma o senso de culpa em relação à pulsionalidade num outro, no qual a positividade da responsabilidade sobrepuja a negatividade da culpa. Vale ressaltar que por tratar-se de um processo não intelectualizado, a partir desse trabalho ou triagem interna, esta prática da liberdade não é a da liberdade consciente de escolha. Trata-se de um processo com uma importante dimensão inconsciente de conflito e mediação entre as urgências da pulsão e a realidade da dependência.

Para Winnicott, o processo descrito acima só é possível, como pudemos ler na citação transcrita logo antes, à medida em que envolve um tipo mais complexo de integração. Mas o que ele quer dizer com isso? Com isso o inglês quer dizer que à integração vivida com um susto, às primeiras integrações do sujeito, às quais o assustam na medida em que o assolam com a realidade do mundo externo e, paradoxalmente, da

---

<sup>113</sup> Vale ressaltar que por tratar-se de um processo não intelectualizado a partir desse trabalho ou triagem interna

unidade dos objetos, adiciona-se uma outra, uma integração em movimento. Através da sobreposição de continuidades – *limited spell*, o feitiço ambiental, sobre *going on being*:

“o infante começa a experimentar um sentido de tempo pessoal, que dura apenas por um pequeno período. Essa é mesma coisa do que a capacidade do infante de manter viva a imagem da mãe no seu mundo interno, que também contém os elementos fragmentários benignos e persecutórios que surgem junto das experiências pulsionais” (Winnicott, 1963/2012, p. 90).

Sabemos que essa capacidade de manter viva a imagem de um objeto externo, ele mesmo apenas sustentado ou pela presença real deste objeto ou pela sua projeção sobre um substituto na realidade material, chama-se transicionalidade. Reescrevendo em termos daquilo que já vimos, o que Winnicott está dizendo é que um novo tipo de integração, relativa, paradoxalmente, à vida pulsional – ou às consequências da pulsionalidade – dos fragmentos e pedaços do mundo interno entra em cena para que a consideração venha a existir.

Podemos chamar esse sentido pessoal de tempo de duração? Se assim o for, sabemos que a estaremos ligando diretamente à transicionalidade e ao brincar. Sendo assim, essa transformação do senso de culpa em senso de responsabilidade, através de uma prática da liberdade indissociável de um viés ambientalista – tanto porque é preservação do ambiente, quanto porque depende de sua sustentação para acontecer – também deve estar intimamente associada ao brincar. Mas como? Na medida em que o brincar é uma maneira de sustentação da angústia (Winnicott, 1964c/1987), motivo pelo qual Winnicott o associa diretamente à consideração, descrevendo-a como sua base – “uma capacidade para a consideração está no fundo de todo brincar construtivo e trabalho” (Winnicott, 1963/2012, p. 86-87). A oportunidade de contribuir aberta pela posição depressiva e pela aceitação da reparação é o protótipo de uma liberdade transformativa exercida no brincar. Liberdade esta que estará, se praticada nestas condições, permanentemente localizada no limiar de borramento entre o plano do ambiente e o da pulsão. E inexistente se não nestas condições.

Definir o brincar como sustentação da angústia o distancia do imaginário do senso comum, a partir do qual o lúdico é essencialmente ligado à felicidade e à alegria. Com Winnicott, se há alegria relacionada ao brincar – e se dizia que ele era um homem bastante brincalhão, o que poderia fazer supor, portanto, que era um homem aparentemente alegre – ela é necessariamente uma alegria oriunda do contato com o assustador. Assim como Freud, que via no brincar uma forma de transformar a realidade da ausência em presença, também Winnicott parece propor que ele tem essa potencialidade. “Enquanto é fácil ver que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil ver que as crianças brincam para

dominar (*master*) a angústia, ou para dominar ideias e impulsos que levam à angústia se eles não forem controlados” (Winnicott, 1964c/1987, p. 144, tradução nossa) diz Winnicott em *Porque as crianças brincam*. Neste trabalho Winnicott explora os meandros do brincar, propondo que “a angústia é sempre um fator no brincar” (p. 144) e associando isso a toda uma série de atividades importantes: expressão da agressividade na relação com um ambiente não violento, ganho de experiências, exercício da criatividade, elaboração emocional da vida social, promoção da união entre fantasia e excitações corporais e manutenção e aumento da ligação entre realidade externa e mundo interno (Winnicott, 1964c/1987). Todas, nos parecem, incluem algum tipo de experimentação em que a criança põe o ambiente e sua pulsionalidade, incluindo aí a fantasia e as excitações corporais, em relação, alargando o espaço potencial que torna tudo isso possível.

Neste sentido, podemos dizer que concordamos com Green (2013). O brincar relacionado intimamente com a consideração, porque relacionado intimamente ao problema da dependência, é uma maneira de transformar a realidade. Através dele opera-se o exercício de uma liberdade que pode até estar para além do bem e do mal, como defende o egípcio, mas que não está para além do coeficiente de enlutabilidade (Butler, 2021) dos envolvidos na brincadeira.

Neste sentido, parece justo chamar o brincar de uma prática de liberdade, mesmo que em germe ou incipiente, porque do infantil em nós. Podemos aproximá-la, portanto, daquela a que Foucault nomeava, a partir dos gregos, de uma ética do cuidado de si, resultado de uma tensão constante entre resistência e poder<sup>114</sup> (Foucault, 2004). Se para Foucault os exemplos e os problemas centrais eram muitas vezes macropolíticos, podemos pensar que na micropolítica das relações às quais o brincar está articulado, também uma tensão entre a condução da conduta do outro e a resistência se faz presente (Foucault, 2004). Nos parece que a relação entre pulsionalidade e dependência é justamente dessa ordem, se consideramos a vulnerabilidade do infantil na medida em que depende do ambiente. Neste sentido, brincar se pratica como uma liberdade possível a esse infantil, liberdade de reclamar seus direitos de participar e se satisfazer (vorazmente até!) e, ao mesmo tempo, de também poder ocupar o lugar da ambiência para o outro, o que envolve

---

<sup>114</sup> Sobre o poder, Foucault afirma que está em todas as relações: “Quero dizer que, nas relações humanas, quaisquer que sejam elas, quer se trate de comunicar verbalmente, como o fazemos agora, ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas, o poder está sempre presente: quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro.” (Foucault, 2004, p. 8).

alguma renúncia. Como vimos, os termos em que essa prática da liberdade se dá são, como as relações poder para Foucault, “móveis, reversíveis e instáveis” (Foucault, 2004, p. 8).

Sendo assim, embora não seja um processo intelectualizado – não podendo, portanto, ser associado completamente ao ocupar-se consigo foucaultiano (Foucault, 2004; Foucault, 2010) – nos parece razoável afirmar que há no brincar o germe do que virá a ser essa ética e essa prática da liberdade. No processo de triagem orquestrado pelo senso de inconsciente de culpa, opera-se um “cuidado de si [que] vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (Foucault, 2004, p. 5). O resultado disso é a oferta de reparação através do brincar e a emergência do senso de responsabilidade. O que aponta, de alguma forma, para o brincar como busca pelo *self* (Winnicott, 1971b/2019).

#### 4.5 – Ela existia na busca

Com vistas a fazer frente ao problema aberto no fim da sessão anterior – da relação entre o brincar e as transformações – nos detenhamos um pouco mais no que diz Winnicott acerca das relações entre brincar e a agressividade. Tanto em *Why children play* (Winnicott, 1964c/1987), quanto no comentário à posição depressiva, de 1955 (Winnicott, 1955/2021), na proposição da capacidade para a consideração (Winnicott 1963/2012; 1963/2022) e em um artigo chamado *As raízes da agressividade* (Winnicott, 1964/2012), o trabalho sobre a agressividade será considerado central para as vicissitudes do brincar. O ponto em comum entre todos estes artigos é o de que o exercício da agressividade é naturalmente prazeroso e que, havendo possibilidade de que ela seja expressa sem uma retaliação violenta do ambiente, tanto o dano real quanto o imaginário causado pelo exercício dessa agressividade passarão a impor um problema: o imperativo da transformação dessa agressividade em atividade construtiva.

Em outras palavras, poderíamos dizer que é a agressividade da atividade infantil que trabalha para incluir o problema da dependência na repetição do ciclo de relações do indivíduo com o ambiente. O inevitável embaraço entre o plano da pulsão e o plano do ambiente que ela causa, enseja uma atividade em que o sujeito nascente possa agredir e consumir e, ao mesmo tempo, contribuir com o ambiente, identificando-se a ele. Diga-se de passagem, esse é um bom exemplo de como a agressividade cria a realidade, porque ela trabalha pela descoberta do ambiente e, dadas as condições favoráveis, também pela sua preservação.



O ambiente, por outro lado, é convocado aqui a um novo arrançamento. Na medida em que a criança contribui – ou, na medida em que transforma senso de culpa em senso de responsabilidade – se aqueles que representam o ambiente não a puderem reconhecer, aí sim para Winnicott se abre o espaço em que a destrutividade se exercita enquanto tal. E como ele define essa contribuição e este reconhecimento? Ele os define como o vestir de roupas de um adulto (Winnicott, 1964c/1987) ou como um ‘encontrar um *métier*’ (Winnicott, 1964/2012), busca pela qual todos passamos na vida. Da mesma forma como um médico sem seus pacientes é rendido impotente na expressão de suas habilidades (Winnicott 1963/2012), assim também o infantil é considerado por Winnicott. Se sua atividade é por excelência o brincar – brincar é um *doing* – não é somente porque isso é o que fazem as crianças, mas porque é através do brincar que elas podem ser – motivo pelo qual não procuramos diferenciar ostensivamente as experiências de ser e de fazer neste trabalho. Elas se misturam uma à outra no brincar.

Se o ambiente humano no qual o infantil se subjetiva inclui todos estes papéis, então

“uma criança participa  *fingindo* cuidar do bebê, fazer a cama, usar o aspirador ou fazer doces, sendo condição de participação satisfatória que esta simulação seja levada a sério por alguém. Se a simulação for desdenhada então ela se torna mera mímica, e a criança experimente um sentido de impotência física e inutilidade.” (Winnicott, 1964/2012, p. 83-84)

Assim como representar pode ter um sentido que se associa à experimentação de um papel, uma posição subjetiva que não a de partida, *play* também pode ser traduzido, dentre muitas outras possibilidades, por representar, tal como um ator representa um papel. E é ao participar do mundo dos adultos e ser reconhecido como tendo o direito a esse desejo, que o infante, inconscientemente, identifica-se ao ambiente.

Todavia, trata-se de uma identificação que não é mera re-apresentação do antigo, porque, articulada ao problema da consideração e do arrançamento – que no trecho ora apresentado se faz ver na diferença entre o brincar e a “mera mímica” – ela torna-se outra coisa, porque quem brinca é um nós e nunca apenas um eu. Mesmo que sozinho, o paradoxo da verdadeira solidão que se dá na presença de alguém engancha astutamente o brincar ao campo relacional – e esse enganche era sequer necessário, bastando o leitor estar atento ao problema do arranjo e à sua fundação no paradoxo. Evidentemente, não é difícil argumentar que há alguma coisa um pouco louca nessa atividade infantil – “de fato, se os adultos brincam com as crianças a loucura natural da sua brincadeira fica bastante óbvia” (Winnicott, 1964d/1987, p. 132) – mas, por outro lado, há alguma coisa aí que nos

comunica sobre partes de nós mesmos das quais costumamos não estar conscientes, mas que nos compõem. Neste sentido

“brincar pode ser um ‘ser honesto consigo mesmo’, tal como o sonho pode ser para um adulto. Isso pode mudar logo cedo para seu oposto, porque o brincar, como a fala, pode ser dita que nos permite esconder nossos pensamentos, se é dos pensamentos mais profundos que falamos. O inconsciente recalçado deve ser mantido escondido, mas o resto do inconsciente é alguma coisa que cada indivíduo quer conhecer, e brincar, como os sonhos, funciona como revelador do *self* (*self-revelation*).” (Winnicott, 1964c/1987, p. 146)

O brincar, portanto, está intimamente ligado à possibilidade, inerente a nós, de sintonizarmos com e incorporarmos nosso ambiente, revelando-nos assim a nós mesmos, pondo em jogo nossos arranjos e nossos arranjos. Nessa última de nossas brincadeiras entre línguas, a polissemia do vocábulo *playing* e do vocábulo brincar, revelam mais do que as diferenças ou semelhanças entre o infinitivo e o gerúndio e as limitações de cada língua da qual provém. O trânsito entre brincar e *playing*, antes de nos limitar ou nos confundir, nos aumenta as potencialidades. *Play* é representar, atuar, tocar, manipular, brincar; tal como brincar é remédio tarja branca<sup>115</sup>, é fingir, fazer de conta, tirar por menos, inventar, simular, criar. Este é o brincar destes pesquisadores que aqui se apresentam. Um brincar que é um representar e que é, ao mesmo tempo, um inventar, porque articulado ao exercício da liberdade que é a consideração nascida a partir da transicionalidade, ela mesma filha desta quilha paradoxal apoiada sobre o assustador fundo sem-fundo da subjetivação. Inventar papeis que sirvam aos arranjos e que os tensionem a se rearranjarem, isto é o que se faz quando se brinca. Nos parece, então, que um brincar é um possível, potencial e potência do sujeito da experiência que, sempre atrasado, assusta-se embora afirme a realidade da dependência que é condição para a satisfação de seus desejos.

Neste nível, portanto, o brincar, essa atividade vivida no espaço potencial – o nosso filme de bolha mostra-se verdadeiramente como um palco das tempestades reveladoras do *self* – poderá estar articulado à teoria das identificações em Freud, sobretudo na que encontra-se descrita em *O ego e o id*. A criança que brinca articula sua pulsionalidade, cujos objetos são criados à medida em que se os encontra pela realidade, às figuras que o circundam. Evidentemente, brincar neste sentido é brincar de ser para ter.

Mas, Winnicott mostra bem como essa experimentação depende de um certo reconhecimento para que se efetive. Esse reconhecimento, no entanto, não parece ser

---

<sup>115</sup> Nome de um documentário dirigido por Cacau Rhoden, inspirado no relato de um dos entrevistados que define como remédio tarja branca o brincar, através do qual, dia a dia, ele põe seus assustadores fantasmas para dançar.

apenas a aquiescência e a condescendência benevolente. As pistas que colhemos ao longo de nosso percurso de pesquisa nos indicam um algo a mais. Será que preocupação materna primária, pensada como uma primariedade é, no fundo, uma forma do brincar no adulto? Essa pergunta cabe porque fazê-la é o mesmo que nos perguntarmos o que torna possível ao ambiente esta identificação descrita por Winnicott como absolutamente inconsciente, feita com naturalidade naturalmente. Essa dupla natureza, natureza sobre natureza, longe de descrever um atributo do feminino ou da feminilidade – ou assim nos indicam as pistas antimaternalistas que colhemos – não descreveria um acesso que permanece tanto aberto, quanto mais ele não for consciente? Ou seja, quanto mais ele for da ordem do brincar? Deixemos as perguntas aí.

Articulado à dependência através da consideração, o brincar é absolutamente tributário dos paradoxos que o engendram e o arrançamento aqui se dá à mesma maneira do arrançamento da posição depressiva. A formação do ideal do *ego*, se o pensarmos como herdando o senso de culpa e responsabilidade tal como os trabalhamos, deverá ter incluído a experiência de várias brincadeiras. Brincadeiras que estiveram, como o *fort-da* (Freud, 1923/1976), articuladas ao luto do objeto e a uma renúncia da satisfação. No exercício da liberdade de expressão que é o brincar já há, portanto, os indícios da identificação às figuras paternas ou, mais precisamente, ao ambiente humano da subjetivação.

Todavia, não nos esquecemos do pedido claro expresso por Winnicott na proposição teórica do brincar (1971b/2019), incluindo ali uma queixa de que a psicanálise já estava sobremaneira implicada com os problemas da representação e do conteúdo das brincadeiras. Isso nos abre para a seara da incorporação, que, para nós, parece indicar para uma dimensão mais impensável da introjeção, a mais primária<sup>116</sup> e desconhecida. Na formação deste ideal temos que incluir este modo mais primário de funcionamento.

---

<sup>116</sup> Sabemos que numa acepção puramente winnicottiana a incorporação tem como modelo o comer e a digestão e refere-se, resumidamente, à aquisição de um suprimento de boas experiências de cuidado ambiental, equivalendo à incorporação, portanto, do bom objeto não representado. Aquilo que no capítulo 2, com a ajuda de Ferenczi e Teresa Pinheiro, chamamos de a introjeção do ambiente pela difusão da confiança, numa leitura mais estritamente winnicottiana deveria ter sido chamado de incorporação, tal como o faz Elsa Oliveira Dias. Em artigo que publicou em 2007, Elsa defende que “a incorporação é o processo pelo qual o bebê absorve, assimila, incorpora enfim, como aspectos do si-mesmo em sua relação com o ambiente, as experiências de bom cuidado ambiental, de boa sustentação, da acolhida da mãe às manifestações do estar vivo. O processo é basicamente somático, ou seja, envolve sempre alguma função corpórea que está envolvida numa dada experiência, sendo esta elaborada imaginativamente pela psique; como ocorre em especial durante a experiência excitada da amamentação, o comer é o seu modelo inicial. (...) não se trata, nesse início, como já foi dito, da incorporação de objetos – pois ainda não há objetos externos – nem de representações ou fantasias de objetos, nem mesmo de conflitos, mas de cuidados ambientais que estão sendo experienciados e elaborados imaginativamente no estado excitado” (Dias, 2007, p. 36 e 37).

Consideramos que a incorporação, contida sob o guarda-chuva da identificação quando pensamos processos de subjetivação de um infantil já mais sofisticado, deve ser associada ao problema da não integração. Como dissemos no capítulo 2, a não integração não descreve apenas um estado de relaxamento, mas um recurso subjetivo, um estado pelo qual passa o *self* quando tem experiências criativas significativas, tais como brincar, trabalhar ou quaisquer experiências culturais (incluindo a arte). Podendo ser aceita como própria da não integração – o que fica mais claro na não integração primária quando ela relaciona-se à experiência do bebê – a incorporação pode ser usada para descrever o mecanismo através do qual os fragmentos e pedaços se alteram, na medida em que entram em contato com novos fragmentos e pedaços, reconfigurando o que é bom e o que é mau. Um uso do conceito como esse pode se apoiar, por exemplo, na leitura de diversos dos textos reunidos em *Amor, culpa e reparação* (sobretudo em Klein, 1935/1996 e Klein, 1933/1996) nos quais a incorporação e a introjeção são equivalidas e a identificação parece indicar um tipo mais completo de introjeção (próprio da posição depressiva)<sup>117</sup>. Na medida em que as experiências de cuidado incorporadas ajudam a serpente

ndir o bom dos cuidados ambientais, é evidente que a incorporação é própria do plano ambiental da subjetivação. Mas é no ponto em que ela pode ser associada à triagem psíquica – como o é em *A posição depressiva do desenvolvimento individual normal* (Winnicott, 1955/2021) – que ela começa a poder descrever aquilo que já estava acontecendo, embora o infante não pudesse tomar consciência: a entrada dos fragmentos e pedaços que ao serem integrados darão origem à busca pelo *self* (Winnicott, 1971d/2019).

A questão é a seguinte: sabemos que a não integração depende da incorporação que, por sua vez depende da difusão da confiança no espaço potencial e da criação daquilo que foi chamado de ambiente interno. Mas, se a não integração pode ser pensada como um recurso subjetivo e se ela tem relação direta com o brincar e com a experiência cultural, não seria mais simples chamá-la de concentração, confiança, relaxamento ou alguma outra

---

Se houvésemos seguido por aí teríamos que separar a incorporação como dizendo respeito ao plano ambiental da subjetivação, considerando-a separada da introjeção e da identificação, próprias do plano pulsional. Não queríamos operar uma divisão como essa. Tal como a abordamos, a introjeção promove o borramento entre os planos, que aqui nos interessa como forma de separar unindo. Essa escolha sublinha algo que não uma separação definitiva entre o pulsional e o não pulsional, possível a partir de uma certa leitura do texto winnicottiano a qual não nos fiamos. Nossa proposta de dois planos é simplesmente para fazer jus ao não pulsional ao qual Winnicott chama atenção, sem queimar suas pontes para com as bruxarias da metapsicologia.

<sup>117</sup> O casal Torok emprega o conceito de introjeção relacionando à sua concepção de trauma. Pensamos que o uso proposto por nós para o conceito salvaguarda essa possibilidade, uma vez que para eles também a incorporação diz respeito a algo que seja da ordem do impensável.

palavra parecida? A vantagem de assim chamar o estado em que o brincar acontece é que isso nos permite flagrar o espalhamento dos fragmentos e pedaços, as novas valências às quais eles se equacionam, e, por consequência, o devir que lhe é próprio. Trata-se de alguma coisa de difícil descrição, porque ao mesmo tempo que acreditamos verificá-la na experiência, o nível impensável em que ela se dá torna-a difícil de expressar em palavras. No entanto, a experiência corriqueira e transformadora de ir ao teatro, ao museu ou a um concerto de música, dos quais alguém pode sair diferente do que entrou sem, no entanto, saber o que mudou em si, parece nos indicar nessa direção.

E o que está para aquém da identificação e, portanto, ligado à esta dimensão de incorporação contida sob o guarda-chuva da identificação, tal como a introjeção ferencziana nos permite supor? Para aquém da identificação às figuras parentais, para aquém do jogo edípico, para aquém da representação de papeis, há um fundo assustador no brincar. Pusemos o assustador em tudo que pudemos, ou talvez fosse melhor dizer simplesmente que o encontramos lá onde ele está por direito. No primeiro dos paradoxos que trabalhamos, o da criatividade primária, o pedido por respeito chega ao leitor como um apelo winnicottiano.

No entanto, achamos que este não é exatamente o mesmo tipo de apelo ao qual a falta Lacan atribui a Dick, quando afirma que Melanie Klein enxerta nele o inconsciente – “o inconsciente é o discurso do outro” (Lacan, 1953-54/1986, p. 103). Se lá o apelo falta e só se torna possível mediante um código que permite a simbolização das situações da vida de Dick, aqui o apelo de Winnicott direciona-se ao aquém da representação, como um apelo para que não se resolva a origem e para que não se explique a causa última. Se na interpretação de Lacan a dependência só se instaura depois que se produz o apelo (p. 105), no trânsito perspectivista winnicottiano em que o suposto objeto ganha a agência e a intencionalidade de um criador, a dependência é já o que possibilita um arranjo, um arranjo que já se faz como um protesto em relação a esse fundo assustador, que ainda assim a não integração manteve aberto tanto para o ambiente quanto para o indivíduo. O sujeito da experiência que daí advier já terá sido um sujeito da dependência. Aliás, pelo que pudemos colher a partir de Winnicott, é da própria realização (*to realize*) da dependência, da entrada em contato com ela – que, todavia, sempre esteve lá – que um sujeito pode advier. Parece que o problema segue sendo, aliás, nos perguntarmos sobre qual ainda é a relevância da separação entre sujeito e objeto, mediante o real do arranjo. E esta

pergunta não nos parece retórica, tanto que nos vimos impelidos a recorrer à noção de sujeito por diversas ocasiões, ainda que munidos do artifício do arranjo.

Ainda assim, para nós, o que parece mais misterioso e mais interessante é saber, afinal, o que é o ambiente já que é ele, a todo o tempo, que parece sobressair tanto a partir do sujeito quanto do objeto. É lá e a partir de lá, do ambiente, que o arranjo se dá. É com relação à sua preservação diante do ataque pulsional que o brincar emerge já como ambientalista. O arranjo que se dá entre indivíduo e ambiente tem já sua fundação em alguma coisa silenciosa, uma vulnerabilidade impensável se quisermos, que impõe ao sujeito uma busca interminável por si mesmo.

Entre o ambientalismo necessário para resguardar uma satisfação pulsional possível e a urgência de satisfação pulsional que só pode se dar arrancando pedaços do ambiente, onde está o *self*? Segundo o próprio Winnicott, o *self* está na busca (Winnicott, 1971d/2019). E embora ele o diga considerando a clínica de alguns casos específicos – casos em que o sentimento de *self* não teria sido alcançado – a ênfase em *O brincar: atividade criativa e busca pelo self* (Winnicott, 1971d/2019) está na defesa de uma certa definição de brincar que o atrela à ideia de um viver criativo. Este viver criativo que é o brincar ele o define como alguma coisa que acontece como o exercício de uma liberdade relacional do não-sentido (*non-sense*), derivada da possibilidade de experimentar um estado não integrado do ser, para o qual a analogia escolhida é a de um “ponto morto da personalidade” (Winnicott, 1971d/2019, p. 94). O resumo disso é que

“O sentimento de *self* surge a partir de um estado não integrado que, entretanto, por definição não pode ser observado ou recordado pelo indivíduo e que é perdido a menos que seja observado e comunicado por uma pessoa de confiança, que justifique essa confiança e atenda à dependência” (Winnicott, 1971d/2019, p. 102).

A paciente que existia na busca – paciente cujo relato de caso ilustra a comunicação ora destacada – brincava na presença de Winnicott, que estava lá para comunicá-la disso. O que ela fazia? No tempo da sessão ela existia continuamente na não integração como alguém que busca a si mesma, exagerando, portanto, aquilo que a criança da consideração faz na relação com seu ambiente. Assustada e, ainda assim, destemida, ela tem a coragem de “querer SER” (Winnicott, 1971d/2019, p. 104) quando propõe a Winnicott as sessões sem tempo de duração definido. Um ser escrito em maiúsculo, como só alguém que acessa o minúsculo do ser, no melhor dos sentidos, pensaria em escrever. Ela buscava o tempo pessoalizado da duração, mas sabia em algum lugar de si que isso incluía a experiência

paradoxal de ver o passado roer ao futuro e, ao mesmo tempo, de sentir os efeitos da mordida do futuro sobre a cauda do passado, disformando-o e transformando-o.

A proposta que a paciente faz a Winnicott, que admite ele mesmo querer arranjar-se nessa busca – “era a pergunta que mais me interessava” (Winnicott, 1971d/2019, p. 107) –, incluía o potencial de reposicionar a projeção, que outrora fora considerada causa dos acidentes – “É isso que acontece quando você se projeta nas coisas e isso causa um acidente interno<sup>118</sup>” (Winnicott, 1971d/2019) – e agora passava a ser o plano de voo, como os pardais que chamam e interrompem o sonho. A projeção já podia ser condição do potencial espaço e sua busca era ser e morrer – “eu preferiria ser e depois cair a nunca SER” (Winnicott, 1971d/2019, p. 106) –, mas nascer de novo, já que o dia do nascimento era para ela também o “Dia da Morte” (Winnicott, 1971d/2019, p. 102).

Interessantemente era isso que via ali o homem que queria estar vivo na hora de sua morte, com quem ela se arranjava. No brincar que inclui um “um ‘morre-se’ mais profundo do que o ‘eu morro’” (Deleuze, 1968/2018, p. 153) ele testemunhava e comunicava um desfazimento e uma reintegração do *self*. Diante da agressividade expressa pela sua paciente na forma do ódio ao presente e sabendo que essa busca é o exercício da liberdade possível para um sujeito da dependência e da pulsão, chega por fim o instante de interpretar:

“Todas as coisas acontecem e se vão; Essas são as incontáveis mortes que você morreu. Mas, se alguém estiver lá para contar a você o que aconteceu, então todos os detalhes encarados dessa maneira passam a fazer parte de você e não morrem mais.”

Ela pegou um pouco de leite e perguntou se podia beber.

‘Beba tudo’, eu disse. (Winnicott, 1971d/2019, p. 102)

Beba tudo, é claro, quer dizer: viva (agora que você morreu mais um pouco).

Será que a essa experiência de ser continuamente na não integração – ou seja, de ser paradoxalmente no não ser – podemos chamar de devir? Seja como for, depois de muito morrer, aí está a nossa busca, a nossa afirmação da busca. Na prática de nossa liberdade, tentamos não deixar de fora aquilo que só os psicanalistas sabiam que não existia: o ambiente (Winnicott, 1989/2018). A partir dela, o que nos comunicarão os leitores, essas nossas testemunhas?

---

<sup>118</sup> Interpretação atribuída ao processo analítico anterior vivido por esta paciente.

## 5 – Considerações finais: Algumas intuições sobre as alterações dos dados de acolhida do superego e sobre o jogo sujo

Durante o percurso de escrita do texto, muitas foram as intuições que deixamos para trás. O que gostaríamos de tentar agora é uma livre exploração de duas delas. Pretendemos dar livre curso a algumas associações com pensamentos de autores que sequer foram trabalhados no corpo do texto principal, mas faremos o possível para que elas sejam um desdobramento do que foi debatido acima. A primeira delas envolve Félix Guattari e sua proposta uma “alteração dos domínios [ou dados] de acolhida do superego” (Guattari, 1964/2004, p. 104). A segunda tem a ver com a pergunta: o brincar é bom em si mesmo, ou está para além do bem do mal, como indica Green (2013)? E se o brincar estiver para além do bem e do mal, como pode ser possível propor uma diferença entre uma brincadeira de mal gosto e uma brincadeira de bom gosto? O contemporâneo, com seus parâmetros cada vez mais móveis e, paradoxalmente, mais engessados, parece propor que uma pergunta como essa vale a pena ser explorada.

A ideia de ensejar a relação do brincar com o ideal de *ego* veio de uma atenta releitura de *O ego e o id* (Freud, 1923/1976), ainda quando construíamos o projeto final e o capítulo 1, material que seria apresentado à banca de qualificação em Dezembro de 2022. A partir dali passamos a apostar em uma ideia de que seria possível trabalhar o brincar winnicottiano associado à teoria da identificação em Freud. A via inicial nos parecia ser o *ego* corporal, maneira óbvia pela qual o campo do manejo e do *holding* – aquilo que viemos chamando aqui de o plano ambiental da subjetivação – poderia ser ligada ao pensamento winnicottiano.

Para tanto, haveria alguns problemas a serem enfrentados e alguns comentários interessantes a serem feitos. Como, por exemplo, a relação entre o problema deste *ego* de superfície, projetado e as incorporações e elaborações imaginativas da função corporal em Winnicott, relacionadas ao apoio/*ego-supportive function* da mãe. Em Freud, elas têm a ver com a dor, maneira pela qual o corpo pôde ser percebido e razão pela qual o *ego* é duplamente esta entidade de superfície – derivado do *id* através da influência do mundo externo e do próprio conflito entre *ego*, pulsão e princípio de realidade; projeção psíquica desta superfície corporal que adviria da dor de existir. Já em Winnicott há uma ênfase muito maior no ambiente, nas boas experiências de cuidado e na elaboração imaginativa das funções corporais que resulta na incorporação dessas boas experiências, motivo pelo



qual ele entendia que o *ego* derivava do cuidado ambiental e não de uma experiência interna.

A ideia de um narcisismo primário perdia sentido para Winnicott (que diz isso expressamente algumas vezes, como por exemplo em *teoria do relacionamento parental infantil* [Winnicott, 1960/1982]), porque ele acreditava que o princípio era o ambiente. Para o inglês, que chamava atenção para uma nota de rodapé em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (Freud, 1911/2010), Freud tomava como um dado algo que devia ser crucialmente posto em análise: o fato de que no início teórico a ênfase está no arranjo indivíduo-ambiente e no manejo ambiental e não no indivíduo. Esta é a entrada pela qual Martine Girard (2010) une as teorias, propondo que Winnicott estivesse a todo tempo pensando na fundação, externa, mas sustentadora da metapsicologia freudiana. Por esse motivo também, constitui grave erro ler Winnicott como se tudo o que ele dissesse pudesse ser associado ao plano da pulsão. Em algumas dimensões da subjetivação os planos se misturam – e de fato parecem estar sempre lá se misturando. Mas os planos podem ser analisados separadamente se quisermos. Desse ponto de vista, o plano da pulsão parece dizer respeito apenas ao psiquismo, sem o ambiental tácito e transformacional (Bollas, 1987), que não se misturaria imediatamente a ele, mas o sustentaria, e até o forneceria seu subsídio.

Vale a pena reproduzir a nota freudiana, de maneira a continuarmos com a perseguição de nossas intuições:

“Tentarei complementar essa exposição esquemática com alguns detalhes. Com razão se objetará que tal organização, que se abandona ao princípio do prazer e negligencia a realidade do mundo externo, não poderia se manter viva por um tempo mínimo, de modo que nem sequer chegaria a nascer. O emprego de uma ficção como essa se justifica, porém, pela observação de que o bebê, se considerarmos igualmente o cuidado materno, quase que realiza um sistema psíquico desse tipo. Ele provavelmente alucina o atendimento de suas necessidades internas, revela seu desprazer com o estímulo crescente e a ausência de satisfação, através da descarga motora dos gritos e do esperneio, e então experimenta a satisfação alucinada. Mais tarde, quando criança, aprende a utilizar essas manifestações de descarga intencionalmente, como meios de expressão. Como o trato dos bebês é o modelo do posterior cuidado das crianças, o domínio do princípio do prazer só pode realmente acabar quando há o completo desligamento psíquico dos pais.” (Freud, 1911/2010, p. 112)

A diferença entre os dois, vê-se logo, é que Winnicott nunca quis renunciar a algum domínio do princípio de prazer, por assim dizer. Isso nos parece claro no brincar e na transicionalidade, motivo pelo qual ambos mantêm a união separando, com Winnicott chegando explicitamente a falar numa não separação no texto da consideração. A proposição de uma criatividade primária e a maneira com que ela perdura através dos fenômenos transicionais e do brincar, garante a continuidade dessa dominância, agora

relativa. Com o ambiente, por sua vez, diretamente implicado na garantia dessa possibilidade. É nesse movimento de re-união que recai a crítica de Green ao brincar, feita com um tanto de mal gosto – o que não significa que não tenha lá sua razão. Ainda assim, nos parece que criticar isso no sentido de refutá-lo, ou mesmo de afastá-lo do brincar, seria perder de vista justamente o que para nós emergiu como mais interessante de toda essa problemática: a via paradoxal do pensamento winnicottiano.

De qualquer maneira, a consequência dessa proposta winnicottiana, que punha ênfase naquilo que Freud toma como matéria de nota de rodapé, é que suas ideias acerca do que seria o *ego* começavam a se afastar tanto que uni-las por aí ia tornando-se impossível ou então desinteressante. Foi por esse motivo que ao invés de adentrarmos pela via do *ego*, acabamos por colocar a ênfase nos dois planos de subjetivação – que até agora não sabemos bem se foi uma manobra ousada demais ou se deriva naturalmente da tentativa de diálogo entre os dois pensadores.

Seja como for, ao pormos a ênfase nos planos de subjetivação e na ideia de um arranjo indivíduo-ambiente, propondo trabalharmos próximos de uma dinâmica de arranjo, o que punha a agência de ambos os lados – pensamos que a fria letra winnicottiana acabaria por colocar ênfase demais na mãe e no ambiente – acabamos por nos distanciar mais de *O ego e o id*. É o resultado desse processo que o leitor testemunha quando propomos a contraposição entre *wo es war* e “não há *id* antes do *ego*” (Winnicott, 1962/1982, p. 55).

Primeiro, propusemos que existe a possibilidade de interpretar a fórmula freudiana como um imperativo de integração de *id* em *ego* – o que foi sugestão da segunda orientadora deste trabalho, Monah Winograd – e depois consideramos que quando Winnicott propunha um *ego* que se fortalecia pelas satisfações pulsionais isso significava – o que parece concordar com a interpretação de Girard (2010) – que o *id* caldeirão pulsional fervilhante se encontrava lá, num plano diferente daquele a partir do qual o *ego* derivava. Quando eles podem borrar-se na experiência – quando o gesto espontâneo podia surfar na crista da onda pulsional – *ego* integra *id* e *id* fortalece *ego*. Ambos estavam presentes no plano um do outro, na fase de indiferenciação *ego-id*, mas do ponto de vista teórico ganha-se com essa separação que é união. Ganha-se a possibilidade de enfatizar o psiquismo, quando se considera o *id* e o desenvolvimento da pulsionalidade, ou o valor silencioso dos cuidados ambientais no âmbito do *holding* e do manejo, quando pensando em termos de um plano ambiental. Não quisemos chamar de um plano egóico por motivos óbvios: para

nós o que importa é o arranjo e não o *ego*. Todavia, essa forma de abordar o problema também acaba por fortalecer a ideia de uma tendência inata à integração relativa ao *ego*, função egóica do indivíduo suportada pelo ambiente.

A partir disso tudo, e considerando que nosso principal objetivo não era chegar na identificação, mas tomar o brincar sob análise de maneira a pensar suas relações com a problemática da liberdade, como então pudemos retornar com a questão da identificação? Esse retorno na verdade não se deu tão intencionalmente, mas por uma janela de oportunidade aberta por nosso próprio percurso.

A partir do fim da escrita do capítulo 1 e das indicações da banca de qualificação para que déssemos ênfase à problemática do paradoxo, aos poucos fomos construindo o que pensamos que possibilitou o retorno da identificação ligada à construção do ideal de *ego*. Nos ocorreu, a partir do momento em que pusemos a escrita do segundo capítulo em marcha, que era importante tematizar o fator tempo, tantas vezes destacado por Winnicott, como uma oferta ambiental. Essa ideia nos fez recorrer a alguns dos textos que citamos durante o capítulo, de modo a contrariar a duração bergsoniana como nossa aliada na passagem entre o arranjo indivíduo-ambiente e a transicionalidade. Partindo da ideia de uma sobreposição de continuidades – que fazia ressoar a problemática do arranjo no arranjo – a duração nos pareceu uma forma interessante de considerar o que seria o *self* com presente, passado e futuro (Winnicott, 1963a/1982, p. 86), sem o qual não poderíamos chegar nem ao brincar e nem à posição depressiva. Sobretudo porque não fizemos da duração um uso filosófico rigoroso – nem poderíamos tê-lo feito, mesmo que quiséssemos – é que ela nos pareceu poder ser de ajuda. Esta atitude, aliás, estendeu-se para o uso de todos os autores que convidamos para a conversa. O mais importante nos parecia permanecer em busca de nosso brincar.

Havendo criado essa base, tornou-se possível pensar sobre os tempos desse *self* e ficou subentendida – torcemos para que não tão subentendida assim – a ideia de que já começava a ser possível tratar de um sujeito que se alteraria a partir da experiência da transicionalidade e do brincar. Não à toa quisemos apresentar o espaço potencial como um filme de bolha ou como uma praça de ser, porque quando o começamos a imaginar, a partir da trama que montamos, ele começou a se parecer com um espaço em que algum movimento podia ser flagrado. Esse movimento, é claro, foi o que, já no fim do capítulo 3, pudemos apresentar sob a rubrica de um desfazimento das formas. É o *self* na não-integração, que em seguida seria reintegrado pelas suas funções integradoras –

consideradas como equivalentes do *ego* para Jan Abram (1996/2007), que se apoia no próprio Freud para dizê-lo. Bataille e Deleuze foram imprescindíveis para fortalecer essa interpretação no capítulo 3. Mas uma vez nos aproveitamos de pensadores de fora da psicanálise, sem fazer um uso excessivamente rigoroso de seus pensamentos, para que algumas ideias que nos pareciam importantes e interessantes pudessem ser sustentadas.

A questão da catexia e a maneira com que Winnicott a descreve também foi essencial para a descrição das tempestades do *self*. Essa oportunidade de explorar a junção entre o prazer e a dor através da ideia de uma experiência com qualidade de primeira vez nos pareceu rica e quisemos brincar com ela um pouco. O que encontramos aí foi o espaço através do qual inserimos outro elemento que já havia nos chamado atenção desde cedo na pesquisa: a ideia de um jogo que se organiza contra um aspecto assustador do brincar (Winnicott, 1971b/2019). Ou, em outras palavras, a ideia de que havia um fundo assustador no brincar, como quisemos dizer. Evidentemente, se poderia dizer que esse aspecto assustador fosse o resultado da agressividade ou da hipersexualização do brincar e não algo de fundo. Winnicott daria bastante subsídio para essa interpretação. No entanto, nos pareceu que também essa outra via, pela qual dor e prazer estavam misturados numa experiência com teor de horror ou susto, também era bastante viável. Ela nos agradava porque permitia tematizar algo que parecia importante, sobretudo a partir de nossa experiência clínica (tanto como paciente como quanto analista): que é inerente ao processo de subjetivação algo que provoca medo, contra o qual nos organizamos. Essa é a natureza – ou talvez dimensão – assustadora disso que acaba por engendrar o paradoxo de separar unindo. Mantém-se um princípio de prazer – contato com a ilusão de onipotência – porque há um para além dele. Uma interpretação como essa também pode ser sustentada se tomarmos o erotismo como contendo uma potência de morte, como o quer Bataille.

Uma vez que estes elementos estavam postos e que o brincar já havia sido associado à problemática da posição depressiva – que descreve o infantil no processo de dar-se conta das duas realidades em tensão à qual sua existência está ligada (pulsão/ambiente) – parecia, de repente, que a questão do surgimento do ideal de *ego* e da identificação, mecanismo pelo qual Freud propôs que ele se formava em 1923 (1976), já não estava mais tão distante do brincar. Sabe-se muito bem, por exemplo, que a via da identificação foi o que permitiu a Melanie Klein propor a existência de um superego arcaico.

Ainda assim, não nos pareceu que valia a pena focar excessivamente no pensamento freudiano, sobretudo depois que já havíamos tirado tantas conclusões e proposto tantas

outras articulações entre o pensamento winnicottiano e nossos convidados. De forma que apenas deixamos indicado ali que nessa dimensão que dissemos ser uma dimensão teatral do brincar, dimensão em que *playing* poderia ser vertido por atuar ou representar (um papel), há mesmo alguma coisa de uma identificação, no sentido freudiano. Através do brincar, a criança brinca de ser para ter, de ter em lugar de ser, ou seja qual forem as relações possíveis entre esses dois termos. Winnicott, como tentamos demonstrar, também dava bastante atenção para isso, na medida em que ele considerava esse brincar como uma forma de contribuição do infantil relacionada aos danos reais e fantasiados que sua pulsionalidade impõe ao ambiente.

Entretanto, porque ele também fazia questão de destacar o brincar como verbo, como uma ação, propondo que o brincar importava em si mesmo tanto quanto (ou até mais!) do que por seu conteúdo, fizemos questão de avançar um pouco mais. Incluímos por isso o conceito de incorporação ao nosso trabalho, por mais que o tenhamos flexionado à nossa maneira (com a ajuda de Melanie Klein, Ferenczi e Teresa Pinheiro), para dar destaque a essa dimensão não representacional do brincar. Ali pensamos que está a chave para a articulação, que indicamos no início destas nossas considerações finais, entre Guattari e Winnicott.

Ao fim do capítulo 3, pusemos a ênfase na busca porque desde pelo menos a metade do nosso percurso de pesquisa tivemos algumas pistas de que seria interessante tentar defender a tese de que no brincar, que acontece na não integração, o que ocorre é um espalhamento dos fragmentos e pedaços que formam o *self* integrado. Isso está de acordo com algumas definições winnicottianas da não integração – como demonstramos no capítulo 2 – e também está de acordo com o funcionamento que é descrito como sendo o do espaço potencial em *O brincar e a realidade*. A difusão da confiança, que incluímos sob o guarda-chuva da introjeção no capítulo 2, também o permitia. Estando isso bem fundamentado, também ficava possível propor que nesse espalhamento pudesse haver uma alteração desses fragmentos e pedaço, intuição advinda de nossa experiência. Tanto pelas transformações vividas nos últimos anos, sobretudo com a entrada no mundo da clínica do inconsciente, quanto pelas nossas próprias experiências culturais, se brincar era por mundo interno e mundo externo em contato, pensávamos que fazia sentido associar o brincar às transformações. Não parecia que fosse apenas uma questão de ganho de confiança, como parece indicar a incorporação winnicottiana, e liberdade, mas também de uma mudança a nível da relação entre eu e ideal.

É aqui que podemos chegar ao Guattari. Em *A transversalidade*, como em muitos outros de seus textos, o psicanalista francês propõe ideias absolutamente interessantes que são ao mesmo tempo bastante difíceis de entender. Diz-se comumente que ele era um homem a frente de seu tempo. De qualquer forma, neste artigo em que ele põe sob escrutínio seu trabalho em La Borde, feito sob a perspectiva da análise institucional, a noção de transversalidade será proposta como alternativa para os tratamentos hierarquizados dos dispositivos tradicionais de saúde mental. Em meio a essa proposta, ele identificava uma possibilidade que nos chamou sempre bastante atenção. Através da troca de funções – a transversalidade – entre os funcionários e os internos de La Borde, Guattari via uma forma de “alterar os domínios [dados]<sup>119</sup> de acolhida do superego” (Guattari, 1964/2004, p. 104). De acordo com ele, se não se fizesse o trabalho clínico a esse nível não seria possível “a nova acolhida iniciática” que seria capaz de esvaziar de sentido o procedimento castrador da exigência social sob o modelo do pai-rei-deus. Este modelo, próprio do que mais tarde ele viria a chamar de Capitalismo Mundial Integrado, segundo ele destituía da função paterna o papel de suporte da mediação simbólica que antes era sua potência – o que resultaria, portanto, na repetição – pela clínica – do assujeitamento à ordem social instituída (Guattari, 1964/2004). Num momento em que ainda estávamos aquém da leitura de *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão* (Winnicott, 1954b/2021), aquilo nos pareceu como uma perspectiva muito animadora de futuro: alterar o superego, ou ao menos seus dados de acolhida.

Ao relacionarmos as duas propostas – o brincar e a transversalidade – não estamos insinuando que Winnicott esteja propondo qualquer coisa que resgate o valor da função paterna – pouco importa se essa função é paterna ou não. Mas que é possível, com esse brincar, que ele defende ser o precursor da clínica psicanalítica, trabalhar em duas facetas da alteração desse domínio ou desses dados de acolhida.

Por uma, com a difusão da confiança que é condição do brincar e propriedade fundamental da transicionalidade, se alteram também as possibilidades de trânsito e de acesso aos estados de não integração e, portanto, de acesso ao brincar. Era isso que ele propunha para os casos que chamava de regredidos (1954b/2021), que o trabalho pudesse se der ao nível do plano ambiental que resgatasse o brincar. No *setting* da regressão – diferente do *setting* clássico em vários aspectos – tudo muda de papel e até o divã vira colo. Os papéis se alteram e, assim, por difusão, altera-se o superego.

---

<sup>119</sup> Em tradução de Suely Rolnik, em lugar de domínios de acolhida se lê dados

Por outra, a partir da possibilidade de acesso à essa não integração, se pudermos aceitar a nossa proposição do brincar, ao engajar-se na busca pelo *self*, aspecto, no fim, mais importante do brincar winnicottiano – mais importante do que sua dimensão representacional – o sujeito, aproveitando do *setting* apropriado – fosse esse o grupo em La Borde, ou o divã winnicottiano – poderia viver experiências de não-integração, devir e no depois, ainda com o apoio necessário, reintegrar-se em novas integrações. Como vimos, se esse brincar realmente estiver associado ao senso de culpa e ao senso de responsabilidade – e, portanto, à tensão entre satisfação pulsional e cuidados com o ambiente da dependência – por efeito do uso e da sobrevivência criativa do objeto, então ele também necessariamente terá que conter um processo de criação de si mesmo. Essa criação, na medida em que aponta para o futuro e na medida em que reposiciona o passado, não seria ela também um tipo de alteração do ideal?

Se o brincar é vivido num espaço, como o laboratório da clínica, que permite este movimento criativo, então o ideal de eu que emerge desse processo provavelmente será um ideal de eu alterado tanto em suas qualidades de acolhimento e confiança, quanto nos dados que lançam o sujeito ao futuro. Com Winnicott e Guattari, nos parece que se poderia procurar afirmar que também o ideal de *ego* pode passar por alterações e não só o *ego*.

A segunda intuição que gostaríamos de deixar lançada diz respeito ao problema do jogo e do brincar. Como dissemos, Green coloca uma questão acerca do brincar na crítica/homenagem que faz a Winnicott (2013). Na verdade, não é bem uma questão, mas uma afirmação, porque ele diz que discorda que o brincar seja apenas divertido ou que seja inerentemente saudável. Sua proposta é a de que o brincar estaria para além do bem e do mal e seria uma categoria capaz de abarcar, por exemplo, os jogos romanos ou mesmo o que ele chama de brincar pervertido ou jogo sujo (Green, 2013, p. 30-32). Provavelmente isso tudo é verdade. Se considerarmos o brincar sem levarmos em consideração a sua diferença para com o jogo. Por exemplo, quando ele diz: “Às vezes o analista engana, mente, se comporta violentamente. Em nenhum desses casos o brincar está ausente; o fato é provocador” (Green, 2013, p. 31), é obvio que isso é verdade. Mas, é verdade numa acepção do senso comum da palavra brincar. Não na acepção winnicottiana em que o brincar deixa de ser uma palavra e ganha a estatura de um conceito.

Concordamos com Green que o brincar não deve ser usado para mascarar todos os tipos de jogos perversos que podem ocorrer numa sessão de análise. Mas, justamente a proposta de que a psicanálise é uma forma sofisticada do brincar – com a qual Green ai sim

concorda – permite circunscrever como outra coisa qualquer o jogo perverso ou sujo que não estiver em favor do oferecimento das condições de alteração da dinâmica entre plano pulsional e plano ambiental que favoreçam uma direção de tratamento estipulada segundo o próprio senso de responsabilidade clínica de quem cuida. Não se pode renunciar à assimetria do arranjo entre analista e analisando, assimetria que deve garantir para o analisando as condições de uso que lhe forem necessárias e que forem possíveis para o analista.

Dessa forma, poderíamos dizer que há uma dimensão de jogo que sustenta o brincar e talvez até fosse possível associar isso ao enquadre de Green. O paradoxo do brincar é que ele se sustenta a partir de um jogo, jogo do adulto, jogo da subjetivação em que a regra é favorecer a integração e a singularização de quem está na posição do infantil. Como adulto ele deve poder brincar na sua preocupação materna primária sobre este jogo, que é o jogo da clínica ou de ser responsável por uma criança.

Seria o mesmo que dizer, em termos ferenczianos, que há uma tensão constante entre a língua da paixão e a língua da ternura, de quem a responsabilidade, no âmbito do trabalho clínico, deve recair principalmente sobre o clínico? Há o jogo do adulto e o brincar do infantil? Considerando a dimensão da clínica, é claro que se um tratamento tiver sucesso, aos poucos a dimensão de cuidado do paciente para com o analista vai ficando cada vez mais óbvia – espera-se que na maioria dos casos, na verdade, ela já se apresente de saída – um cuidado não ao modo da criança que reage à depressão ambiental, mas um cuidado da ordem da posição depressiva, de quem tem a capacidade de ficar triste e, na melhor das hipóteses, se responsabilizar por seus próprios anseios pulsionais.

Sendo assim, a partir da diferença entre brincar, brincadeira e jogo, proposta no início do capítulo 3, podemos conduzir ao seguinte encaminhamento a questão do jogo sujo e do bem e do mal. O brincar, caracterizado pela amorfia, pela ausência de regras e pelo máximo possível de liberdade – tendo em consideração o assustador da integração da cisão – não pode de modo algum ser um jogo sujo. Mas ele pode ser considerado como estando além do bem e do mal, porque é justamente através dele que se construiria ou se solidificariam o bom e o mau relativos a cada arranjo no seu jogo de espelhos e a cada contexto em que esse se dá. Portanto, o que pode ser brincar num contexto, pode não ser reconhecido pelo ambiente no outro. Aqui poderíamos, por exemplo, associar o brincar winnicottiano ao brincar batesoniano. Bateson (1972/2000) propõe que o brincar seja pensado como um enquadramento, que é formado a partir de ações que não denotam o que



elas denotariam normalmente em outra situação – como os cachorros que para brincar mostram os dentes como se fossem brigar, justamente para comunicar que é da não briga que a coisa se trata, já que eles não possuem o recurso metafórico da linguagem.

Já a brincadeira, poderíamos dizer que é alguma coisa que encontrou um certo conjunto de regras, embora regras provisórias ou contingenciais, produzidas no brincar. Se for assim, a brincadeira poderia ser considerada boa ou ruim, também em relação a um parâmetro contextual qualquer, mas devendo ser notada como diferente do jogo.

O jogo, por fim, este seria por excelência aquele que se organiza contra o brincar, porque se organiza por excelência, e o faz a partir de regras que precedem o próprio jogar. Como tentamos dizer com Huizinga e Winnicott, o brincar está contido no jogo. Não haveria motivo para que existissem os juízes se não houvesse ali as possibilidades de fugir às regras e ser criativo. Aliás, Wisnik (2008) defende justamente que esse é o caso dos melhores momentos do futebol: eles acontecem quando o inesperado e o fantástico invadem o campo de jogo e inventam o novo. De qualquer forma, é a esse jogo com regras que Deleuze se refere quando diz que o humano é aquele que não sabe jogar (Deleuze, 1968/2018), porque é este jogo que exclui do jogo mesmo o que ele chama de jogo divino, no qual todos os lances são afirmações do acaso e onde, portanto, só há vitórias. O jogo do adulto é justamente o que se afasta do brincar. E, por isso, ele pode ser sujo, porque premedita a vitória de um e a submissão do outro. Ainda assim, o jogo não é mal por si só, muitas vezes ele é o possível<sup>120</sup>. E pode-se achar o brincar até mesmo no jogo.

\*\*\*

Por fim, gostaríamos também de deixar indicada a primeira das questões que se abriu durante a pesquisa e que sentimos que não poderia ser explorada no âmbito dela: afinal, o que é o ambiente para a psicanálise? Se não queremos que esse ambiente se restrinja meramente à mãe, ou mesmo aos cuidadores, porque mesmo eles, seus *selves*, são arranjos

---

<sup>120</sup> “O poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos. Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto, em que as coisas poderão se inverter, não é o mal; isso faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas; a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de *êthos*, de prática de si e de liberdade” (Foucault, 2004, p. 13). Foi o que tentamos fazer a partir do brincar.

de muitos arranjos, o que poderemos dizer de concreto sobre esse ambiente? Definilo apenas pela via da metáfora musical certamente o deixaria como um conceito exageradamente abstrato, que por fim passaria a não ser útil ao nosso pensamento clínico.

Além de nos sentirmos instados a explorar as dimensões desse ambiente, de tentar talvez circunscrever algumas dessas camadas em definições que podem até ser móveis, mas que ao menos sirvam ao pensamento clínico psicanalítico, também gostaríamos de explorar alguns tipos. Por esse motivo deixamos durante a dissertação algumas pontas soltas, como as que indicam as conexões do pensamento winnicottiano com a cibernética (*kernel* e sua associação com os *inputs* e *outputs*). Ao nosso ver, há sobretudo duas tarefas importantes que o contemporâneo nos impõe. A de continuarmos pensando as relações entre humanos e humanos; e a de nos lançarmos a pensar as que se dão entre humanos e não-humanos, considerando que as próteses, os animais, o meio-ambiente e os algoritmos são possíveis elementos dessas relações.

E aí, considerando os algoritmos, os ambientes digitais, os ambientes humanos de subjetivação, a terra e todos os seus biomas como ambientes, o que uma psicanálise poderia chamar de ambiente? Sobretudo se não o quisermos abandonar? Há uma tarefa ambientalista a ser cumprida pelos que ainda estão neste planeta. O que será que pode a psicanálise e sua clínica em relação a ela? Aliás, o que é o ambiente? Aquilo que não pode ser conhecido? Aquilo que quando conhecido já não é mais ambiente, mas o ambiente em nós? Será que o ambiente está entre o que não pode ser conhecido e nossos *selves*? As perguntas que nos surgiram são absolutamente abertas e se reproduzem aos montes. Teremos uma busca e tanto pela frente. Mas é impossível esquecer, depois que se descobre, que os colonos que chegaram à floresta amazônica na década de 70, quando entrevistados décadas depois, com as florestas já havendo dado lugar aos prédios e aos pastos, recorrentemente começam as suas falas dizendo: “quando eu cheguei, aqui não tinha nada” (Sales, 2020, p. 48).

## 6 - Referências bibliográficas

ABRAM, J. **The language of Winnicott: a dictionary of Winnicott's use of words**. 2. ed. London: Karnac Books, 2007 (originalmente publicado em 1996).

AB'SABER, T. **Winnicott: experiência e paradoxo**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ASSOUN, P.-L. **La metapsicologie**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2002.

BARTIJOTTO, J.; TFOUNI, L. V.; CHIARETTI, P. Wo Es war, soll Ich werden: Traduções e Consequências Teóricas. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 3, p. 1-11, dez. 2019.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 2000. (Originalmente publicado em 1972)

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 71-79, Janeiro-Abril 2000.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Originalmente publicado em 1939).

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1927 (originalmente publicado em 1889)

BETTELHEIM, B. **Freud and man's soul**. New York: Random House, 1984 (originalmente publicado em 1982)

BIRMAN, J. **A dádiva e o Outro: Sobre o conceito de desamparo no Discurso Freudiano**. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 1999. 09-30.

BOLLAS, C. **A sombra do objeto**. São Paulo: Escuta, 2015 (originalmente publicado em 1987).

BORGES, H. Modulações do existir: entre luzes e sombras. In: BORGES, H. **A clínica contemporânea e o abismo do sentido**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2019. p. 111-123.

BULAMAH, L. C. **O sujeito winnicottiano entre o recentramento e o descentramento**. São Paulo. Tese 200 p., Universidade de São Paulo: [s.n.], 2019.

BUTLER, J. **A força da não-violência**. São Paulo: Boitempo, 2021

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 (Originalmente publicado em 1966)

CHAMOND, J. Continuidade do ser e agonia primitiva: o bebê winnicottiano e a psicose. **Winnicott E-Prints**, São Paulo, 5, 2010. 1-26. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679432X2010000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679432X2010000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Novembro 2022.

CINTRA, E.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein, estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2020

CZERSKI, H. **The Science of Bubbles**. You tube. Canal: Spark. Primeiro televisionado em 2013. Conteúdo provido por TVF International. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6-Ub\\_r\\_GFZY&t=351s&ab\\_channel=Spark](https://www.youtube.com/watch?v=6-Ub_r_GFZY&t=351s&ab_channel=Spark). Acesso em 28/11/2023

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012 (originalmente publicado em 1966)

\_\_\_\_\_. **Sacher-Masoch, o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Versão digital. (originalmente publicado em 1967)

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. (originalmente publicado em 1968)

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009. (originalmente publicado em 1969)

DIAS, E. Incorporação e introjeção em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2007.

DOLTO, F. **La Imagen Inconsciente Del Cuerpo**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1984

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015

ESTELLITA-LINS, C. E. Saúde e Doença em Psicanálise: sobre Georges Canguilhem e Donald W. Winnicott. In: JUNIOR, B. B.; ORTEGA, F. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p. 363-384.

FERENCZI, S. Transferência e Introjeção. In: **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 87-125 (originalmente publicado em 1909)

\_\_\_\_\_. O conceito de introjeção. In: **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 209-212 (originalmente publicado em 1912)

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 209-212 (originalmente publicado em 1913)

\_\_\_\_\_. O problema da afirmação do desprazer. In: **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 209-212 (originalmente publicado em 1926)

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o trauma. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 125-135 (originalmente publicado em 1934)

FIGUEIREDO, Luis Cláudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes do adoecimento psíquico**. São Paulo: Blucher, 2018.

FREUD, S. A interpretação dos Sonhos (Segunda Parte). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol V)**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Originalmente publicado em 1900)

\_\_\_\_\_. A ansiedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. Fixação em traumas – O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol XIX)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1923)

\_\_\_\_\_. A dissecação da personalidade psíquica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol XXII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1933)

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas volume 6**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (Originalmente publicado em 1905)

\_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: **Obras completas volume 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Originalmente publicado em 1911)

\_\_\_\_\_. Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas volume 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Originalmente publicado em 1914)

\_\_\_\_\_. Construções em análise. In: **Obras completas volume 19**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018 (Originalmente publicado em 1937)

\_\_\_\_\_. **As Pulsões e Seus Destinos (Obras Incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Originalmente publicado em 1915)

\_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer [Jenseits des lustprinzips] (Obras Incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1920)

\_\_\_\_\_. Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: **Cultura, Sociedade e Religião: O Mal Estar na Cultura e outros escritos (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. São Paulo: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1921)

\_\_\_\_\_. O mal-estar na cultura. In: **Cultura, Sociedade e Religião: O Mal Estar na Cultura e outros escritos (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. São Paulo: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1930)

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia In: **Neurose, Psicose, Perversão (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1917)

\_\_\_\_\_. A negação In: **Neurose, Psicose, Perversão (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1925)

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e Verdade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FULGÊNCIO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. **Natureza Humana**, São Paulo, jan-jun 2003. 129-173.

\_\_\_\_\_. Ampliação winnicottiana da noção freudiana de inconsciente. **Psicologia USP**, São Paulo, 14 Maio 2013. 143-164. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100008>>. Acesso em: 31 Outubro 2022.

\_\_\_\_\_. Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. **Estilos da Clínica**, v. 19, n. 1, p. 183, 1 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. et al. **A bruxa metapsicologia e seus destinos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2018.

GAIO FILLA, M. A função sintética do eu e seus impasses na teoria freudiana. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro. v. 54.1, p. 255-287, 2022.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

\_\_\_\_\_. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 3**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GIRARD, M. Winnicott's foundation for the basic concepts of Freud's metapsychology? **International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, n. 91, p. 305-324, 2010.

GONDAR, J. Winnicot Bergson e Lacan Tempo e Psicanálise. **Ágora**, Rio de Janeiro. v. IX n. 1 jan/jun 2006 103-117

GONDAR, J.; ANTONELLO, D. F. O analista como testemunha. **Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 16–23, 1 jan. 2016.

GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico In: **A loucura privada**. São Paulo: Escuta, 2017. (1974)

\_\_\_\_\_. **Brincar e reflexão na obra de Winnicott**. São Paulo: Zagodoni, 2013.

GUATTARI, F. A transversalidade. In: **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004 (Originalmente apresentado em 1964)

HANNS, L. **Dicionário Comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARTMAN, H. **Comments on the psychoanalytic theory of the ego, The Psychoanalytic Study of the Child**, 5:1, 1950, p. 74-96. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1950.11822886>

HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XVIII n. 2 jul/dez 2015 p. 181-194.

Huizinga, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

IANNINI, G. **A língua de Freud e a Nossa**. Grupo Autêntica, 23 Julho 2018. Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/blog/post/a-lingua-de-freud-e-a-nossa/1048>>. Acesso em: 30 Outubro 2022.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

JUNIOR, C. A. P. Destrutividade, sobrevivência, subjetivação: a agressividade como potência de destruição criativa em Winnicott. **Natureza Humana**, São Paulo, 24, n. 1, 2022. 17-39.

KAHN, M. Introdução. **Da Pediatria à Psicanálise**. São Paulo: Ubu, 1958d/2021. p. 11-71

KEHL, M.R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2015

KLEIN, Melanie. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 251-264 (originalmente publicado em 1930)

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 304-329 (originalmente publicado em 1933)

\_\_\_\_\_. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 304-329 (originalmente publicado em 1935)

\_\_\_\_\_. O luto e suas relações com estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 387-412 (originalmente publicado em 1940)

KLEIN, Thais. **A experiência nos limites: corporeidade, tempo e sentido na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2023.

KLEIN, T.; HERZOG, R. Inibição, Sintoma e Medo? Algumas notas sobre a Angst na psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo,



2017. 686-704. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p686-5>>. Acesso em: 01 Novembro 2022.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KUROSAWA, A. Akira Kurosawa to Ingmar Bergman: “**A Human Is Not Really Capable of Creating Really Good Works Until He Reaches 80**”. Open Culture. Disponível em: <<https://www.openculture.com/2013/12/akira-kurosawa-to-ingmar-bergman.html>>. Acesso em: 20 Junho 2022.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Seminário 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **Seminário 20: mais, ainda**. 1972-1973. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LANNES, E. A continuidade de ser. In: **Cadernos de psicanálise/CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1979.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E.; ARAÚJO, S. D. F. **Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos**. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2016.

LEJARRAGA, A. L. Clínica do Trauma em Ferenczi. **Natureza Humana**, São Paulo, Dezembro 2008. 115-147. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151724302008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302008000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Novembro 2022.

LOPARIC, Z. Esboço do Paradigma Winnicottiano. **Cadernos de História, Filosofia e Ciência**, Campinas, 11, n. 2, jul-dez 2001. 7-58.

\_\_\_\_\_. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2006.

MILNER, M. O papel da ilusão na formação simbólica. In: MILNER, M. **A loucura suprimida do homem são**. 1991. p. 239-275 (Originalmente publicado em 1952).

MIRANDA, J. J. DE; TIMO, A. L. R.; BELO, F. R. R. Crítica à Teoria da Maternidade em Winnicott: é Preciso ser Mulher para cuidar de Crianças? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.

OGDEN, T. Fear of breakdown and the unlived life. **International Journal of Psychoanalysis** 95:205–223, 2014

\_\_\_\_\_. **Leituras criativas**. São Paulo: Escuta, 2014.

\_\_\_\_\_. On holding and containing, being and dreaming. **International Journal of Psychoanalysis** 2004, 85, 1349-64

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre : Sulina, 2015. p. 17-31.

PEARL JAM. Black. E. Vedder, Gossard. S. [Compositores]. In: **Ten**. [S.I.]: Epic Records, 1991. 1 CD (ca. 53m 22s). Faixa 5 (5 m 42 s). Remasterizado em digital

\_\_\_\_\_. Unthought known. E. Vedder. [Compositor]. In: **Backspacer**. [S.I.]: Universal-Island Records Ltd., 2009. 1 CD (ca. 41m 27s). Faixa 7 (4 m 08 s).

PHILLIPS, A. **Winnicott**. São Paulo: Ideias & Letras, 1988/2021.

PINHEIRO, T. **Do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Zahar/Editora UFRJ, 1995

PIERCE, C.S. **Semiótica**, São Paulo: Perspectiva, 2005

PINTO, F. **Considerações sobre o conceito de pulsão de morte: pistas de uma morte animada**. Eduardo Passos, orientador. Niterói, 2019, 142p. Dissertação - Universidade Federal Fluminense.

PONTALIS, J.-B. **Entre o sonho e a dor**. São Paulo: Ideias & Letras, 2005 (Originalmente publicado em 1977).

RAMALHO, Z. Eternas Ondas. Ramalho, Z. [Compositor]. In: **Força Verde**. [S.I.]: Epic, 1982. 1 CD (ca. 45m 10s). Faixa 2 (5 m 01 s).

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUSSILLON, René. A função simbolizante. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 257-286, dez. 2015.

\_\_\_\_\_. A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 27, p. 291-311, Agosto, 2020.

SALES, J. Arrabalde. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, n. 170, p. 40 a 51, Novembro, 2020. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/a-floresta-dificil/>

SCHOR, D.; JUNIOR, N. E. C. O meio maleável como fundamento da simbolização primária: apontamentos para o manejo clínico dos sofrimentos narcísico-identitários. **Cad. Psicanál. (CPRJ)**, Rio de Janeiro, Jul-Dez 2021. 153-169.

SPIELREIN, S. A destruição como origem do devir. In: **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise (Obras completas, volume 1)**. 2. Ed. São Paulo: Blucher, 2021. (Originalmente publicado em 1912)

STERN, D. **Diary of a baby**. New York: Basic Books, 1990.

STRACHEY, J. Apêndice B: o grande reservatório da libido. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol XIX)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1969)

TAIPALE, J. Winnicott and the (un)integrated self. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 104, n. 3, p. 467–489, 2023.

URRIBARRI, F. O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 46, n. 3, p. 47-64, 2012

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113–148, abr. 2002.

WINNICOTT, C. D.W.W.: A reflection. **Psycho-Analytic Explorations**. New York: Routledge, 2018, p. 1-18

WINNICOTT, D. A mãe dedicada comum. In: **Bebês e suas Mães**. Tradução de Breno Longhi. São Paulo: Ubu editora, 2020, p. 17-28 (originalmente publicado em 1966).

\_\_\_\_\_. A comunicação do bebê com a mãe e da mãe com o bebê. In: **Bebês e suas Mães**. Tradução de Breno Longhi. São Paulo: Ubu editora, 2020, p. 104-124 (originalmente publicado em 1968).

\_\_\_\_\_. A defesa maníaca. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 257-280 (originalmente publicado em 1935).

\_\_\_\_\_. O apetite e os distúrbios emocionais. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 117-146 (originalmente publicado em 1936).

\_\_\_\_\_. A observação de bebês numa situação padronizada. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 147-171 (originalmente publicado em 1941).

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento Emocional Primitivo. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. Cap. 12, p. 281-299 (Originalmente publicado em 1945).

\_\_\_\_\_. O ódio na contratransferência. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 356-370 (originalmente publicado em 1947).

\_\_\_\_\_. Pediatria e Psiquiatria **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 300-326 (originalmente publicado em 1948).

\_\_\_\_\_. Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 327-355 (originalmente publicado em 1949).

\_\_\_\_\_. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu", 2021. p. 371-392 (originalmente publicados entre 1950-55).

\_\_\_\_\_. Ansiedade Associada à Insegurança. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 212-217 (originalmente publicado em 1952).

\_\_\_\_\_. A mente e sua relação com o psicossoma. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 408-426 (originalmente publicado em 1954a).

\_\_\_\_\_. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 462-485 (originalmente publicado em 1954b).

\_\_\_\_\_. A posição depressiva no desenvolvimento individual normal. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 437-461 (originalmente publicado em 1955).

\_\_\_\_\_. Preocupação Materna Primária. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 493-501 (originalmente publicado em 1956a).

\_\_\_\_\_. Formas clínicas da transferência **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu, 2021. p. 486-492 (originalmente publicado em 1956b).

\_\_\_\_\_. Appetite and emotional disorder **Collected papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Routledge, 2001, p. 33-51 (originalmente publicado em 1936).

\_\_\_\_\_. Primitive emotional development **Collected papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Routledge, 2001, p. 145-156 (originalmente publicado em 1945).

\_\_\_\_\_. Anxiety Associated with Insecurity **Collected papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Routledge, 2001 (originalmente publicado em 1952).

\_\_\_\_\_. The depressive position in normal emotional development. **Collected papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Routledge, 2001. p. 262-277 (originalmente publicado em 1955).

\_\_\_\_\_. Aggression. In: **Deprivation and Delinquency**. Abingdon: Routledge, 2012, p. 73-79 (originalmente publicado em 1939)

\_\_\_\_\_. Roots of Aggression. In: **Deprivation and Delinquency**. Abingdon: Routledge, 2012, p. 80-85 (originalmente publicado em 1964)

\_\_\_\_\_. The deprived child and how can he be compensated for loss of family life. In: **Deprivation and Delinquency**. Abingdon: Routledge, 2012, p. 148-61 (originalmente publicado em 1950)

\_\_\_\_\_. The development of the capacity for concern. In: **Deprivation and Delinquency**. Abingdon: Routledge, 2012, p. 86-90 (originalmente publicado em 1963)

\_\_\_\_\_. O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva. In: **Explorações psicanalíticas**. São Paulo: ArtMed Editora, 1994, p. 151-156 (Originalmente redigido em 1967).

\_\_\_\_\_. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: **Explorações psicanalíticas**. São Paulo: ArtMed Editora, 1994, p. 195-202 (Originalmente redigido em 1969).

\_\_\_\_\_. The Beginnings of a Formulation of an Appreciation and Criticism of Klein's Envy Statement. In: **Psycho-Analytic Explorations**. New York: Routledge, 2018, p. 447-457 (originalmente publicado em 1962).

\_\_\_\_\_. On the basis for the self in the body In: **Psycho-Analytic Explorations**. New York: Routledge, 2018, p. 261-283 (originalmente publicado em 1971).

\_\_\_\_\_. Fear of breakdown In: **Psycho-Analytic Explorations**. New York: Routledge, 2018, p. 87-95 (originalmente publicado em 1974).

\_\_\_\_\_. **Human nature**. London: Routledge, 1988.

\_\_\_\_\_. A capacidade para estar só. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p. 31-37 (originalmente publicado em 1958).

\_\_\_\_\_. Teoria do relacionamento parental infantil. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p. 38-54 (Originalmente publicado em 1960).

\_\_\_\_. A integração do Ego no desenvolvimento da criança. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p. 55-61 (originalmente publicado em 1962).

\_\_\_\_. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p.79-87 (originalmente publicado em 1963a).

\_\_\_\_. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p.70-78 (originalmente publicado em 1963b).

\_\_\_\_. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1982. p.163-174 (originalmente publicado em 1963c).

\_\_\_\_. A capacidade de ficar sozinho. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu, 2022. p. 34-43 (originalmente publicado em 1958).

\_\_\_\_. Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso self. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu, 2022. p. 177-194 (originalmente publicado em 1960).

\_\_\_\_. O desenvolvimento da capacidade para a consideração. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu, 2022. p. 91-103 (originalmente publicado em 1963).

\_\_\_\_. On the Contribution of Direct Child Observation to Psychoanalysis. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p. 109-114 (Originalmente apresentado em 1957)

\_\_\_\_. The capacity to be alone. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p.29-36 (Originalmente publicado em 1958)

\_\_\_\_. Ego distortion in terms of true and false self. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p. 140-152 (Originalmente publicado em 1960a)

\_\_\_\_\_. Theory of the parent-infant relationship. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p.37-55 (Originalmente publicado em 1960b)

\_\_\_\_\_. Ego Integration in Child Development. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p. 56-63 (Originalmente publicado em 1962a)

\_\_\_\_\_. Providing for the Child in Health and in Crisis. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965, p. 64-72 (Originalmente publicado em 1962b)

\_\_\_\_\_. From Dependence towards Independence in the Development of the Individual. In: **The maturational processes and the facilitating environment**. London: The Hogarth Press, 1965 p. 83-92 (Originalmente publicado em 1963)

\_\_\_\_\_. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 13-51 (originalmente publicado em 1953).

\_\_\_\_\_. A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 154-166 (originalmente publicado em 1967a).

\_\_\_\_\_. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 177-188 (originalmente publicado em 1967b).

\_\_\_\_\_. O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 141-153 (originalmente publicado em 1969).

\_\_\_\_\_. A criatividade e suas origens. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 154-166 (1971a).

\_\_\_\_\_. Brincar: proposição teórica. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 69-90 (originalmente publicado em 1971b).

\_\_\_\_\_. O lugar em que vivemos. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 167-176 (originalmente publicado em 1971c).

\_\_\_\_\_. O brincar: atividade criativa e busca pelo self. In: **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019. p. 91-107 (originalmente publicado em 1971d).

\_\_\_\_\_. The location of cultural experience. In: **Playing and Reality**. Abingdon: Routledge, 2005. p. 128-140 (originalmente publicado em 1967).

\_\_\_\_\_. Playing: a theoretical statement. In: **Playing and Reality**. Abingdon: Routledge, 2005. p. 51-70 (originalmente publicado em 1971b).

\_\_\_\_\_. **O gesto espontâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987/1990.

\_\_\_\_\_. O conceito de indivíduo saudável In: **Tudo começa em Casa**. Tradução de Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p. 21-42 (palestra originalmente apresentada em 1967).

\_\_\_\_\_. *Sum*: eu sou. In: **Tudo começa em Casa**. Tradução de Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p. 62-74 (palestra originalmente apresentada em 1968).

\_\_\_\_\_. A pílula e a lua In: **Tudo começa em Casa**. Tradução de Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p. 231-249 (originalmente publicado em 1969).

\_\_\_\_\_. Vivendo criativamente In: **Tudo começa em Casa**. Tradução de Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p. 43-61 (originalmente publicado em 1986).

\_\_\_\_\_. The world in small doses. In: **The child, the family and the outside world**. Cambridge: Perseus publishing, 1987 p. 69-74 (Originalmente publicado em 1964a)

\_\_\_\_\_. Why do babies cry. In: **The child, the family and the outside world**. Cambridge: Perseus publishing, 1987 p. 58-68 (Originalmente publicado em 1964b)

\_\_\_\_\_. Why children play. In: **The child, the family and the outside world**. Cambridge: Perseus publishing, 1987 p. 143-146 (Originalmente publicado em 1964c)

\_\_\_\_\_. The only child: In: **The child, the family and the outside world**. Cambridge: Perseus publishing, 1987 p. 131-136 (Originalmente publicado em 1964d)

WISCHKE, M. O tecido quebradiço das ilusões: Nietzsche sobre a origem da arte e da linguagem. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, 15 Março 2006. 29-43. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-512X2005000100003>>. Acesso em: 20 Outubro 2022.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

YANO, J. always. Yano, J. [Compositor]. Badbadnotgood [Arranjadores] In: **Portrait of a dog**. [S.I.]: Inovative Leisure, 2023. 1 CD (ca. 50m 10s). Faixa 2 (5 m 23 s).



ZAIDHAFT, E.; WINOGRAD, M. O vão sem plataforma: um estudo das concepções da psicanálise freudiana sobre a ciência. **Revista Rosa**, v. 7, n. 3, Julho, 2023. Disponível em: <https://revistarosa.com/7/o-vao-sem-plataform>